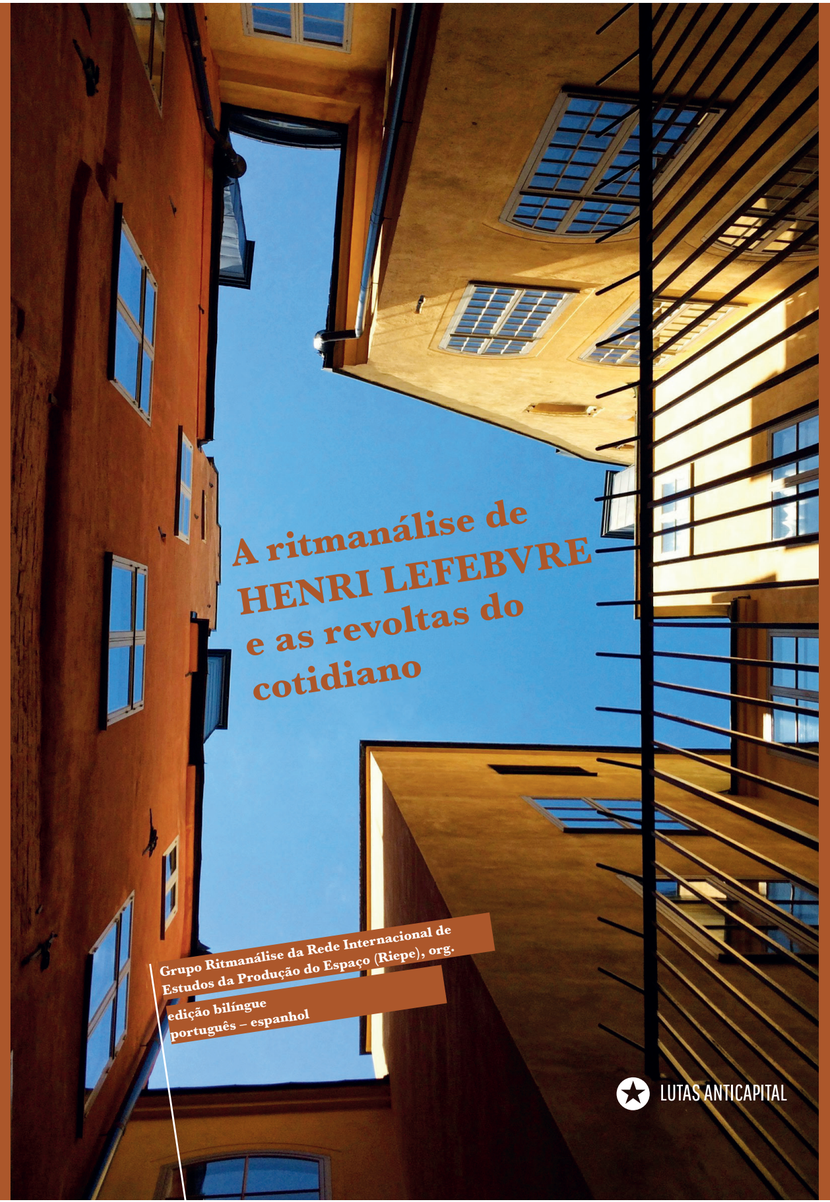

A ritmanálise de HENRI LEFEBVRE e as revoltas do cotidiano

Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe), org.

edição bilíngue
português – espanhol

LUTAS ANTICAPITAL

O interesse dos autores desta obra pelos ritmos ou pela produção teórica e política de Henri Lefebvre remonta a tempos distintos, refletindo trajetórias singulares. Ao mesmo tempo, a diversidade das reflexões — oriundas de diferentes campos do conhecimento, de percursos próprios de cada um e dos variados contextos em que vivem e atuam como cidadãs/cidadãos, acadêmicas/acadêmicos — é expressão concreta da possibilidade de construção de uma unidade em torno de um objetivo comum: a utopia da unidade na diversidade e nas diferenças, em oposição às injustiças, à exploração e à discriminação que se aprofundam em escala global. As reflexões que deram origem ao livro A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano começaram num almoço na cantina da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP), onde dois dos autores com interesse comum em leituras sobre o tempo a partir de uma abordagem dialética, convidaram outros/as para um ciclo de leituras da obra póstuma de Lefebvre, Elementos de ritmanálise. Os seminários sobre essa obra aconteceram ao longo de 2023, em 2024 ampliou-se com apresentações de reflexões que culminou nos capítulos aqui publicados.

Os ORGANIZADORES

A ritmanálise de HENRI LEFEBVRE
e as revoltas do cotidiano

El Ritmanálisis de HENRI LEFEBVRE
y las revueltas del cotidiano

ISBN 978-65579031-6
9 786556 790316

El Ritmanálisis de HENRI LEFEBVRE y las revueltas del cotidiano

Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe), org.

edição bilíngue
português – espanhol

LUTAS ANTICAPITAL

El interés de los autores de esta obra por los ritmos o la producción teórica y política de Henri Lefebvre se remonta a épocas distintas, lo que refleja trayectorias singulares. Al mismo tiempo, la diversidad de reflexiones — procedentes de diferentes campos del conocimiento, de trayectorias propias de cada uno y de los variados contextos en los que viven y actúan como ciudadanos/nas, académicos/as — es expresión concreta de la posibilidad de construir una unidad en torno a un objetivo común: la utopía de la unidad en la diversidad y en las diferencias, en oposición a las injusticias, la explotación y la discriminación que se profundizan a escala global. Las reflexiones que dieron origen al libro El ritmanálisis de Henri Lefebvre y las revueltas del cotidiano comenzaron en un almuerzo en la cantina de la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades (EACH-USP), donde dos de los autores, con un interés común en las lecturas sobre el tiempo desde un enfoque dialéctico, invitaron a otros a un ciclo de lecturas de la obra póstuma de Lefebvre, Elementos de ritmanálisis. Los seminarios sobre esta obra se desarrollaron a lo largo de 2023, en 2024 se ampliaron con presentaciones de las reflexiones que culminaron en los capítulos acá publicados.

Los ORGANIZADORES

A ritmanálise de HENRI LEFEBVRE e as revoltas do cotidiano

Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe), org.

edição bilíngue
português – espanhol

A ritmanálise de HENRI LEFEBVRE e as revoltas do cotidiano

Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe), org.

edição bilíngue
português – espanhol

LUTAS ANTICAPITAL

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Editor: Julio Okumura

Membros do Conselho Editorial:
Andrés Ruggeri (Universidad de Buenos Aires – Argentina),
Bruna Vasconcellos (UFABC),
Candido Giraldez Vieitez (UNESP),
Claudia Sabia (UNESP),
Dario Azzellini (Cornell University – Estados Unidos),
Édi Benini (UFT),
Fabiana de Cássia Rodrigues (UNICAMP),
Henrique Tahan Novaes (UNESP),
Júlio César Torres (UNESP),
Lais Fraga (UNICAMP),
Maurício Sardá de Faria (UFRPE),
Mauro Iasi (UFRJ),
Neusa Maria Dal Ri (UNESP),
Paulo Alves de Lima Filho (FATEC),
Renato Dagnino (UNICAMP),
Rogério Fernandes Macedo (UFVJM),
Tania Brabo (UNESP)

Design Gráfico: Manuela Sanchez (@contextos_criticos)

Imagem de capa por Robin (@rambii) disponível na Unsplash

R611 A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano = El ritmanálisis de Henri Lefebvre y las revueltas del cotidiano. / Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe) (Org.). Edição bilíngue – Marília : Lutas Anticapital, 2025.

114, 120 p.

Edição bilingue (português/espanhol) em impressão reversa.

ISBN: 978-65-5279-031-6

1. Lefebvre, Henri, 1901-1991. 2. Educação ambiental. 3. Sociologia. 4. Filosofia marxista. 5. Civilização moderna. I. Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe). II. Título.

CDD 301.36

Ficha elaborada por André Sávio Craveiro Bueno
CRB 8/8211 FFC – UNESP – Marília

@editora_lutas_anticapital
(14) 99754-1818
editora@lutasanticapital.com.br

Grupo Ritmanálise da
Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (RIEPE)

Ana Fani Alessandri Carlos
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), São Paulo, SP, Brasil

Carlos Roberto da Silva Machado
Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

Luiz Menna-Barreto
Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (EACH-USP), São Paulo, SP, Brasil

Michel Moreaux
Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Brasil
Grupo de pesquisa do Conselho Nacional Científico e Tecnológico (CNPq): "Produção do espaço urbano: práticas espaciais, cotidiano e ritmanálise"

Nelson Marques
Faculdade de Medicina da USP (FM-USP), São Paulo, SP, Brasil
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil

Raizza da Costa Lopes
Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

Samuel Pinheiro
Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

William Héctor Gómez Soto
Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 1 por Mauricio Ceroni Acosta 9

APRESENTAÇÃO 2 por Marcos Bernardino 11

INTRODUÇÃO por Carlos e Menna-Barreto 17

CAPÍTULO I: A dimensão temporal como reveladora de jogos de poder nas relações humanas, na família, na escola, na fábrica e no escritório, tal como propõe Lefebvre na obra *Elementos de Ritmanálise*. 21
Luiz Menna-Barreto

CAPÍTULO II: Cinema e temporalidade (tempo no cinema ou tempo do cinema): uma perspectiva lefebvriana..... 27
Nelson Marques

CAPÍTULO III: Ritmanálise e a crítica da aceleração: pensar os ritmos com a Educação Ambiental 35
Raizza da Costa Lopes e Samuel Lopes Pinheiro

CAPÍTULO IV: No tempo e espaço das catástrofes: reflexão aos fundamentos da Educação Ambiental e os ritmos. 49
Carlos R. S. Machado

CAPÍTULO V: Ritmanálise de Lefebvre e noção de afeto: caminhos de apropriação a partir da Geografia anglo-saxônica..... 67
Michel Moreaux

CAPÍTULO VI: Sob o signo da ritmanálise de Henri Lefebvre..... 83
Ana Fani Alessandri Carlos

CAPÍTULO VII: A Análise dos Ritmos na Vida Cotidiana: uma Perspectiva Lefebvriana..... 99
William Héctor Gómez Soto

AUTORES 111

APRESENTAÇÃO 1

Mauricio Ceroni Acosta
Comité coordinación de la Riepe

A Rede Internacional de Estudos sobre a Produção do Espaço (Riepe) reúne pesquisadores que trabalham criticamente na compreensão e análise da realidade contemporânea com base no conceito de "produção do espaço" desenvolvido pelo filósofo francês Henri Lefebvre (1901-1991). A rede busca tornar visíveis, trocar e colocar em diálogo os resultados da pesquisa de seus membros em relação a processos socioespaciais concretos.

O trabalho de Lefebvre é um ponto de partida para nossa prática científica social, e é por isso que criticamos o ecletismo conceitual, as posições dogmáticas e deterministas, especialmente com as perspectivas idealistas e liberais, que levaram a interpretações distorcidas e pacificadas de *O direito à cidade*, *A revolução urbana*, *A produção do espaço* e muitas outras obras e categorias importantes.

É nesse contexto que nos parabenizamos com a elaboração do livro *A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano*, resultado do seminário do grupo de trabalho "Ritmanálise", que faz parte da rede desde o início do ano de 2024. Acreditamos que esta obra contribuirá para aprofundar o debate sobre um tema menos conhecido na obra de Lefebvre, mas que, no entanto, vem completar a galáxia de conceitos criados pelo autor – no caso, a ritmanálise, oriunda do pensamento dialético que veio completar a produção do espaço, abrindo novas perspectivas críticas sobre a reprodução da vida espacial na sociedade capitalista do século XXI.

APRESENTAÇÃO 2

Marcos Bernardino
Each-Usp

Em 2019, algumas das pessoas que participam desta obra, incluindo a que faz esta apresentação, por iniciativa do colega e amigo Menna, uniram-se em torno de um projeto cuja proposta, a partir dos interesses e formações daqueles que nesse projeto se aglutinaram, era conjugar uma investigação sobre povos originários em suas relações com seus corpos, individuais e coletivos, biológicos, culturais e territoriais, observados à luz de uma tríade que pretendia conjugar três dimensões da nossa existência por definição inseparáveis e interdependentes: espaço-tempo-cotidianidades.

O projeto assim se denominava: "Povos originários: espaço-tempo e cotidianidades". E o acrônimo que o identificava – POETeCo –, mais que uma sigla que utilizávamos para marcar nossas reuniões e encontros nas agendas e cronogramas que organizam nosso tempo, contribuiu também para indicar predisposições nas abordagens que pretendíamos desenvolver. Não deixava de ser instigante e sugestivo observar, nesses instrumentos de organização do tempo de nossos cotidianos, espaços reservados para o POETeCo. E isso podia acontecer em qualquer momento ou período, de segunda a sexta-feira, ou até aos sábados e domingos, com menor frequência, quando houvesse coincidência de possibilidades de quem naquele momento se agrupava.

Não me lembro bem a razão ou quem propôs, mas acho que foi o próprio Menna quem sugeriu, que nos percursos iniciais de aprimoramento, depuração e apropriação das referências teóricas que deveriam sustentar e conduzir o projeto nos dedicássemos à leitura e ao debate da última obra de Henri Lefebvre publicada postumamente, em 1992, e intitulada *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*[1]. E foi o que fizemos nas reuniões que se sucederam ainda nos finais de 2019 e que prosseguiram, com novas adesões, nos anos seguintes, incluindo os tempos mais severos da pandemia, que nos atravessou entre 2020 e 2021.

---

1 LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse?: Introduction à la connaissance des rythmes*. Paris: Éditions Syllepse, 1992. Essa obra foi traduzida para o inglês, em 2004, e mais recentemente para o português, publicado pela Ed Consequência, em 2021.

A proposta de leitura desse texto de Lefebvre foi certeira. Nele, os ingredientes sugeridos no projeto original encontravam acolhida abrangente e a discussão se potencializava. As associações entre povos originários, diversidades, singularidades, biologia, cultura, espaço, tempo, entre outras dimensões, incluindo as do corpo, individual ou coletivo, em suas travessias e (des)realizações cotidianas, não requisitam muito esforço para serem "feitas". Muitas delas se sucediam nas abordagens do texto de Lefebvre, mesmo que expostas caoticamente, não linearmente, e não só em seu texto, mas também nos ensaios finais, agregados e escritos em parceria com sua companheira de vida Catherine Regulier (*O projeto ritmanalítico* e *Intento de ritmoanalise de cidades mediterrâneas*). Em todos eles, a constatação de um certo esgotamento de nossos instrumentos cognitivos, muito disciplinados, para alcançar a compreensão das associações há pouco mencionadas, é uma tônica. A necessidade de predisposições transdisciplinares é afirmada, portanto, para aquilo que Lefebvre anuncia desde o início como pretensão que não se esconde: "A ambição deste pequeno livro não se dissimula. Não se propõe nada menos que fundar uma ciência, um novo domínio do saber: a análise dos ritmos, com consequências práticas" (Lefebvre, 2021. p. 53)[2]. E a ambição se desoculta ainda mais, explicitando que estamos diante de uma proposta de teoria do conhecimento – "A ritmanálise, aqui definida como método e teoria [...]." (Lefebvre, 2021. p. 69) –, que não pode prescindir da religação dos saberes disciplinados, apartados, "[...] juntando práticas muito diversas e saberes muitos diferentes: medicina, história, climatologia, cosmologia, poesia (*poética*) etc. Sem omitir, é claro, a sociologia e a psicologia [...]" (Lefebvre, 2021. p. 69.).

"Como o poeta", – afirma Lefebvre, lá pelas tantas –, "o ritmanalista realiza um ato verbal, que tem alcance *estético*" (Lefebvre, 2021. p. 78. Grifo nosso), estabelecendo e justificando em seu texto essa comparação.

Tais predisposições (transdisciplinares) e aproximações (com o poético) são reafirmadas no texto em parceria com Regulier. Os autores, sugerem que ritmanálise pode ser uma teoria geral dos ritmos (Lefebvre e Regulier, p. 163) e afirmam também que "a análise dos ritmos em toda sua magnitude 'desde partículas a galaxias' tem um caráter transdisciplinar" e isso se dá com a afirmação do "objetivo, entre outros, de separar o menos possível o científico do poético" (p. 55).

---

2 Texto reproduzido da edição brasileira (LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidades*. Tradução de Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021).

O fato é que, como por essa amostra já se pode depreender, esses textos, suas formulações, bem como as discussões e os debates que desenvolvemos em torno das ideias de Lefebvre, nos absorveram totalmente. O prazer do debate sobre o livro e suas provocações se estenderam, e fomos derivando para outros interesses que tornaram o projeto original apenas uma lembrança de como tudo começou. Mas o tema geral que enlaçava povos originários, diversidade, espaço, tempo, cotidiano e até a poesia daquele acrônimo POETeCo permaneceu povoando e conduzindo as nossas discussões por algum tempo.

Interessante ver agora que a discussão não se encerrou, que o texto e o pensamento de Lefebvre continuaram aglutinando reflexões, motivando seminários e dando disposição para reunir algumas delas em trabalhos coletivos como este livro, cujos capítulos se sintonizam com um conjunto de predisposições que buscarei ilustrar brevemente a seguir. Em todos os capítulos, há uma tônica de associação entre ritmos, temporalidades, diversidades, bem como a percepção e a capacidade do ritmanalista de observar essas diversidades e as forças aplastadoras que sufocam corpos e seus ritmos, reduzindo-os à repetição homogeneizadora. O ritmanalista identifica nos ritmos a diversidade de manifestações e existências que "evidenciam a dialética entre o cíclico e o linear, o repetitivo e o diverso", atribuindo ao corpo o papel de "recuperar o sensível no vivido". A consideração dos ritmos permite observar as variações não só entre coletivos, mas também nas próprias existências individuais, proporcionando "a compreensão da possibilidade de mudança presente nas oscilações dos organismos – é justamente nos altos e baixos de uma função que reside a possibilidade de mudança daquela função".

A imposição das reconexões disciplinares e as predisposições transdisciplinares, como também veremos, estarão presentes nas abordagens que se seguem e que reconhecem, na ritmanálise, um horizonte epistemológico sintonizado com as exigências da contemporaneidade, mas que persiste nas proposições lefebvrianas de engajamento e mudança social, que desde sempre se manifestaram. Dessa forma, Lefebvre já registrava essas convicções em seu texto autobiográfico *Les temps des méprises*

> […] el capitalismo tiende a reducir las diferencias, a homogeneizar todas las sociedades, a reducirlas a un modelo único. Lo repetitivo impera, el mundo se convierte en el mejor de los casos en un vasto museo, el pensamiento en un inventário, una manía clasificatoria. Mientras tanto en el corazón de estas sociedades aparecen fuerzas

> que reivindican, que se preocupan de las diferencias, las regiones, las culturas regionales, las nacionalidades, las clases y las fracciones de clase (Lefebvre, 1976, p. 213.)

Nessa obra dos anos 1970, já se identificava a noção do ritmo, que a obra mais recente elabora; também a do analista, ou melhor, a do ritmanalista, que a preocupação com a cotidianidade evidencia, já se prefigurava: "Solo llegaríamos a transformar la vida cotidiana mediante una previa penetración en ella a través del análisis [(Lefebvre, 1976]"

Nas inspirações colhidas na obra póstuma, essa semeadura refloresce no reconhecimento de uma das autoras aqui reunidas: não haverá transformação rumo à justiça social sem que a radicalização da liberdade no trabalho, e sem que haja o reconhecimento radical da diversidade. E, no espírito da escuta poética que ritmanálise e o ritmanalista devem professar, propõem-se as características de uma agenda alternativa e capaz de se contrapor à neoliberal: "menos selvageria, menos opressão, menos certezas – mais liberdade, mais respeito, mais escuta, mais afeto, mais reconhecimento". Em um outro dos capítulos a seguir, explicitamente se denuncia "uma certa negligência na história das ciências sociais em relação a essa dimensão do afeto".

Mas, se os "ritmos revelam relações de poder", explicitam também os fundamentos para erigir propostas educacionais, cognitivas e epistemológicas, na arte ("o cinema é uma máquina de criar tempo") na ciência, ou no diálogo e na cooperação imprescindíveis entre essas culturas, sobretudo quando proporcionam e desafiam o analista – o ritmanalista – em suas aventuras perscrutantes ou devotadas à escuta, à percepção dos ritmos, ou seja, da diversidade de existências, imposições e resistências.

Se "o ritmo é compreendido como um ponto de articulação na relação indivíduo-sociedade-natureza perante a irrupção das tecnologias e das inteligências artificiais", a Educação Ambiental pode intervir, "ao abordar este campo do conhecimento como uma possibilidade de engajamento crítico e transdisciplinar da/na conjugação de esforços para a elaboração da consciência e do autoconhecimento".

A contemporaneidade da abordagem não se dá apenas pelo vínculo com a reflexão sobre tecnologia (e as patologias do ritmo... endividamento, plataformização, appficação e digitalização da vida"), mas se reafirma, como dissemos, pelo que investe e proporciona de aprimoramento no instrumental

cognitivo/metodológico necessário ao enfrentamento "de um tempo de catástrofes" nas "contribuições da teoria dos ritmos para pensarmos a trialética relacional entre o serXcorpoXsociedadeXnatureza/cosmos para a questão ambiental atual".

Em *Elementos de ritmanálise*, o "ritmo aparece como simultaneidade-encadeamento; unidade-diversidade" e "a ritmanálise como método...que evidencia a vida cotidiana e seu ritmo, atravessados pela "relação espaço-tempo, o que nos indica a recursividade dialética entre este plano e o plano global anunciado pelo fenômeno urbano".

Não custa lembrar (e registro que a esta memória também fui remetido pelo debate proporcionado no contato com *Elementos de ritmanálise*), que Lefebvre enuncia, em seu livro *O direito à cidade*, uma definição, ao mesmo tempo simples e de largas e importantes consequências, para a compreensão do espaço-temporalidade contemporâneo: "[...] se pode definir como *sociedade urbana* a realidade social que nasce à nossa volta [...]" (Lefebvre, 2001, p. 11).

Para a compreensão dessa realidade, do urbano, ou seja, da sociedade contemporânea, espaço-temporalmente referenciada, os instrumentos cognitivos disciplinados revelaram-se insuficientes, já indicava Lefebvre nessa mesma obra. Nem mesmo a "tática interdisciplinar", em sua justaposição dos fragmentos das abordagens, conseguiria dar conta dessa globalidade, pois "não se apreende esse global, a não ser através de um empreendimento que transcende as decupagens" (p. 44).

Necessitamos "de uma transformação das démarches e dos instrumentos intelectuais", insistia, sugerindo, inclusive, "a transdução", ao invés das usuais e clássicas abordagens da "indução e da dedução", pois com ela, afirmava, se "introduz o rigor na invenção e conhecimento na utopia". (p. 110)

Utopia, aliás, sugerida por Lefebvre como "*utopia experimental*", seria outra dessas "abordagens mentais" a guiar os novos instrumentos cognitivos, os novos referenciais para pensar os lugares que almejamos ou já vivenciamos (experimentamos ou observamos) como alternativa aos padrões dessa "realidade social que cresce à nossa volta", sugerindo-nos as indagações: "Quais tempos, quais ritmos de vida cotidiana se inscrevem, se escrevem, se prescrevem nesses espaços 'bem-sucedidos', isto é, nesses espaços favoráveis à felicidade? É isso que interessa." (p. 110)

Se é isso que também lhe interessa, prezada leitora, prezado leitor, boa leitura, então!

INTRODUÇÃO

O interesse das autoras e dos autores desta obra pelos ritmos e/ou pela produção teórica e política de Henri Lefebvre remonta a tempos distintos para cada uma e cada um, refletindo trajetórias singulares. Ao mesmo tempo, a diversidade das reflexões — oriundas de diferentes campos do conhecimento, de percursos próprios de cada autora e de cada autor e dos variados contextos em que vivem e atuam como cidadãs/cidadãos, acadêmicas/acadêmicos — é expressão concreta da possibilidade de construção de uma unidade em torno de um objetivo comum: a utopia da unidade na diversidade e nas diferenças, em oposição às injustiças, à exploração e à discriminação que se aprofundam em escala global.

As reflexões que deram origem ao livro *A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano* começaram num almoço na cantina da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP). Estávamos nós, Luiz Menna-Barreto e Carlos R. S. Machado, ambos interessados na obra do Henri Lefebvre. Carlos vem das Humanidades e Menna, das Ciências Biológicas, ambos com interesse comum em leituras sobre o tempo a partir de uma abordagem dialética. Nesse almoço, propusemos um ciclo de leitura da obra póstuma de Lefebvre, *Elementos de ritmanálise*, que motivava um e outro. Convidamos possíveis interessados na criação de um ciclo de seminários sobre essa obra e isso acabou acontecendo ao longo de 2023. No ano de 2024, ampliou-se ainda mais, culminando neste livro. Portanto, uma das utopias daquele almoço está sendo efetivada nesta publicação.

Durante esse tempo, mantivemos contato com a Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe), que reúne pensadores franceses, mexicanos, chilenos, uruguaios e brasileiros em torno de estudos sobre a obra de Lefebvre, notadamente acerca da Produção do Espaço, como o próprio nome da rede anuncia. Ampliamos nossa inserção nesse grupo, no qual Luiz Menna-Barreto e Ana Fani Carlos desempenham papel fundamental de articulação e representação do Brasil na Rede.

Reunimo-nos no grupo chamado Ritmanálise, por meio do qual, ainda em 2023, realizamos um ciclo de seminários que formou parte de nossos estudos e reflexões acerca do livro *Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidades*, de Henri Lefebvre. Em 2024, essas reflexões, ampliadas e revisadas, geraram os capítulos que, por sua vez, trazem concretude ao livro que estamos publicando.

A teoria dos ritmos e suas implicações na ritmanálise têm sua origem associada ao filósofo português Lúcio Pinheiro dos Santos, que, com Leonardo Coimbra, nas primeiras décadas do século XX, desenvolveu reflexões fundamentais sobre o tema. Nos anos 1930, a ritmanálise apareceu nas reflexões de Gaston Bachelard, mais especificamente em seu livro intitulado *La dialetique de la durée*, mais precisamente em seu oitavo e último capítulo, intitulado "La rythmanalyse".

Nessa perspectiva, importa salientar que a ritmanálise também foi mencionada em publicações de Henri Lefebvre desde os anos 1960 e 1970, no segundo tomo da obra *La critique de la vie quotidienne*, na obra *La Production del espace*, respectivamente. Em 1980, esse termo foi recuperado pelo autor nas obras *Le projet rythmanalytique*, elaborado com sua esposa Catherine Régulier, e *Essai de rythmanalyse des villes méditerranéennes*. Em 1992, foi realizada a publicação póstuma *Eléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*. Recentemente, em 2019, foi publicado o livro *Éléments de rythmanalyse et autres essais sur les temporalités*, o qual teve sua tradução para o português lançada em 2021, sob a autoria de Flavia Martins e Michel Mouraux, dos quais o segundo produziu uma reflexão neste nosso livro.

Dessa forma, como é possível observar, o livro que agora produzimos é fruto de um longo acúmulo teórico e prático de reflexões que remontam às primeiras formulações de Lúcio Pinheiro dos Santos — a quem reconhecemos a autoria do termo ritmanálise — e às contribuições de Gaston Bachelard sobre os ritmos. No entanto, é fundamental destacar que nossas reflexões se ancoram na perspectiva lefebvriana, que nos inspira de maneira direta e profunda. A seguir, apresentamos brevemente cada capítulo desta obra, resultado dessa trajetória coletiva de leituras, debates e experiências.

O capítulo intitulado "A dimensão temporal como reveladora de jogos de poder nas relações humanas, na família, na escola, na fábrica e no escritório, tal como propõe Henri Lefebvre na obra *Elementos de ritmanálise*" é abordado por Luiz Menna-Barreto, com o intuito de realizar uma articulação entre a contribuição de Henri Lefebvre e uma área do conhecimento relativamente recente, a Cronobiologia. Essa articulação é apoiada nas noções sobre ciclos da natureza, conforme propostos por Lefebvre, e o conhecimento atual sobre ritmos biológicos.

O capítulo intitulado "Cinema e temporalidade (tempo no cinema ou tempo do cinema): uma perspectiva lefebvriana", de autoria de Nelson

Marques, discute a complexidade da ação e dos três tempos existentes nesse processo: O tempo da e na ação do filme, ou seja, do desenvolvimento da trama dentro do filme; o tempo experimentado pela pessoa expectadora; e o tempo da projeção (duração) do filme. Marques destaca, baseado nessas três divisões, que o tempo cinematográfico rompe os vínculos com a noção de continuidade temporal, assim como da existência da multiplicidade de temporalidades.

O capítulo intitulado "Ritmanálise e a crítica da aceleração: pensar os ritmos com a educação ambiental", de Raizza da Costa Lopes e Samuel Lopes Pinheiro, destaca que a aceleração tecnológica e a crescente fragmentação dos ritmos naturais e sociais no contexto do capitalismo neoliberal têm gerado impactos significativos na vida individual e coletiva, bem como no meio ambiente. Os autores refletem sobre as possibilidades de se compreender as relações entre temporalidades sociais, alienação e educação ambiental para promover estratégias de reapropriação dos ritmos da vida e da natureza. Para os autores, a lógica neoliberal impõe rupturas rítmicas que afetam tanto o equilíbrio ecológico quanto a subjetividade humana. Para tanto, propõem que a educação ambiental, ao incorporar a ritmanálise, pode se constituir como um espaço de resistência e ressonância, permitindo uma pedagogia que valorize a complexidade das temporalidades e favoreça a construção de práticas educativas alinhadas à justiça socioambiental.

O capitulo intitulado "No tempo e espaço das catástrofes: reflexão aos fundamentos da educação ambiental e os ritmos", de Carlos R. S. Machado, destaca a necessidade de incluir as catástrofes climáticas, ambientais e outras nas reflexões sobre a educação ambiental – e, portanto, no conteúdo que ela promove – como um processo de arritmia que influencia as relações rítmicas e temporais entre seres, sociedade e natureza. O chamado Antropoceno é a expressão de um modo de produzir, consumir e destruir que emergiu com o capitalismo. Sua superação deverá considerar os ritmos do indivíduo, no vivido e no concebido, bem como a relação desses ritmos individuais com os ritmos da sociedade e da natureza. A reflexão faz parte de uma pesquisa sobre esses temas e suas contribuições aos fundamentos da educação ambiental.

O capítulo intitulado "Ritmanálise de Lefebvre e a noção de afeto: caminhos de apropriação a partir da Geografia anglo-saxônica", de autoria de Michel Moreaux, visa contribuir para a articulação possível entre a ritmanálise de Lefebvre (1992, 2021) e a noção de afeto, enfatizada por geógrafos anglo-

saxônicos vinculados às chamadas teorias não-representacionais, tão bem apresentadas por Paiva (2017). Para isso, destaca também os estudos de Revol (2012, 2015) e propõe alguns caminhos de apropriação da ritmanálise de Lefebvre que vêm sendo explorados na Geografia anglo-saxônica. O argumento central é que a ritmanálise, junto às teorias não-representacionais, pode abrir possibilidades de pesquisa que incorporem a noção de afeto.

No capítulo intitulado "Sob o signo da ritmanálise de Henri Lefebvre", Ana Fani Carlos desenvolve uma reflexão a partir da hipótese de que, no livro *Élements de Rythmanalyse* – foco do debate do grupo de pesquisa do Riepe, Lefebvre constrói uma teoria do ritmo em sentido invertido ao que vinha sendo por ele traçado em várias outras obras. Em vez de partir da teoria para analisar a realidade prática (do conceito para a experiência), o caminho do método constitutivo do ato de pensar agora vai do movimento da práxis àquele da construção teórica, impondo a centralidade do plano do sensível e do vivido por meio da primazia do corpo.

O capítulo "A análise dos ritmos na vida cotidiana: uma perspectiva Lefebvriana", de autoria de William Héctor Gómez Soto, reflete sobre a observação da cidade e seus ritmos cotidianos, assim como dos ritmos e temporalidades da vida cotidiana, destacando a diversidade de ritmos que coexistem no urbano. Temas que "foram ignorados" e que "enfrentam desafios metodológicos", como evitar generalizações de observações particulares que geram distorções por questões ideológicas. Segundo o autor, "[...] ressalta-se a importância de considerar as contradições e relações de poder que organizam os ritmos, e de que a vida cotidiana, com seus ritmos cíclicos e lineares, é um terreno fértil para compreender o social, embora sua complexidade frequentemente seja negligenciada".

Acreditamos que nossa publicação possibilitará uma diversidade de leituras desde ângulos e perspectivas diferentes desta obra, e disso ampliará a leitura da obra de Lefebvre em apoio a estudos acadêmicos, na análise da realidade, considerando os ritmos (do ser, da sociedade e da natureza) em suas articulações e contradições no interpretar, no viver, no agir dialético de nossos tempos.

Cada capítulo foi elaborado por um ou mais membros do grupo, com base nas discussões desenvolvidas ao longo dos seminários. O grupo segue ativo em 2025, e novas adesões são muito bem-vindas.

Nós, Carlos e Menna-Barreto, desejamos uma boa leitura.

CAPÍTULO I:
A DIMENSÃO TEMPORAL COMO REVELADORA DE JOGOS DE PODER NAS RELAÇÕES HUMANAS, NA FAMÍLIA, NA ESCOLA, NA FÁBRICA E NO ESCRITÓRIO, TAL COMO PROPÕE LEFEBVRE NA OBRA *ELEMENTOS DE RITMANÁLISE*.

Luiz Menna-Barreto

À guisa de uma apresentação para ajudar no entendimento deste capítulo, minha formação e atuação acadêmica foi originalmente nas neurociências, buscando manipulações do sistema nervoso (sempre em modelos animais) eventualmente relevantes para o entendimento dos papéis desse sistema na construção e mudança dos comportamentos. Esse interesse acabou me motivando a penetrar em uma área do conhecimento que vinha sendo explorada a partir de meados do século passado, a Cronobiologia. Nessa área, vem sendo estudados os ritmos biológicos, e nisso venho trabalhando desde os anos 1970, no que pode ser resumido como tentativa de identificar e compreender a organização temporal da matéria viva. Na obra póstuma de Henri Lefebvre *Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidades* (1992), somos convidados a refletir sobre a dimensão temporal de vários aspectos da realidade, da vida e da cultura humanas. Neste capítulo, pretendo compartilhar uma leitura dessa dimensão temporal nos organismos, propondo métodos de identificação e interpretação de alguns fenômenos à luz da Cronobiologia (Menna-Barreto e Marques, 2003). A palavra Cronobiologia foi cunhada na década de 1950 para identificar área nascente de estudos sobre a dimensão temporal da matéria viva. A opção por uma leitura que inclui as humanidades busca a abordagem interdisciplinar na qual cultura e biologia não ocupam segmentos independentes do conhecimento, o que vai aparecer nos aspectos culturais que exporei ao longo do capítulo. Lefebvre argumenta que a generalidade dos fenômenos cíclicos nas manifestações da vida é condição fundamental para o surgimento e evolução dos organismos num planeta oscilante, cuja temporalidade se expressa através de ciclos e que, de alguma forma, vêm sendo identificados nas mais variadas funções orgânicas. Esses ciclos, ou ritmos biológicos, estão presentes e aparecem em diferentes culturas e épocas. A própria evolução oferece ricos exemplos da presença e relevância dessa temporalidade – espécies surgem e são extintas,

funcionalidades aparecem e se modificam, enfim, uma análise dos seres vivos que incorpore as temporalidades se impõe, em parte como contraponto, em parte como complemento da visão espacial dominante na biologia. Ao defender a importância de levar em consideração a dimensão temporal dos fenômenos, afirmo que desconsiderar a temporalidade acaba ocultando aspectos fundamentais desses fenômenos estudados.

Assumir as temporalidades nos estudos biológicos é assumir que, mais do que analisar a forma dos seres vivos e seus mecanismos atualmente conhecidos, é fundamental incluir a observação da dinâmica para entender como a vida se apresenta hoje, ou seja, organismos têm **histórias**. Assim, o que observamos em um organismo é o resultado de um processo de mudanças ao longo do tempo. A própria existência de um organismo só faz sentido se a entendermos como uma fase da vida da espécie. O plural, **histórias**, parece-me conveniente para ressaltar que há pelo menos dois caminhos a trilhar nas interpretações do significado das temporalidades. De um lado, há **histórias filogenéticas**, que nos convidam a pensar no como e no quando surgiram as espécies, bem como imaginar possibilidades de seus futuros. Por exemplo: "Como e quando surgiu a preferência pela diurnalidade da atividade em algumas espécies de mamíferos até então predominantemente noturnos?". A diurnalidade constituiu-se como contraste com a noturnalidade dominante entre os mamíferos e acabou alargando as opções de adaptação ao ambiente, agora vivido sob iluminação solar. Sob um prisma mais restrito, é razoável supor a presença de **histórias ontogenéticas** como cenário no qual os indivíduos acabam construindo as próprias temporalidades, como é o caso das preferências matutino-vespertinas nos humanos, conhecidas como "cronotipos". Essas preferências são facilmente observáveis nos nossos entornos e certamente contribuem para a diversidade dos comportamentos humanos. Cabe aqui uma reflexão sobre como essa diversidade vem sendo tratada na literatura científica do campo da Cronobiologia – ali, na imensa maioria dos artigos, é proposta uma associação das preferências vespertinas com diversas patologias, notadamente privação de sono e seus efeitos negativos sobre o humor, a memória e a aprendizagem. Não se trata aqui de ignorar esses efeitos, mas sim de tentar compreender o fenômeno de modo mais amplo. Por exemplo, poetas que trabalham na madrugada seriam considerados doentes, anormais? Adolescentes que passam a noite nas telas certamente não nasceram assim, foram construindo seus nichos de atividade noturna. A suposição que

embasa essa leitura é a da existência de uma suposta normalidade confundida com valores médios. Uma contribuição importante me parece ser no campo das implicações do entendimento e da aceitação dessas dinâmicas – a vida **está** assim e não **é** assim, justamente em função dessas dinâmicas. Parte das resistências à aceitação dessas dinâmicas pode ser colocada na conta de influências das ideias criacionistas. Na mentalidade criacionista, os seres vivos foram criados por alguma divindade e seus funcionamentos ocorrem de modo invariável. Estamos neste caso diante de uma ocultação dos processos evolutivos. Em publicação recente, Kevin Birth(2017) nos convida a refletir sobre essa ocultação das temporalidades, demonstrando como isso leva a equívocos nas interpretações.

Em minha leitura do livro *Elementos de ritmanálise*, de Lefebvre, essa dinâmica faz parte da essência da vida. Ele nos provoca propondo que mesmo a matéria inanimada apresenta ciclos (ou ritmos), pois uma pedra de hoje já foi diferente desde sua origem no planeta (e por que não do universo?). O que diferenciaria um organismo de uma pedra seria a diferença temporal: há ciclos mais longos na pedra e ciclos mais curtos nos organismos. No caso da vida na Terra, as oscilações do planeta constituíram um cenário temporal que acabou dando significância adaptativa aos ritmos biológicos.

Uma das consequências mais ricas da incorporação dos ritmos ou ciclos é a compreensão da possibilidade de mudanças presente nas oscilações dos organismos – é justamente nos altos e baixos de uma função que reside a possibilidade de mudança daquela função. Um exemplo do que pode ajudar na compreensão dos fenômenos nos organismos é observado no que se sabe sobre a atividade elétrica de neurônios. Neurônios oscilam continuamente, e isso se dá através de oscilações na distribuição de cargas elétricas dessas células, conhecidas como potenciais de repouso e de ação. No potencial de repouso, o interior dos neurônios é mais negativo; no potencial de ação, as cargas se invertem rapidamente retornando em seguida ao estado de repouso. E isso acontece com uma determinada frequência. Ora, essa frequência acaba se expressando na frequência de impulsos que os neurônios transmitem aos outros neurônios, e assim por diante. Essas frequências representam um código para os outros neurônios, induzindo aumento ou diminuição nas oscilações desses neurônios. Resumindo, a funcionalidade do sistema nervoso, tal como é entendida hoje, reside justamente nos padrões temporais detectáveis nesse sistema. Essa identificação pode ocorrer a partir de registros

de campos elétricos de áreas da superfície do cérebro, como é o caso de um eletroencefalograma, mas também vem sendo observada quando se registram oscilações de campos elétricos em neurônios individuais. Essas informações podem ser encontradas em obras hoje disponíveis sobre o sistema nervoso, como em Lent (2005).

Para um aprofundamento na compreensão dos fenômenos elétricos no sistema nervoso, especialmente no papel que as oscilações desempenham sobre os comportamentos, recomendo a leitura de uma obra do fisiologista russo Piotr Anokhin(1974), na qual o autor busca um entendimento da dinâmica das oscilações na gênese do condicionamento reflexo e seu papel na adaptação dos seres vivos a um ambiente oscilante.

Aqui me parece importante enfatizar o confronto das ideias presentes na abordagem ritmanalítica-lefebvriana com os princípios do criacionismo, que são resistentes a aceitar tanto as mudanças nos organismos como a diversidade presente neles. Entendo que, além das características dos nossos ancestrais, herdamos também a capacidade de as modificar. Assim, surgiram espécies diurnas e noturnas, por exemplo, embora quase todas dependam direta ou indiretamente da presença do ciclo claro/escuro do ambiente. Nós, humanos, junto a outros mamíferos, hoje nascemos diurnos, mais adaptados para interagir com o ambiente iluminado (a relevância da visão para a nossa espécie evidencia isso), mas também desenvolvemos e aperfeiçoamos a iluminação noturna, e assim moldamos nossas preferências, decorrendo na diversidade entre pessoas matutinas e pessoas vespertinas. Aliás, essa diversidade merece atenção, pois talvez ilustre a falta de sentido em buscar uma suposta "normalidade". A busca por normalidades concebidas com base em valores médios em populações acarreta a ocultação das diversidades, senão teríamos todos os brasileiros uma altura de 1,70m. Interagimos com inúmeros ciclos ambientais e hoje identificamos relações temporais entre esses ciclos com os ritmos que expressamos nos nossos corpos e atividades. Os ritmos do corpo mais estudados são os circadianos (do latim, *circa*e *diem*), cujos períodos oscilam a cada 24 horas e que tendem a coincidir com o ciclo do dia e da noite. Ritmos mais rápidos, como o dos batimentos cardíacos, são denominados ultradianos, e os mais lentos são chamados infradianos, que é o caso de variações sazonais, bem evidentes em aves e outros mamíferos, bem como no ciclo menstrual feminino. O que medimos como ritmos dos corpos não pode ser considerado resultante de efeito passivo da ação dos ciclos

ambientais sobre os corpos, mas oscilações que resultam sempre de nossas interações com o ambiente. Sabemos hoje, pelo menos no caso dos ritmos circadianos, que os fenômenos capazes de ajustar nossos ritmos dependem todos de interações dos organismos com ciclos ambientais, a saber, no caso humano, os ciclos de atividade/repouso, alimentação/jejum e interação/isolamento social. Essa capacidade de ajuste convida a uma leitura dinâmica de suas expressões. Uma contribuição rica é aquela de Robert Levine (1977) que descreve sua experiência ao começar a dar aulas na Universidade Federal Fluminense, onde os alunos mostravam temporalidades inéditas para ele – nunca chegavam na hora da aula, mas ficavam bem depois do horário de término da aula, debatendo animadamente o que havia sido oferecido pelo professor. Esse manejo do tempo surpreendeu Levine pelo contraste com o que considerava comportamento "normal" de estudantes. Nesse contexto, fica evidente a contribuição fundamental de Henri Lefebvre, que abre espaço para concepções interdisciplinares dos fenômenos observados nos corpos. Nesse caso dos horários dos estudantes observado por Levine, ressaltam-se as diferenças entre culturas. Uma implicação sociológica presente na obra de Lefebvre: os ritmos nas interações entre organismos revelam relações de poder. Isso pode ser medido, lido e interpretado em vários planos. No caso humano, por exemplo, desde as nossas relações temporais na vida doméstica até a vida laboral, passando pelos ambientes da escola, da fábrica e do escritório. Em todos eles, há jogos de poder presentes, alguns bem evidentes e outros ocultos por uma suposta normalidade (Birth, 2017). A suposta normalidade muitas vezes não passa de afirmação de poder. Sobre esses jogos de poder, tão presentes no cotidiano humano, sou levado a refletir sobre minhas relações com estudantes – quais jogos ocorriam nas minhas aulas e como eu e os alunos administrávamos esses jogos. Nesse campo da pedagogia, um dos capítulos mais provocativos do livro *Elementos de ritmanálise* é o quarto, "Adestramento", no qual o autor argumenta que o processo de aprendizagem é sempre acompanhado de duas possibilidades: a submissão ou a rebeldia. Assim, entre submissões e rebeldias, vamos construindo nossas temporalidades individuais (e, por que não, coletivas).

Concluo convidando o leitor a um mergulho no universo temporalizado sugerido por Henri Lefebvre.

Referências Bibliográficas

ANOKHIN, Piotr. *Biological roots of the conditioned reflex and its role in adaptive behavior*. Oxford: Pergamon Press, 1974.

BIRTH, Kevin. *Time blind*: problems in perceiving other temporalities. New York: PalgraveMacMillan, 2017.

LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

LENT, Robert. *Cem bilhões de neurônios*. São Paulo: Atheneu, 2005.

LEVINE, Robert. *Geography of time*. New York: Basic Books, 1977.

MENNA-BARRETO, Luiz e MARQUES, Nelson (orgs.). *Cronobiologia*: princípios e aplicações. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CAPÍTULO II: CINEMA E TEMPORALIDADE (TEMPO NO CINEMA OU TEMPO DO CINEMA): UMA PERSPECTIVA LEFEBVRIANA

Nelson Marques

Este texto é um ensaio. Nosso objeto de estudo é o tempo cinematográfico. Como espectadores de um filme, percebemos que o tempo passa enquanto assistimos à obra. Como cinéfilos, percebemos que diferentes cineastas trabalham de formas diferentes para nos fazer perceber o tempo. Ora ele é alongado, ora ele parece curto, ora parece não sofrer alteração.

A história do cinema nos mostra que o modelo de linguagem narrativo clássico, instituído por David W. Griffith predominou no decorrer da evolução da produção cinematográfica. Era um cinema com estrutura narrativa linear e naturalista com respeito pela imagem captada pela câmera, mesmo se expressando em diferentes possibilidades de linguagem. Os irmãos Lumière[3], por exemplo, produziam filmes com estruturas narrativas simples, quase sempre em filmes muito curtos em duração. Por sua vez, Georges Méliès[4], transforma seus filmes em experiências de linguagem usando efeitos de imagem com substituição de objetos a partir de interrupções da câmera, ou com sobreimpressão feita com a própria câmera, os chamados truques de imagem. Com isso, Méliès conseguiu até fazer uma viagem à Lua (1902), construindo cenários de forma a nos dar a sensação de multicamadas e de profundidade de campo no mesmo plano, o corte evidenciando a continuidade temporal e a manutenção do mesmo espaço.

O tempo cinematográfico é complexo, mas resumidamente há três linhas temporais no cinema: tempo da ação propriamente dita, tempo vivido

3 Os Irmãos Lumière, Louis e Auguste, inventores do cinematógrafo Lumière (sistema de projeção de filmes), em 1895, são os responsáveis pela primeira exibição pública de cinema, que ocorreu em dezembro de 1895 em Paris, e pela realização dos primeiros filmes de atualidades da história do cinema, dentre eles A chegada do trem à estação de Ciotat [L'ARRIVÉE D'UN TRAIN EN GARE DE LA CIOTAT. Direção: Auguste Lumière; Louis Lumière. França, 1895. Filme (curta-metragem), PB, mudo.].

4 Mèliés foi o homem que uniu o circo, o teatro e o cinema. Seu objetivo era criar uma ilusão próxima à ideia da magia, tanto que é considerado precursor do uso de possibilidades cênicas no cinema. O seu filme mais conhecido é Viagem para a Lua, de 1902, que foi colorizado a mão, fotograma por fotograma! [LE VOYAGE DANS LA LUNE. Direção: Georges Méliès. França, 1902. Filme (curta-metragem), colorizado, mudo].

pelo espectador em sua relação com o filme e tempo físico da projeção (este último, em geral, confunde-se com o tempo do espectador na plateia, pois ele depende da ilusão de continuidade que a projeção determina). Discutir a questão do conceito tempo na arte cinematográfica é uma tarefa difícil. Isso porque a questão temporal, junto à espacial, é uma das características determinantes dos filmes.

Se pensarmos na ação propriamente dita, vamos nos deparar com a capacidade da linguagem cinematográfica de representar indiretamente o tempo "real", uma vez que o cinema trabalha em cima de imagens passadas, que são atualizadas através do material fílmico – o filme nos apresenta, no momento presente (em relação ao espectador), imagens engendradas em um passado, remoto ou próximo, mas sempre passado. Assim, temos uma justaposição, possível do ponto de vista da temporalidade fílmica: o presente que conserva em si o passado e que, de uma certa maneira, nos remete a um futuro. As diferenças temporais que possam existir serão maquiadas pela continuidade temporal resultante do que podemos chamar de uma montagem invisível, situada na passagem de fotograma a fotograma[5]e, às vezes, de plano a plano[6], principalmente naquelas em que as paradas de câmera efetuadas para operar substituições nos dá essa ilusão de continuidade temporal. Por outro lado, o processo de formação das imagens no cinema ocorre a partir da condensação que surge entre a representação de uma figura e o seu significado temporal, resultante de um processo de montagem que determinará a significação. Assim, os elementos deixam de existir isoladamente, passando a ter uma representação particular no tema geral. Essa justaposição torna perceptível o conjunto. Esse todo será a imagem na qual o autor viverá o tema que será recebido pela sensibilidade e inteligência do espectador.

---

5 Fotograma (frame) é cada uma das imagens impressas quimicamente no filme cinematográfico. Fotografados por uma câmara a uma cadência constante (desde 1929 padronizada em 24 por segundo) e depois projetados no mesmo ritmo, em registro e sobre uma tela, os fotogramas produzem no espectador a ilusão de movimento. Isso se deve à incapacidade do cérebro humano de processar separadamente as imagens formadas na retina e transmitidas pelo nervo óptico, quando percebidas sequencialmente acima de uma determinada velocidade. A persistência da visão faz que nossa percepção misture as imagens de forma contínua, dando a sensação de movimento natural.

6 Plano é um trecho de filme rodado ininterruptamente, ou que pareça ter sido rodado sem interrupção. É, portanto, um conjunto ordenado de fotogramas ou imagens fixas limitado espacialmente por um enquadramento – espaço, que pode ser fixo ou móvel – e temporalmente por uma duração.

Diferentes autores trabalharão com diferentes abordagens e diferentes tempos para transmitir essas questões. Sergei Eisenstein[7], um dos mais importantes realizadores da história do cinema, sistematiza uma teoria com o objetivo de demonstrar que a montagem se impõe como princípio da linguagem cinematográfica. É o princípio que rege a construção de um filme.

Orson Welles, nos anos 1940[8], e os filmes do neorrealismo italiano, no período do pós-guerra, alteram a tradição narrativa em favor de um percurso que vai do naturalismo ao realismo. Já François Truffaut[9], como representante da *nouvelle vague*, junta sua paixão pelo cinema, sua posição de crítico de cinema e cineclubista a proposições técnicas de manipulação explícita de tempo e espaço. No seu filme *Um só pecado*[10] (*Le peau douce*), 1964, que é um filme psicológico sobre o adultério, esse tempo é manipulado exemplificado apenas com uma cena. Pode-se dramatizar uma cena por meio da dilatação do tempo, pela insistência. Nela, há uma cena de elevador que se passa entre os dois personagens do filme, Jean Desaly e Françoise Dorléac.

7 Eisenstein, como teórico do cinema, propunha que a imagem está baseada em uma estrutura dialética. Para se chegar ao requisito de uma imagem, há uma única lei verdadeira, ou seja, a parte penetra na consciência e na sensibilidade por intermédio do todo; e o todo, por intermédio da imagem. Dentre seus filmes, destaca-se Encouraçado Potemkin, de 1925 [BRONENOSETS POTYOMKIN. Direção: Sergei M. Eisenstein. Produção: Goskino. União Soviética, 1925. Filme (75 min), PB, mudo.], e a sua famosa cena da escadaria. De seus escritos, destacam-se A forma do filme (EISENSTEIN, Sergei. A forma do filme: ensaios sobre teoria cinematográfica. Tradução de José Carlos Avellar. Rio de Janeiro: Zahar, 2002) e O sentido do filme (EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme. Tradução de José Carlos Avellar. Rio de Janeiro: Zahar, 2002). Ou seja, o cinema está baseado na montagem, que surge como necessidade ideológica. Dessa maneira, aquele cinema baseado na simples ação dá lugar a um cinema de ideias.

8 Welles, com Cidadão Kane [CITIZEN KANE. Direção: Orson Welles. Produção: RKO Radio Pictures. Estados Unidos, 1941. Filme (119 min), PB, sonoro.], mistura estilos do jornalismo ao expressionismo e fragmentação de espaços e tempos. Há blocos narrativos e sequências independentes. Há um tempo interior da ação e o desenrolar de ações diferentes no mesmo plano, uma narrativa em espiral fechando-se num círculo, em oposição à linearidade teleológica de causa-efeito.

9 Truffaut tem uma série de textos que foram reunidos por Anne Gillain no livro *O Cinema Segundo François Truffaut* [TRUFFAUT, François; GILLAIN, Anne (org.). *O cinema segundo François Truffaut*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.] e *Os filmes da minha vida* [TRUFFAUT, François. *Os filmes da minha vida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.]. Dentre seus filmes, destacam-se: *Os incompreendidos* [LES 400 COUPS. Direção: François Truffaut. Produção: Les Films du Carrosse. França, 1959. Filme (99 min), PB, sonoro.]; *Uma mulher para dois* [ULES ET JIM. Direção: François Truffaut. Produção: Les Films du Carrosse; Sédif. França, 1962. (105 min), PB, sonoro.]; *Fahrenheit 451* [FAHRENHEIT 451. Direção: François Truffaut. Produção: Anglo Enterprises. Reino Unido, 1966. (112 min), colorido, sonoro.]; *Beijos proibidos* [BAISERS VOLÉS. Direção: François Truffaut. Produção: Les Films du Carrosse; Les Artistes Associés. França, 1968. (90 min), colorido, sonoro.]; *A noite americana* [LA NUIT AMÉRICAINE. Direção: François Truffaut. Produção: Les Films du Carrosse. França, 1973. Filme (115 min), colorido, sonoro.].

10 LA PEAU DOUCE [*Um só pecado*]. Direção: François Truffaut. Produção: Les Films du Carrosse; Société Nouvelle de Cinématographie (SNC). França, 1964. Filme (118 min), PB, sonoro.

Eles se olham enquanto o elevador sobe até o oitavo andar. O trajeto do elevador dura quinze segundos na vida real, mas a cena foi filmada em vinte e cinco planos e dura cinco vezes mais tempo na tela, ou seja, setenta e cinco segundos. Os dois chegam ao oitavo andar, Françoise Dorléac sai do elevador e ficamos com Jean Desaily, que pressiona o botão de descida. Dessa vez, o mesmo trajeto dura apenas quinze segundos, pois é filmado em um só plano, ou seja, conforme sua real duração. As emoções advindas de uma simples manipulação como essa, ao mostrar que podemos brincar com o tempo e ganhar muito em emoções, justifica o ato de dilatar e contrair o tempo. O realismo no cinema é exatamente isso. Na vida, há momentos em que as coisas são dilatadas, em que se experimenta um sentimento de dilatação, por exemplo quando a pessoa se apaixona. Se filmamos as ações em sua duração de tempo real, elas não têm nenhum interesse cinematográfico. A partir do momento em que utilizamos fragmentos de imagens para fragmentar o espaço, as noções de tempo e espaço devem igualmente ser transformadas.

É Jean-Luc Godard[11] que nos traz um outro conceito importante na cinematografia. Ele faz surgir a noção de "montagem-colagem", na qual o elemento manifesto não será mais do que um fragmento. Esta colagem descontínua manipulará o referente de forma a mostrá-lo como uma armadilha. Assim, une duas partes descontínuas de uma ação contínua sem mudar a posição da câmara. É nesse jogo temporal instaurado no espaço do filme através da montagem que encontramos o eixo central da discussão do tempo **no** cinema. E é, ainda, nesse jogo temporal que o espectador deve acompanhar de maneira que seu tempo de sujeito receptor se situe em paralelo ao tempo **do** filme para que, dessa maneira, ele possa se projetar e até interagir com o tempo cinematográfico[12].

Em se falando de tempo real, há questões interessantes que surgem quando se pensa em "tempo real" no cinema[13] como técnica cinematográfica.

---

11 Jean-Luc Godard, introdutor da noção de montagem-colagem. Pode ser apreciada especialmente em seu filme *Made in U.S.A* [Direção: Jean-Luc Godard. Produção: Anouchka Films. França, 1966. Filme (85 min), colorido, sonoro.].

12 Tempo cinematográfico refere-se à forma como o tempo é representado e manipulado na narrativa, incluindo a duração do filme, o ritmo da história e as técnicas usadas para manipular a percepção do tempo do espectador. Isso envolve a duração do filme (curta, média ou longa-metragem), o ritmo da narrativa (rápido, lento, etc.), e o uso de técnicas, como o flasback e o flashforward, para alterar a ordem cronobiológica da história.

13 Tempo real é definido como o método de narrativa em que os eventos cinematográficos acontecem simultaneamente com a experiência dos espectadores. O roteiro em tempo real acontece quando o

Essa técnica é antiga, de quando nem se pensava em cinema, pois é da estrutura do drama grego clássico. Se o diretor tem o desejo de emocionar o público ou transmitir conceitos abstratos, como o amor, o tempo real é o método mais adequado para que o público pode entender o conceito dessas ideias[14].

Com o surgimento de novas tecnologias de filmagem e de montagem, ampliam-se os recursos que possibilitam a prática e o desenvolvimento de formas inusitadas de realismo, ou de "realidades". O tempo cinematográfico rompe definitivamente os laços com a noção de continuidade temporal. Peter Greenway é um dos realizadores cineastas que têm procurado estabelecer o desenvolvimento do tempo narrativo em simultaneidade. Cada realidade a ser mostrada é composta de múltiplas camadas anteriores e, ao mesmo tempo, aqui e agora. Num mesmo momento, sobrepostos, são vistos planos gerais e detalhes de uma mesma cena, janelas que se abrem para comentar a cena ou introduzir uma outra[15].

Se para atingir a ideia de tempo real o cinema tem de, necessariamente, articular imagens e sons através de uma estrutura de montagem na qual o

---

tempo dieagético equivale exatamente ao "nosso tempo", ou seja, não há elipses/cortes no tempo, cada minuto de ação corresponde a um minuto exato na vida real. É uma técnica difícil de executar e frequentemente nos deparamos com "simulação" de tempo real, em contraste com os realizados realmente em tempo real. Para tanto, são utilizados truques mais ou menos engenhosos. Vários exemplos de verdade ou simulação foram apresentados no ensaio: MARQUES, Nelson. Filmes em tempo real: verdade ou simulação? Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte/ Cineclube de Natal, 2020. Disponível em: http://accirn.weebly.com/arquivo/filmes-em-tempo-real-verdade-ou-simulacao. Acesso em: 6 ago. 2025).

14 Marques 2020, op. cit., comenta o tempo real e seleciona boas indicações de filmes com o emprego dessa técnica. Podemos destacar alguns títulos: HIGH NOON [*Matar ou morrer*]. Direção: Fred Zinnemann. Produção: Stanley Kramer Productions. Estados Unidos, 1952. Filme (85 min, PB, sonoro); ROPE [*Festim diabólico*]. Direção: Alfred Hitchcock. Produção: Transatlantic Pictures; Warner Bros. Estados Unidos, 1948. Filme (80 min, colorido, sonoro); DOG DAY AFTERNOON [*Um dia de cão*]. Direção: Sidney Lumet. Produção: Warner Bros. Estados Unidos, 1975. Filme (125 min, colorido, sonoro); NICK OF TIME [*Tempo esgotado*]. Direção: John Badham. Produção: Paramount Pictures. Estados Unidos, 1995. Filme (90 min, colorido, sonoro); TIMECODE [*Timecode*]. Direção: Mike Figgis. Produção: ScreenGems. Estados Unidos, 2000. Filme (97 min, colorido, sonoro); RUSSIAN ARK [*Arca russa*]. Direção: Aleksandr Sokurov. Produção: Hermitage Bridge Studio; The State Hermitage Museum. Rússia, 2002. Filme (99 min, colorido, sonoro, plano-sequência).

15 Greenaway, em *O livro de próspero* [PROSPERO'S BOOKS. Direção: Peter Greenaway. Produção: British Screen Productions; Channel Four Films. Reino Unido, 1991. (95 min) colorido, sonoro.], uma adaptação de *A tempestade* (The tempest), de William Shakespeare, utiliza as novas técnicas de maneira sofisticada e rompe definitivamente com o cinema conservador, utilizando algo de televisão, algo de cinema e algo de pintura. A multiplicidade de telas, recurso agora possível pelo uso de novas tecnologias, mostra com toda força dramática o delírio imaginativo de *Próspero* – um jogo temporal entre passado, presente e futuro.

conceito de continuidade narrativa deve estar sempre presente no momento do corte, o vídeo é capaz de trabalhar as ações de maneira simultânea, sem precisar recorrer ao corte propriamente dito. Podemos dizer, também, que está surgindo uma outra espécie de realismo em que a imagem captada por uma câmera não passa de matéria-prima para posterior manipulação através de técnicas digitais.

O tempo cinematográfico não respeita um tempo fenomenológico. Ele é construído à revelia dos acontecimentos registrados, para que se apresente de forma mais significativa na tela de cinema e cause impacto no espectador, que intui o tempo. Segundo Jacques Aumont, o cinema é, em primeiro lugar, mecanicamente, ou melhor, "maquinicamente", um instrumento para produzir tempo. Ele tem seus próprios procedimentos temporais, distintos dos procedimentos habituais[16].

Aumont fez esse comentário acerca da teoria do cineasta Jean Epstein, que, na década de 1940, passou a direcionar suas atenções às questões temporais do cinema[17]. Uma fotografia pode permanecer na tela por mais tempo do que a narração levaria para explicá-la ou chegar até ela. E uma fotografia não respeita a temporalidade com a qual os fenômenos acontecem; ela congela o tempo e torna um momento eterno.

Mas não é somente com a manipulação de uma imagem que pode ser feita a construção do tempo no cinema. Andrei Tarkovski, cineasta soviético, criticava o cinema de Eisenstein por causa da temporalidade que não possuía qualquer semelhança com a realidade. As cenas ganhavam um peso desconfortável na vontade do cineasta de mostrar mais do que poderia ser mostrado simplesmente seguindo o tempo dado por um relógio[18]. Essa crítica de Tarkovski pode valer para a montagem cinematográfica, mas ela

16 AUMONT, Jacques. *As teorias dos cineastas*. Campinas: Papirus, 2008.; AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus, 2003.

17 EPSTEIN, Jean. *O cinema do diabo* [Le cinémacinema du diable]. Paris: Jacques Melot, 1947.

18 TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1998. Infelizmente a tradução do livro em português peca já na sua essência. O título em inglês é *Sculpting in time*. O livro é sobre arte e cinema em geral, e seus próprios filmes em particular. Foi originalmente publicado em 1985 em alemão (Die versiegelt Zeit), pouco antes da morte do autor, e em 1987,em inglês, mantendo a ideia original de Tarkovski, "esculpindo no tempo". Dentre seus filmes, destacam-se: ANDREI RUBLEV. Direção: Andrei Tarkovski. Produção: Mosfilm. União Soviética, 1966. Filme (205 min, P&B, sonoro); SOLARIS. Direção: Andrei Tarkovski. Produção: Mosfilm. União Soviética, 1972. Filme (167 min, colorido, sonoro); STALKER. Direção: Andrei Tarkovski. Produção: Mosfilm. União Soviética, 1979. Filme (163 min, colorido, sonoro); OFFRET [O Sacrifício]. Direção: Andrei Tarkovski. Produção: SvenskaFilminstitutet. Suécia, 1986. Filme (143 min, colorido, sonoro).

não enxerga os benefícios de criar um tempo para um filme, algo que vai um pouco além do "esculpir" o tempo. Para Tarkovski, o fator principal da imagem é o seu ritmo. Não um ritmo criado através da montagem – seguindo uma certa sequência de planos, que, por sua vez, dá um certo significado ao material filmado e cria um efeito intelectualmente artificial no público, ao carregar as imagens com significado –, mas sim o ritmo presente no próprio *frame*, no plano.

O cinema é uma máquina de criar tempo. O cinema não faz a simples reprodução do tempo dos fenômenos, porque estes são apresentados de acordo com a temporalidade criada pelo realizador para que eles possam se adequar ao discurso fílmico em construção. Cada filme possui um discurso, e todo filme tem em sua base o tempo que, por sua vez, é variável de filme para filme, como também de cineasta para cineasta.

CAPÍTULO III: RITMANÁLISE E A CRÍTICA DA ACELERAÇÃO: PENSAR OS RITMOS COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Raizza da Costa Lopes
Samuel Lopes Pinheiro

> E se, em vez de nos iludirmos sonhando com uma harmonia reencontrada com a natureza, pesquisássemos os ritmos da vida para tratá-los e reforçá-los por seus ritmos e pulsações? E se o ritmo fosse fundamental na maneira de organizar e animar a vida coletiva e individual? E se a intensidade de uma vida comum ou das relações interindividuais passasse por um ajustamento rítmico […]. (Revol, 2021, p.37).

Este capítulo apresenta reflexões iniciais sobre a relação entre o estudo dos ritmos, a aceleração tecnológica e a Educação Ambiental (EA), elaboradas por pesquisadores que recentemente iniciaram seus estudos sobre a obra de Henri Lefebvre. As discussões aqui propostas partem de um estágio preliminar de maturidade teórica e devem ser compreendidas, nesse contexto, como um primeiro esforço de aproximação crítica às contribuições lefebvrianas para a compreensão dos ritmos contemporâneos e suas implicações socioambientais. Mais do que respostas, buscamos levantar questões que possam estimular investigações futuras sobre os impactos da aceleração tecnológica e da automação no vivido, na natureza e na produção do espaço.

1 Dos ritmos à ritmanálise: percursos iniciais

Quando investigamos o conceito de ritmo, podemos voltar no tempo e encontrá-lo presente em várias sociedades antigas. Notamos que esse conceito já era estudado entre os gregos e até tinha seu próprio termo – *rhutmus*. Modos gregos, canções e escalas musicais eram acompanhados pelo estudo do ritmo. E parece que o *rhutmus* está associado a um ritmo peculiar ao indivíduo.

> Entre os gregos, pelo menos desde Platão, o ritmo era tradicionalmente concebido como um dos elementos fundamentais da poesia, dança e música. Era, como diz Platão nas Leis, "a ordem do movimento" das palavras, corpos ou notas. A partir do século III a.C., o termo também passou a designar, entre os médicos gregos de Alexandria,

> a pulsação das artérias e do coração, ou mais precisamente a relação aritmética entre a duração da diástole e da sístole. Pela primeira vez, ele se moveu das teorias da cultura para as teorias da natureza viva. Então, no final da Antiguidade, com autores como Agostinho e Boécio, ocorreu uma nova extensão. O ritmo agora é usado para designar o circuito perfeito das estrelas e o funcionamento circular do cosmos (Michon, 2020. Tradução Nossa).

Entre os indianos, podemos encontrar uma visão que vai além de uma percepção quadrada do ritmo, comumente associada a uma forma ocidental de entendê-lo. Isso porque muitas de suas danças e canções tradicionais apresentam um estudo complexo de ritmos. Matematicamente, são ritmos quebrados para os ouvidos de um ocidental contemporâneo, pois seus ritmos podem apresentar razões e contagens de números inteiros e frações. Mais tarde, entre músicos e matemáticos europeus dos séculos XVII e XVIII, também notamos uma preocupação com o ritmo. Mas será a partir do século XX que a noção de ritmo também entrará nos emaranhados dos estudos sociológicos, linguísticos, de informação e de outros campos do conhecimento ligados às humanidades.

Contudo, há de se mencionar que inúmeras são as possibilidades de estudo dos ritmos e, neste estudo, voltamos nossa atenção para a ritmanálise, atribuída ao professor e filósofo Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (nascido em Braga, Portugal, em 1889, e falecido no Rio de Janeiro, em 1950) como precursor da ideia. A análise dos ritmos nas complexas intersecções entre sociedade e natureza foi um tema central nos estudos e reflexões de Pinheiro dos Santos. Foi ele quem introduziu o conceito de ritmanálise como uma possibilidade para a compreensão de como os ritmos naturais e sociais se influenciam e interagem mutuamente.

Tal perspectiva permitiria que o estudo dos ritmos pudesse revelar a estrutura e a dinâmica da sociedade, oferecendo uma possibilidade analítica acerca das interações entre os processos naturais e sociais. Apesar da relevância e do pioneirismo da proposta do filósofo luso-brasileiro, pouco se sabe sobre o conteúdo de suas reflexões, pois restaram poucos registros de suas contribuições.

Dias (2018) diz que, "no Brasil, no final da década de 1990, motivado pelos incidentes biográficos e editoriais ocorridos com Lúcio Pinheiro, Jorge Jaime lhe atribuiu o epíteto de "filósofo 'brasileiro' fantasma (Dias, 2018,

p. 42)"; mas podemos encontrar rastros da teoria de Pinheiro do Santos na obra *La dialetique de la Dureé*, de Gaston Bachelard (1936), em que o filósofo francês explicita parte das correspondências, reflexões e produções feitas pelo português.

Igualmente importantes para o reconhecimento desse pensador são as contribuições de Pedro Baptista, na obra *O filósofo fantasma* (2010), e de Rodrigo Sobral Cunha, com o livro *O essencial sobre ritmanálise* (2010). Estes dois últimos, portugueses buscando desvendar a história e a produção de seu conterrâneo, que teria vindo para o Brasil no final dos anos de 1920, ao fugir da ditadura que se instalara em Portugal e que persistiu até 1974.

Além desses pensadores, destaca-se também a importância do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, o qual foi certamente decisivo para que os estudos de ritmanálise seguissem ecoando na atualidade. O tema dos ritmos, conforme Claire Revol (2019; 2021) no livro *Elementos de ritmanálise*, de Lefebvre, é parte de um "projeto lefebvriano mais em longo prazo" (Revol, 2021. p. 27) sobre o cotidiano, e, portanto, seria o quarto volume dos três tomos da obra *Critique de la vie quotidienne* (1947; 1961; 1981).

Tanto Lefebvre quanto Bachelard reconhecem ser Lúcio Pinheiro dos Santos o pioneiro nos estudos dos ritmos. Contudo, a partir de Lefebvre, é possível afirmar que "a intervenção sobre esta trama rítmica pode dar suporte aos esforços de apropriação dos espaços e dos tempos sociais (tradução)" (Revol, 2021, p.34). Ou seja, a ritmanálise nos permitiria não somente pensar e identificar os ritmos, mas intervir – enquanto ser em seu vivido – na trama rítmica como parte da apropriação das relações sociais e da produção de nossa obra (individual e coletiva).

2. A ritmanálise e os fundamentos da Educação Ambiental

Ao reconhecer que tanto a natureza humana quanto a natureza não-humana operam com ritmos e temporalidades próprias e diversas, entendemos que a imposição do ritmo acelerado do sistema capitalista tem gerado uma série de consequências adversas. Esses ritmos naturais, que sustentam a saúde e o equilíbrio dos seres humanos e do meio ambiente, têm sido sistematicamente subordinados à lógica da eficiência e da produção incessantes. Nesse sentido, consideramos relevante a incorporação da ritmanálise como um elemento para pensar a relação entre sociedade e natureza.

> A ritmanálise nos traria caminhos, incompletos talvez, abertos seguramente, para transfigurar o presente em presenças, complexas e coexistentes. Por meio da apreensão sensível, nos faria elaborar a crítica da coisificação, "desfazendo da materialidade em si mesma, como coisa, como produto, dirigida pela mercadoria como abstração concreta, aprofundando a compreensão da complexidade do espaço-tempo, que inclui a energia, tecida por ritmos, polirritmos e arritmias" (Martins e Moreaux, 2021, p. 9 e 10)

Segundo Lefebvre (2021), a coexistência de ritmos diversos compõe o que ele chama de polirritmia. Dessa forma, os corpos vivos apresentam muitos ritmos associados, os quais, quando saudáveis, configuram o que o autor chama de eurritmia. Nessa perspectiva, as doenças seriam acompanhadas de um distúrbio de ritmos, arritmia. Esses processos de saúde e doença podem ser observados no indivíduo e na sociedade, como exemplificam Martins e Moreaux (2021) quando dizem: "A polirritmia que existe em nossas cidades é frequentemente transformada em arritmia a partir de controles diversos e da militarização dos espaços urbanos." (Martins e Moreaux, 2021, p.11).

Essa dissonância entre os ritmos naturais e o ritmo neoliberal resulta em formas diversas de adoecimento, pois, como argumentam Safatle, Da Silva Junior e Dunker (2021) no livro *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*, vivemos uma valorização excessiva dos méritos, a fim de extrair mais produtividade das pessoas. Os autores afirmam que o neoliberalismo cria novas formas de sofrimento associadas aos mecanismos de controle e poder presentes na atualidade. O sofrimento e uma série de transtornos, como a depressão e a ansiedade, na perspectiva dos autores, resultam do esforço constante para se adaptar e performar em um ritmo social que, muitas vezes, ignora as necessidades emocionais e físicas das pessoas. Esses distúrbios não são meros subprodutos do trabalho, mas sintomas de uma desconexão mais profunda entre o ritmo natural dos indivíduos e as exigências do capitalismo (Safatle, Da Silva Junior e Dunker, 2021).

Simultaneamente, a natureza física enfrenta suas próprias formas de adoecimento. As catástrofes ambientais – como o aquecimento global, as inundações, a poluição e a degradação dos ecossistemas – são manifestações da sobrecarga que o ritmo acelerado da produção e do consumo impõe sobre o planeta. Esses eventos não são apenas acidentes isolados, mas sintomas de

uma crise sistêmica que desregula os ciclos naturais e compromete a dimensão socioambiental do planeta (Carvalho e Ortega, 2024; Acselrad, 2021).

Hartmut Rosa (2022), em *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*, descreve a "compressão do tempo" e a "expansão da técnica" como características centrais de um mundo que vive sob o imperativo de crescimento e rapidez. A aceleração transforma as dinâmicas de produção, mas também redefine as relações sociais e a experiência do tempo e do espaço, o que permite dizer que estamos vivendo uma "modernidade tardia", marcada por um processo de aceleração social (Rosa, 2022). Dessa forma, entendemos que tanto o adoecimento humano quanto o ambiental estão interligados e que ambos são resultantes da aceleração e da exploração desenfreadas promovidas pelo modelo neoliberal de desenvolvimento, responsável por desencontros de ritmos societários e individuais expressos em arritmias. Nesse sentido, é necessário um movimento em direção à valorização das temporalidades naturais e ao respeito, em todos os aspectos, pela vida na Terra.

Esse cenário de aceleração e adoecimento humano e planetário se intensificou com a pandemia de covid-19, que, embora inicialmente vista como uma crise sanitária, rapidamente se transformou em uma crise abrangente, revelando a interdependência de questões vitais como saúde, educação, trabalho e meio ambiente. Relatórios da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal, 2021)[19] ressaltam esse impacto profundo, enquanto Acselrad (2021) aponta que a crise sanitária surgiu em um contexto já marcado pela iminência de uma crise financeira, precipitando o colapso de várias atividades econômicas. Para o autor, é essencial analisar as noções de crise ambiental e desastre dentro dos processos de reprodução e crise do capitalismo.

Diante desse contexto de catástrofe, sentimos a necessidade de revisitar a trajetória da Educação Ambiental, refletindo sobre os pontos de partida das nossas análises e pesquisas. Desde seu surgimento, a Educação Ambiental passou por diversas mudanças de perspectiva na maneira de entender a relação entre ambiente e sociedade, evoluindo em resposta às demandas e aos desafios de cada época. Essas transformações tornam ainda mais essencial que retornemos periodicamente aos referenciais que fundamentam

19 Disponível em: Tecnologías digitales para un nuevo futuro|Comisión Económica para América Latina y el Caribe Acesso em: 12/07/2025.

o campo, questionando se eles ainda oferecem as ferramentas adequadas para interpretar e transformar a realidade atual.

Conforme Reigota (2004), a Educação Ambiental emergiu como resposta aos problemas ambientais provocados por um modelo econômico capitalista predatório e insustentável. O ponto de partida para a discussão ocorreu na Primeira Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, em 1972, evento que resultou em acordos internacionais enfatizando a importância de educar a população para enfrentar desafios ambientais. A partir de então, a questão ambiental ganhou relevância global, com eventos subsequentes, como as conferências de Belgrado (1975), Tbilisi (1977), Moscou (1987), Rio (1992) e Rio+10 (2002), em Joanesburgo, promovendo políticas públicas de Educação Ambiental em nível internacional.

Embora a Educação Ambiental tenha emergido como pauta dos movimentos ecológicos (Carvalho, 2001), as preocupações que impulsionaram a Educação Ambiental, em certos casos, tinham um caráter conservacionista, funcionando muitas vezes como um "manual de etiquetas" (Leite Lopes, 2004), com propostas mais voltadas ao comportamento individual do que à crítica do sistema capitalista. O debate da Educação Ambiental aprofundou-se ao longo dos anos, e trabalhos de autores como Layrargues (2012) e Carvalho (2014) foram essenciais para expandir as discussões nesse campo, o que evidencia a Educação Ambiental como um campo que está constantemente sendo fundado e refundado pelas questões socioambientais.

> [...] refundar os Fundamentos históricos, antropológicos, filosóficos, sociológicos, éticos e epistemológicos da EA é dotar de novas representações os signos que essas ciências passam a representar no horizonte de uma pluralidade de saberes numa unidade de sentidos e significados. (Machado, Calloni e Adomilli, 2016, p. 11).

Nesse sentido, nossa proposta é contribuir para refundar os Fundamentos da Educação Ambiental com os aportes da teoria dos ritmos e da ritmanálise (Lefebvre, 2021) no tempo das catástrofes (Stengers, 2015) socioambientais relacionadas à aceleração e à alienação que marcam nossos tempos (Rosa, 2022).

3. Aceleração tecnológica e as quebras rítmicas

Aceleração se converte em um problema quando há alienação, quando já não podemos ressoar com o mundo (Rosa, 2023). Uma determinada perspectiva de progresso comumente se associou à ideia de que seria necessário acelerar para crescer, como a ideia de acelerar a exploração da natureza para o desenvolvimento tecnológico e o consequente melhoramento da qualidade da vida. Rosa (2023), neste sentido, lembra que o movimento aceleracionista é muito prometeico. No entanto, aceleramos por acelerar, como numa busca desenfreada pela eficácia e pelo crescimento exponencial, sem conjuntamente pensar onde isto nos leva e sem conjuntamente nos conscientizarmos das consequências desastrosas desse processo até aqui.

Com base na observação feita por Michel Random (2000) – de que, apesar dos avanços tecnológicos, a sociedade ainda enfrenta desafios significativos, pois as tecnologias e suas novíssimas ferramentas de informação e comunicação, embora úteis, podem também ser uma forma de escapismo, afastando as pessoas do mundo real para um mundo virtual – surgem uma série de questões no âmbito da relação ser humano e tecnologia, como a questão do conceito de natureza, e como essas operam significados em uma virtualidade, agora mais acelerada do que nunca pelos ritmos das inteligências artificiais, que, embora recentes em seu amplo uso, já nos convocam a um novo tipo de aceleração. Acelerações estas marcadas por alienação e por aquilo que podemos chamar de rupturas rítmicas, entre os ritmos da natureza, da sociedade e do indivíduo.

Para tentar encontrar uma resposta a essa pergunta, recorremos à ritmanálise de Henri Lefebvre (2021), que aponta que os produtores de bens de informação sabem como usar o ritmo empiricamente. Quando o autor escreveu seus ensaios, por volta dos anos 1980 e 1990, ele ainda não havia experimentado a chamada smartificação do mundo, da economia e dos relacionamentos. Hoje, algoritmos tornam legíveis desejos que escapam de nossa própria consciência. Mas o autor, definitivamente, estava preocupado com a natureza manipuladora dessa informação e com o ritmo imposto às sociedades.

Como resultado, o tempo de ligação entre aspectos conscientes e não conscientes do sujeito está sendo alterado pela lógica do ritmo das inteligências artificiais. Byung-Chul Han (2020) fala sobre um inconsciente digital que é revelado pelo *big data* e que é quantificado e mapeado para a monetização dos indivíduos nas relações virtuais. Para o autor, isso poderia ser um exemplo de como o neoliberalismo explora novas técnicas de poder.

O neoliberalismo explora uma pseudoliberdade das emoções do sujeito, que se autoexplora em redes virtuais, e agora ainda mais na aceleração das inteligências artificiais. O filósofo Han (2020) até usa a expressão "o eu quantificado" para expressar o lema de que o que está acontecendo agora é um autoconhecimento através dos números de dados. No entanto, esses números não produzem realmente autoconhecimento, produzem mercadorias para autocontrole, trocas, vendas, interesses e competições.

Para complementar nosso argumento sobre a dominância do ritmo na construção dessas técnicas de poder na sociedade contemporânea, encontramos reflexões sobre ritmo em Roland Barthes (2002). No livro *Comment vivre ensemble* (Como viver juntos), o autor recupera o conceito de ritmo proposto pelos antigos gregos para lidar com os ritmos internos do sujeito. Barthes aponta que o poder se estabelece na quebra desses ritmos internos, ou no que ele chama de disritmia. Acima de tudo, o poder impõe um determinado ritmo, um ritmo de vida, e justamente "a sutileza do poder passa pela disritmia, pela heterorritmia (tradução)" (Barthes, 2002, p. 40).

Diante das reflexões apresentadas, torna-se evidente que a aceleração tecnológica não apenas altera os ritmos sociais, mas também reconfigura a relação do ser humano com o mundo e consigo mesmo. A partir da ritmanálise de Lefebvre (2021), das discussões sobre o inconsciente digital em Han (2020) e das concepções de Barthes (2002) sobre a disritmia imposta pelo poder, podemos compreender como a aceleração tecnológica contemporânea exacerba processos de alienação e autocomercialização dos sujeitos.

A imposição de ritmos artificiais e a fragmentação dos ritmos internos contribuem para um modelo de existência marcado pela constante aceleração e pela precarização das experiências temporais. Assim, a questão fundamental que se coloca não é apenas compreender os impactos desse fenômeno, mas sobretudo buscar formas de resistência e reapropriação do tempo, promovendo novas possibilidades de ressonância entre os ritmos individuais, sociais e naturais.

4. Qual é o lugar da Educação Ambiental na trama rítmica da vida?

Ao expandir suas fronteiras para além da preservação ambiental, a Educação Ambiental configura-se como um campo de estudos que visa à promoção de projetos de sociedade em que os sujeitos estejam engajados

na luta pela vida em sua plenitude. No artigo "Uma ressonância do tempo: os desafios contemporâneos da Educação Ambiental", Amorim, Pinheiro e Calloni (2019) apontam que o tempo contemporâneo é marcado por uma aceleração imposta pelas dinâmicas neoliberais, o que gera desafios à formação humana em sua plenitude.

Segundo esses autores, a Educação Ambiental deve se engajar em uma ressonância do tempo, resgatando a importância de práticas educativas que considerem os tempos múltiplos e complexos da existência humana e da vida no planeta, questionando a visão utilitarista de tempo promovida pela sociedade de consumo e produtividade. Essa dimensão parece se somar à visão de Hartmut Rosa (2022), em *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*, que descreve a "compressão do tempo" e a "expansão da técnica" como características centrais de um mundo que vive sob o imperativo de crescimento e rapidez. Acelerando a economia, a tecnologia não apenas transforma as dinâmicas de produção, mas também redefine as relações sociais e a experiência do tempo e do espaço.

A compreensão dos ritmos interligados entre indivíduo, sociedade e natureza torna-se fundamental para desenvolver uma pedagogia que valorize a apropriação de si e do ambiente. Esse enfoque, baseado em uma educação rítmica, propõe uma resposta direta à sociedade da aceleração (Harvey, 1992; Rosa, 2019), que tem acelerado processos de degradação tanto humanos quanto ambientais. A investigação dos movimentos rítmicos e suas contradições surge como uma proposta que revela as tensões entre o ritmo natural da vida e o ritmo imposto pelo capitalismo. Buscamos aplicar esses conceitos na interface com as reflexões mais recentes de Carvalho (2020) no campo da Educação Ambiental.

Em "A pesquisa em educação ambiental: perspectivas e enfrentamentos", Carvalho (2020) faz um balanço sobre as produções em Educação Ambiental e, dentre suas considerações, apresenta a possibilidade de "desacomodar a crítica" (Carvalho, 2020, p. 47). Apoiando-nos na autora, consideramos que, talvez, seja necessário aportar outros predicados à Educação Ambiental para além de crítica.

> Quanto ao campo específico da EA, seria interessante aprofundar o questionamento de algumas pautas históricas que, atualmente, tendem a se tornar, cada vez mais, extemporâneas. Uma delas é a oposição que construímos historicamente, para distinguir uma

> educação ambiental direcionada à mudança social em contraponto a outra, supostamente voltada apenas para a preservação da natureza. Ainda que essa oposição possa ter tido um sentido nos anos 1970, na afirmação de uma EA crítica, considero que faz algum tempo essa oposição deixou de trazer qualquer produtividade para a EA. (Carvalho, 2020, p. 47).

No artigo "Aprendizagens em tempos de fim de um mundo e de abertura de múltiplos mundos: reflexões desde a educação ambiental", Isabel Carvalho e Ortega (2024) analisam a percepção da crise social e ambiental, incorporando a dimensão das catástrofes de Stengers (2015) e abrindo espaço para novas formas de pensar a trama viva deste mundo. Isso inclui novos modos de fazer ciência através de compreensões renovadas das relações entre os humanos e o mundo.

Aceitamos esse convite e desafio, avaliando que a ritmanálise pode emergir como uma possibilidade de compreensão e transformação da realidade, tal qual essa se apresenta. Incorporar o ritmo no campo da Educação Ambiental pode criar espaços para o entendimento de que o ser, a sociedade e a natureza não são opostos, antagônicos ou separados, mas imbricados. Este trio (o ser, a sociedade e a natureza), em seus ritmos articulados e relacionados conflituosamente, devem ser considerados numa tríade dialética, como aponta Lefebvre.

Dessa forma, poderemos superar a compreensão do pensamento — e do conhecimento que dele emerge — como uma abstração sintetizada em fórmulas, conceitos e proposições. Desde a ascensão do sistema capitalista, essa visão tem sido imposta sobre o real e o vivido relacional dos seres humanos, afetando suas relações em sociedade, sua interação com a natureza e sua própria compreensão da natureza em seu processo conflitivo, marcado por desigualdades, injustiças e pela exploração dos seres vivos e dos recursos naturais.

5. Considerações finais

A reflexão sobre ritmos, aceleração e Educação Ambiental evidencia a urgência de reconsiderarmos a relação entre os ritmos naturais, sociais e tecnológicos. A ritmanálise revela como a aceleração neoliberal compromete processos produtivos, relações humanas e a saúde do planeta, gerando arritmias que se manifestam em crises ecológicas e adoecimentos individuais.

Argumentamos que a Educação Ambiental pode atuar na reapropriação dos ritmos e na construção de alternativas à lógica da aceleração. Inspirados em Lefebvre, Rosa, Han e Barthes, propomos que a Educação Ambiental incorpore a ritmanálise para reconhecer a complexidade das temporalidades e promover equilíbrio entre os ritmos da natureza, da sociedade e dos indivíduos. Mais que uma abordagem fragmentada da degradação ambiental, a Educação Ambiental deve fomentar ressonância entre os ritmos da vida, respeitando tempos próprios de aprendizagem e reflexão. Assim, ela tornar-se-á um espaço de experimentação de novos modos de habitar o tempo, promovendo justiça socioambiental e coexistência sustentável entre humanos e não-humanos.

Por fim, é importante destacar que esta reflexão emerge dos projetos de doutorado e pós-doutorado dos autores, cujas pesquisas foram recentemente aprovadas. Esse contexto reforça o caráter inicial e ainda em desenvolvimento dos conceitos aqui discutidos. Reconhecemos que, ao longo de nossas investigações, será necessário um aprofundamento teórico que possibilite amadurecer, revisar ou até mesmo refutar algumas das ideias apresentadas, contribuindo para um debate mais sólido e fundamentado sobre a relação entre ritmos, ritmanálise, aceleração e Educação Ambiental.

Referências Bibliográficas

ACSELRAD, Henri. *Os desastres e a ambientalidade crítica do capitalismo.Ciência & Trópico*, v. 45, n. 2, 2021.DOI: 10.33148/cetropicov45n2(2021) art6. Disponível em: https://doi.org/10.33148/cetropicov45n2(2021)art6. Acesso em: 30 jun. 2025.

AMORIM, Filipi. V.; PINHEIRO, Samuel. L.; CALLONI, Humberto. Uma ressonância do tempo: os desafios contemporâneos da educação ambiental.*Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 14, n. 1, p. 48-57, 2019. DOI:?10.18675/2177-580X.vol14.n1. p48-57. Disponível em: http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol14.n1.p48-57. Acesso em: 30 jun. 2025.

BACHELARD, Gaston. *La dialectique de la durée*. Paris: Boivin, 1936.

BAPTISTA, Pedro**.** *O filósofo fantasma*: Lúcio Pinheiro dos Santos**.** Sintra: Zéfiro, 2010.

BARTHES, Roland. *Comment vivre ensemble*: cours et séminaires au Collège de France (1976 -1977). Éditionsdu Seuil, 2002.

CARVALHO, Isabel C. M. Educação ambiental e movimentos sociais: elementos para uma história política do campo ambiental. *Educação: Teoria e prática*, p. 46-46, 2001. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1597. Acesso em: 11 jul. 2025.

CARVALHO, Isabel. C. M. A perspectiva das pedras: considerações sobre os novos materialismos e as epistemologias ecológicas**.***Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 9, n. 1, p. 69-79, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.18675/2177-580X.vol9.n1.p69-79. Acesso em: 30 jun. 2025.

CARVALHO, Isabel C. M. A pesquisa em educação ambiental: perspectivas e enfrentamentos**.** *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 15, n. 1, p. 39-50, 2020. DOI:?10.18675/2177-580X.2020-15126. Disponível em: https://doi.org/10.18675/2177-580X.2020-15126. Acesso em: 30 jun. 2025.

CARVALHO, Isabel. C. M; ORTEGA, Miguel A. Aprendizagens em tempos de fim de um mundo e de abertura de múltiplos mundos. *Revista Cocar*, n. 23, 2024. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7933. Acesso em: 30 jun. 2025.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). Tecnologías digitales para un nuevo futuro (LC/TS.2021/43), Santiago, 2021. repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/879779be-c0a0-4e11-8e08-cf80b41a4fd9/content

CUNHA, Rodrigo Sobral**.** *O essencial sobre ritmanálise.* Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010.

DIAS, Geraldo**.** Nietzsche, precursor da ritmanálise? A recepção luso-brasileira do pensamento nietzschiano pelo filósofo fantasma Lúcio Pinheiro dos Santos**.***Trágica*: Estudos de Filosofia da Imanência**,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, nov. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.59488/tragica.v11i3.27360. Acesso em: 30 jun. 2025.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna.* Edições Loyola, 1992.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica*– o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

LAYRARGUES, Philippe P. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v.?7, n.?14, p.?388–411, ago.–dez. 2012. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1677. Acesso em: 5 ago. ?2025.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne :* Introduction.Paris : L'Arche 1958 [1947].

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne :* Fondements d'une sociologie de la quotidienneté. Paris : L'Arche, 1961.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne :* de la modernité au modernisme. Pour une métaphilosophie du quotidien. Paris : L'Arche, 1981.

LEFEBVRE, Henri**.** *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades.Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

LEITE LOPES, José. S. *A ambientalização dos conflitos sociais*: participação e controle público da poluição industrial. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

MACHADO, Carlos. R. S.; CALLONI, Humberto. ADOMILLI, Gianpaolo. K. Olhares, pensares e fazeres sobre e na educação ambiental: reflexões sobre/desde os fundamentos ao campo atual brasileiro**.** *Ambiente e Educação*. p. 3-25, nov. 2016. Disponível em: https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/6252. Acesso em: 30 jun. 2025.

MARTINS, Flávia; MOREAUX, Michel. Prefácio à edição brasielira. In: LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p.7-24.

MICHON, Pascal. Pourquoi la rythmologie?.In: *Rhuthmos*, 19 set. 2020. Disponível em: https://www.rhuthmos.eu/spip.php?article2575. Acesso em: 30 jun. 2025.RANDOM, Michel. *O pensamento transdisciplinar e o real*. São Paulo: Triom, 2000.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

REVOL, Claire. Prefácio à edição francesa. In: LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 25-46.

REVOL, Claire. Préface. In: LEFEBVRE, H**.** *Éléments de rythmanalyse et autres essais sur les temporalités*. Paris: Eterotopie, 2019.

ROSA, Hartmut. *Aceleração*: a transformação das estruturas temporais na modernidade. Trad. Rafael h. Silveira. São Paulo: ed. UNESP, 2019.

ROSA, Hartmut. *Alienação e aceleração*: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Petrópolis: Vozes, 2022.

ROSA, Hartmut. *Aceleremos la resonancia!* Entrevista con NathanaelWallenhorst. NED EDICIONES, 2023.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*: resistir à barbárie que se aproxima.São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Porto Alegre: Autêntica, 2021.

CAPÍTULO IV: NO TEMPO E ESPAÇO DAS CATÁSTROFES: REFLEXÃO AOS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E OS RITMOS.[20]

Carlos R. S. Machado

Estamos vivendo, nestes primeiros 25 anos do século XXI, impactos e injustiças decorrentes de problemas sociais (como guerras, crescimento do fascismo e aumento da intolerância religiosa e política) ambientais e climáticos, e isso configura um tempo de catástrofes, de crises e/ou eventos climáticos (Lefebvre, 2009 [1978]; Stengers, 2015; Camargo, 2018; Machado *et al.*, 2020; Shirts, 2022; Pereira e Fraga, 2018; Schmidt *et al.*, 2018) que não são naturais.

Os impactos de tais catástrofes, no entanto, não recaem sobre todos e todas igualmente, assim como os benefícios decorrentes do processo de transformar a natureza pelo trabalho humano (agricultura, indústria, serviços) também não são apropriados e distribuídos igualitariamente.

As riquezas, as terras e os espaços de poder foram apropriados desigualmente no passado em nossas cidades, nos estados e em nosso país, gerando desigualdades estruturais que se refletem no presente. Neste, os recursos e meios diversos são usados para perpetuar situações de injustiça e desigualdades pelos que vêm se beneficiando desse sistema. Isso ocorre através do domínio prático e ideológico, por sofisticados meios de produzir e re-produzir relações sociais (Lefebvre, 1973) em conformidade com valores, atitudes, competências e concepções dos grupos dominantes.

Quando menciono processo de produção e re-produção, enfatizo que não é somente pela justificação nem pelas explicações de ideólogos e funcionários do sistema vigente, ou seja, não é um processo de cima para baixo, de domínio via aparelhos ideológicos do Estado capitalista para convencer as pessoas de que sua condição de dominado, explorado ou discriminado é normal – e a partir disso estabelecer a manutenção sustentável do sistema, justificando-o. Apoiado em Lefebvre, entendo que tais processos são mais complexos e sofisticados para a produção do ser humano (o indivíduo) no

20 Este ensaio foi produzido como parte do projeto de pesquisa do autor, intitulado "O cotidiano na obra de Henri Lefebvre; contribuições à educação para a justiça socioambiental em tempos de catástrofes", apresentado ao edital da Chamada CNPq n. 18/2024, e encaminhado ao PPGEA/FURG, vinculado ao respectivo programa de pós-graduação em 2025.

agir como "empresário de si" (Dardot e Laval, 2016), compelido a pensar como eles (os dominadores, os exploradores e discriminadores) e sonhar a viver como eles[21]. Na atualidade, o agir, o pensar e o viver aceleradamente são itens da ideologia dominante.

> As ideologias correspondem às condições momentâneas da *comunicação* entre os grupos e as classes, e, mais precisamente, da comunicação eficaz; isto é, visando e atingindo tal objetivo, segundo os interesses dos grupos considerados e suas relações de força (Lefebvre, 2005 [1968[22]], p. 25).

Entretanto, quando ocorre um conflito, a "superestrutura" desaba. A falsa harmonia, o pensamento único, o absoluto, a verdade, a ordem sustentável rompem-se. Isso porque os conflitos sociais, ambientais, políticos, entre outros, indicam a existência de problemas na sociedade, e que determinados grupos estão sofrendo e vivendo sob as consequências de catástrofes, injustiças e desigualdades existentes.

Do ponto de vista educativo, o conflito cria uma ruptura momentânea no domínio ideológico produzido como consenso que se re-produz em cada cidade, bairro, entre as pessoas e entre estas e a natureza. Ao irem às ruas, às estradas, ao ocuparem casas, prédios, terras, meios de produção de condições de vida, ao pegarem em armas para superar ou resolver as causas de injustiças e desigualdades – grupos sociais, coletivos, partidos, movimentos, etc. rompem – momentaneamente – o totalitarismo da narrativa hegemônica dos capitalistas e seus funcionários. Nesses momentos, é aberta uma brecha, uma ruptura, nos fundamentos do sistema.

Essa perspectiva vem animando o trabalho de pesquisa, as orientações de TCCs, de dissertações, de teses e supervisões de pós-doutorado, assim como os debates no (e a partir do) Observatório dos Conflitos do Extremo Sul

---

21 Lembrei-me de um filme que apresentei várias vezes em minhas aulas de História, na educação básica, para discutir o capitalismo: – CARPENTER, John (Direção). *They live [Eles vivem]*. Estados Unidos: Alive Films/Universal Pictures, 1988. Filme (94 min). Trata-se de uma ficção científica e sátira social. Um trabalhador desempregado encontra um par de óculos escuros que lhe permite ver a intenção por trás das coisas e desvendar estruturas sociais dominantes. Assim ele descobre que pessoas importantes da vida política e social são alienígenas. Durante sua jornada, o protagonista compreende que os alienígenas espalham mensagens subliminares pelo mundo com o intuito de escravizar a humanidade. As mensagens são: compre, consuma, não questione, obedeça, etc.

22 Os colchetes [...] indicam a data da primeira edição.

do Brasil, sob minha coordenação e de outros colegas. A concepção de ação pedagógica dos conflitos nos impulsiona a agir na produção de uma educação para a justiça ambiental (Acselrad, Mello e Bezerra, 2009; Santos e Machado, 2021[23]) com o intuito de materializarmos a utopia da justiça ambiental com o apoio da educação ambiental[24].

Nos últimos tempos, com a ampliação de catástrofes, começamos a identificar uma aceleração dos ritmos e, portanto, de arritmias nos três elementos referidos anteriormente (ritmos da sociedade; ritmos desta sobre os seres vivos; ritmos dos seres sobre a natureza/meio ambiente). Mediante esses fatos, sejam os conflitos sejam as catástrofes, urge incluir o indivíduo (seu vivido e seu presente) e seus ritmos na reflexão crítica dos fundamentos da educação ambiental em contraposição àqueles impostos pela sociedade capitalista sobre nós e sobre os ritmos da natureza/meio ambiente. Contudo, para além de refletir, é necessário se incluir na ação cotidiana subversiva na produção da educação para a justiça ambiental. E, desde uma educação ambiental que nos possibilite aprender a apreender; de uma pedagogia da apropriação e autogestão de nossos próprios ritmos; da gestão solidária e regenerativa com a natureza física e os demais seres vivos; e coletivamente produzirmos a superação das dominações, explorações e discriminações que a aceleração dos ritmos só faz aumentar.

1. Capitalismo, catástrofes e a aceleração dos ritmos

Alguns autores argumentam que estarmos vivendo tempos de catástrofes (Lefebvre, 2009 [1978]; Stengers, 2015; Camargo, 2018; Machado et. all, 2020); outros se apóiamapoiam na ideia de uma nova era chamada Antropoceno (Latour, 2020) para caracterizar tais fenômenos; há também aqueles que indicam que está ocorrendo uma aceleração da vida, da sociedade, da exploração e da destruição da natureza física (Rosa, 2019 [2005], Pinheiro, 2024, Lopes, 2024, Serafim, 2024). A alteração do clima, que vem causando

23 Trata-se do livro 4 do Observatório dos Conflitos Urbanos e Socioambientais do Extremo Sul do Brasil – Este del Uruguay (Santos e Machado, 2021). Essa obra, assim como as demais, com reflexões do grupo de pesquisa, está disponível em: https://observatorioconflitosextremosul.furg.br./videos/palestras-e-transmissoes-ao-vivo/65-livro-do-observatorio-conflitos-ambientais-e-urbanos-por-uma-educacao-para-a-justica-ambiental-2021. Acesso em: 14 de jul. 2024.

24 Tal reflexão se iniciou em 2015, com o artigo Educação para a justiça ambiental: primeiros passos, publicado na revista *Ambiente e Educação*.

eventos climáticos extremos – aos quais assistimos quase ou todos os dias nos meios de comunicação e nas redes sociais –, é o efeito mais imediato da alteração do clima em nossas vidas, gerado pelas catástrofes decorrentes do sistema-mundo (Wallerstein, 1995; Wallerstein, 2007; Pennaforte, 2011; Fiori, 2018; Bandeira, 2016).

No entanto, teria sido a partir dos últimos quarenta ou cinquenta anos que os processos catastróficos ficaram sem controle (—fato identificado, inclusive, por aqueles que acompanham o aumento das temperaturas do planeta (IPPC,The *International Plant Protection Convention*)—[25]. Cientistas e investigadores ligados à educação ambiental ou ao ecossocialismo afirmam que teria sido nos fins dos anos 1950 ou na década de 1960 que emergiram os primeiros sinais de que a exploração, a destruição e a contaminação da natureza pelos humanos gerariam no futuro catástrofes como as atuais.

Nas últimas décadas, até mesmo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), através dos objetivos do milênio, buscou conscientizar as populações, as comunidades, os governos e as empresas a adquirir práticas sustentáveis e de cuidado com o planeta. É possível inferir, com base nisso, que tais entidades entendem que os problemas e catástrofes ambientais impactam todos e todas da mesma maneira. E disso as soluções devem partir de todas as pessoas, uma vez que somos responsáveis pelo que está acontecendo no planeta.

Contudo, a origem da ruptura socio-metabólica[26] do equilíbrio rítmico entre sociedade e natureza é a civilização capitalista. Sua origem está relacionada às invasões europeias da África, da América e da Ásia (depois de 1472), por meio do saque de riquezas minerais e florestais aliado à exploração de seres humanos (povos originários). Tais saques, roubos, mortes financiaram o "iluminismo", o "renascimento" e a "modernidade" (1700-1800), ao mesmo tempo em que, promoviam a superação do obscurantismo feudal do catolicismo que se perpetuava no continente europeu há mais de mil anos. Tal processo foi chamado de acumulação primitiva por Karl Marx (2013, p.785-834), e está na origem da sociedade capitalista.

25 https://www.ippc.int/en/. Acesso em 6 jul. 2025.

26 O debate da ruptura sociometabólica causada pelo modo de produção capitalista é parte do debate a ser resgatado e discutido em reflexões futuras. Esse tema vem sendo discutido há algumas décadas no campo do marxismo ecossocialista, devido à inclusão da natureza como terceiro na relação capital x trabalho (ver a Fórmula trinitária de Marx) e pela ecologia política. Ver *Revista Margem Esquerda*, n.42, primeiro semestre de 2024, entrevista com John Bellamy Foster (Foster, 2024), e artigos de Michael Löwy, dentre outros (Löwy, 2005; Quijano, 2011).

Com as revoluções burguesas (1640, na Inglaterra; 1773, na colônia inglesa chamada atualmente de Estados Unidos da América; 1789, na França), tal sistema se consolida como dominante a partir do século XIX[27]. E, apesar de ter gerado duas guerras mundiais no século XX, ter se militarizado e se tornado totalitário no fascismo e no nazismo, apesar de estar criando pandemias, catástrofes climáticas, desigualdades e injustiças, persiste como dominante. E isso apesar de alternativas como a revolução russa (1917), as revoltas, as greves e os levantes populares e socialistas (anos 1930), apesar da revolução chinesa (1949), da revolução cubana (1959), dentre outras nos anos 1960 e 1970, e além do maio de 1968, dos levantes estudantis e de trabalhadores e trabalhadoras.

Diria que, nos anos 1970, em contrapartida a tais contestações, os capitalistas retomam a iniciativa com a ofensiva contra o Estado de bem-estar criado logo após a Segunda Guerra Mundial, em contenção ao socialismo que crescia. No início da década seguinte, no Brasil pós 24 de anos de ditadura militar capitalista, focam na apropriação das empresas estatais criadas com recursos públicos. No mundo, começa a se desenvolver um novo modo de acumulação que David Harvey (1992) chamou de "flexível". Tal processo foi possível, e potencializado, devido à criação de organismos internacionais que passaram a gerir – e ainda gerem – o "bem-estar do sistema mundial" financeirizado, que emergiu nos anos 1970 e ampliou o poder nos 1980, dominando tudo e todos (seres, natureza, pensamentos).

Predomina, ainda, como centro do domínio global, a hegemonia estadunidense e aliados capitalistas, devido à história pregressa de construção de meios e condições de domínio global, seja pelo próprio Estados Unidos da América, seja pelo G7[28], composto de países satélites, dependentes, servis aos EUA); mas também, devido à manutenção de bases militares (Chalmers,

---

27 Os camponeses, os trabalhadores, os pobres, os deserdados que serviram de força e apoio às revoluções contra os reis e à igreja católica foram deixados fora da "utopia" que tornava realidade através do sistema emergente no século XIX – o capitalismo. Contudo, cedo se levantam, como, por exemplo, aqueles que, logo após o manifesto comunista, em 1848, criaram a comuna, em 1871, revoluções, levantes populares e auto-gestionários, etc. Em cada país, região e cidade são possíveis encontrar exemplos de rebeldia, de conflitos contra as injustiças e as desigualdades, e todos esses acontecimentos criaram rupturas, brechas, suspensão momentânea da dominação e *insigts* de liberdade e de emancipação. Algumas vitoriosas, outras parciais, mas os seus efeitos nunca desapareceram nem desaparecerão.

28 O G7, ou Grupo dos Sete, é um fórum político e econômico que reúne os líderes de sete das maiores economias do mundo: Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos.

2007)[29] e serviços de dominação cibernética via *big techs*[30](Ramonet, 2016; Snowden, 2019), pelos organismos internacionais,[31] pelos meios de comunicação tradicionais, que buscam manter a harmonia entre os dominados, explorados e injustiçados.

Atualmente, se o sistema capitalista ainda domina o espaço mundial e global, não sem contradições nem conflitos, já que a ascensão da China e do BRICs,[32] amplia o questionamento da ordem dominante sob a hegemonia do dólar e dos EUA. E disso, a encruzilhada em que vivemos no sistema geopolítico global: a manutenção da atual ordem socioeconômica e política, e, portanto, o possível fim da vida sob a face da terra; ou, ao contrário, a criação de uma nova ordem mundial multipolar com novos Organismos Internacionais para produzir o fim da dominação, da exploração e das discriminações de tudo e de todos e todas.

Todavia, assim como o conflito causa uma ruptura da dominação ideológica e prática, as catástrofes atuais estão a anunciar a ruptura nas explicações de que tais eventos extremos são naturais. , ou causados pela natureza. Por exemplo, os impactos da catástrofe climática que aconteceu no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, capital, e na região do extremo-sul, na cidade do Rio Grande (onde moro e vivo, estudo, trabalho, luto) evidenciaram tal ruptura, momentânea, e o quão o governo e os demais órgãos municipais estão despreparados na mitigação, preparação e adaptação da cidade e da população para eventos climáticos extremos (Gautério, Machado e Rodrigues, 2024).

Tal interpretação – de uma ordem longínqua, conforme diria Henri Lefebvre – impacta, domina e se impõe como realidade concebida sobre o cotidiano, sobre as pessoas, sobre o que pensam e como agem no dia a dia. E é

29 "Meio milhão de soldados, espiões, técnicos, instrutores, dependentes e construtores civis, bem como dezenas de forças-tarefas de porta-aviões navegando por remotos mares e oceanos" (Chalmers, 2007, p.7). Em setembro de 2001, o "departamento de defesa admitiu a existência de 725 bases militares americanas fora do país" (Chalmers, 2007, p.11).

30 Empresas de grande porte que dominam o mercado de tecnologia e inovação, impactando significativamente a economia e a vida das pessoas em todo o planeta.

31 Segundo Kristalina Georgieva, "o plano de Javier Milei é positivo por atacar "todas as frentes" dos problemas enfrentados pela Argentina, mas ela disse que o país precisa proteger a população mais pobre". JORNAL *Valor Econômico*, São Paulo, 16 jan. 2024. Disponível em: https://valor.globo.com/mundo/noticia/2024/01/16/diretora-do-fmi-elogia-programa-de-milei-mas-pede-foco-nos-mais-vulnerveis.ghtml. Acesso em: 14 abr. 2024.

32 Sobre o Brics, ver história, países que compõem e seus objetivos em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/cupulas-do-brics/reuniao-do-brics-2023/historia-do-brics. Acesso em 8 mar. 2024.

nesse cotidiano, no vivido, com base nos problemas e nos conflitos, que estou buscando refletir sobre os ritmos.

2. Dos ritmos das catástrofes ao do cotidiano

Parto de um ponto de vista, um lugar, uma cidade (local de trabalho, de luta), ou seja, desde o meu vivido e de como concebo as coisas, as relações entre e com outros/outras e o ambiente natural e demais seres vivos para criar o conteúdo das reflexões aqui expostas. Esse exercício se configura na tentativa de me apropriar da ritmanálise ao mesmo tempo em que analiso a realidade social e natural desde a teoria dos ritmos de Henri Lefebvre.

Recentemente, a ritmanálise foi publicizada em Portugal por Rodrigo Sobral Cunha (2010), numa reflexão com perspectiva criacionista da tradução de partes do livro de Bachelard (dialética do tempo/duração, 1994), e por Pedro Baptista (2010), que detalhou as peripécias de seu criador - Lucio Pinheiro dos Santos - e sua produção em artigos, cartas, documentos, além da tradução completa do texto de Bachelard (1994) que resenha o livro de Pinheiro dos Santos. Na França, além de Clare Revol (2019; 2021), Rémi Hess (2000, 2007) e Pascal MPichon[33] vêm estudando os ritmos. No Brasil, Flávia Martins e Michel Moreaux traduziram o livro *Elementos de ritmanálise* (Lefebvre, 2021), que já vinha sendo lido e discutido por grupos de estudos e pesquisas[34].

A perspectiva que nos guia é a de Henri Lefebvre em seu livro sobre ritmanálise, publicado em 1992 por Catherine Regulier. Nesse livro, Lefebvre resgata as contribuições de Pinheiro dos Santos e Bachelard e vai além. Em minha opinião, Lefebvre buscou incorporar nas reflexões sobre os ritmos do/no vivido dos concebidos que veio produzindo ao longo de suas obras, tentando interligar o ser/corpo/subjetividade com e na sociedade, bem como tenta estabelecer a conexão do ser/corpo/subjetividade e sociedade com a natureza/cosmos. No entanto, não constituindo apenas uma reflexão, uma teoria, um concebido, mas incluindo o ser em seus ritmos no agir da trialética relacional conflitiva (ser/sociedade/natureza)[35]em seus conflitos e contradições

33 Pascal Michon fez, em 2019, uma descrição densa e importante que resgatarei nas reflexões de minha pesquisa. Mais informações em: https://www.rhuthmos.eu/spip.php?auteur2, acesso em 5 jul. 2025.

34 Clare Revol desenvolveu uma tese e reflexões sobre os ritmos a partir de Lefebvre; Rémi Hess vem traduzindo e refletindo sobre a produção de Lefebvre em prefácios e apresentações de livros do autor.

35 Estudiosos do tema ritmos em Lefebvre afirmam que, desde os anos 1960, há indícios em suas obras do tema dos ritmos, com mais concentração nos anos 1970. Na tradução brasileira de 2021, isso pode ser evidenciado pelos artigos incluídos: O projeto ritmanalítico, de 1988; A reflexão sobre as cidades mediterrâneas, de 1986. Vale pensar que um homem de 86/88 anos, portanto um idoso, que

do/no capitalismo.

O tema dos ritmos, conforme Claire Revol (2019, 2021) é parte de um "projeto lefebvriano mais em longo prazo" sobre o cotidiano, e, portanto, seria o quarto volume das três obras anteriores de Henri Lefebvre (1947 [1958]; 1961; 1981). Tanto Lefebvre como Bachelard reconhecem ser Lúcio Pinheiro dos Santos o criador da teoria dos ritmos. No entanto, Lefebvre difere de Bachelard ao considerar "o agenciamento da trama rítmica que separa e relaciona os indivíduos nos tempos e espaços sociais [...] [e que] a intervenção sobre esta trama rítmica pode dar suporte aos esforços de apropriação dos espaços sociais e dos tempos sociais." (Revol, 2021, p.34). Ou seja, ele está propondo não somente pensar e identificar os ritmos, mas intervir – enquanto ser em seu vivido – na trama rítmica como parte da apropriação das relações sociais e na produção da obra – da nossa obra, individual e coletiva (Lefebvre, 1983 [1980]).

No capítulo 1 do livro *Elementos de ritmanálise*, intitulado "A crítica da coisa", o autor diz que o estudo dos ritmos pode ser realizado de duas maneiras: 1) podem ser estudados e comparado os ritmos dos corpos, vivos ou não, nesse caso próximo da prática – eu diria desde o vivido, do cotidiano, desde os ritmos do corpo daquele que o/a analisa, que o estuda, ou seja, do/da ritmanalista; 2) a segunda maneira consiste em partir dos conceitos. Na primeira abordagem, parte-se do concreto; na segunda, do abstrato. Contudo, as duas maneiras, não são excludentes, mas se completam, segundo Lefebvre, complementando: "Aqui, seguiremos o segundo, mais filosófico, com seus riscos: a especulação em lugar da análise, o arbitrário *subjetivo* em lugar dos fatos. Com muita atenção e precauções, avança-se esclarecendo o caminho." (Lefebvre, 2021, p. 55).

Mas o que seria o ritmo? O ritmo aqui tratado não é igual a movimento, velocidade, encadeamento de gestos ou de objetos (máquinas, por exemplo); não é um ritmo mecânico– "Há uma tendência de se atribuir aos ritmos uma feição *mecânica*, deixando de lado o aspecto *orgânico* dos movimentos ritmados." (Lefebvre,2021, p. 56. Grifos no original). Ele cita como exemplos de ritmo "mecânico" a sequência dos compassos (músicos), os historiadores e economistas, com períodos, etapas, ciclos, épocas, ou os ritmos da ginástica, com sucessão de gestos. Perspectivas que "[...] tendem

estava lutando teórica e reflexivamente em seu vivido contra o capitalismo e buscando superá-lo.

a só ver neles os efeitos das *leis* impessoais, sem relações coerentes[36] com os *atores*, as ideias, as realidades" (Lefebvre, 2021, p. 56. Grifos no original).

> [...]. Não existe ritmo sem repetição no tempo e no espaço, sem *reprises,* sem retornos, isto é, sem medida[37]. Mas não há repetição absoluta, idêntica, indefinidamente. Decorre disso a relação entre repetição e a diferença. Que se trate do cotidiano, dos ritos, das cerimônias e das festas, das regras e das leis, há sempre algo de imprevisto, algo novo que se introduz no repetitivo: uma diferença. (Lefebvre, 2021 p. 56).

Neste ponto, recordo a teoria dos resíduos, uma reflexão que fiz sobre o tema com Bruno Morais e Carlos R. S. Machado (2016)[38], mas, também, outra realizada por William Soto (2016; 2021). De acordo com essas reflexões, os resíduos e as diferenças[39] teriam um papel importante contra o domínio do único e do absoluto. Os resíduos que vicejam no vivido, na prática, nos cotidianos dos processos de trabalho e nos espaços da sociedade mais ampla advêm das contradições e dos conflitos gerados nas relações entre os humanos e a natureza, daquilo que chamamos de "materialidade relacional conflitiva". Se os conflitos e as catástrofes são os momentos de ruptura, os resíduos e as diferenças abrem "outra brecha", que poderia ser aproveitada subversivamente.

Aqui envolve mais concretamente o papel e a ação do ser em suas ações e decisões sobre de que lado vai estar, em que lado vai se posicionar. Isso porque, se o sistema capitalista se impõe através da produção e da reprodução das relações sociais e do concebido sobre o vivido, tal imposição não é absoluta. No momento em que isso ocorre como *presença* – no momento do conflito, no momento da catástrofe –, cada indivíduo é provocado a se posicionar em um dos lados do conflito (dos injustiçados ou dos causadores),

36 Questão: De que coerência Lefebvre está falando?

37 Nota dos tradutores do texto citado: "Em francês, a palavra *mesure* significa, ao mesmo tempo, medida e compasso. Ora optamos por medida, ora optamos por compasso, dependendo do contexto." (Lefebvre, 2021, p. 56, nota de rodapé 1.).

38 Ver artigo dos autores em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/9246, acesso 5 jul. 2025.

39 Lefebvre escreveu um pequeno livro em inícios dos anos 1970 intitulado *Manifesto Diferencialista*. Está disponível em: https://blogdaconsequencia.wordpress.com/2018/11/30/por-que-este-manifesto-diferencialista-1970. Acesso em: 5 ago. 2025.

assim como as origens e impactos das catástrofes. Ao assumirmos o lado, ou ao estarmos entre os injustiçados, os dominados e os discriminados, podemos como sujeitos em conexão com outros indivíduos, ampliar a luta contra os ritmos impostos pelo capitalismo. Ao mesmo tempo, ao nos apropriar de nosso ritmo individual, podemos potencializar a nossa defesa da natureza física, de sua proteção e cuidados dela e dos demais seres vivos neste planeta.

3. Considerações finais

As catástrofes ocuparam todos os espaços (mundial, das cidades e das e nas relações entre as pessoas) e, no tempo presente, são geradas de forma avassaladora, impactando as populações de diferentes formas. As catástrofes são arritmias do sistema capitalista e se manifestam como eventos extremos, alteração do clima, via injustiças, doenças e pandemias (como covid-19, ebola, Zika-vírus), mas também, como precarização generalizada dos trabalhadores e das trabalhadoras (Machado, 2022), a desigualdade absurda na apropriação da riqueza mundial, causando a fome e as misérias (Farina e Machado, 2024),o aumento do racismo (Silva, 2023), o adoecimento (Furlong, 2024), bem como as guerras híbridas (Korybko, 2018; Freitas, 2019; Leirner, 2020), etc. Todos esses eventos são decorrentes da aceleração capitalista a partir dos anos 1970, com a financeirização. Do ponto de vista ambiental, depois do uso da energia nuclear a partir da Segunda Guerra Mundial, pelos Estados Unidos, houve um momento de ruptura rítmica e destrutiva (Foster, 2024) que vem sendo chamado de antropoceno e de outras denominações.

O antropoceno decorreu da imposição do ritmo capitalista sobre a sociedade, sobre o ritmo da natureza e sobre os ritmos humanos (mentais e corporais) iniciado após as "revoluções burguesas" nos séculos XVIII e potencializado nos séculos XIX e XX. As catástrofes sociais, ambientais e climáticas em que estamos vivendo decorrem desse processo, iniciado há 250 anos. Mas os impactos e as consequências de tais catástrofes não atingem todos nem todas da mesma forma; há aqueles que se beneficiam dessas catástrofes ou até mesmo ganham dinheiro com a desgraça das pessoas menos favorecidas economicamente, social e politicamente. É o modo de produzir, explorar e destruir a natureza e os trabalhadores e trabalhadoras que está gerando as catástrofes.

Por fim, visando conectar a ideia dos ritmos aos três elementos citados, ou seja, o *ser, a natureza e a sociedade*, diria que: **o ser humano** é impactado

pela aceleração dos ritmos, seja pelos processos produtivos flexíveis, seja pela destruição ambiental e pelas catástrofes climáticas, etc. Tais processos concretizaram o que, teoricamente, Henri Lefebvre identificou nos anos 1960 e inícios de 1970, de que o capitalismo passaria a focar na "produção e re-produção" das relações sociais de produção em todos os espaços da sociedade. E de que, diria, impedindo que as populações, diante das desgraças generalizadas, se levantem para alterar situações, contextos e o sistema. O ponto a ser observado é que a indução gerada nesse processo de produzir e re-produzir o sistema cultural dos capitalistas e seus funcionários desde os anos 1960/1970, estaria predominando no âmbito individual.

A **sociedade** também teve seu ritmo acelerado pela indução do sistema vigente na produção de mercadorias. A mercadoria e o valor de troca ocuparam todos os espaços das relações entre os seres, com a natureza e nas formas de pensar e viver, mas principalmente subordinaram as sociedades e a vida cotidiana aos processos financeiros e criaram uma desconexão entre a riqueza material construída (concreta, existente) e a riqueza fictícia de "papeis". As cidades (Acselrad, 2009; Carlos, Volochko e Alvarez, 2015; Arantes, Vainer e Maricato, 2009) tiveram seus ritmos acelerados devido ao domínio abusivo de meios de transporte altamente poluidores, por eventos financeiros e especulativos (Summits[40], do turismo predatório[41], etc.), por guerras (Afeganistão, Iraque, Líbia, Síria, Ucrânia, Palestina, etc.) e guerrilhas urbanas promovidas por milícias e traficantes (África, América do Sul, Equador, EUA, etc.) em disputa por riquezas, territórios, etc. E a **natureza**, aqui como o ambiente físico e natural (as florestas, mares, terras, etc.) está sendo explorada, destruída e contaminada de forma avassaladora para produzir mercadorias. As estações do ano estão sendo alteradas, assim como os ecossistemas estão prejudicados na sustentabilidade da vida e em sua regeneração.

Enfim, o ritmo vivido pelos indivíduos tem influência do ritmo da sociedade realmente existente – o capitalismo – e da natureza externa (física ou natural). Pensar ritmicamente, ou ritmanalizar, significa, então, inverter o processo e partir do vivido, do cotidiano, "desde a materialidade real e

---

40 Ver: https://portuguese.stackexchange.com/questions/9718/por-que-motivo-se-passou-a-usar-muito-a-palavra-summit-em-portugu%C3%AAs. Acesso em 14 jun. 2024.

41 Ver: https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/entenda-diferenca-entre-turismo-predatorio-e-ecoturismo/. Acesso em: 14 jun. 2024.

conflitiva" no pensar e no agir, incluindo-se no processo e no conteúdo desses ritmos interconectados dialeticamente em conflitos permanentes e contradições.

Espero que tais temas – do indivíduo, do cotidiano e dos ritmos – sejam incluídos nas reflexões da e para uma educação para a justiça ambiental. De minha parte, ao buscar viver tendo os ritmos em consideração, ou mais diretamente, produzir-me como ritmanalista de meu próprio ritmo, autogerido em conflito com aquele imposto pelo capitalismo, e da natureza onde viverei em cada momento desde o ano de 2025. A pesquisa do projeto referido ao início focará em determinados momentos, em determinadas cidades, seus estudos empíricos. Nesses momentos, aquele que escreve este ensaio se incluirá no conteúdo das reflexões, percebidas no processo de produção reflexiva da e na pesquisa, interconectado tanto com a sociedade quanto com a natureza nos momentos de sua realização.

Referências Bibliográficas

ACSELRAD, Henri (org.). *A duração das cidades*: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. *O que é justiça ambiental*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. 5ª ed. (1. ed. 2000). Petrópolis: Vozes, 2009.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. Tradução de Marcelo Coelho. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 135?p. [Traduzido de: *La dialectique de ladurée*, 1936].

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A desordem mundial*: o espectro da total dominação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BAPTISTA, Pedro. *O filósofo fantasma*: Lúcio Pinheiro dos Santos. Sintra: Zéfiro, 2010.

CAMARGO, João. *Manual de combate às alterações climáticas*. Lisboa: Parsifal, 2018.

CARLOS, Ana Fani; VOLOCHKO, Danilo e ALVAREZ, Isabel Pinto (org.). *A cidade como negócio*. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Rodrigo Sobral. *O essencial sobre ritmanálise*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2010.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FARINA, Sinval; Machado, Carlos R. S, Fome, distribuição de alimentos e educação: contribuição ao processo educativo na superação da injustiça alimentar no Brasil. *Revista NORUS* (UFPel), v. 12, n. 22, p. 153-178, ago.-dez. 2024. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/28606. Acesso em: 1 jul. 2025.

FIORI, José Luis (org.). *Sobre a guerra*. Petrópolis: Vozes, 2018.

FOSTER, John Bellamy. Entrevista concedida a Michael Löwy, Maria Orlanda Pinassi e Fabio Mascaro Querido. *Revista Margem Esquerda*, n. 42, p. 5–15, jan./jun. 2024. São Paulo: Boitempo, 2024.

FREITAS, Ilton. *Guerra híbrida contra o Brazil*. Porto Alegre: Liquidbook, 2019.

FURLONG, Ana. *Aportes da psicologia na educação para a justiça ambiental frente à crise climática*: a enchente de 2024 no RS e o caso de Rio Grande. [Projeto de tese]. Rio Grande: PPGEA/FURG, 2024.

GAUTÉRIO, Daiane Teixeira; MACHADO, Carlos Roberto da Silva; RODRIGUES, Jean Carlos Souza. La Relación Educativa/Ambiental y de Desarrollo Presente en las Campañas Municipales de Río Grande: Reflexiones Críticas 2020–2024. Trabalhoapresentado como resumo expandido no II Seminário Brasil/FURG e Cuba/Universidad Marta Abreu de Las Villas e completo no evento realizado no IV Taller.

LEIRNER, Piero C. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida*: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Alameda, 2020.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. (Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves) São Paulo: Loyola, 1992.

HESS, Rémi. Henri Lefebvre et la pensée de le l'espace. In. LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974].

JOHNSON, Chalmers. *As aflições do império*: *militarismo, operações secretas e o fim da república*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KORYBKO, Andrew. *Guerras híbridas*: *das revoluções coloridas aos golpes*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia*: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. (Tradução de Maryalua Meyer; revisão técnica de André Magnelli) São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu editora/Ateliê de Humanidades, 2020.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la viequotidienne*: fondementsd'unesociologie de la quotidienneté. Vol.?II. Paris: L'ArcheÉditeur, 1961.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la viequotidienne*: de la modernitéaumodernisme (pour une métaphilosophie du quotidien). Vol. III. Paris: L'ArcheÉditeur, 1981.

LEFEBVRE, Henri. Da teoria das crises à teoria das catástrofes. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 13, n. 1, p.138-152, 2009. (Tradução de Anselmo Alfredo, Carolina Massuia de Paula e Thomas Ficarelli de excerto da obra: LEFEBVRE, Henri. *De l'État: Lescontradictions de l'Étatmoderne* (tomo IV de Del'État). Paris: Union générale d'éditions, 1978.) Disponível em: https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74117. Acesso em: 1 jul. 2025.

LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse et autresessaissurlestemporalités*. Paris: Eterotopia/ Rhizome, 2019. (Comprende textos originalmente publicados em 1992, incluindo "Introduction à laconnaissancedesrythmes" e ensaios adicionais.)

LEFEBVRE, Henri**.** *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Tradução de Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

LEFEBVRE, Henri. Introducción a la crítica cotidiana. In: LEFEBVRE, Henri. *El marxismo sin mitos*. Vol. I. Buenos Aires: Editorial A Pena LILLO, 1967 (1. ed. 1947; reed. 1958).

LEFEBVRE, Henri.*La presencia y la ausencia* – contribución a la teoría de las representaciones. México: Fundo de Cultura Económica, 1983.

LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing, 2013 [1974].

LEFEBVRE, Henri. Psicologia das classes sociais. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 37, p. 21-41, 2005. (Tradução de Ana Cristina Nasser da obra:LEFEBVRE, Henri. *Traité de sociologie II*, sob direção de Georges Gurvitch, PUF, Paris, 1968).

LEFEBVRE, Henri. A re-produção das relações sociais. Porto: Scorpião, 1973. (tradução de capítulo da obra: LEFEBVRE, Henri.*La survieducapitalisme: lareproductiondesrapports de production*. 3.?éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 1973.).

LOPES, Raizza. *Os ritmos e a ritmanálise no tempo das catástrofes e da aceleração da vida*: contribuições aos fundamentos da educação ambiental para a justiça socioambiental. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, 2024. Projeto de tese de doutorado em andamento.

LÖWY, Michael. *O que é o ecossocialismo?*. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, Tainara Fernandes. A precariedade e a classe trabalhadora: retratos sociológicos de jovens adultos com percursos precarizados no Brasil e em Portugal. Porto: FLUP/ Porto, Departamento de sociologia, 2022.Tese (Doutorado em Sociologia) Disponível em: https://hdl.handle.net/10216/148419. Acesso em: 9 mar. 2025.

MACHADO, Carlos R. S.; MACHADO, Tainara F.; TORTELLI, Guilherme; CAMARGO, João. *Ação dos oprimidos contra o vírus capitalista*: reflexões desde o vivido. São Paulo: Lutas Anticapital, 2020.

MARX, Karl. *O capital*: crítica da economia política. Livro I: *O Processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

PENNAFORTE, Charles. *Análise dos sistemas-mundo*: uma pequena introdução ao pensamento de Immanuel Wallerstein. Rio de Janeiro: Cenegri, 2011.

PEREIRA, Cristovão; FRAGA, Maria da Glória. *(In) justiça global. Lisboa*: o imperativo da mudança para um mundo melhor. Lisboa: Colibri, 2018.

PINHEIRO, Samuel Lopes. *Ritmos do Antropoceno e mudanças paradigmáticas em Educação Ambiental no Brasil e na França*. FURG/PPGEA (Brasil) e UniversitéCatholique de l'Ouest – UCO (França), 2024. Projeto de pesquisa de pós-doutorado em andamento, com financiamento MCTI/CNPq (chamada 16/2024, vigência 2025-2026).

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina, In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber*: eurocentrismo y ciencias sociales – perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Ciccus/Clacso, 2011.

RAMONET, Ignácio. *El Imperio de la vigilancia: nadie está a salvo de la red global de espionaje*. Madrid: Clave Intelectual, 2016.

REVOL, Claire. Prefácio à edição francesa. In: LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 25-46.

REVOL, Claire. Préface. In: LEFEBVRE, H**.** *Éléments de rythmanalyse et autresessaissurlestemporalités*. Paris: Eterotopie, 2019.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. Tradução de Rafael H. Silveira; revisão técnica de João Lucas Tziminadis. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

SANTOS, Caio Floriano dos; MACHADO, Carlos R. S. (orgs). Conflitos ambientais e urbanos: por uma educação para a justiça ambiental. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2021. Disponível em: https://observatorioconflitosextremosul.furg.br/images/Miolo_Conflitos-Ambientais-e-Urbanos-Final.pdf. Acesso em: 2 jul. 2025.

SCHMIDT, Luísa *et al*. *Sustentabilidade*: primeiro grande inquérito em Portugal. Lisboa: UNIV Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (coleção Observatórios ICS, n.? 6), maio 2018. 1 Disponível em: http://hdl.handle.net/10451/35134. Acesso em: 1 jul. 2025.

SERAFIM, Guilherme dos Santos. *As enchentes de maio de 2024 e 1941 na cidade do Rio Grande*: um olhar histórico do presente para o passado através de uma educação para a justiça ambiental. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, 2024. Projeto de tese de doutorado em andamento.

SHIRTS, Matthew; GREENPEACE BRASIL. *Emergência climática*: o aquecimento global, o ativismo jovem e a luta por um mundo melhor. São Paulo: Claro Enigma, 2022.

SILVA, Alexandre Silva da. RACISMO ESTRUTURAL E AMBIENTAL NA CIDADE DE RIO GRANDE-RS: AS RAÍZES E FUNDAMENTOS DA INJUSTIÇA AMBIENTAL. Rio Grande: PPGEA/FURG, 2023. Projeto de tese em desenvolvimento.

SNOWDEN, Edward. *Eterna vigilância*: como montei e desvendei o maior sistema de espionagem do mundo. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

SOTO, William H. G. *Una sociología de los resíduos*: una nálisis de la perspectiva teórica y metodológica de José de Souza Martins.*Sociedade e Estado*, Brasília, v.?31, Supl. espec., p.?1051–1070, 2016. Disponível em: https://www.periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6230. Acesso em: 2 jul. 2025. (III Congreso Uruguayo de Sociología "Nuevos escenarios sociales: desafíos para la sociología", Montevideu/Uruguay.2015.)

SOTO, William H. G. La teoria de los resíduos de Henri Lefebvre. Texto apresentado no evento *Henri Lefebvre y la produción del espacio*: entramados de resistencia al capitalismo, Montevidéu, Uruguai, maio 2021.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*: resistir à barbárie que se aproxima. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu*: a retórica do poder. (Tradução de Maria Beatriz de Medina) São Paulo: Boitempo, 2007.

CAPÍTULO V: RITMANÁLISE DE LEFEBVRE E NOÇÃO DE AFETO: CAMINHOS DE APROPRIAÇÃO A PARTIR DA GEOGRAFIA ANGLO-SAXÔNICA

Michel Moreaux

O intuito desta contribuição é relacionar a ritmanálise de Lefebvre (1992, 2021) com a noção de afeto, que foi muito ressaltada pelos geógrafos anglo-saxônicos das chamadas teorias não-representacionais, tão bem apresentadas por Paiva (2017). Revol (2012, 2015) apresenta detalhadamente o sucesso que o pensamento de Lefebvre teve nos *urban studies* anglo-saxônicos a partir dos anos 1970.

Num primeiro momento, este artigo levanta alguns caminhos de apropriação da ritmanálise de Lefebvre que foram trilhados na geografia anglo-saxônica. Em seguida, serão expostos alguns temas que a ritmanálise possibilitou retrabalhar com base nas teorias não-representacionais, por intermédio de autores que leram a obra de Lefebvre com atenção, mas propuseram outros caminhos de pesquisa e uso de novos conceitos, como a noção de afeto.

1. Caminhos de apropriação da ritmanálise de Lefebvre na Geografia anglo-saxônica

Revol (2012) apresenta detalhadamente o sucesso que o pensamento de Lefebvre teve nos *urban studies* anglo-saxônicos a partir dos anos 1970 e, sobretudo, a partir das geografias pós-modernas e do *spatial turn* que estas celebraram já no final dos anos 1980 – fatos que explicam o sucesso da tradução do livro *Produção do espaço*, publicada em 1991. Nessa perspectiva, David Harvey foi um dos pensadores marxistas que dialogou diversas vezes com o pensamento de Lefebvre, desde o *Social justice and the city* (Harvey, 1973) até *Rebel cities* (Harvey, 2012). Por sua vez, Edward Soja (1989) foi um autor que popularizou certos escritos de Lefebvre acerca do urbano ao longo dos anos 1980, embora muitos concordem, como Schmid (2008), que ele interpretou de forma bastante específica o sentido da dialética de Lefebvre, assim como se apropriou de maneira singular de sua tríade percebido-concebido-vivido.

Mais recentemente, vários livros e coletâneas foram publicados destacando os aportes do pensamento de Lefebvre para questões que abordam o espaço e o cotidiano (Goonewardena *et al.*, 2008; Shields, 1999; Merrifield, 2006). Revol (2012, p.110) cita o livro *Writing on cities* (Kofman e Lebas, 1996), que apresenta, entre outras coisas, o capítulo "Visto da Janela", da obra *Élémentsde ritmanálise*, e o "Ensaio de ritmanálise das cidades mediterrâneas" (Lefebvre e Regulier, 1986). Revol (2012) explica que esse recorte da obra de Lefebvre permitiu dar ênfase aos aspectos temporais do pensamento desse autor que tinham sido pouco percebidos pela leitura pós-moderna:

A ritmanálise ressalta dimensões que não foram muito abordadas, em particular a influência de Nietzsche sobre o pensamento de Lefebvre, bem como sua reflexão sobre o corpo e a experiência vivida da cidade. As editoras do livro, Eleonore Kofman e Elizabeth Lebas, explicam, na introdução, as escolhas que guiaram a transposição da obra. A ritmanálise, portanto, está, no conjunto dos escritos de Lefebvre sobre a cidade, num lugar que não teria sido ocupado caso os textos tivessem sido selecionados em outro contexto, no âmbito da geografia radical, por exemplo. Certamente, isso resulta também de uma tradição humanista nos estudos urbanos, herdada dos pensadores dos anos 1960 nos Estados Unidos, como Jane Jacobs, que ainda é muito influente: os leitores anglo-saxônicos são sensíveis ao projeto ritmanalítico, que permite experimentar o dinamismo da rua. Isso abre campos de investigação interessantes, que estão em defasagem se comparados a uma leitura mais tradicional dos aportes do pensamento de Henri Lefebvre dentro dos estudos urbanos (Revol, 2012, p. 111).

O livro *Éléments de rythmanalyse* foi finalmente traduzido na íntegra em 2004, por Stuart Elden e Gerald Moore. A introdução, escrita por Elden, ressalta para o leitor anglo-saxônico o interesse que subjaz esse livro:

> É um trabalho que mostra por que Lefebvre foi um dos mais importantes pensadores marxistas do século XX, mas, ao mesmo tempo, ilustra como o seu trabalho criticou e foi além desse paradigma, incorporando intuições de outros tipos numa mistura inebriante de ideias, ilustrações e análises. Na análise dos ritmos biológicos, psicológicos e sociais, Lefebvre mostra a inter-relação no entendimento do espaço e do tempo para a compreensão da vida cotidiana. Esse tema de espaço e tempo é importante, pois, talvez

> antes de mais nada, Lefebvre mostra o quanto eles precisam ser pensados juntos, ao invés de separados. Para a audiência de língua inglesa que se interessa pelo seu trabalho, apresenta o quanto uma concepção não linear do tempo e da história equilibra o seu famoso pensamento inovador relativo à questão do espaço (Elden, 2004, p. VII. Tradução nossa).

Portanto, Elden ressalta o reequilíbrio necessário em relação às leituras que foram feitas acerca da produção do espaço. Destaca o quanto esse livro pode contribuir para os estudos culturais e como foi a oportunidade, para Lefebvre, de retrabalhar temas que estavam presentes em livros anteriores, permitindo-o tratar, de maneira privilegiada, a questão do cotidiano.

O livro *Geography of rythms: nature, place, mobilities and bodies*, organizado pelo geógrafo Tim Edensor (2010), foi o primeiro que identifiquei com foco exclusivo numa "geografia dos ritmos". Embora o autor logo declare, na introdução, que o livro *Rythmanalysis*, de Lefebvre, publicado em 2004 em língua inglesa, foi o pontapé inicial das múltiplas contribuições que compõem a coletânea, Edensor anuncia que se trata, de modo mais abrangente, de uma reflexão sobre "como os ritmos moldam a experiência humana no espaço-tempo e permeiam a vida cotidiana e os lugares" (2010, p. 1). De fato, apesar de todos os autores dessa coletânea citarem Henri Lefebvre, cada um apresenta uma pesquisa que se apropria do conceito de ritmo no seu próprio campo empírico, o que os conduz a formular ou aprofundar outros conceitos. Assim, esses diferentes autores abordam a improvisação, a síncope, a dialética entre repetição e diferença, a temporalidade do lugar, a arritmia, a polirritmia, entre outros conceitos.

O livro *Geography of rythms: nature, place, mobilities and bodies,* é composto de cinco partes "temáticas", intituladas respectivamente: Parte 1: "Poder e ritmos do lugar"; Parte 2: "Ritmos de resistência"; Parte 3: "Ritmos da mobilidade"; Parte 4: "Adestramento e corpos"; Parte 5: "Ritmos e sócio-naturezas".

A introdução, escrita por Edensor, sintetiza todas essas abordagens, prestando homenagem ao livro de Lefebvre, mas construindo uma proposta diferenciada de geografia dos ritmos que junta as contribuições de outros autores, apoiando-se nos estudos de campo. O autor constrói um raciocínio que mostra as múltiplas facetas e possibilidades de aplicação do estudo dos ritmos para diversas problemáticas, visando abordar as mudanças urbanas

contemporâneas. Nesse âmbito, aborda a dialética que marca o cotidiano, visto que existem inúmeras possibilidades de controle, através de determinadas tecnologias e do "adestramento" dos corpos, mas os autores ressaltam também as possiblidades de existência/permanência de certas práticas que desafiam as lógicas dominantes impostas aos corpos – ou de resistência a elas.

Mostrou-se importante, ao sintetizar esta apresentação da ritmanálise no Brasil, delinear como a tradução inglesa colaborou para a disseminação dessa obra de Lefebvre nas ciências sociais, o que me levou a estudá-la, de maneira mais aprofundada, com foco nos ritmos, nas temporalidades urbanas e na produção do tempo social. No intuito de justificar de que maneira certas reflexões levantadas por Lefebvre ecoaram na geografia, aqui focarei na apropriação das discussões acerca dos ritmos urbanos por uma constelação de autores ingleses pertencentes às chamadas teorias não-representacionais. Além da forte referência à obra de Lefebvre, eles realizaram críticas e envolveram outros autores na discussão sobre os ritmos, explorando as possibilidades teóricas e metodológicas atreladas à ritmanálise.

2. Temas que a ritmanálise possibilitou retrabalhar na geografia, a partir do enfoque das teorias não-representacionais

É pertinente relacionar algumas apropriações do ritmo na geografia inglesa com as teorias não-representacionais. O português Daniel Paiva (Paiva, 2017, p.165), por exemplo, ao sintetizar, para uma audiência lusófona, os aportes das teorias não-representacionais para a geografia contemporânea, destaca como certos autores que pertencem a essa vertente da geografia inglesa exploraram e desenvolveram o conceito de ritmo, tomando como ponto de partida o estudo da espacialidade baseada nos ritmos, fundado por Lefebvre. O autor contextualiza a atenção dada a esse conceito, situando o intuito dessas teorias "de perceber os aspetos processuais dos fenômenos, de descrever e explicar o que acontece" (Paiva, 2017, p. 164). Isso passa também pela atenção dada ao conceito de evento, aos movimentos (dos mais velozes aos mais ínfimos, dos visíveis aos imperceptíveis, como aqueles relacionados às informações e aos bancos de dados). Segundo Paiva (2017), isso levou os geógrafos ingleses a reconsiderar a variável tempo em vários conceitos fundamentais da disciplina, como espaço, lugar, território e região.

2.1 Tempo, espaço e movimento

O livro *Timespace: geographies of temporalities*, organizado por John May e Nigel Thrift[42] (2001), apresenta uma densa reflexão acerca do processo híbrido que mobiliza o tempo e o espaço em conjunto, pleiteando a necessidade de se atentar a esse processo ao tratar da existência cotidiana e de temas ambientais, de gênero, de etnicidade, etc. De certa maneira, remonta àquilo que acabou de ser mencionado, com relação à virada espacial (*spatial turn*) celebrada nas ciências sociais nos anos 1980 e 1990. Segundo formulam May e Thrift (2001), o *spatial turn* não foi além do nível da metáfora, tendo reforçado um dualismo entre tempo e espaço. Os autores rechaçam tal distinção e advogam um sentido de superação da dicotomia tempo e espaço, construindo a proposta e o neologismo *timespace* (tempo-espaço).

Eles partem da premissa de que "a natureza e a experiência do tempo social são múltiplas e heterogêneas, daí decorre que o modo da sua construção – os meios pelos quais uma particular percepção do tempo surge e caminha para moldar nossos entendimentos e nossas ações – é igualmente múltiplo e dinâmico" (May e Thrift, 2001, p. 3). A partir disso, detalham como a percepção do tempo pode ser formada: através dos ritmos naturais, da disciplina social, da nossa relação com instrumentos e aparelhos e por conceituação também. Tendem a demonstrar que não se trata de um tempo social uniforme, que se estenderia acima de um espaço uniforme, mas sim de "várias (e desiguais) redes de tempo, estendendo-se em direções diferentes e divergentes através de um campo social desigual" (May e Thrift, 2001, 2001, p. 5).

A seguir, May e Thrift delineiam uma perspectiva histórica sobre como a relação de espaço e tempo foi conceitualizada no pensamento de matriz ocidental. Relativizam, por exemplo, a noção de "compressão do tempo-espaço", desenvolvida por Harvey (1989), apoiando-se nas mudanças que ocorreram no final do século XIX na Inglaterra. Argumentam que a realidade das mudanças foi diferente, por ser mais complexa, daquela conceitualizada por Harvey. Se os pensadores pós-modernos se apoiaram em determinadas fontes de cunho mais literário, May e Thrift citam outras fontes, que mostram que não foi exatamente uma mudança tão brusca, dependendo do lugar onde você se situava no espaço e na escala social, até porque certas mudanças

42 O livro se situa plenamente na perspectiva das teorias não-representacionais, embora um dos seus maiores expoentes, o Nigel Thrift, ainda não tinha escrito certos artigos e livros (Thrift, 2004, 2007), que constituíram um marco na formulação dessa vertente da geografia inglesa, refletindo-se também como polo norteador de uma agenda de pesquisas (Simpson, 2017).

vieram atreladas a outras formas de controlar e determinar o tempo social – como a instituição religiosa. Sobretudo, os autores tentam superar a discussão acerca da "compressão do tempo-espaço", pois consideram justamente que essa tese predominante resultou na desconsideração de outras temporalidades urbanas. Buscam, portanto, abrir novos caminhos teóricos que possam responder a desafios contemporâneos, teóricos e práticos. Em seguida, abordam a contribuição da filosofia de Henri Bergson na conceituação da relação entre o tempo e o espaço, que foi muito influente na primeira metade do século XX, quando ele desenvolveu sua visão de duração captada pela "intuição", um tempo contínuo que se opõe ao tempo descontínuo do instante da ciência (May e Thrift, 2001, p. 22)[43] Nesse sentido, valorizando mais a descontinuidade do tempo, notadamente a descontinuidade na vida psíquica, Bachelard, Heidegger e Merleau-Ponty, embora construindo fenomenologias bem distintas, formam um conjunto ao valorizar uma percepção de interação mais "sensorial" com o mundo – percepção que denota uma atenção renovada prestada ao espaço e um protagonismo maior conferido ao corpo físico, como lugar sensível e expressivo. No apanhado de reflexões desses filósofos, os autores discutem, na verdade, a relação que eles estabelecem entre espaço e tempo. Chegam a apresentar a filosofia de Deleuze, que significa uma reformulação das reflexões de Bergson, e que possui semelhanças com a teoria do ator-rede promovida por Latour (2005), nas quais ambos refutam a separação entre o orgânico e o inorgânico e enfatizam as inter-relações, tendo interesse especial em elementos de conexões, no campo social, que raramente foram destacados – este *in-between*, entre as redes, considerado por Latour uma terra incógnita (May e Thrift, 2001, p.28).

A breve apresentação do progresso desse raciocínio visa ressaltar como o questionamento acerca do *timespace* conferiu protagonismo a autores que pensaram acerca dos ritmos. No caso, May e Thrift acabam destacando, em particular, Lefebvre e Deleuze. A respeito da ritmanálise de Lefebvre, os autores escrevem:

Lefebvre quer pensar o tempo-espaço de novas maneiras, que fornecerão um tipo de psicanálise do intricado espaço-tempo do cotidiano, vivido ao deixar os "ouvidos abertos" para o ritmo e a textura, que são os modos de existência

43 Uma referência forte, que diz mais respeito aos geógrafos, são as considerações de Doreen Massey (2004, 2008) sobre a influência forte do pensamento de Bergson na relação tempo e espaço – influência esta que, segundo ela, precisa ser superada.

que os sistemas ou redes "assumem nestes tempos, quando não estão sendo atualizados através da prática, quando entram nos espaços representativos" (Lefebvre, 1991, p. 118 apud May e Thrift, 2001, p.31).

Relações não atualizadas que esperam o seu momento. Uma neblina espectral do não-feito e, no entanto, aquilo que pode ser feito (May e Thrift, 2001, p. 31).

Percebe-se, nesse trecho, o quanto os autores elaboram sua conceituação do *timespace* para deixar em aberto as possibilidades presentes no real, que podem ser atualizadas pela prática. A seguir, os autores destacam a leitura do ritmo realizada por Deleuze e Guattari (1980), ao falar do refrão, referindo-se à introdução do platô sobre "ritornela", quando evocam o canto de uma criança apavorada no escuro, que se apoia no próprio canto para superar o medo:

> Aqui o refrão é uma série rítmica – a canção da criança – que cria, por sua repetição, um senso do familiar, um senso do lugar. Refrões circulam acerca deste "centro incerto e frágil", criando um cerco limitado de organização (May e Thrift, 2001, p. 32).

O que interessa aqui é a evocação da criação de um ritmo (através do refrão) para se apropriar de um "território" e dar um sentido ao lugar. Os ritmos se consistem através de um emaranhado de elementos, que podem aflorar na experiência sensível do *timespace*, mas cuja atualização não é dada *a priori*.

O fato de Lefebvre e Deleuze serem citados ao se evocar o ritmo é de suma importância, pois confirma o quanto os autores das teorias não-representacionais, ao se debruçarem sobre o ritmo, realizam leituras inspiradas em ambos os pensadores. Isso pode influenciar a adoção de determinadas palavras (como a noção de afeto, bastante presente em Deleuze, mas que não consta nas considerações de Lefebvre), que permitem abordar os ritmos de forma mais ampla, o que aconteceu no caso do meu campo de pesquisa sobre os artistas e coletivos de rua no Rio de Janeiro.

A noção de ritmo volta a ser evocada em detalhe num artigo muito instigante intitulado "Rhythms of the city: temporalised space and motion", do geógrafo Mike Crang (2001, p. 187-207). Com efeito, esse texto de cunho ensaístico apresenta uma rica reflexão acerca dos ritmos. Baseado numa ampla e inspiradora bibliografia, o texto debate a articulação entre tempo e

espaço, no contexto da cidade. Soou-me esclarecedor acerca de alguns intuitos compartilhados com outros autores das teorias não-representacionais, dos quais ele faz parte. Logo de início, o autor situa a perspectiva na qual o ensaio se inscreve:

> Este ensaio se preocupa com a interseção entre o tempo vivido, o tempo representado e o espaço urbano – em particular, as práticas cotidianas. Como tal, se encaixa num conjunto longo de trabalhos que tratam do tempo e do espaço na cidade. Contudo, o que eu quero é tentar repensar certas abordagens, com o intuito de oferecer uma versão menos estável do cotidiano e, através disso, uma percepção da prática como atividade que cria tempo-espaço, e não o tempo espaço como alguma matriz na qual as atividades acontecem (Crang, 2001, p. 187. Tradução nossa).

Logo mais, ele evoca "os múltiplos ritmos e temporalidades da vida urbana que constituem a trama do ensaio – que Lefebvre evocou, mas apenas explicou, como ritmanálise" (Crang, 2001, p. 187). Isso explica a maneira como ele agrega a contribuição de vários autores para oferecer "o sentido do espaço-tempo como porvir, o sentido da temporalidade como ação, performance e prática – tanto a diferença quanto a repetição" (Crang, 2001, p. 187). Ele dá como referência guiadora do seu trabalho o filme "Berlin: sinfonia de uma cidade", realizado em 1927 pelo cineasta Rutman[44], que apresenta justamente uma visão sedutora, na qual o campo urbano se torna um objeto em movimento, ou melhor, um objeto com tempo, seguindo a perspectiva de Lefebvre ao configurar a cidade "como desdobramento do tempo" (Kofman e Lebas apud Crang, 2001 p. 190). Para se debruçar sobre o tempo experiencial, Crang (2001, p. 196-200) recorre a autores da fenomenologia do tempo, desde

44 BERLIN: sinfonia de uma cidade. [Filme]. Direção: Walter Ruttmann. Alemanha: Deutsche Fox, 1927. 65 min. Filme mudo, preto e branco. Essa referência é também evocada pelo pensador grego Stavrides. Menciono outro filme contemporâneo *Um homem com uma câmera*, do russo Dziga Vertov (Direção: Dziga Vertov. União Soviética: VUFKU / Studio Dovzhenko, 1929. 68?min. Filme mudo, preto e branco), que também retrata o cotidiano de uma cidade russa do final dos anos 1920. A obra é envolvente pelo ritmo da montagem e pelo apuro técnico. Ambos os filmes são consagrados e dão uma representação singular da cidade, que podem inspirar estudos contemporâneos sobre os ritmos da cidade. Aproveito para mencionar o documentário *In situ,* de Antoine Viviani (IN SITU. [Documentário]. Direção: Antoine Viviani. França: Providences / ARTE France, 2011/2012. 85?min. Filme interativo/experimental. Disponível em: http://insitu.arte.tv*. Acesso em: 29 jul. 2025), que trata das intervenções artísticas no espaço público e também contribuiu à minha reflexão sobre os ritmos.

Santo Agostinho até Heidegger, Merleau-Ponty e Husserl, o que o levou a aprofundar reflexões acerca "da percepção do indivíduo como movimento e fluxo – não no tempo, mas fluxo que constitui tempo" (Crang, 2001, p. 196). Em seguida, cita Lefebvre, Bergson e Deleuze, para desenvolver sua visão do movimento. Seu intuito visa, resumidamente, contemplar práticas que possam protagonizar uma apropriação do espaço, mas que, dependendo do foco teórico, passariam despercebidas ou insignificantes com outra conceitualização do espaço e do tempo reunidos na noção de *timespace*.

Nessa reflexão acerca das temporalidades urbanas, consideradas múltiplas e heterogêneas, assim como nas entrelinhas dessa busca para captar o tempo experiencial e valorizar os fluxos e o movimento, há um diálogo estabelecido por Crang com a *time-geography*, citada inúmeras vezes no artigo. Crang (2001, p. 192) aponta que a *time-geography*, inaugurada por Hägerstrand, foi de uma contribuição valiosa para abordar a dimensão temporal e os movimentos no espaço, porém se limitou muitas vezes àquilo que é mais óbvio e suscetível de medidas, deixando de lado outros aspectos, tocando mais o sensível. Edensor (2010, p. 1) contextualiza também a apropriação da ritmanálise na linhagem da *time-geography*, embora logo aponte também seus limites, ao declarar que "a ritmanálise pode desenvolver uma análise mais cheia e mais rica dessas práticas síncronas no espaço, dando conta das qualidades espaciais, das sensações e dos hábitos intersubjetivos" (Edensor, 2010, p. 2).

No livro-coletânea dirigido por May e Thrift (2001), dois artigos evocam mais detalhes dos aportes e limites da *time-geography* na perspectiva delineada. No artigo "Responsability and daily life, Reflections over timespace", a geógrafa Karen Davis (2001, p. 134) adota uma abordagem feminista, questionando uma concepção muito linear e quantitativa do tempo na *time-geography*, que não alcança uma experiência do tempo pelas mulheres – possuidoras de características muito mais relacionais, as quais a autora fundamenta acima de uma "racionalidade" ou "ética" do cuidado ("*ethics of care*"). Em específico, Davis mostra que o tempo das mulheres pode ser composto de atividades simultâneas e de sobreposição de temporalidades (Davis, 2001, p.137). Além disso, ela argumenta que a abordagem linear não leva suficientemente em conta os processos sociais e apresenta uma visão pouco desenvolvida das contradições e do poder. No artigo "Time-geography matters", Martin Gren (2001) recoloca em perspectiva o lugar do observador na *time-geography,* além de apresentar reflexões epistemológicas

mais recentes na Geografia. Com efeito, o método desenvolvido pelo sueco Hägerstrand ficou conhecido pelos seus diagramas, que permitem representar o corpo humano no espaço, através do tempo, sendo o tempo e o espaço coordenadas, e induzindo traslados e lugares de permanência por diagonais ou retas, na linha que representa o movimento. Gren (2001, p.211) afirma que o diagrama, embora pretenda descrever posições corporais específicas no *timespace*, não apresenta nada mais que uma abstração desmaterializada daquilo que aparece, porque o observador é situado, configurando "um tempo espaço representacional de um observador externo, fora da trajetória". Consiste numa redução grande da corporeidade das pessoas, cujas trajetórias estão sendo modelizadas, passando da noção de multiverso à de um universo situado no observador, e isso não está sendo problematizado pelos expoentes da *time-geography*. Nesse sentido, Gren afirma:

> Não apenas os seres humanos vivem em diferentes tempo-espaços e, consequentemente, experienciam seus mundos desde seu *topos* próprio e individual, mas pode se questionar também os denominadores comuns do tempo e do espaço nos diagramas, em relação com a variedade de temporalidades espaciais que diferentes objetos materiais podem ter […]. Uma conclusão é que a concepção do espaço e do tempo, usadas nos diagramas de espaço-tempo, não representam adequadamente a variedade das diferentes ontologias físicas que existem no mundo corporal. (Gren, 2001, p. 214).

A razão de expor esses pormenores acerca da representação visa demonstrar o quão intrincado é representar determinadas trajetórias de corpos distintos (seres humanos diferentes, não humanos, etc.). Os autores não denunciam exatamente os trabalhos da *time-geography* – que, de certa maneira, realizaram suas provas e estão em uso nos trabalhos dos geógrafos e de outros cientistas sociais pelo mundo. Eles advertem sobre as falhas que esse método tende (inevitavelmente) a apresentar e, em todos os casos, formulam sugestões para melhorar a abordagem inaugurada por Hägerstrand. Novamente, vem à tona a problemática da medida.

Grégoire Chamayou (2015), ao retratar uma breve história dos "corpos padronizados", mostra bem o quanto as pesquisas da *time-geography* foram adotadas, por exemplo, por serviços de inteligência, nos serviços de poderes policiais, militares ou econômicos. Ao dispor, nos dias de hoje, de capacidades

crescentes para articular uma diversidade de dados, os métodos sobre os padrões de atividade são muito valorizados para, entre outras aplicações, prevenir ameaças terroristas e insurrecionais. Para evocar os desdobramentos da *time-geography* na contemporaneidade, Chamayou remete ao geógrafo Derek Gregory, que, por sua vez, evoca a ritmanálise:

> Como o resume o geógrafo Derek Gregory, trata-se de "seguir numerosos indivíduos através de redes sociais, com o intuito de estabelecer uma forma ou um 'padrão de vida', conforme ao paradigma da 'Inteligência fundada sobre a atividade', que forma hoje a essência da doutrina contra-insurrecional". Gregory o descreve, de maneira muito evocadora, como 'um tipo de ritmanálise militarizada, e até como uma geografia do tempo, armada até os dentes', baseada sobre o uso de programas que 'fusionam e visualizam dados geoespaciais e temporais, que a inteligência coleta a partir de múltiplas fontes (combinando o onde, o quando e o quem'), dispondo-as num quadro tridimensional que retoma os diagramas estandartes da cronogeografia desenvolvida pelo geógrafo sueco Torsten Hägerstrand, nos anos 1960 e 1970. (Chamayou, 2015, p. 6).

Determinadas considerações demostram que, embora as reflexões levantadas acerca do tempo, do espaço e do movimento possam parecer abstratas, apresentam-se, na verdade, bastante atuais e concretas. Estimulam resolutamente os pensadores das ciências sociais a escolher seu foco, sua abordagem, sob influência desse tipo de considerações. Não há porque nem como competir com determinados objetivos e procedimentos de cunho quantitativos. Há resolutamente de se apostar em outros desafios teóricos e práticos, mas sem deixar de ter em mente o que está em jogo ao abordar as dimensões intrincadas do cotidiano, observadas através da lente da ritmanálise.

Seguindo esse mesmo raciocínio, a próxima seção pretende apresentar como e por que esses autores das teorias não-representacionais enfatizam a dimensão dos afetos, com o objetivo de identificar como tais teorias se encaixam muito bem com as reflexões acerca daquilo que o corpo pode, o que leva a enfatizar a sua dimensão performática e rítmica.

2.2 Corpos, afetos e poder

Levantando as múltiplas críticas que as teorias não-representacionais receberam, à medida que tomavam certo espaço na geografia contemporânea, Simpson (2017, p. 3) responde, em particular, àquelas que denunciam que os trabalhos de cunho não-representacional acabam negando os sujeitos emocionais nos espaços sociais, focando demais na noção de afeto, definida como pré-cognitiva. Simpson diz que as teorias não-representacionais destacam apenas "a emergência de uma gama de novas técnicas políticas e de tecnologias que atuam em registros pré-individuais do pensamento e da ação" (Simpson, 2017, p. 4). O próprio Thrift (2004) insistiu nisso quando destacou, no seu artigo "Intensities of feeling: toward a spatial politics of affect", as novas políticas do afeto, implementadas por tecnologias efetivas e ao longo das evoluções técnicas em curso. Aquele artigo denso chamou muito minha atenção, por abordar, em 2004, a temática da "cidade inteligente" e das novas estratégias de controle implementadas no rastro das evoluções tecnológicas da sociedade contemporânea. De certa maneira, ele denuncia uma negligência na história das ciências sociais em relação à dimensão do afeto, que tem explicação na história do pensamento ocidental, em particular o cartesianismo, mas não apenas, também por razões ideológicas ou pela simples dificuldade de abordar essa dimensão. Simpson (2017) prossegue seu raciocínio apontando as principais razões pelas quais essa dimensão merece atenção:

> Queria apontar três razões pelas quais negligenciar o afeto é, ainda mais que no passado, uma negligência criminosa. Primeiro porque conhecimentos sistemáticos de criação e de mobilização do afeto se tornaram parte integrante da paisagem urbana no cotidiano: o afeto tomou parte de um ciclo reflexivo, que permite sempre mais intervenções sofisticadas em vários registros da vida urbana. Segundo porque esses conhecimentos não são apenas implementados conscientemente, são também implementados politicamente (principalmente, mas não apenas, pelos ricos e poderosos) com fins políticos: o que podia ser descrito como estético é crescentemente instrumental. Terceiro porque o afeto se tornou parte da maneira como as cidades são compreendidas. Na medida que as cidades estão sendo cobradas de fazer o 'buzz', de serem 'criativas', e mais geralmente levar adiante as potências de invenção e de intuição,

> coisas que podem ser forjadas como armas econômicas, então a engenharia ativa do registro afetivo das cidades foi realçada como alavanca do alento de transformação. As cidades devem exibir uma expressividade intensa. Cada uma dessas três razões mostra que o afeto, apesar de ter sido sempre uma constante da experiência urbana, está sendo projetado (*engineered),* tendo como resultado que se torna cada vez mais algo semelhante à rede de tubos e cabos que são tão importantes para prover o mecanismo básico e as texturas principais da vida urbana (Amstrong, 1999), conjunto que produz sem parar revezamentos (*relays)* e junções que estabelecem de todas as maneiras as novas histórias e geografias emocionais. (Thrift, 2004, p. 58).

O final desse trecho argumentativo deixa explícita a interlocução da reflexão de Thrift com os teóricos da teoria do ator-rede, em particular Latour e Hermant (1999), quando o afeto se torna semelhante à rede de tubos e cabos que passam a sustentar e segurar a experiência urbana contemporânea. Fica nítido que essa visão do afeto questiona a noção de sujeito, que se torna mais porosa em relação ao exterior. Um ponto de entrada que permite enxergar como esses autores se completam poderia estar, talvez, nas reflexões acerca das modificações da experiência cognitiva através do aparato tecnológico. No artigo "Cognição e visualização", Latour (2015) explica, numa perspectiva histórica, o tratamento de diversas formas de informações através de inscrições, definidas como móveis imutáveis, que vão se aperfeiçoando, tendo a capacidade de sintetizar e combinar informações e inscrições de diversas origens em um suporte reprodutível e facilmente legível. Esses desenvolvimentos acerca dos móveis imutáveis e da perpétua recombinação das formas de agregar dados dialoga com as considerações de Thrift (2007, p. 89-106), quando este evoca as novas apreensões do espaço e do tempo que emergem através do advento daquilo que ele chama de "qualculation". Isto é, o autor tenta apreender as mudanças cognitivas induzidas pelo crescimento exponencial das novas tecnologias da informação – o que remeteria, por exemplo, ao Big Data e, como isso, levaria progressivamente a remodelar a experiência e a criar um novo "sensorium".

No artigo "Space: The fundamental stuff of Human Geography", Thrift (2003) expõe sinteticamente uma visão relacional do espaço. Gostaria

de destacar aqui a quarta dimensão que ele sublinha, ao fundamentar a noção de espaço: a dimensão do espaço lugar (*place space*), pois cita amplamente a noção de ritmo. Mencionar que numerosos geógrafos contemporâneos enxergam o lugar como composto de ritmos de existência particulares (*rhythmsof 'being'*), que acabam formando o cotidiano do lugar, como se fosse relativamente estável, enquanto ele mesmo enxerga de outra maneira:

> O problema é que os ritmos de existência podem variar a tal ponto que esse tipo de frases frequentemente proporciona apenas a mais tênue apreensão daquilo que acontece. Esse problema de variação não existe apenas porque tem tantos ritmos de existência diferentes, mas também porque, quando as minúcias (*minutiae)* da interação cotidiana são olhadas de perto, aquilo que vemos não são apenas rotinas, mas também todos tipos de improvisações criativas que não são rotinas de modo algum (mesmo que tenham o efeito de permitir que a rotina continua). Assim, no cotidiano, o que chama a atenção é como as pessoas são capazes de usar eventos, sobre os quais eles frequentemente têm pouco controle, para abrir pequenos espaços, nos quais eles conseguem se afirmar, mesmo que vagamente. Usando a fala, o gesto e, de modo mais geral, o movimento corporal, eles podem abrir bolsões de interação, sobre os quais eles podem ter controle. Claramente, uma parte importante desse processo é esta consciência espacial que chamamos de lugar. Pois os lugares não oferecem apenas recursos de diversos tipos (por exemplo, configurações espaciais que possam permitir determinados tipos de interação, ao detrimento de outros), mas eles proporcionam também deixas para a memória e atos. Num sentido muito real, os lugares são parte da interação. (Thrift, 2003, p. 103).

Dentro da minha pesquisa empírica, essas considerações teóricas dialogaram diretamente com observações acerca da apropriação do espaço, no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, por todo tipo de pessoas. Por exemplo, ao se tratar dos camelôs – que, apesar das repetitivas proibições que surgem periodicamente, continuam atuando nos quatro cantos da cidade, tendo os modos de atuação mais diversos. Mas essa criação de "bolsões de controle" dizia também claramente respeito à atuação dos artistas de rua no cotidiano da cidade.

Novamente, nessas formulações acerca do espaço relacional, observa-se a irrupção de considerações acerca dos ritmos, no tocante ao potencial performático dos corpos. Thrift (2003, p. 104) destaca a necessidade que os geógrafos têm de abordar melhor o potencial criativo de práticas performáticas no espaço, com o intuito de criar novos espaços. Reivindica, de fato, a dimensão não-individual, como força impessoal dos afetos, que se distinguem de meras considerações a respeito das emoções, pois contempla a possibilidade de incluir o lugar na composição dos encontros gerados por esse tipo de prática.

3. Para não concluir

Este artigo teve o intuito de expor algumas considerações teóricas de numerosos autores da geografia anglo-saxônica acerca dos ritmos, do tempo, do espaço e do afeto. O objetivo era mesmo divulgar as ideias e os conceitos que eles construíram, sempre em diálogo com a ritmanálise de Lefebvre. Parece-me que esses diversos escritos não encontraram tanto eco aqui no Brasil, o que pode favorecer certas apropriações da ritmanálise, como a noção de afeto, que vai ao encontro da tríade "espaço-tempo-energia" formada por Lefebvre. Isso soa muito atual, daí a relevância de fundamentar como essa noção soa legítima para delinear caminhos de apropriação da ritmanálise no Brasil.

Referências Bibliográficas

CHAMAYOU, Grégoire. Avant-propos sur les sociétés de ciblage: une brève histoire des corps schématiques. *Revue Jefklak*, [s.l.], set. 2015. Disponível em: <http://jefklak.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/09/Corps_schematiques.pdf>. Acessoem: 29 jul. 2025.

CRANG, Mike. Rhythms of the city: temporalised space and motion. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel(eds.). *Timespace*: geographies of temporality. London/New York: Routledge. 2001. p. 187-207.

DAVIS, Karen. Responsibility and daily life: reflections over timespace. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel(eds.). *Timespace*: geographies of temporality. London/New York: Routledge. 2001. p.133-148.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille plateau,* Paris: Editions de Minuit, 1980.

EDENSOR, Tim. *Geographies of rythm*: nature, place, mobilities and bodies. Farnham: Ashgate, 2010.

ELDEN, Stuart. Rythmanalysis: an introduction. In: LEFEBVRE, Henri. *Rythmanalysis*: space, time and everyday life**.**Tradução de Stuart Elden e Gerald Moore. London: Continuum, 2004. p. 1-10.

GOONEWARDENA, Kanishka; KIPFER, Stefan; MILGROM, Richard; SCHMID, Christian (editores). *Space, difference, everyday life*: reading Henri Lefebvre. London / New York: Routledge, 2008.

GREN, Martin. Time-Geography Matters. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel(eds.). *Timespace*: geographies of temporality. London/New York: Routledge. 2001. p. 187-207.

HARVEY, David. *The condition of postmodernity*: an enquiry into the origins of cultural change Cambridge, Oxford: Blackwell, 1989.

HARVEY, David. *Rebel cities*: from the right to the city to the urban revolution. London/New York: Verso, 2012.

HARVEY, David. *Social justice and the city*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.

KOFMAN, Eleonore; LEBAS, Elisabeth. *Writing on cities*:Henri Lefebvre, selected, translated and introduced. Oxford: Wiley-Blackwell, 1996.

LATOUR, Bruno ; HERMANT, Emilie. *Paris invisible*. Paris : Les empêcheurs de tourner en rond, 1999.

LATOUR, Bruno. Cognição e visualização. *Terra Brasilis (Nova Série)*, Niterói, n. 4, 2015. Disponível em: http://terrabrasilis.revues.org/1308. Acesso em: 29 jul. 2025

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social*: an introduction to actor-network-theory. New York:Oxford University Press, 2005.

LEFEBVRE, Henri**.** *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades.Tradução de Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

LEFEBVRE, Henry. *Éléments de rythmanalyse*: introduction à la connaissance des rythmes. Paris: Syllepse. 1992.

LEFEBVRE, Henry. *The production of space*. Oxford: Blackwell. 1991.

MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: Algumas considerações. *GEOgraphia*, v.6, n.12. 2004.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço – uma nova política de espacialidade*. São Paulo: Bertrand do Brasil. 2008.

MAY, Jon.; THRIFT, Nigel (eds.). *Timespace*: geographies of temporality. London/New York: Routledge. 2001.

MERRIFIELD, Andy. *Henri Lefebvre*:a critical introduction. New York: Routledge. 2006.

PAIVA**,** Daniel. Teorias não-representacionais na Geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, v.?52, n.?106, p.?159-168, dez. 2017. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/35764. Acesso em: 29 jul. 2025.

REVOL, Claire**.***La rythmanalyse chez Henri Lefebvre (19011991): contribution à une poétique urbaine*. Thèse de doctorat (Philosophie) — Université Jean?Moulin Lyon?3, Lyon, 2015. Disponible en: https://facdephilo.univ-lyon3.fr/revol-claire-1. Acesso em: 29 jul. 2025.

REVOL, C. Le succès de Lefebvre dans les urbanstudies anglo-saxonnes et les conditions de saredécouverte en France. *Revue L'homme et la société*, Paris, L'Harmattan, v.3, n. 185-186, p.105-118, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.3917/lhs.185.0105. Disponível em: https://shs.cairn.info/revue-l-homme-et-la-societe-2012-3-page-105?lang=fr. Acessoem: 29 jul. 2025.

SCHMID, Christian. Henri Lefebvre's theory of the production of space: towards a three-dimensional dialectic. In: GOONEWARDENA, Kanishka; KIPFER, Stefan; MILGROM, Richard; SCHMID, Christian (editores). *Space, difference, everyday life*: reading Henri Lefebvre. London / New York: Routledge, 2008. p. 27-45.

SHIELDS, Rob. *Lefebvre, Love and Struggle*:spatial dialectics.London/New York: Routledge, 1999.

SIMPSON, Paul. Spacing the subject: thinking subjectivity after non-representational theory. *Geography Compass*, v.11, n.12. 2017.

SOJA, Edward W. *Postmodern geographies: the reassertion of space in critical social theory*. London / New York: Verso Press, 1989.

THRIFT, Nigel. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. *Geografiska Annaler.* Series B, Human Geography, v. 86, n.1, p.57-78, 2004.

THRIFT, Nigel. *Non-representational theory*: space, politics, affect. London: Routledge, 2007.

THRIFT, Nigel. Space: the fundamental stuff of geography. In: HOLLOWAY, Sarah L.; RICE, Stephen P.; VALENTINE, Gill; CLIFFORD, Nicholas J. (eds.). *Key concepts in geography*. London: SAGE, 2003.

CAPÍTULO VI:
SOB O SIGNO DA RITMANÁLISE DE HENRI LEFEBVRE

Ana Fani Alessandri Carlos

A menção da necessidade de uma análise do ritmo atravessa a obra de Henri Lefebvre, particularmente formulada nos livros *La prodution de l´espace* (1974), *Une penséedevenue monde* (1980), *La viequotidienne* (tomo 2, 1961), *Le manifeste différentialiste* (1970-a). No final do trajeto desse autor, todavia, o estudo do ritmo ganha destaque na obra: *Élements de rytmanalyse* (Lefebvre,1992[45]).

A hipótese desenvolvida neste capitulo é que, na obra *Élements de rytmanalyse*, Lefebvre revela uma inversão de método na análise do ritmo em relação ao que ele vinha apresentando nas obras anteriores (acima citadas). Agora, o ponto de partida da compreensão da realidade, para ele, não é mais a práxis (a prática social e o concreto), e sim o vivido e o abstrato. Essa inversão é acompanhada pelo risco da autonomização do prático-sensível, da abstração – focando o vivido, tendo o corpo como referência – sobre o concreto, no qual se leem as contradições que se elevam como barreiras à construção do humano. Esse fato sinaliza uma mudança radical no modo como o autor pensa o futuro da sociedade, uma vez que a utopia é um momento do ato de conhecer. Focando no vivido, o projeto utópico se empobrece.

Os argumentos para desenvolver essa hipótese, formulada neste capítulo, comparam o conjunto de livros de Lefebvre mencionados, numa rápida síntese, com o livro *Élements de rytmanalyse*, iniciando com uma questão: Como (e onde) se localiza o debate sobre o ritmo na obra[46] de Lefebvre?

Para situar a análise do ritmo, é necessário recorrer ao movimento do pensamento de Lefebvre sobre a construção da metafilosofia como momento necessário da crítica da filosofia. Ponto importante: sua crítica à filosofia clássica ilumina a contradição entre o mundo filosófico – concebido como um sistema de referências, em que sujeito e objeto permanecem separados – e o

45 *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes* é uma obra póstuma de Henri Lefebvre na qual reúnem-se manuscritos do autor, até então inéditos, e dois apêndices de autoria de Lefebvre e Catherine Régulier, sua esposa e colaboradora: "Essai de rythmanalyse des villes méditerranéennes" (1986); "Le projet rythmanalytique" (1985).

46 Certamente, não temos a pretensão de analisar a vasta obra do autor, apenas vamos sinalizar alguns momentos que nos ajudam a pensar o papel da ritmanálise na compressão do mundo moderno – desafio proposto pelo grupo "da ritmanálise" da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe).

mundo extrafilosófico, como a arte e o cotidiano, situado no plano da práxis. Nesse movimento de crítica à filosofia, Lefebvre constrói uma problemática fundada na unidade entre a razão filosófica e a realidade social, buscando a realização da filosofia na negação da separação filosófico-não filosófico; teórico e prático, procurando a transformação não apenas no seio do Estado, como propõe Hegel, mas também na vida política, na produção econômica e, sobretudo, no cotidiano (Lefebvre, 1991).

Nessa construção (metafilosófica), Lefebvre encontra na obra de Marx a necessidade de situar a compreensão do mundo no plano da práxis como movimento de inversão da preocupação filosófica, que se fecha no plano da teoria. Significa dizer que o mental e o social se reencontram na prática: no espaço concebido e vivido (Lefebvre, 2000, p. 26). Nesse sentido, essas relações se elevam ao nível teórico a partir do vivido, iluminando um novo conceito: aquele de cotidiano. É assim que esse mundo extrafilosófico ganha sentido no cotidiano. Desse modo, o projeto utópico (que aparece no debate sobre o projeto possível-impossível) se localizaria na práxis social – sendo ela também um lugar de criação de conceitos.

Em sua dialética, o cotidiano como realidade e conceito aparece como produção histórica constitutiva do capitalismo, determinando e orientado as relações sociais a partir da lógica da reprodução do capital. Desdobra-se desse movimento a contradição entre valor de uso e valor de troca imposta pelo desenvolvimento da lógica capitalista – na qual a troca se estabelece como modo de realização das relações sociais capitalistas submetidas ao processo de valorização, enquanto o uso diz respeito à esfera da vida e de seu sentido, iluminando as relações sócio-espaço-temporais. Entendemos, assim, que Lefebvre se debruça sobre o imediato sem, todavia, nele permanecer.

Aqui a experiência do concreto se liga ao espaço-temporal, ao presente e à presença (pela mediação do corpo). Ponto importante da análise metafilosófica é levar para o campo científico o movimento da arte, que se esclarece a partir da dialética entre a repetição do tempo linear e as rupturas causadas pelo tempo cíclico. Ao traduzir essa diferença entre tempo linear e tempo cíclico, inaugura-se o gesto poético como momento criativo que contempla a própria criação do ser humano em sua universalidade.

Portanto, ao desviar a filosofia e seus objetos tradicionais, Lefebvre encontra o projeto de mudar a vida considerando os resíduos a situação/momento – que questiona o estabelecido e se impõe como movimento contra-hegemônico, numa "luta de morte" (Lefebvre, 1970).

Esse modo de pensar encontra, no cotidiano, uma categoria privilegiada de análise, trazendo, em sua dialética, a ideia do devir resultante da apropriação que envolve o corpo e os sentidos a partir do lugar – também ele social, tanto quanto o tempo. Isso significa que concebido e vivido, teoria e práxis, mediato e imediato se diferenciam sem jamais se dissociarem.

O autor alerta que "os conceitos antigamente situados nos espaços abstratos, posto que mentais, situam-se agora nos espaços sociais e em relação a estratégias que se desdobram e se confrontam planetariamente. Desse modo, o mental não pode se separar do social, só sendo possível através das representações – ideologia" (Lefebvre, 2000, p. 25. Tradução nossa.). Nesse sentido, a ritmanálise, ao restituir o corpo e o sensível – temas ignorados pela filosofia –, encontra os conteúdos do projeto do possível-impossível no plano da prática social, em sua dialética com o pratico-sensível. Essas ideias sintetizam o movimento do ritmo nas obras de Lefebvre mencionadas no início deste capítulo.

O recurso à arte permite ao autor pensar que a repetição dos gestos cotidianos relacionados ao tempo quantitativo contemplaria a dialética entre o linear e o cíclico, iluminando o fato de que a repetição, como fenômeno quantitativo, traria em si uma qualidade: a diferença. Esse movimento se esclarece através da música, pois nela a repetição das notas musicais compõe uma obra (de arte).

Todavia, nas páginas do livro *Élementsde rytmanalyse*, é possível encontrar um rompimento da relação desse movimento dialético. Escreve Lefebvre: "a teoria dos ritmos se funda sobre a experiência e o conhecimento do corpo" (Lefebvre,1992, p. 91. Tradução nossa.). Como consequência, os conceitos antes surgidos no seio da práxis agora derivam do prático-sensível "cheio de surpresas", segundo o autor.

Desse modo, a hipótese deste capítulo aponta (uma ousadia) para o fato de que a importância do ritmo, na compreensão da realidade, reside no primeiro conjunto de obras mencionados, no qual a análise do ritmo atualiza o debate sobre o lugar da arte na vida e seu papel revolucionário, na medida em que tem como objetivo central a apropriação do tempo e do espaço, numa lenta e difícil conquista através de combates e lutas. O que significa que os dramas vividos não se deixam reduzir e passam à ofensiva. Como a arte, eles se rebelam. (Lefebvre,1970-a, cap. 1.).

1. Sobre o livro *Élements de rytmanalyse*, a centralidade do conceito do ritmo e a mediação do corpo e sua critica

No livro *Élements de rytmanalyse*, o movimento da análise vai do abstrato ao concreto. **"**O sensível, logo esse escândalo da filosofia, desde Platão, retoma sua dignidade no pensamento como na prática e o bom senso. O sensível não é nem o aparente, nem o fenomenal, mas o presente" [...] apela para os sentidos, que, no campo biológico, iluminam o corpo e seus ritmos na "totalidade vivida" (Lefebvre,1992, p. 33. Tradução nossa.)**.** Na abstração como ponto de partida considera o ritmo em si, a própria referência de onde se enfoca o sensível a partir do corpo. Consequentemente, a análise privilegia os sentidos por meio da localização do corpo na temporalidade do vivido.

O corpo se traduz nos sentidos; o olho e o ouvido ganham importância numa proposta segundo o qual "o sensível retoma sua dignidade reconstituído em sua riqueza" (Lefebvre,1992, p. 31). Atenta aos sentidos, a ritmanálise faz do corpo (como um pacote de ritmos) a referência da análise numa sensibilidade que se refere ao tempo marcando a temporalidade vivida.

Lefebvre alude ao que chama de "gesto ritmanalítico", responsável por encontrar o sensível em seu movimento através do corpo. É assim que o observador se posta na janela e, através dela, desce, metaforicamente, as ruas da cidade auscultando os ruídos que vêm dos passantes – os habitantes como números em meio aos cidadãos – no ir e vir diurno ou no silencio da noite. Dia e noite indicam o tempo rítmico no qual o cíclico encontra olinear (o tempo da repetição). Na composição entre o cíclico e o linear, o repetitivo e o diverso, o autor recupera o sensível no vivido pela mediação do corpo em relação às constatações dos ritmos. O papel do pensamento através da ritmanálise, em relação à exploração do prático-sensível, tem, assim, os ritmos por referência. Através deles, vão se integrando o dentro e o fora.

A inversão da análise que reúne dialeticamente a prática sensível/prática social realizada no livro *Élements de rytmanalyse* empobrece, de nosso ponto de vista, a reflexão do autor em comparação com o que ele vinha desenvolvendo nas outras obras. Preso ao campo da experiência, o conteúdo do capítulo"Vu de lafenêtre"(Lefebvre,1992) é um bom exemplo do que queremos demonstrar. Nele, o investigador é o observador – na janela que se encontra entre o *um dentro* e o *um fora*. Olhando através dela, ele vê uma paisagem. Primeiro fixa o olhar e descreve a rua; em seguida, vislumbrar o bairro, delineando a paisagem entrevista da janela. Descreve o que vê e o que ouve. Constata o ir e vir na rua,

o fluxo como passagem, identificando o repetitivo e a simultaneidade das cenas e dos gestos, bem como a permanência da paisagem entrevista, encontrando um ritmo nessa comparação. O observador se revela, por meio dos sentidos, entre o visível (presente) e o invisível (que pontua a presença), de modo passivo. É o mundo das formas. Aqui, revela-se o prático-sensível, medido através do corpo e de seus sentidos, com ênfase no subjetivo e no mental.

Por outro lado, o recurso à memória parece aproximar o que se vê, superando o instante. Todavia, a observação é insuficiente para abordar o linear e o cíclico como categorias do tempo, o que permitiria abordar o tempo histórico impresso na paisagem. Isso porque o corpo reúne as sensações descritivas e a presença esboçada. Situa-se no campo da experiência, que não corresponde ao campo da prática social (este sim revelador da produção social em sua universalidade). O uso e seu sentido no horizonte da produção social – assim como a ordem e a norma – orientam a vida, determinam os passos, mediam as relações sociais e definem os termos que provocam a reunião-separação dos cidadãos nos lugares da cidade (submersa em ambiguidades). Associado às relações sensíveis, o social parece dissimulado. Do mesmo modo, a constatação do fato de que o presente se compõe de simulacros é apenas sugerida, sem desdobramentos na compreensão da produção da cidade e da vida no final de século XX.

O livro desenvolve-se numa ambiguidade constante, minimizando o tempo como produto social e atenuando o papel do espaço como constitutivo da prática social na qual o sensível ganha primazia com o foco na presença do corpo e da natureza. "Ao invés de ir do concreto ao abstrato, partimos, em plena consciência, do abstrato para o concreto." (Lefebvre, 1992, p. 13).

No livro *La prodution de l´espace* (Lefebvre, 1986), a observação do mundo "vista através da janela" – aqui também aparece essa situação – aponta para a centralidade do espaço na explicação em sua primazia (e centralidade) sobre o tempo. Dessa observação, o autor pergunta: Quem produz o espaço social e qual é o modo de existência das relações sociais?

A resposta assinala que as relações sociais, abstrações concretas, só têm existência real no espaço. Seu suporte é espacial e seu conhecimento, descritivo, analítico e global. Ao mesmo tempo, ele esclarece que o conhecimento do espaço não se realiza por meio da análise de modelos, ou mesmo protótipos de espaços, e sim pela produção do espaço, o que coloca em primeiro plano o uso do espaço com suas qualidades distintivas de um "mero suporte". O

que significa, para o autor, que o espaço é um produto social. Desse modo, a prática social é espacial, e o espaço é uma produção social. Uma relação espaço-tempo, em sua indissociabilidade, desdobra-se ao longo do livro. É assim que a análise do espaço contempla uma ritmanálise imposta pela relação entre a ordem próxima e a ordem distante – que tem, no corpo, uma aproximação primeira com a ordem próxima.

> No corpo considerado, espacialmente, as acamadas dos sentidos (do cheiro ao olhar considerado como diferenças, campos diferenciais) prefiguram as camadas do espaço social e suas conexões. O corpo passivo (os sentidos) e o corpo ativo (o trabalho) se conjugam no espaço. A análise dos ritmos deve servir à necessária e inevitável restituição do corpo total. Daí a importância da ritmanálise (Lefebvre, 1986, p. 465-466. Tradução nossa.).

Nessa formulação, o sentido do corpo, como movimento da metafilosofia, tece-se como um campo ignorado pela filosofia clássica, como uma crítica do saber que se erige acima do vivido. Isso não significa, porém, que o vivido possa ser absolutizado, autonomizando-se do cotidiano em sua complexidade, constituído como produção (histórica) e como resíduo (possibilidade).

Também é impossível deixar de comparar a análise da rua feita no capitulo "Da janela", do livro *Élements de rytmanalyse*, com aquela apontada no livro *A revolução urbana* (Lefebvre, 1970, p. 29). Neste, a análise prioriza a dialética, dando conteúdo às situações vividas. É assim que a rua aparece como lugar da passagem e da circulação, capaz de permitir o encontro e a reunião dos cidadãos – um dos elementos definidores da cidade e da vida na cidade. Aqui, o uso num espaço-tempo apropriado, entra em confronto com os espaços produzidos pelo valor de troca – produtor da cidade segregada e fragmentada, pela "aberrante funcionalização da existência" provocada pela lógica da urbanização capitalista, que se impõe por meio do planejamento.

A rua – lugar de onde se pode ler o sentido do uso – concretiza o mundo da mercadoria; torna-se o espetáculo que organiza as relações sociais sob a dominação do consumo, transformando o espaço e o tempo sociais em espaço-tempo da mercadoria – que, nessa condição, passam a ser abstratos. Desse modo, entre a repressão e o desejo, a norma e a apropriação, a rua adquire um sentido profundo na compreensão do espaço produzido pelo capital.

Em sua dialética, a rua ganha sentido como uso, iluminando momentos de apropriação que fogem à lógica da mercadoria, na medida em que há fissuras na homogeneidade imposta pela lógica do capital. Esse movimento aponta a possibilidade de construção de um projeto de transformação social, posto que supõe a posse coletiva do espaço pela intervenção dos grupos sociais (sujeitos da história), superando as separações impostas no cotidiano, no qual se concretiza a dissociação entre produto e obra.

O capítulo "La musique et les rytmes", do livro *Éléments de rytmanalyse* (Lefebvre, 1992), traz à tona a importância da análise – já apresentada por Lefebvre em outras obras – ao propor a dialética da obra e do produto. Essa relação é central no debate sobre a diferença como elemento propulsor do pensamento que busca identificar o que pode emergir da passividade imposta à sociedade pela lógica do capital. Nesse movimento, uma lei da dialética ganha centralidade: trata-se da passagem do quantitativo ao qualitativo, por meio da repetição, que anuncia, em seu movimento de realização, o qualitativo como portador da diferença. "O campo musical se constitui num campo diferencial: temporalidade e espacialidade indissolúveis" (Lefebvre, 1970ª, p. 81-84). Assim, ao buscar no repetitivo o seu outro, o movimento diferencial, assinala-se na possibilidade da apropriação constitutiva da produção de obras. Aqui também a potência dessa formulação se perde, na medida em que se encerra no sensível. A relação espaço-tempo é apenas apontada e dá lugar à relação ritmo-corpo. O registro, por sua vez, recua diante da urgência de "mudar o mundo" a partir da vida cotidiana – por meio da produção de um espaço e de um tempo apropriados, ainda que presos à sua determinação sensorial.

O ensaio escrito por Lefebvre e Régulier, publicado nesse livro, parece não deixar dúvidas quanto à relação espaço-tempo como constitutiva do ritmo. Todavia, não foge das ambiguidades. Para os autores,

> "[...] os tempos concretos têm ritmos ou, antes, são ritmos – e todo ritmo implica a relação de um tempo com o espaço, um tempo localizado ou, se quisermos, um lugar temporalizado. O ritmo está sempre ligado a determinado endereço, tem um endereço, seja o coração, os batimentos das pálpebras, seja movimento de uma rua ou o tempo de uma valsa. O que não impede que seja um tempo, quer dizer um aspecto do movimento e de um devir." (Lefebvre,1992, p. 99. Tradução nossa.).

Todavia, em seu desdobramento, o corpo ganha a dimensão do lugar, contemplando a possibilidade de autonomização do vivido (onde o campo sensível encontra seu limite na experiência) em relação ao concebido.

Desse modo, sem negligenciar o campo sensível, é preciso pensar que ele pode se abrir para o novo e para o imprevisto, no seio do mecânico regulado e normatizado, no movimento da totalidade social. A consideração desse movimento dialético pode elevar o espontâneo a outro patamar, tanto teórico, quanto prático, iluminando os contornos do conceito de cotidiano apresentado por Lefebvre como produto (da história) e obra (como devir poiético).

Esse processo que se move no cotidiano expõe, em sua indissociabilidade, a relação espaço-tempo que atravessa a vida como relação de dominação-subversão pela mediação da diferença.

2. Partindo do concreto, iluminando a dialética

No caminho inverso ao dos conteúdos da ritmanálise desenvolvida no livro *Élements de rytmanalyse* , nos outros livros de Lefebvre, apontados no início deste capítulo, o ritmo vai se definindo no seio da teoria do tempo – levando para o campo científico o ritmo descoberto no processo da repetição, impresso no tempo abstrato do trabalho. Destaca-se o fato de que o tempo do trabalho tem, na teoria desenvolvida por Karl Marx, um ponto de partida esclarecedor, na medida em que o ritmo encontrado na repetição traz, em si, sua negatividade: o tempo quantitativo do processo de trabalho, que produz produtos e mercadorias, podendo também produzir obras. Isso porque a teoria do trabalho social conecta-se ao conceito de produção na perspectiva marxista. O sentido do conceito traz uma dupla determinação: a produção contempla uma acepção estreita – produção de mercadorias e produtos – e uma acepção lato – produção de obra, na qual ocorre a autoprodução do homem (no sentido hegeliano do termo). Abre-se, então, para o conceito de reprodução das relações sociais produtoras dos produtos e do homem, iluminando a transformação da natureza em produto social:

> A natureza produz o homem através do trabalho e da luta. A produção, tomada na sua plenitude, envolve a criação e caracteriza o ser humano. Este ser produz e se produz. Não existe apenas produção de objetos, mas produção de espaço e tempo, produção de relações, produção e reprodução do eu (a consciência) e do outro (o mundo). Desse modo, o tempo elaborado na prática e pelo pensamento filosófico não pode parar (Lefebvre, 2001, p. 49. Tradução nossa.).

Na práxis produzida em confronto e união com a natureza, ilumina-se o espaço – que se revela como um produto social indissociável do tempo, o que impõe a prática social no pensamento, na indissociabilidade entre o linear e o cíclico. A justaposição e o confronto entre o linear e o cíclico definem os ritmos, iluminando o que acontece num tempo e num lugar específicos, segmentando ou dando continuidade ao tempo histórico e inaugurando, nesse movimento, a mudança na ordem das coisas.

Necessário reconhecer que:

> [...] um espaço é a inscrição no mundo de um tempo. Os espaços são realizações, inclusões na simultaneidade do mundo externo de uma série de tempos, de ritmos da cidade, os ritmos da população urbana [...] a cidade é um emprego de tempo, este tempo é dos homens, dos habitantes. Este tempo deve ser organizado de "forma humana" (Lefebvre, 1973, p. 211. Tradução nossa).

É assim que espaço e tempo têm, por conteúdo da ação, a realização da atividade humana, produzindo espaços e tempos sociais. O tempo, por ser processo, é movimento – fluxo, velocidade – que não se separa do espaço. Assim, o uso do espaço se realiza num determinado tempo, e o tempo se realiza no uso do espaço, ambos realizando-se no cotidiano instaurado no seio da sociedade urbana. Por esse motivo, o debate sobre o tempo é também um debate sobre o espaço. Na prática, as ações são invadidas pela lógica abstrata que as define pela repetição-sucessão-duração localizada num espaço produzido.

Em sua forma geral, essa teoria aponta a homogeneidade no processo de trabalho, quantificando as atividades que submetem o sujeito a essa lógica. O trabalho que demanda atividade criativa transforma-se em medida abstrata do tempo que também produz a fragmentação dos gestos nele envolvidos. A abstração invade a vida, organizando as atividades e definindo as relações sociais. O tempo social redefine-se por sua subordinação ao tempo do trabalho, desvalorizando-se na medida em que se acha submetido à lógica da acumulação. E vale destacar que a acumulação reside na extração de mais valia como produto direto da exploração da força de trabalho no processo produtivo, compondo a jornada de trabalho. Ao se tornar abstrata, a atividade passa a ser dominada pela quantificação medida pelo relógio –

que domina a relação entre o trabalhador e o objeto a ser produzido. E, ao ser fragmentada, essa atividade torna-se também alienada, desdobrando-se no plano da vida cotidiana em suas restrições e impondo a fragmentação da vida: tempo-espaço do trabalho; tempo-espaço do lazer; tempo espaço da vida privada. Assim, o tempo linear e repetitivo, como qualidades do tempo abstrato, define as relações sociais.

O tempo fragmentado do trabalho abstrato submete o tempo cíclico, ao mesmo tempo que se vê invadido e relativizado por ele, já que o tempo cíclico é organizado pelo cosmos e pela natureza primeira. "Os instantes se hierarquizam segundo exigências da produção, dos interesses em jogo. O caráter aventureiro, lúdico, do devir e do vivido desaparecem diante do linear composto de repetições e redundâncias". (Lefebvre, 1980, p. 168. Tradução nossa.). O habitar, por exemplo, guarda a dimensão do uso, envolve o corpo no sentido de que o "usador" tem uma presença real e concreta.Mas o habitar se realiza em um lugar determinado no espaço, com localização e distância específicas em relação a outros lugares da cidade, por isso tem qualidades específicas. Essas qualidades, por sua vez, constituem o mundo da percepção sensível, carregado de significados afetivos ou representações. Elas superam o instante e são capazes de traduzir significados profundos sobre o modo como se construíram ao longo do tempo. As ações, no plano do vivido, realizam-se num espaço apropriado – usado para cada ação.

> O corpo que se move pelas peças do apartamento e revelam um dentro (o espaço íntimo, privado, construtor de uma história individual), mas o sujeito da história se realiza numa construção social coletiva, o que dialetiza ou relativiza o individual, sem, todavia, ignorá-lo. Esse dentro e fora se reúnem na construção da história, apontando a relação entre o individual e o coletivo; espaços e tempos vividos, apropriados, metamorfoseados. É assim que o indivíduo e a sociedade se misturarem, tem uma história em comum (Lefebvre, 2001, p. 159. Tradução nossa.).

A essência humana reside nessa dialética, na qual o indivíduo se realiza em sociedade. Essa sociedade é produtora de produtos e obras. A obra se liga a uma determinação não-produtiva (tanto do tempo quando do espaço), em confronto com a lógica da acumulação. Constitui-se a visão de que há, no

repetitivo, o seu outro, introduzindo no cotidiano a dialética produto-obra: possibilidade poética que surge no seio do repetitivo. Nas obras de Lefebvre, a necessidade de uma ritmanálise se localiza como momento particular, a partir do qual se pode ler e constatar, na prática social, o movimento que rompe o tempo abstrato da mercadoria, aquele impositor da alienação social. É no encontro do repetitivo-linear, em sua homogeneidade, que se instala o cíclico, constituindo o ritmo como possibilidade criativa. "A repetição desaparece na diferença" (Lefebvre 1970-a). O espaço e o tempo como destinos poéticos do ser humano se fazem através da mediação da apropriação.

3. Sobre o cotidiano

Nossa hipótese, aqui, é que a ritmanálise renova o conceito de arte, localizando-o no próprio movimento de alienação do homem – que ocorre quando o trabalho, em sua realidade banal, repetitiva e abstrata, torna-se sem sentido. Essa ideia se depreende do fato de Lefebvre localizar a arte no cotidiano –envolvendo toda a sociedade – e não fora dele.

> A arte sempre envolveu uma tensão, um esforço em direção ao total. Na música, um elemento parcial da consciência sensível (o som) tende a tornar-se coextensivo ao conteúdo de consciência, ritmo, movimento paixão, erotismo ou espiritualidade. O mesmo em pintura como elemento visual [...]. O esforço em direção ao único é quase sempre manifestado na alienação (Lefebvre,1971, p. 162. Tradução nossa.).

Podemos também dizer que essa constatação inclui uma análise do ritmo associado ao tempo de apropriação que surge da dialética do tempo sob as determinações do linear e do cíclico – de umtempo que tem por conteúdo a apropriação orientando o uso do espaço no cotidiano.

> Ora, a própria apropriação implica um tempo e tempos, um ritmo e ritmos, símbolos e uma prática. Quanto mais um espaço é funcionalizado, mais ele é dominado por "agentes" que o manipularam, tornando-o uni-funcional, e menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele fica fora do tempo *vivido*, aquele

> dos usuários, tempo diverso e complexo. Entretanto, o que é que um comprador compra na qualidade de comprador de um espaço? Tempo (Lefebvre, 1986, p. 411. Tradução nossa.).

Também podemos considerar que, do ponto de vista da análise ritmanalítica, o tempo da vida cotidiana é duplamente medido pela articulação/choque de ritmos: de um lado, o linear – tempo do relógio, quantificado pelas repetições monótonas –; de outro, o cíclico – tempodo cosmos, da natureza –, que se mantém, apesar da luta em torno do tempo, do emprego do tempo e da modificação dos ritmos da natureza. Na sua determinação linear- quantitativo, o tempo fornece a medida do trabalho – nesse momento da história, torna-se tempo do cotidiano, um tempo homogêneo e dessacralizado, subordinado à organização do trabalho. Como decorrência, o tempo quantitativo se submete às leias gerais da sociedade: fracionado, hierarquizado em meio a perturbações rítmicas.

Assim, a vida cotidiana é atravessada por tempos cíclicos cósmicos e vitais, o que cria uma unidade conflitual com o tempo linear, que não pode ser medido apenas pelo corpo, localizado no plano do vivido, mas que encontra no vivido e na prática socioespacial seu lugar de realização, ligando o percebido ao plano global da sociedade urbana para além do corpo e do lugar (colocando-o na prática socioespacial). O tempo linear qualifica o cotidiano urbano. Nessa linha de raciocínio, na confluência/justaposição dotempo linear e dos tempos cíclicos, existe um tempo apropriado. Isso porque,

> [...] o vivido cotidiano é duplamente determinado: como resíduo e como produto. Como resíduo é irredutível. A vida cotidiana, nos termos sociológicos, não é apenas sobrevivência, há também o biológico, o psicológico a necessidade e o desejo, o ser humano criado pelo homem tem ainda ritmos vitais, necessidades que se satisfazem e reaparecem, desejos que se realizam ou não, que acabam ou se renovam. Há uma luta para se apropriar da vida contra aquela que o desapropria, que altera, degrada e mata. (Lefebvre, 1961, p. 62. Tradução nossa.).

A relação teoria-prática encontra no cotidiano a realização da história, do desenvolvimento do capital. Em suas contradições, encontra um resíduo

que se constrói e se move contra a lógica que pretende dominar a vida. Esse resíduo ganha força na obra de Lefebvre como subversão à ordem hegemônica, situando-se como momento criativo, sinalizando a premissa de que a utopia é parte constitutiva do conhecimento. Através de seus resíduos, o cotidiano é também o lugar onde está posta a superação das alienações que o envolvem.

4. Se é possível concluir...

O ritmo ilumina o processo de apropriação por meio da produção da diferença. Produto da tensão entre cíclico-linear, simultaneidade-encadeamento, unidade-diversidade, o momento diferenciado entre o repetitivo e o diverso ilumina uma práxis espaço-temporal que vai além do corpo e do lugar (como ordem próxima). Essa práxis contempla a universalidade na medida em que reúne, contraditoriamente, o produto e a obra como produção humana.

A contradição obra-produto atravessa o debate sobre a produção do urbano e sua dimensão mundial como sociedade urbana, articulando todos os espaços numa única lógica: aquela da reprodução das relações sociais de produção.

O conceito de tempo, aqui desenvolvido, numa referência com a práxis, articula o mental e o social sem, todavia, excluir os tempos biológico, físico e cósmico, posto que ele é plural. O ritmo, como momento da teoria do tempo, importa sobre a diferença.

> A teoria do tempo torna-se diferencial**,** como a do espaço e, por consequência, do espaço-tempo e/ou do tempo-espaço. Não acontece apenas que o tempo e o espaço se diferenciam passivamente (para e diante do pensamento). Concebem-se e percebem-se como capacidades de diferir: tempos e momentos múltiplos-tópicos diferenciados, contrastados. O campo da consciência (reflexão-ação) diversifica-se e torna-se efetivamente um campo, multiplicidade de percursos e sentidos.(Lefebvre, 2001, p. 164. Tradução nossa.).

Nessa direção, Lefebvre supera as análises que pensam o tempo apenas subordinado ao ritmo do trabalho abstrato imposto pelo desenvolvimento da indústria. A relação do mesmo com o outro, portanto com o que rompe a

linearidade absoluta imposta pela abstração do tempo produtivo, significa a produção da diferença na repetição. Assim, a consideração sobre o ritmo desloca e abrange a reprodução das relações sociais opondo-se à medida do tempo abstrato do trabalho que se desdobra para toda a sociedade, modulando a reprodução das relações de produção dentro e fora do processo produtivo (na indústria), que penetra toda a sociedade.

A diferença como categoria de análise introduz um conteúdo novo à compreensão do tempo, só entendido como tempo produtivo, dialetizando-o. Assim, o estudo do ritmo se abre ao projeto do possível-impossível, pois localiza no cotidiano da repetição sua negação – por meio da produção da diferença no seio do repetitivo que constitui a sociedade "urbano-estatista-mercantil", produtora de um cotidiano preso ao tempo homogêneo e quantitativo. Esse tempo, por sua vez, é responsável pela criação de exigências e pela modulação das relações sociais a partir do relógio, ao mesmo tempo que sinaliza a qualidade produtiva do tempo linear (em oposição ao tempo cíclico do cosmos), questionando a lógica do idêntico, bem como o sentido e o conteúdo do reino da mercadoria, que move e subjuga as relações sociais.

Sintetizando, podemos dizer que:

a) a pratica social é espacial;
b) espaço, tempo e cotidiano apontam para a construção de um projeto de mudança social sustentado na dialética do possível-impossível;
c) o reconhecimento dos ritmos, portanto, se abre ao devir.

Aí se encontra a importância e o sentido da ritmanálise.

No horizonte, o projeto de transformação social supõe a apropriação coletiva do espaço pela intervenção dos grupos sociais, sujeitos da história, superando as separações e as dissociações entre produto e obra.

Referências Bibliográficas

LEFEBVRE, Henri. *Critique de laviequotidienne, tome II: Fondements d'une sociologie de laquotidienneté*. Paris: L'Arche, 1961.

LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse*: introduction à laconnaissancedesrythmes. Paris: Syllepse, 1992. Préface de René Lourau.

LEFEBVRE, Henri. *Espace et politique*. Paris: Anthropos, 2000. [Obra originalmente publicada em 1972].

LEFEBVRE, Henri. *La fin de l'histoire*. Paris: Anthropos, 2001. [Obra originalmente publicada em 1970].

LEFEBVRE, Henri. *Le manifeste différentialiste*. Paris: Gallimard, 1970(a).

LEFEBVRE, Henri. *Le matérialismedialectique*. Paris: PressesUniversitaires de France (PUF), 1971. [1. ed. 1940].

LEFEBVRE, Henri. *Une pensée devenue monde...*: fautilabandonner Marx? Paris: Fayard, 1980.

LEFEBVRE, Henri. *La penséemarxiste et la ville*. Paris: Casterman, 1972.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. 3. ed. Paris: Anthropos, 1986 [1. ed. 1974].

LEFEBVRE, Henri. *La révolutionurbaine*. Paris: Gallimard, 1970. (Collection Idées; n.?216)

LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1973. [Obra original publicada em francês: *De lacampagne à laville*. Paris: Anthropos,

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991 [*La viequotidiennedansle monde moderne*. Paris: Gallimard, 1968].

CAPÍTULO VII: A ANÁLISE DOS RITMOS NA VIDA COTIDIANA: UMA PERSPECTIVA LEFEBVRIANA

William Héctor Gómez Soto

Neste capítulo, o autor faz uma reflexão sobre as possibilidades de observar a cidade e decifrar seus enigmas a partir dos ritmos da vida cotidiana, na perspectiva teórica e metodológica da ritmanálise lefebvriana. Em consequência, propõe pensar a cidade através dos ritmos das pessoas que ocupam, de diversos modos e em diferentes ritmos, os espaços urbanos, como manifestações das diversas temporalidades que se entrecruzam na contemporaneidade do urbano.

A crítica de Lefebvre à abstração do tempo e do espaço leva à sua proposta de ritmanálise, uma abordagem que busca resgatar a complexidade e a materialidade dos ritmos sociais, integrando-os às dinâmicas cotidianas e às contradições da vida urbana. Ele define ritmo como a interação entre tempo e espaço na experiência vivida, considerando que a sociedade é atravessada por múltiplos ritmos que coexistem, se chocam e se sobrepõem. A ritmanálise busca, então, compreender como esses ritmos interagem nos espaços urbanos e nas práticas cotidianas. Para isso, Lefebvre propõe uma perspectiva na qual o pesquisador deve observar, ouvir e sentir os ritmos da cidade, identificando as tensões entre ritmos dominantes e subordinados, entre tempo vivido e tempo imposto.

A proposta de Lefebvre tem importantes implicações para os estudos urbanos contemporâneos. A ritmanálise permite revelar dinâmicas ocultas da vida urbana, como os contrastes entre o ritmo acelerado do fluxo de carros nos horários de pico com a calma e a desaceleração dos parques ou de grandes áreas verdes destinadas ao lazer. Além disso, possibilita uma compreensão mais complexa das transformações urbanas, considerando não apenas os aspectos físicos do espaço, mas também as temporalidades que o atravessam.

Em cidades marcadas pela aceleração e pela fragmentação do tempo, como as metrópoles contemporâneas, a ritmanálise pode ser uma ferramenta valiosa para identificar formas de resistência e apropriação do espaço. Movimentos urbanos que reivindicam o direito ao lazer, a ressignificação de espaços públicos e a valorização dos ritmos naturais podem ser analisados a

partir dessa perspectiva. A ritmanálise também permite captar as práticas culturais alternativas que imprimem um novo ritmo como contraponto ao ritmo da aceleração.

Lefebvre anuncia que a análise dos ritmos é um novo domínio do saber e que tem consequências práticas (Lefebvre, 2021, p. 53). Ele refina e desenvolve uma preocupação com ritmos e temporalidades que já aparecem não só na sua teoria do espaço social, mas também na sua crítica da vida cotidiana e na sua teoria dos resíduos, na qual o tempo é um irredutível (Lefebvre, 1967). Os ritmos, embora presentes na natureza física e em todo tipo de vida desde seus primórdios, passaram despercebidos ou foram negligenciados pelos analistas vinculados às correntes dominantes do pensamento ocidental moderno. Nas palavras do autor: "[...] como em todo setor do conhecimento e da ação, os germes, as sementes, os elementos existem há séculos" (Lefebvre, 2021, p.53).

A ritmanálise, de acordo com Lefebvre (2021), é um método para decifrar inter-relações entre lugar, tempo e dispêndio de energia. Os ritmos não são simplesmente fenômenos naturais ou mecânicos, mas expressões materiais e simbólicas das contradições sociais. Por isso, para ele, analisar os ritmos é reafirmar a crítica à alienação e à coisificação, incorporando dimensões temporais e espaciais a uma totalidade contraditória. Os ritmos podem ser analisados pela observação imediata do corpo e também pela mercantilização dos processos sociais, na qual o tempo e o cálculo representam um momento decisivo da vida moderna.

Lefebvre disse que os filósofos apenas pressentiram o ritmo, porém reconhece que o filósofo português Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, conhecido como o "filósofo fantasma", foi o primeiro a fazer referência à ritmánalise. Depois o termo foi mencionado por Bachelard (1994), também filósofo, mas sem se aprofundar no tema. O importante, disse Lefebvre, é que pouco a pouco a proposta da ritmanálise vai saindo das sombras. Na perspectiva de Lefebvre (2021, p. 55):

> O estudo do ritmo (dos ritmos) pode se principiar de duas maneiras [...]. Casos podem ser estudados e comparados: os ritmos dos corpos, vivos ou não (respirações, pulsos, circulações, assimilações – durações e fases destas durações etc.). Nesses casos, permanece-se próximo da prática [...]. [...] o salto do particular ao geral nunca ocorre sem perigo de erros, de ilusões, em uma palavra de ideologia.

Ele destaca a complexidade da ritmanálise como teoria geral para analisar os ritmos, implicando desafios metodológicos e epistemológicos, como o processo de ir do particular ao geral e os riscos ideológicos na análise dos ritmos. Para Lefebvre, a análise dos ritmos pode partir da observação dos ritmos do corpo humano (fluxo do trânsito, sentido de deslocamento de veículos e pessoas, etc.), no entanto, a extrapolação para um caráter mais geral da análise pode trazer distorções e erros. Isso significa que a realidade é diversa, e o ritmo da vida urbana de uma metrópole (São Paulo, por exemplo) contrasta com o ritmo da vida numa cidade da periferia (como a cidade de Pelotas, no sul do Brasil). Existem muitas diferenças culturais, sociais e históricas que devem ser levadas em conta. Do contrário, pode-se cair em distorções ideológicas que ocultam, em lugar de revelar, as diversidades do real. Quando, por exemplo, o pesquisador se centra na análise dos ritmos dos mercados financeiros e da produção industrial, sem considerar o tempo de descanso, de lazer e de festa, ele está reproduzindo critérios economicistas. É por isso que Lefebvre propõe analisar os ritmos considerando as contradições, os conflitos e as relações de poder que os organizam, que dão sentido a eles e também os limitam.

Lefebvre (2021, p. 56) oferece uma distinção importante dos ritmos, evitando confundi-los com o movimento.

> Confunde-se facilmente ritmo com movimento, velocidade, encadeamento de gestos ou dos objetos (máquinas, por exemplo). Há uma tendência de se atribuir aos ritmos uma feição mecânica, deixando de lado o aspecto orgânico dos movimentos ritmados. Lefebvre, (2021, p.56. Grifos do original.)

Além disso, ele afirma: "Não existe ritmo sem repetição no tempo e no espaço, sem reprises, sem retornos, isto é, sem medida[47] . Mas não há repetição absoluta, idêntica, indefinidamente." Lefebvre, (2021, p.56. Grifos do original.)

Nessa dialética entre repetição e diferença, surge o novo. A confusão entre ritmo e movimento é resultado de uma sociedade em que o tempo é predominantemente considerado quantificável. Ou seja, para Lefebvre, ritmo

47 Nota dos tradutores do texto citado: "Em francês, a palavra mesure significa, ao mesmo tempo, medida e compasso. Ora optamos por medida, ora optamos por compasso, dependendo do contexto." (Lefebvre, 2021, p. 56, nota de rodapé 1.)

não é sinônimo de repetição mecânica, como o tique-taque do relógio ou a cadência de uma máquina; o ritmo da vida social tem muitas variações e intensidades. Ao distinguir ritmo de movimento mecânico e insistir que existem muitas variações na repetição, ele aponta para o possível, isto é, que nos ritmos existe a possibilidade de resistência e criação.

Ele afirma que, assim como Marx tomou a mercadoria como ponto de partida para sua crítica à coisificação, é possível começar a análise pelo ritmo, um fenômeno aparentemente simples, mas carregado de significados. Na análise dos ritmos, Lefebvre atualiza a crítica de Marx à coisificação. No capitalismo, a mercadoria é determinante e transforma o tempo e o espaço em produtos regulados pelo ritmo da acumulação. O trabalhador, enquanto coisa que produz coisas, é subordinado e dominado a uma temporalidade linear e repetitiva em função da necessidade do ritmo acelerado do crescimento econômico e do aumento da produtividade.

Lefebvre nos mostra que a tensão permanente entre o tempo linear e o ciclo não é nada além do conflito existente entre a sociedade moderna, baseada no crescimento econômico, e a natureza. O tempo acelerado da produção domina o tempo cíclico, o que leva à atua crise ambiental. Também pode-se dizer que o tempo linear domina o corpo do trabalhador, sua natureza, mas, como disse Lefebvre (1967), o corpo é um irredutível. Desse modo, essa contradição dos tempos se manifesta nas tensões entre o planejamento urbano e a reinvenção do tempo pelas populações da periferia na celebração de festas comunitárias e ocupações.

A complexidade dos ritmos não pode ser capturada por interpretações dualistas, por isso Lefebvre propõe uma perspectiva dialética triádica, incorporando a energia, além do tempo e do espaço. Essa abordagem possibilita a compreensão das diversidades de temporalidades que se combinam de forma desigual no espaço social, como é próprio da sociedade brasileira, na qual o moderno e o tradicional estão presentes não como antagônicos, mas como elementos que coexistem em conflito permanente e que dá uma aspecto original ao ritmo do processo histórico da sociedade brasileira gerando desigualdades: o tempo e o ritmo da grande indústria moderna e o tempo cíclico do camponês, da terra e da natureza.

O cotidiano é repleto de ritmos diversos, e nele se encontram e se desencontram o tempo cíclico e o tempo linear. O ritmo não é apenas uma sucessão de eventos repetidos, é um fenômeno complexo, no qual a repetição

se combina com a variação e a diferença. Há, na perspectiva de Lefebvre, apesar das tensões, uma unidade dialética entre espaço e tempo. "O tempo e o espaço, o cíclico e o linear têm essa ação recíproca; eles se medem um pelo outro; cada um se faz medindo-medido; tudo é repetição cíclica através das repetições lineares." (Lefebvre, 2021, p. 59)

A análise dos ritmos envolve um conjunto de categorias que se complementam e se opõem, estas são: repetição e diferença; mecânico e orgânico; descoberta e criação; cíclico e linear; continuo e descontinuo; quantitativo e qualitativo.

Dessas categorias, quem se dispõe a abordar a questão do tempo não as utiliza todas. Lefebvre insinua que, muitas vezes, o analista do tempo fica prisioneiro das dualidades, pensando essas categorias em pares, o que limita a análise da riqueza e das variedades, dos desencontros e contradições da diversidade dos tempos. Para ele, a dialética não é dialógica, mas triádica (três termos), como o demonstrou em outras obras, principalmente na Metafilosofia, e agora reforça ao tratar da ritmanálise. "Apostava-se na oposição burguesia-proletariado, a dois termos, omitindo-se o terceiro: o solo, a propriedade e a produção agrícolas, os camponeses, as colônias com predominância agrária". (Lefebvre, 2021, p. 63. Grifos do original.).

Lefebvre diz que o método dualista se deriva das oposições ideológicas e metafísicas (deus e o diabo, o bem e o mal, etc.), e a análise, por isso mesmo, torna-se unilateral. Como Hegel e Marx, afirma que a análise que segue o esquema hegeliano tese-antitese-síntese é triádica, o mesmo que é a perspectiva de Marx de "econômico-social-político" ou, ainda, "tempo-espaço-energia", e também "melodia-harmonia-ritmo". A análise dualista não consegue chegar a uma síntese. (Lefebvre, 2021, p. 64).

> Os tempos sociais mostram possibilidades diversas, contraditórias: atrasos e avanços, reaparições (repetições) de um passado rico (aparentemente) e revoluções que introduzem bruscamente um novo conteúdo e, às vezes, modificam a forma da sociedade. (Lefebvre, 2021, p. 67)

Os tempos históricos são às vezes lentos ou acelerados, o que depende não só dos poderios, mas também da perspectiva do historiador ou do analista. No sentido genérico, as mudanças sociai, em uma determinada sociedade,

ocorre quando, segundo Lefebvre, um grupo social imprime um ritmo ao processo histórico, isto é, quando a classe se põe em movimento, indo além da repetição e criando o novo. O grupo social se torna inovador e produtor de sentidos. Mas não é uma inovação imediata, é um processo (ritmo) lento, até que as inovações sejam percebidas.

Henri Lefebvre destaca que o olhar e o intelecto são capazes de apreender aspectos significativos da realidade, especialmente no que diz respeito ao cotidiano e aos ritmos que o compõem. Para ele, o ritmo é um fenômeno que surge da interação entre lugar, tempo e dispêndio de energia. Essa interação se manifesta em três dimensões principais: a repetição de gestos, atos e situações; a interferência entre processos lineares e cíclicos; o ciclo de nascimento, crescimento, apogeu, declínio e fim. Esses elementos revelam a complexidade dos ritmos sociais, que não são meras repetições mecânicas, mas processos dinâmicos carregados de significados.

A noção de ritmo, segundo Lefebvre, exige a consideração de conceitos complementares, como polirritmia, eurritmia e arritmia. A polirritmia refere-se à coexistência de múltiplos ritmos, como os que ocorrem no corpo humano ou na vida cotidiana. Basta observar o próprio corpo para perceber essa multiplicidade de ritmos que se entrelaçam. Já a eurritmia descreve a harmonia entre esses ritmos, característica de um estado de saúde ou de uma cotidianidade normatizada. Quando essa harmonia se desfaz, surge a arritmia, associada ao sofrimento e a estados patológicos. Nesse caso, a desarmonia dos ritmos é simultaneamente sintoma, efeito e causa de desequilíbrios.

Lefebvre também enfatiza que o saber derivado da experiência vivida tem o poder de transformar o próprio vivido, mesmo que de maneira não consciente. Essa ideia sugere que a reflexão sobre os ritmos cotidianos não é apenas uma análise teórica, mas uma prática que pode alterar a forma como vivemos e percebemos o mundo. Ao escutar atentamente os ritmos do corpo e do ambiente, é possível identificar tanto a harmonia quanto as dissonâncias que caracterizam a vida social.

Nesse sentido, a observação crítica da vida cotidiana e seus ritmos é um método de interpretação, compreensão e explicação do social. Lefebvre (2009) explicita isso ao dizer que o cotidiano é um fio condutor para compreender a sociedade. O cotidiano se apresenta, a princípio, banal e repetitivo, e certamente o é, se nos determos apenas no aparente, daí a indiferença dos cientistas sociais, que preferem análises de longo alcance, e o estudo dos grandes processos históricos.

Nas ruas, o fluxo de pessoas cria uma narrativa urbana dispersa e fragmentada através de seus diferentes ritmos, mas, como diz Certeau (1994), não conseguem lê-lo porque nele estão imersos; ou, como disse Martins, o homem comum é um ser dividido, alienado, que é o protagonista da história, mas não sabe disso, e fica enredado nas repetições do ir e vir. Ele é o homem simples (Martins, 2008) e marginal (Fernandes, 2007). É o ser que está em crise, e essa crise se expressa na vida cotidiana, que é o espaço da invisibilidade, da repetição, porque as revoluções, segundo os cientistas sociais, estão na esfera do Estado e da política, isto é, longe das miudezas e da miséria existencial. Entretanto, no sentido lefebvriano, é na repetição da vida quotidiana que está o possível, o novo, as inovações sociais e a revolução social.

Uma vez suprimidos o trabalho, as técnicas, a cultura e a ética, o que resta?, pondera Lefebvre (2009). O que resta é a matéria humana, um resíduo que é ao mesmo tempo totalidade – seus ritmos e desejos, seus tempos, conflitos e contradições – seus espaços. Mas, ainda assim, o que foi dito não é suficiente para definir a vida cotidiana. Devemos buscar seus determinantes, e é isso que Lefebvre propõe. Para isso, ele utiliza os conceitos de signos, sinais e símbolos que invadem e interferem no nosso cotidiano. Dos três, os signos são os mais simples, porém impõem um ritmo: o semáforo vermelho que nos impede de passar, a linha contínua ou tracejada nas estradas que ordena o trânsito de veículos. Os sinais guiam nosso comportamento e são um pouco mais complexos. Um aperto de mão, uma janela aberta, uma porta fechada, um chapéu, uma gravata ou um bom dia para alguém. Uma porta aberta para alguns pode significar que a entrada é gratuita; para outros, um mistério a ser revelado ou talvez uma armadilha ou um perigo. Os signos são ambíguos e abertos, com significados variados. Se não somos estrangeiros, sabemos ler as placas que enchem as ruas da cidade, embora o fato de ser estrangeiro em uma cidade estranha possa favorecer uma compreensão diferente, e talvez mais rica, dos significados desses signos. Alguns autores descreveram esse tipo de observador como marginal, não no sentido comum do termo, mas do ponto de vista teórico formulado por Park (2000), Simmel (2005) e Florestan Fernandes (2007).

A observação da vida cotidiana, com seus ritmos e tempos desencontrados, exige não apenas sensibilidade e imaginação sociológica, mas também um trabalho artesanal, cuidadoso e criativo. É no cotidiano, como destaca Pais (2013), que podemos desvendar os significados e os conhecimentos presentes

nas interações sociais. O sociólogo, ao se dedicar a decifrar os enigmas do dia a dia, precisa estar atento aos detalhes aparentemente insignificantes: os boatos, os apelidos, as propagandas, as placas nos veículos e tantos outros elementos que compõem o tecido social. Essa atenção ao que está ao redor permite capturar fragmentos do cotidiano, registrando, observando, entrevistando e coletando informações, documentos, fotografias e imagens. É a partir desses pequenos detalhes, muitas vezes negligenciados, que o sociólogo pode revelar as contradições e produzir conhecimento científico.

Para realizar essa tarefa, é fundamental adotar uma postura de artesão, seguindo a tradição inaugurada por Mills (2009), que combina o saber e o fazer de maneira única. Essa abordagem aproxima o pesquisador do cotidiano, utilizando a experiência vivida como objeto de interpretação sociológica. O sociólogo, assim como o artesão, transforma observações em obras, recriando o que vê e vive. Para isso, é preciso ter "fome de rua", como sugere Pais (2013), ou seja, uma disposição para observar tudo o que acontece ao redor, com criatividade e sensibilidade.

1. Um ritmanalista na cidade de Pelotas

Ao caminhar pelas ruas de Pelotas, no sul do Brasil, torno-me um ritmanalista, um observador atento dos ritmos urbanos que se entrelaçam na arquitetura, nos fluxos de pedestres, nos encontros e desencontros cotidianos. Pelotas, com seu passado escravista e sua posição periférica no capitalismo brasileiro, já foi objeto de estudo de renomados sociólogos, como Fernando Henrique Cardoso, que investigou a transição da aristocracia escravocrata para uma classe moderna capaz de estruturar novas relações de trabalho. Mas há outras formas de ler essa cidade, outras maneiras de decifrar seus enigmas. A ritmanálise, como propõe Henri Lefebvre, oferece um olhar diferenciado para compreender os tempos que se cruzam na paisagem urbana e nas práticas cotidianas.

O ritmo da cidade se expressa não apenas em suas materialidades, mas também nos hábitos e encontros que estruturam a vida social. Nos cafés da cidade, especialmente no icônico Café Aquários, os ritmos se interrompem em conversas prolongadas. Ali, aposentados, intelectuais e figuras políticas compartilham discussões sobre futebol, política e memórias da cidade. É um espaço onde o tempo desacelera, permitindo que a oralidade e a tradição se perpetuem. Tornado patrimônio cultural e imaterial em 2017, esse café é

um ponto de convergência no qual o passado e o presente dialogam, onde a cidade se narra a si mesma em pequenas doses de café e histórias.

A dialética dos ritmos urbanos se revela nos diferentes usos da cidade ao longo da semana. Nos dias úteis, Pelotas pulsa em um compasso acelerado: trabalhadores seguem trajetos repetitivos entre casa e emprego, veículos dominam as ruas, e o tempo é medido pelo relógio, submetido à lógica produtivista. No entanto, nos finais de semana e feriados, o ritmo se transforma. O pedestre, que antes se movia apressado, agora percorre a cidade em um tempo contemplativo. Praças se enchem de famílias e casais, as feiras de rua tornam-se espaços de sociabilidade, e o Lagoa dos Patos, com suas margens tranquilas, convida ao lazer. A cidade se reinventa no descanso, e os ritmos ordinários se suspendem momentaneamente para dar lugar a um tempo qualitativo, de experiências sensoriais e afetivas.

Mas nem todos acompanham esse ritmo oscilante entre produção e lazer. Pelotas, como qualquer cidade contemporânea, abriga tempos sociais divergentes, que coexistem e se chocam.

O caminhar, nesse contexto, revela-se como um ato de resistência à temporalidade imposta pela modernidade. Caminhar em Pelotas é experimentar essa dialética entre repetição e variação. O mesmo trajeto nunca é idêntico: a luminosidade muda, os sons se alteram, novos personagens ocupam as esquinas, e a própria cidade se desloca em sua memória e em suas transformações.

A cidade é um palimpsesto rítmico onde os tempos se sobrepõem, se confrontam e se reconfiguram. E é na escuta atenta desses ritmos — nos barulhos dos mercados, no silêncio das ruínas, no fluxo das conversas e no compasso dos passos — que o ritmanalista decifra a cidade. Pelotas, em sua materialidade e em seus fluxos, se revela como um espaço onde a história e o presente coexistem em uma coreografia complexa e dinâmica, sempre em movimento, sempre aberta à interpretação.

Ao caminhar, o corpo se entrelaça com o espaço da cidade, e seus ritmos se confundem e se misturam. É no corpo que os ritmos da cidade se expressam, mas, ao se diferenciar dele, o espaço torna-se um meio, um lugar de passagem, um trajeto repetido diariamente entre o trabalho e o lar. No entanto, esse espaço se transforma nos dias em que os ritmos cotidianos são interrompidos. Nos finais de semana e feriados, o pedestre desacelera, detém-se para observar a paisagem e percebe a cidade de uma maneira distinta. Nesses momentos, a cidade se revela em sua plenitude, convidando

à contemplação e à redescoberta. Ele reforça que "nada é imóvel", pois a cidade pulsa em seus ritmos próprios, no som do vento que percorre as ruas, na chuva que bate nos telhados e no murmúrio das multidões que transitam pelas calçadas.

O ritmanalista, como nos ensina Lefebvre:

> Escutará o mundo e, sobretudo, o que se chama desdenhosamente de barulhos, ditos como sem significação, e os rumores, plenos de significação – por fim, ele escutará os silêncios. [...] Ele escuta – primeiro seu corpo; nele aprende os ritmos para, em seguida, apreciar os ritmos externos. (Lefebvre, 2021, p.73. Grifo do original.)

O caminhar revela essa dialética entre os ritmos do espaço e os ritmos dos corpos, entre o fluxo das multidões e os momentos de pausa e reflexão. Essa prática cotidiana de interação com o espaço urbano permite ao observador perceber as transformações da cidade, captando as marcas do tempo inscritas em suas ruas, edifícios e na rotina de seus habitantes.

Em Pelotas, cidade de ritmos diversos, o caminhar conduz por camadas históricas sobrepostas. O passado colonial e escravista está impresso nas construções do centro histórico, nos casarões preservados e nas ruínas das antigas charqueadas. O tempo da cidade industrial ecoa nas fábricas desativadas, onde, outrora, operários desempenhavam funções repetitivas ao ritmo das máquinas. Já o tempo da modernidade se manifesta nas avenidas largas, nos novos condomínios fechados e nos shoppings, com o consumo ditando o compasso da vida contemporânea. A cidade se transforma constantemente, mas os resquícios dos tempos passados ainda sussurram através de seus escombros

A observação dos ritmos urbanos também revela as desigualdades sociais. No centro da cidade, cruzam-se diferentes tempos e experiências: o andar acelerado de quem tem um destino certo contrasta com o ritmo vagaroso dos idosos que passeiam sem pressa, dos ambulantes que vendem mercadorias e dos trabalhadores informais que sobrevivem à margem da economia formal.

Caminhar permite captar as experiências dos habitantes, de quem se apropria do espaço urbano tanto para o deslocamento utilitário quanto para a fruição. Le Breton (2014) enfatiza que caminhar não significa zombar

da modernidade nem se afastar dela; é apenas uma maneira particular de se situar na cidade e compreender seus fluxos. Caminhar é uma forma de habitar e refletir sobre o espaço urbano, revelando as tensões entre tradição e modernidade, entre pressa e contemplação.

A cidade se descobre pelos pés. Caminhar, ele mesmo um modo particular de ritmo, é um ato de pertencimento, de enraizamento no espaço urbano. É nas ruas que os laços sociais se formam, que memórias são reativadas e que a cultura urbana se manifesta. A cidade pertence a quem a percorre, pois o ato de caminhar é também um ato de conhecer, reconhecer e, sobretudo, viver a cidade em seus múltiplos ritmos.

2. A modo de conclusão

Foi minha intenção, neste capítulo, chamar a atenção para a vida cotidiana como um momento de reflexão sociológica dos ritmos da vida social e as interações com o espaço urbano. A caminhada, enquanto método, e o estranhamento causado pelo olhar do estrangeiro servem de ferramentas para perceber a diversidade de atores sociais que se cruzam nas ruas. São figuras que, mesmo sem intenção, conferem sentido ao espaço urbano, criando um mosaico de ritmos e experiências que se justapõem.

Através dessa abordagem, busquei demonstrar como os ritmos urbanos são múltiplos e contraditórios, refletindo tanto as dinâmicas do trabalho e do consumo quanto os momentos de pausa, contemplação e resistência. Cada esquina, praça ou calçada contém histórias entrelaçadas, fragmentos de tempos distintos que coexistem e se ressignificam continuamente.

O caminhar permite não apenas observar a cidade, mas compreendê-la como um espaço de disputa e de transformação. Ao acompanhar os fluxos urbanos e perceber suas variações, o pesquisador se depara com os conflitos entre modernidade e tradição, aceleração e lentidão, exclusão e pertencimento. O espaço urbano não é neutro, é resultado das interações humanas, das desigualdades sociais e dos usos diversos que se fazem dele.

Assim, a caminhada, expressão do ritmo do corpo, configura-se como uma forma de investigação sensível, uma prática que permite captar os ritmos da cidade e refletir sobre os modos de vida que nela se desenrolam. A cidade é feita por aqueles que a habitam, e seu ritmo é resultado das múltiplas relações que nela se estabelecem. Portanto, entender os ritmos urbanos é compreender as dinâmicas sociais que moldam o cotidiano e, possivelmente, vislumbrar

caminhos para a revolução social, como emergência do novo e do possível, como ruptura da repetição.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v. 1: Artes de fazer. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERNANDES, Florestan. Tiago Marques Aipobureu: um Bororo marginal. *Tempo Social*, São Paulo, v.?19, n.?2, p.?293-323, nov. 2007 [texto original de 1945]. DOI: 10.1590/S0103 20702007000200012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12557. Acesso em: 3 jul. 2025.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. 2. ed. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1994.

LE BRETON, David. *Caminar*: elogio de los caminos y de la lentitud. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Waldhuter Editores, 2014.

LEFEBVRE, Henri. *Metafilosofia*: prolegômenos. Tradução de Roland Corbisier. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1967. (Coleção Perspectivas do Homem, v.?22).

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Tradução de Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*: cotidiano e história na modernidade anômala. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 1, jan./jul. 2013. Disponível em: https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/24. Acesso em: 3 jul. 2025.

PARK, Robert. Las migraciones humanas y el hombre marginal. Scripta Nova, *Revista Eletrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, n. 75, 2000. Disponível em: http://www.ub.edu/geocrit/sn-75.htm#LAS%20MIGRACIONES%20HUMANAS%20Y%20EL%20HOMBRE. Acesso em: 3 jul. 2025.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa, v. 4, n. 12, p. 350–357, dez. 2005. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSEv4n12dez2005.pdf. Acesso em: 3 jul. 2025.

MILLS, C. Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

AUTORES

Ana Fani Alessandri Carlos

É professora sênior do Programa de Pós-Gradução (mestrado e doutorado) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Brasil. Sua pesquisa se debruça sobre a produção social do espaço, como categoria central para a compreensão do mundo moderno, o que situa seu trabalho na confluência de várias disciplinas. Ganhou vários prêmios, entre eles o Jabuti, com o livro *Espaço-tempo da vida cotidiana da metrópole*: a fragmentação da vida cotidiana. (São Paulo: Editora Contexto, 2001); o Geocrítica, da Universidade de Barcelona; o Manuel Correia de Andrade, do Programa Brasileiro de Pós-Graduação em Geografia. É cátedra de pesquisa ÉlyséeReclus, Mexico, e coordena dois grupos de pesquisa de Teoria Urbana Crítica no Instituto de Estudos avançados (IEA-USP) e Grupo de Estudos sobre São Paulo no Departamento de Geografia da FFLCH-USP.

Carlos Roberto da Silva Machado

Professor na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em Políticas Públicas da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), do qual foi coordenador de 2015 a 2017 e de abril a dezembro de 2024. Nos últimos 13 anos, pesquisa conflitos ambientais e urbanos e mantém relações e intercâmbios com pesquisadores portugueses, uruguaios, cubanos e brasileiros. Coordena o Observatório dos Conflitos Urbanos e Ambientais, que mapeia esses conflitos na região extremo sul do Brasil e Uruguai. Temas de pesquisa: políticas educacionais na cidade (dissertação, 1999, e tese, 2005), conflitos socioambientais, processos de produção e re-produção social e ritmos, a partir de Henri Lefebvre, e de uma educação ambiental para a justiça ambiental.

Luiz Menna-Barreto

Professor titular aposentado, colaborador sênior da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (EACH-USP). Vem da área biológica, graduado em Ciências Biológicas Modalidade Médica pela Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto e com mestrado em fisiologia naquela unidade. Mudou-se para o campus Butantã da USP, em São Paulo, para o doutorado em fisiologia. Até essa etapa, sua atuação foi em experimentos envolvendo manipulações do sistema nervoso em modelos animais. Nessa época (anos 1970-1980), uma nova área da biologia, a Cronobiologia, estudo dos ritmos biológicos, despertou seu interesse, e desde então Menna vem se dedicando

a ela. Foi contratado como docente do Departamento de Fisiologia do Instituto de Ciências Biomédicas da USP e, procurando rumos para um pós-doutorado no qual fosse possível estudar cronobiologia em humanos, descobriu o laboratório de Hubert Montagner, da Faculdade de Ciências de Besançon, na França. Estudou lá por cerca de dois anos e, ao retornar ao Brasil, organizou o Grupo Multidisciplinar de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos. Esse grupo permanece ativo, tendo sido transferido para a EACH em 2004.

Michel Moreaux

É geógrafo, mestre em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 2013, e doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2020, com a tese *Espaço e ritmo: estudo das práticas dos artistas de rua como formas de apropriação do espaço público*.

Nelson Marques

Graduado, bacharel e licenciado em Ciências Biológicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP). Mestre e doutor em Bioquímica e Biologia Molecular pelo Instituto de Química da USP (IQ/USP). Pós-Doutorado em Cronobiologia pela Universidade de Minnesota, Estados Unidos. Tem especialização em Divulgação Científica e Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Fundador do Cineclube Natal (2005) e da Associação dos Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte – ACCiRN (2017). Criador e organizador dos festivais de cinema Goiamum Audiovisual, Natal, RN (2007), e do Festival Internacional de Cinema de Baía Formosa (Finc), Baía Formosa, RN (2010). Editor, colaborador e organizador de livros sobre cinema e outras áreas desde 2008. Mais recentes: *Biologia sob influência: ensaios dialéticos sobre ecologia, agricultura e saúde* (tradução). São Paulo: Expressão Popular, 2022; *História da cronobiologia no Brasil e na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2023; *Historiografia dos cinemas do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2024; *Boletim Cine-Clube Tirol*, edição fac-similar, Natal, RN, Offset, Potiguariana, 2024; *Anchieta Fernandes, efemérides cinematográficas* (MARQUES, N. e ORENY JÚNIOR, orgs.) , Natal: Gajeiro Curió, 2024. Colaborador de livros e revistas sobre cinema. Mais recentes: *Claquete Potiguar – experiências audiovisuais no Rio Grande do Norte*, Natal, Máquina, 2016; *Dossiê Uma antropo-sociologia de filmes "não recomendáveis"* (Partes I e II); *Cronos*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, RN, v. 19 n. 1 e 2, 2018 (publicado em 2019).

Raizza da Costa Lopes
É doutoranda em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na qual também obteve o título de mestra na mesma área. Possui duas graduações em Ciências Biológicas pela FURG — bacharelado (2010-2014) e licenciatura (2016-2019) — e concluiu, em 2025, sua formação em Letras – Português e Francês. Atuou como pesquisadora em projetos financiados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e pelo Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR), com foco no fortalecimento da agricultura familiar no extremo sul do Brasil. Suas investigações se situam na interface entre educação e meio ambiente, adotando abordagens socioantropológicas, com especial atenção ao estudo de populações costeiras, em particular pescadores artesanais e agricultores familiares. Seu trabalho abrange categorias como conflitos socioambientais, território e desenvolvimento, e, mais recentemente, tem se dedicado a temas como os ritmos, o cotidiano, a aceleração e as catástrofes, visando ampliar o escopo de suas reflexões sobre as relações entre sociedade e meio ambiente.

Samuel Lopes Pinheiro
É pesquisador pós-doutorando (2025-2026) pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG, Brasil) e a UniversitéCatholique de l'Ouest (UCO, Angers, França). Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG, 2022), com período no Institut National Supérieur du Professorat et de l'Éducation (Instituto Nacional Superior de Formação de Professores e da Educação) vinculado à Universidade Paris-Sorbonne pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDSE/CAPES) e parceria com o laboratório Costech, da Université de Technologie de Compiègne (UTC). Mestre em Educação Ambiental (FURG, 2017), licenciou-se em Letras Português/Inglês (2013) e é Bacharel em Administração com ênfase em Comércio Exterior (2008). Atuou como professor substituto no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) – campus Alegrete, entre 2023 e 2025, ministrando disciplinas de Língua Inglesa no Ensino Médio Técnico, Leitura e Produção Textual em Licenciaturas e cursos tecnológicos, Inglês Instrumental em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Filosofia da Educação para Licenciatura e Metodologia de Pesquisa na Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Publicou artigos em periódicos e livros no Brasil, na França, no Canadá, na Romênia e nos Estados Unidos, além

de participar de eventos científicos em diversos países. Desde 2019, é membro do Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires (CIRET – França) e, desde 2023, integra o Núcleo Interdisciplinario de Educación Ambiental desde el Este, da Universidad de la República (Uruguai). Seus interesses de pesquisa incluem abordagens transdisciplinares, temporalidades, antropoceno e diálogo de saberes. Atualmente, é co-editor da *Enciclopédia do Antropoceno*, publicada pela editora Springer. Atuou no ensino de Língua Portuguesa como língua de acolhimento para imigrantes senegaleses e haitianos, além de formação em yoga e filosofias orientais, que ampliaram sua perspectiva transcultural sobre as relações entre o ser humano e a natureza. Também acompanhou processos de transição ecológica de pequenos agricultores no Sítio Talismã (2009-2011), fortalecendo sua experiência em agroecologia.

William Héctor Gómez Soto

Concluiu a graduação em Economia pela *Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua* (Unan) em 1986, na qual também atuou como pesquisador no *Centro de Investigaciones y Estudios de la Reforma Agraria (Ciera),* dedicando-se aos estudos da reforma agrária nicaraguense. Em 1991, defendeu sua dissertação de mestrado em Extensão Rural na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), analisando os impactos da reforma agrária na Nicarágua. Anos mais tarde, em 2002, concluiu o doutorado em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com uma tese sobre a produção de conhecimento no mundo rural, tendo como referência as obras de José de Souza Martins e José Graziano da Silva. Essa pesquisa foi reconhecida com o Prêmio de Melhor Tese de Doutorado pela Sober (Sociedade Brasileira de Economia Rural). Sua carreira acadêmica inclui passagens como professor na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) de 1992 a 2006, na qual se dedicou ao ensino e à pesquisa em desenvolvimento rural e questões agrárias. Docente e pesquisador na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) desde 2006, atuando no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Além disso, integra a *Red Internacional de Estudios sobre la Producción del Espacio* (Riepe), na qual colabora com pesquisadores que investigam as transformações espaciais e suas implicações sociais.

El Ritmanálisis de HENRI LEFEBVRE y las revueltas del cotidiano

Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe), org.

edição bilíngue
português – espanhol

El Ritmanálisis de HENRI LEFEBVRE y las revueltas del cotidiano

Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe), org.

edição bilíngue
português – espanhol

LUTAS ANTICAPITAL

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Editor: Julio Okumura

Membros do Conselho Editorial:
Andrés Ruggeri (Universidad de Buenos Aires – Argentina),
Bruna Vasconcellos (UFABC),
Candido Giraldez Vieitez (UNESP),
Claudia Sabia (UNESP),
Dario Azzellini (Cornell University – Estados Unidos),
Édi Benini (UFT),
Fabiana de Cássia Rodrigues (UNICAMP),
Henrique Tahan Novaes (UNESP),
Júlio César Torres (UNESP),
Lais Fraga (UNICAMP),
Maurício Sardá de Faria (UFRPE),
Mauro Iasi (UFRJ),
Neusa Maria Dal Ri (UNESP),
Paulo Alves de Lima Filho (FATEC),
Renato Dagnino (UNICAMP),
Rogério Fernandes Macedo (UFVJM),
Tania Brabo (UNESP)

Design Gráfico: Manuela Sanchez (@contextos_criticos)

Imagem de capa por Robin (@rambii) disponível na Unsplash

R611 A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano = El ritmanálisis de Henri Lefebvre y las revueltas del cotidiano. / Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe) (Org.). Edição bilíngue – Marília : Lutas Anticapital, 2025.

114, 120 p.

Edição bilingue (português/espanhol) em impressão reversa.

ISBN: 978-65-5279-031-6

1. Lefebvre, Henri, 1901-1991. 2. Educação ambiental. 3. Sociologia. 4. Filosofia marxista. 5. Civilização moderna. I. Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe). II. Título.

CDD 301.36

Ficha elaborada por André Sávio Craveiro Bueno
CRB 8/8211 FFC – UNESP – Marília

@editora_lutas_anticapital
(14) 99754-1818
editora@lutasanticapital.com.br

Grupo Ritmanálise da
Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (RIEPE)

Ana Fani Alessandri Carlos
Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras de la Universidad de São Paulo (FFCL-USP), São Paulo, SP, Brasil

Carlos Roberto da Silva Machado
Universidad Federal de Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

Luiz Menna-Barreto
Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades de la USP (EACH-USP), São Paulo, SP, Brasil

Michel Moreaux
Universidad Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Brasil
Grupo de investigación del Consejo Nacional Científico y Tecnológico (CNPq): "Producción del espacio urbano: prácticas espaciales, cotidiano y ritmanálise"

Nelson Marques
Facultad de Medicina de la USP (FM-USP), São Paulo, SP, Brasil
Universidad Federal de Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil

Raizza da Costa Lopes
Universidad Federal de Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

Samuel Pinheiro
Universidad Federal de Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

William Héctor Gómez Soto
Universidad Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil

RESUMEN

PRESENTACIÓN 1 por Mauricio Ceroni Acosta 9

PRESENTACIÓN 2 por Marcos Bernardino 11

INTRODUCCIÓN por Carlos Y Menna 17

CAPÍTULO I: La dimensión temporal como reveladora de juegos de poder en las relaciones humanas, en la familia, escuela, taller u oficina, como propone Lefebvre en el libro "Elementos de Ritmanálise" 23
Luiz Menna-Barreto

CAPÍTULO II: Cine y temporalidad (tiempo en el cine o tiempo del cine): una perspectiva lefebvriana 29
Nelson Marques

CAPÍTULO III: Ritmoanálisis y la crítica de la aceleración: pensar los ritmos con la Educación Ambiental 37
Raizza da Costa Lopes e Samuel Lopes Pinheiro

CAPÍTULO IV: En El Tiempo Y El Espacio De Las Catástrofes: Reflexión Sobre Los Fundamentos De La Educación Ambiental Y Los Ritmos 51
Carlos RS Machado

CAPÍTULO V: El ritmoanálisis de Lefebvre y la noción de afecto: caminos de apropiación desde la geografía anglosajona 69
Michel Moreaux

CAPÍTULO VI: Bajo el signo del Ritmoanálisis por Henri Lefebvre 87
Ana Fani Alessandri Carlos

CAPÍTULO VII: El análisis de los ritmos en la vida cotidiana: una perspectiva lefebvriana 103
William Héctor Gómez Soto

AUTORES 117

PRESENTACIÓN 1

MAURICIO CERONI ACOSTA
COMITÉ COORDINACIÓN DE LA RIEPE

La Red Internacional de Estudios sobre la Producción del Espacio (Riepe), articula investigadores e investigadoras que trabajan críticamente en la comprensión y el análisis de la realidad contemporánea, a partir del concepto de "producción del espacio", desarrollado por el filósofo francés Henri Lefebvre (1901-1991). La red busca visibilizar, intercambiar y poner en diálogo los resultados de las investigaciones de sus integrantes, con relación a procesos socioespaciales concretos.

La obra de Lefebvre es un punto de partida para nuestra práctica científica social, por ello, somos críticos con el eclecticismo conceptual, con las posturas dogmáticas y deterministas, especialmente con las de cortes idealistas y liberales, que han llevado a interpretaciones tergiversadas y pacificadas del *Derecho a la ciudad*, *La revolución urbana*, de *La producción del espacio*, y de muchas otras obras y categorías claves.

En este marco es que nos congratulamos por la elaboración del libro *El Ritmanálisis de Henri Lefebvre y las revueltas del cotidiano*, el cual fue resultado del seminario del grupo de trabajo "Ritmoanálisis", que integra la red desde inicios del año 2024. Creemos que esta obra contribuirá a profundizar el debate sobre una tema menos conocido en la obra de Lefebvre pero que, sin embargo, viene a completar la galaxia de conceptos creados por el autor —en este caso, el ritmonanálisis, proveniente del pensamiento dialéctico, que venía para completar la producción del espacio— abriendo nuevas perspectivas críticas sobre la reproducción de la vida social, en la sociedad capitalista del siglo XXI.

PRESENTACIÓN 2

Marcos Bernardino
Each-Usp

En 2019, algunas de las personas participantes de esta obra, incluyendo la que hace esta presentación, por iniciativa de nuestro compañero y amigo Menna, nos reunimos en torno a un proyecto cuya propuesta, basada en los intereses y trayectorias de quienes participamos en este, pretendía conjugar una investigación sobre los pueblos originarios en sus relaciones con sus cuerpos, tanto individuales como colectivos, biológicos, culturales y territoriales, observados a la luz de una tríada que pretendía conjugar tres dimensiones de nuestras existencias, por definición inseparables e interdependientes: espacio-tiempo-cotidianidades.

El proyecto se denominaba: "Pueblos originarios: espacio-tiempo y cotidianidades". Y el acrónimo que lo identificaba —POETeCo—, más que una sigla que utilizábamos para marcar nuestros encuentros y reuniones en las agendas y cronogramas que organizan nuestro tiempo, contribuyó también a señalar predisposiciones en los enfoques que pretendíamos desarrollar. Resultaba instigador y sugerente, ver espacios reservados para POETeCo. Y esto podía ocurrir en cualquier momento o período, de lunes a viernes, o incluso, los sábados y domingos, con menor frecuencia, cuando había coincidencia de posibilidades para quienes se agrupaban en ese momento.

No recuerdo exactamente por qué ni quién lo propuso, pero creo que fue el propio Menna quien sugirió que, en las fases iniciales de afinamiento, depuración y apropiación de los referentes teóricos que debían sustentar y conducir el proyecto, nos dedicáramos a leer y debatir la última obra de Henri Lefebvre, publicada póstumamente en 1992 y titulada *Élements de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*[1]. Y eso es lo que hicimos en las reuniones que siguieron a finales de 2019 y continuaron, con nuevos miembros, en los años siguientes, incluidos los de la pandemia que nos azotó entre 2020 y 2021.

1 LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse : Introduction à la connaissance des rythmes*. París: Ed Syllepse, 1992. Traducida al inglés en 2024 y, recientemente, al portugués, publicado pela Ed Consequência, en 2021.

La propuesta de discutir el texto de Lefebvre fue acertada. En él, los ingredientes sugeridos por el proyecto original, encontraron una amplia recepción en su texto y potenciaron su discusión. La asociación entre pueblos originarios, diversidades, singularidades, biología, cultura, espacio, tiempo, entre otras dimensiones, incluyendo las del cuerpo individual o colectivo, en sus recorridos y (des)realizaciones cotidianas, no requieren mucho esfuerzo para hacerse automáticamente. Muchas de ellas sucedieron en las aproximaciones de Lefebvre al texto, aunque expuestas de forma caótica, no lineal, y no sólo en su texto, sino en los ensayos finales sumados y escritos en colaboración con su compañera de vida, Catherine Regulier ("El proyecto ritmanalítico" e "Intento de Ritmoanálisis de ciudades mediterráneas"). En todos ellos, la constatación de un cierto agotamiento de nuestros instrumentos cognitivos, altamente disciplinados para lograr la comprensión de las asociaciones mencionadas, es una nota clave. Se afirma así la necesidad de predisposiciones transdisciplinarias, para lo que Lefebvre anuncia desde el principio, como una pretensión que no se oculta: "La ambición de este pequeño libro no se disimula. Se propone nada menos que fundar una ciencia, un campo de conocimiento: el análisis de los ritmos, con consecuencias prácticas" (Lefebvre, 2021. p. 53)[2]. Y la ambición se desvela aún más, al dejar claro que estamos ante una propuesta de teoría del conocimiento —"El ritmanálisis se define aquí como método y teoría [...]" (Lefebvre, 2021. p. 69) — que no puede prescindir de la reconexión de los saberes disciplinados, separados," [...] al reunir prácticas muy diversas y saberes muy diferentes: medicina, historia, climatología, cosmología, poesía (poética), etc. Sin olvidar, por supuesto, la sociología y la psicología [...]" (Lefebvre, 2021. p. 69.).

"Así como el poeta", —afirma Lefebvre, en algún momento—, "el ritmanalista realiza una acción verbal, que tiene una importancia *estética*" Lefebvre, 2021. p. 78. Énfasis añadido), estableciendo y justificando esta comparación en su texto.

Estas predisposiciones (transdisciplinarias) y aproximaciones (con lo poético), se confirman en el texto coescrito con Regulier[3]. Los autores sugieren que el ritmanálisis puede ser una teoría general de los ritmos (Lefebvre e

2 Texto reproducido de la edición brasileña (LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidades*. Traducción de Flávia Martins y Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021).

3 LEFEBVRE, Henri; REGULIER, Catherine. El proyecto ritmanalítico. In: LEFEBVRE, *op. cit.*, p. 156-168.

Regulier, p. 163) y ratifican también que «el análisis de los ritmos en toda su magnitud "desde las partículas a las galaxias" tiene un carácter transdisciplinar» y esto se consigue con la afirmación del "objetivo, entre otros, de separar lo menos posible lo científico de lo poético" (p. 55).

El hecho es que, como ya se puede deducir de esta muestra, estos textos, sus formulaciones y las discusiones y debates que se desarrollaron en torno a ellos, nos absorbieron por completo. El placer del debate sobre el libro y sus provocaciones, se extendió y derivamos hacia otros intereses que hicieron del proyecto original sólo un recuerdo de cómo empezó todo. Pero el tema general, que vinculaba a los pueblos originarios, diversidad, espacio, tiempo, vida cotidiana e incluso, a la poesía de aquel acrónimo POETeCo, siguió poblando y conduciendo nuestras discusiones durante algún tiempo.

Es interesante comprobar ahora que la discusión no ha terminado, que el texto y el pensamiento de Lefebvre han seguido aglutinando reflexiones, motivando seminarios y una voluntad de reunir algunas de ellas en obras colectivas, como las que se presentan en este libro, cuyos capítulos están en sintonía con este conjunto de predisposiciones, como trataré de ilustrar brevemente a continuación.

En todos los capítulos se hace hincapié en la asociación entre ritmos, temporalidades, diversidades, bien como la percepción y capacidad del ritmanalista para observar estas diversidades, así como las fuerzas aplanadoras que asfixian los cuerpos y sus ritmos, reduciéndolos a una repetición homogeneizadora. El ritmanalista identifica en los ritmos la diversidad de manifestaciones y existencias que "evidencian la dialéctica entre lo cíclico y lo lineal, lo repetitivo y lo diverso", otorgando al cuerpo el papel de "recuperar lo sensible en lo vivido". Considerar los ritmos nos permite observar variaciones no sólo entre colectivos, sino en las propias existencias individuales, proporcionando "la comprensión de la posibilidad de cambio presente en las oscilaciones de los organismos —es precisamente en los altibajos de una función donde reside la posibilidad de cambiar esa función—"[4].

La imposición de las reconexiones disciplinares, así como las predisposiciones transdisciplinares, como también veremos, estarán presentes en los planteamientos que siguen, y que reconocen en el ritmanálisis un horizonte

4 A partir de aquí, todas las afirmaciones colocadas entre comillas y no identificadas con autoría, se han extraído de los textos que componen el libro. El lector curioso pronto podrá identificarlas si se toma la molestia de leer los capítulos.

epistemológico que no sólo está en sintonía con las exigencias de la contemporaneidad, sino que persiste en las propuestas de compromiso y cambio social de Lefebvre, que siempre ha manifestado, como sabemos. De este modo, Lefebvre ya dejó constancia de sus convicciones en su texto autobiográfico —*Les temps des méprises*[5]:

> el capitalismo tiende a reducir las diferencias, a homogeneizar todas las sociedades, a reducirlas a un modelo único. Lo repetitivo impera, el mundo se convierte en el mejor de los casos en un vasto Museo, el pensamiento en un inventario, una manía clasificatoria. Mientras tanto en el corazón de estas sociedades, aparecen fuerzas que reivindican, que se preocupan de las diferencias, las regiones, las culturas regionales, las nacionalidades, las clases y las fracciones de clase (Lefebvre, 1976, p. 213.)

Y si en esa obra de los años setenta ya estaba clara la noción de ritmo, que elabora la obra más reciente, también lo estaba en la del analista, o mejor, la del ritmanalista, que la preocupación por la cotidianidad pone en evidencia: "Solo llegaríamos a transformar la vida cotidiana mediante una previa penetración en ella a través del análisis" (Lefebvre, 1976).

En las inspiraciones recogidas de la obra póstuma, esa siembra resurge en el reconocimiento de una de las autoras aquí reunidas: "no habrá transformación hacia la justicia social sin la radicalización de la libertad en el trabajo, y sin la radicalización del reconocimiento de la diversidad". Y, en el espíritu de escucha poética que ritmanálisis y ritmanalistas deben profesar, propone las características de una agenda alternativa y capaz de oponerse a la neoliberal: "menos salvajismo, menos opresión, menos rencor, menos certezas –más libertad, más respeto, más generosidad, más escucha, más afecto, más reconocimiento–". En otro de esos textos denuncia explícitamente "un cierto olvido en la historia de las ciencias sociales con respecto a esta dimensión del afecto".

Pero si "los ritmos revelan las relaciones de poder", también explicitan los fundamentos para erigir propuestas educativas, cognitivas y epistemológicas, en el arte ("el cine es una máquina de crear tiempo"), en la ciencia, o en el indispensable diálogo y cooperación entre estas culturas, sobre todo cuando

5 En la versión española que consulté y de la que he extraído las citas, se titula *Tiempos equívocos* y fue publicada por la Editorial Kairós, de Barcelona, en 1976.

proporcionan y desafían al analista —el ritmanalista— en sus aventuras de búsqueda o devoción a la escucha, a la percepción de los ritmos, es decir, de la diversidad de existencias, imposiciones y resistencias.

Si "el ritmo se entiende como un punto de articulación en la relación individuo-sociedad-naturaleza frente a la irrupción de las tecnologías y las inteligencias artificiales", la Educación Ambiental puede intervenir, "abordando este campo de conocimiento como una posibilidad de compromiso crítico y transdisciplinar de/en la combinación de esfuerzos para desarrollar la conciencia y el autoconocimiento".

La contemporaneidad del enfoque, no sólo se debe al vínculo con la reflexión sobre la tecnología (y las "patologías del ritmo... endeudamiento, plataformización, *app*ificación y digitalización de la vida"), sino que se reafirma, como hemos dicho, por lo que invierte y aporta para mejorar las herramientas cognitivas/metodológicas necesarias para afrontar "un tiempo de catástrofes" en las "aportaciones de la teoría de los ritmos para pensar la trialéctica relacional entre ser/cuerpo X sociedad X naturaleza/cosmos para la problemática medioambiental actual".

En *Elementos de ritmanálisis*, "el ritmo aparece como simultaneidad-cadena; unidad-diversidad" y "el ritmanálisis, como método..." que pone en evidencia la vida cotidiana y su ritmo, atravesados por la "relación espacio-tiempo", lo que nos muestra la recursividad dialéctica "entre este plano y el de lo global anunciado por el fenómeno urbano".

No está de más recordar (y observo que también me trajo a esta memoria el debate que me proporcionó el contacto con *Elementos de ritmanálisis),* que Lefebvre enuncia, en su libro *El derecho a la ciudad,* una definición a la vez sencilla, pero de amplias e importantes consecuencias para comprender el espacio-tiempo contemporáneo: "[...] se puede definir como sociedad urbana la realidad social que nace a nuestro alrededor [...]" (Lefebvre, 2001, p.11) [6].

Para comprender esta realidad, de lo urbano, es decir, de la sociedad contemporánea, espacial y temporalmente referenciada, los instrumentos cognitivos disciplinados se han revelado insuficientes, como ya señalaba Lefebvre en la misma obra. Ni siquiera la "táctica interdisciplinaria", en su yuxtaposición de fragmentos de enfoques, sería capaz de hacer frente a esta

6 LEFEBVRE, Henri. El derecho a la ciudad. Traducción de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. (Publicado originalmente: LEFEBVRE, Henri. *Le Droit à la Ville*. Paris: Anthropos, 1968.)

globalidad, porque "esta globalidad no puede ser aprehendida sino a través de un esfuerzo que trascienda los *découpage*" (p. 44).

Necesitamos "una transformación de las gestiones y de los instrumentos intelectuales", insistía, sugiriendo incluso la "transducción", en lugar de los planteamientos habituales y enfoques clásicos de "inducción y deducción", porque con ella, decía, "el rigor se introduce en la invención y el conocimiento en la utopía" (p. 110).

La utopía, de hecho, sugerida por Lefebvre como una *"utopía experimental"*, sería otro de estos "enfoques mentales" para guiar los nuevos instrumentos cognitivos, las nuevas referencias para pensar los lugares que anhelamos o que ya hemos experimentado (experimentamos u observamos) como alternativa a los patrones de esta "realidad social que crece a nuestro alrededor", sugiriendo las siguientes preguntas: «¿Qué tiempos, qué ritmos de la vida cotidiana están inscritos, escritos, prescritos en estos espacios "exitosos"», es decir, en estos espacios favorables a la felicidad? Eso es lo que importa" (p. 110).

Si a usted también le interesa, querida lectora, querido lector, ¡buena lectura!

INTRODUCCIÓN

El interés de los/las autores/as por los ritmos y/o por la producción teórica y política de Henri Lefebvre, se remonta a tiempos distintos para cada uno/a, reflejando trayectorias singulares. Al mismo tiempo, la diversidad de las reflexiones —provenientes de diferentes campos del conocimiento, de los recorridos propios de cada autor/a y de los variados contextos en que viven y actúan como ciudadanos/as y académicos/as— es una expresión concreta de la posibilidad de construir una unidad en torno a un objetivo común: la utopía de la unidad en la diversidad y en las diferencias, en oposición a las injusticias, la explotación y la discriminación que se profundizan a escala global.

Las reflexiones que dieron origen al libro "El Ritmanálisis de Henri Lefebvre y las revueltas del cotidiano", comenzaron en un almuerzo en el comedor de la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades. Estábamos nosotros, Luiz Menna-Barreto y Carlos RS Machado, ambos interesados en la obra de Henri Lefebvre. Carlos proviene de las Humanidades y yo, de las Ciencias Biológicas, pero compartíamos un interés común por lecturas sobre el tiempo desde un enfoque dialéctico. En ese almuerzo, propusimos un ciclo de lectura de la obra póstuma de Lefebvre, "Elementos de Ritmanálisis", que nos motivaba mutuamente. Invitamos a posibles interesados en crear un ciclo de seminarios sobre esta obra, que finalmente se concretó a lo largo de 2023. En 2024, el proyecto se amplió aún más, culminando en este libro. Por lo tanto, una de las utopías de aquel almuerzo se está haciendo realidad en esta publicación.

Durante este tiempo, mantuvimos contacto con la Red Internacional de Estudios sobre la Producción del Espacio (Riepe), que reúne a pensadores franceses, mexicanos, chilenos, uruguayos y brasileños en torno a estudios sobre la obra de Lefebvre, especialmente acerca de "La Producción del Espacio", como lo anuncia el nombre de la red. Ampliamos nuestra participación en este grupo, donde Luiz Menna-Barreto y Ana Fani Carlos, desempeñan un papel fundamental en la articulación y presencia de Brasil en la red.

Nos reunimos en el grupo llamado "Ritmanálisis", a través del cual, aún en 2023, realizamos un ciclo de seminarios que formó parte de nuestros estudios y reflexiones sobre el libro "Elementos de Ritmanálisis y otros ensayos sobre temporalidades" de Henri Lefebvre. En 2024, estas reflexiones ampliadas y revisadas dieron lugar a los capítulos que, a su vez, concretizan el libro que ahora publicamos.

La teoría de los ritmos y sus implicaciones en el Ritmanálisis tienen su origen asociado al filósofo portugués Lúcio Pinheiro dos Santos, quien, junto con Leonardo Coimbra, en las primeras décadas del siglo XX, desarrolló reflexiones fundamentales sobre el tema. En los años 1930, el Ritmanálisis apareció en las reflexiones de Gaston Bachelard, más específicamente, en su libro "La dialéctica de la duración", en su octavo y último capítulo titulado "El Ritmanálisis".

Desde esta perspectiva, cabe destacar que el Ritmanálisis también fue mencionado en publicaciones de Henri Lefebvre desde los años 1960 y 1970, en el segundo tomo de "Crítica de la vida cotidiana" y en "La Producción del espacio", respectivamente. En 1980, este término fue retomado en "El proyecto ritmanalítico", elaborado con su esposa Catherine Régulier, y en "Ensayo de ritmanálisis de las ciudades mediterráneas". En 1992, se publicó póstumamente "Elementos de ritmanálisis: Introducción al conocimiento de los ritmos". Recientemente, en 2019, se publicó el libro "Elementos de ritmanálisis y otros ensayos sobre temporalidades", cuya traducción al portugués fue lanzada en 2021, por Flavia Martins y Michel Mouraux, este último, autor de una reflexión incluida en nuestro libro.

De este modo, como puede observarse, el libro que ahora producimos es fruto de un largo acervo teórico y práctico de reflexiones que se remontan a las primeras formulaciones de Lúcio Pinheiro dos Santos —a quien reconocemos como el creador del término ritmanálisis— y a las contribuciones de Gaston Bachelard sobre los ritmos. Sin embargo, es fundamental destacar que nuestras reflexiones se anclan en la perspectiva lefebvriana, que nos inspira de manera directa y profunda. A continuación, presentamos brevemente cada capítulo de esta obra, resultado de esta trayectoria colectiva de lecturas, debates y experiencias.

El capítulo titulado «La dimensión temporal como reveladora de juegos de poder en las relaciones humanas, en la familia, en la escuela, en la fábrica y en la oficina, tal como propone Henri Lefebvre en la obra "Elementos de Ritmanálisis"», es abordado en la reflexión de Luiz Menna-Barreto, para realizar una articulación entre el aporte de Henri Lefebvre y un área del conocimiento relativamente reciente: la Cronobiología. Esta articulación se apoya en las nociones sobre ciclos de la naturaleza, tal como son propuestos por Lefebvre, y el conocimiento actual sobre ritmos biológicos.

El capítulo titulado "Cine y temporalidad (tiempo en el cine o tiempo del cine): una perspectiva lefebvriana", de autoría de Nelson Marques, discute la complejidad de esta acción y de los tres tiempos existentes en ese proceso. El tiempo de y en la acción de la película, es decir, el desarrollo de la trama dentro de la película; el tiempo experimentado por la persona espectadora; y el tiempo de la proyección (duración) de la película. Marques destaca, a partir de estas tres divisiones, que el tiempo cinematográfico rompe sus vínculos con la noción de continuidad temporal, así como con la existencia de una multiplicidad de temporalidades.

El capítulo titulado "Ritmanálisis y la crítica de la aceleración: pensar los ritmos con la educación ambiental", de Raizza da Costa Lopes y Samuel Lopes Pinheiro, resalta que la aceleración tecnológica y la creciente fragmentación de los ritmos naturales y sociales, en el contexto del capitalismo neoliberal, han generado impactos significativos en la vida individual y colectiva, así como en el medio ambiente. Los autores reflexionan sobre las posibilidades de comprender las relaciones entre temporalidades sociales, alienación y educación ambiental, para promover estrategias de reapropiación de los ritmos de la vida y de la naturaleza. Para los autores, la lógica neoliberal, impone rupturas rítmicas que afectan tanto el equilibrio ecológico como la subjetividad humana. Por ello, proponen que la educación ambiental, al incorporar el ritmanálisis, puede constituirse como un espacio de resistencia y resonancia, permitiendo una pedagogía que valore la complejidad de las temporalidades y favorezca la construcción de prácticas educativas alineadas con la justicia socioambiental.

El capítulo titulado "En el tiempo y espacio de las catástrofes: Reflexión sobre los fundamentos de la educación ambiental y los ritmos", de Carlos R.S. Machado, destaca la necesidad de incluir las catástrofes climáticas, ambientales y otras, en las reflexiones sobre la educación ambiental —y, por lo tanto, en el contenido que ella promueve— como un proceso de arritmia que influye en las relaciones rítmicas y temporales entre seres, sociedad y naturaleza. El llamado Antropoceno es la expresión de una forma de producir, consumir y destruir que emergió con el capitalismo. Su superación deberá considerar los ritmos del individuo, en lo vivido y lo concebido, bien como en la relación de esos ritmos individuales con los ritmos de la sociedad y la naturaleza. La reflexión forma parte de una investigación sobre estos temas y sus aportes a los fundamentos de la educación ambiental.

El capítulo titulado "Ritmanálisis de Lefebvre y la noción de afecto: caminos de apropiación a partir de la Geografía anglosajona", de autoría de Michel Moreaux, busca contribuir a la articulación posible entre el ritmanálisis de Lefebvre (1992, 2021)[7] y la noción de afecto, enfatizada por geógrafos anglosajones vinculados a las llamadas teorías no-representacionales, tan bien presentadas por Paiva (2017). Para ello, también destaca los estudios de Revol (2012, 2015) y propone algunos caminos de apropiación del ritmanálisis de Lefebvre, que están siendo explorados en la Geografía anglosajona. El argumento central es que el ritmanálisis, junto con las teorías no-representacionales, puede abrir nuevas posibilidades de investigación, incorporando la noción de afecto.

El capítulo titulado "Bajo el signo del ritmanálisis de Henri Lefebvre", de Ana Fani Carlos, desarrolla una reflexión a partir de la hipótesis de que en el libro *Éléments de Rythmanalyse* —foco del debate del grupo de investigación del Riepe— Lefebvre construye una teoría del ritmo en un sentido invertido respecto al señalado en varias de sus otras obras. En lugar de partir desde la teoría para analizar la realidad práctica (del concepto a la experiencia), el camino del método constitutivo del acto de pensar ahora va del movimiento de la praxis hacia la construcción teórica que, a través de la primacía del cuerpo, impone la centralidad del plano de lo sensible y lo vivido.

El capítulo "El análisis de los ritmos en la vida cotidiana: una perspectiva Lefebvriana", de autoría de William Héctor Gómez Soto, reflexiona sobre la observación de la ciudad y sus ritmos cotidianos, así como de los ritmos y temporalidades de la vida cotidiana, destacando la diversidad de ritmos que coexisten en lo urbano. Se abordan temas que "han sido ignorados" y que "enfrentan desafíos metodológicos", como el riesgo de distorsiones ideológicas al generalizar observaciones particulares. Según el autor, "[...] se resalta la importancia de considerar las contradicciones y relaciones de poder que organizan los ritmos, y de que la vida cotidiana, con sus ritmos cíclicos y lineales, es un terreno fértil para comprender lo social, aunque su complejidad sea frecuentemente desatendida".

Creemos que nuestra publicación posibilitará una diversidad de lecturas desde ángulos y perspectivas diferentes de esta obra y que, con ello, se ampliará la lectura de la obra de Lefebvre en apoyo a estudios académicos, en el análisis de la realidad, considerando los ritmos (del ser, de la sociedad y

7 Las referencias completas serán presentadas en cada capítulo.

de la naturaleza), en sus articulaciones y contradicciones al interpretar, vivir y actuar dialécticamente en nuestros tiempos.

Cada capítulo fue elaborado por uno o más miembros del grupo, con base en las discusiones desarrolladas a lo largo de los seminarios. El grupo sigue activo en 2025 y nuevas adhesiones son muy bienvenidas.

¡Deseamos a todos y todas una excelente lectura!

Carlos y Menna-Barreto

CAPÍTULO I: LA DIMENSIÓN TEMPORAL COMO REVELADORA DE JUEGOS DE PODER EN LAS RELACIONES HUMANAS, EN LA FAMILIA, ESCUELA, TALLER U OFICINA, COMO PROPONE LEFEBVRE EN EL LIBRO "ELEMENTOS DE RITMANÁLISE"

Luiz Menna-Barreto

Como una presentación personal para ayudar a la comprensión de este capítulo, mi formación y actuación académica ocurrió originalmente en las neurociencias, buscando manipulaciones del sistema nervioso (siempre en modelos animales) eventualmente relevantes para la comprensión de los papeles del sistema en la construcción y cambios de las conductas. Ese interés me motivó a adentrarme en un área del conocimiento explotada desde la mitad del siglo pasado, la Cronobiología. En esa área son estudiados los ritmos biológicos y he trabajado en ella desde los años 70, en lo que puede ser resumido como intento de identificar y comprender la organización temporal de la materia viva. En la obra póstuma de Henri Lefebvre *Elementos de ritmanálisis y otros ensayos sobre temporalidades* (1992), somos invitados a reflexionar sobre la dimensión temporal de varios aspectos de la realidad, de la vida y de la cultura humanas. En este capítulo pretendo compartir una lectura de esa inmersión temporal en los organismos, proponiendo métodos de identificación e interpretación de algunos fenómenos, bajo la luz de la Cronobiología (Menna-Barreto e Marques, 2003). El término Cronobiología fue creado en la década de 1950, para identificar el área de origen de los estudios sobre la dimensión temporal de la materia viva. La opción por una lectura que incluye las humanidades, busca el abordaje interdisciplinar en el que, cultura y biología, no ocupan segmentos independientes del conocimiento, lo que aparecerá en los aspectos culturales que expondré en este capítulo. Lefebvre argumenta que la generalidad de los fenómenos cíclicos en las manifestaciones de la vida, es condición fundamental para el surgimiento y evolución de los organismos en un planeta oscilante, cuya temporalidad se expresa a través de ciclos y que, de alguna forma, son identificados en las más variadas funciones orgánicas. Esos ciclos o ritmos biológicos, están presentes y aparecen en distintas culturas y épocas. La propia evolución ofrece ejemplos significativos de la presencia y relevancia de esa temporalidad — especies surgen y son extintas, funcio-

nalidades aparecen y cambian— de modo que, un análisis de los seres vivos que incorpore las temporalidades, se impone, en parte como contrapunto, en parte como complemento de la visión espacial dominante en la biología. Al defender la importancia de tener en consideración la dimensión temporal de los fenómenos, afirmo que, desconsiderar la temporalidad, acaba por ocultar aspectos fundamentales de los fenómenos estudiados.

Asumir las temporalidades en los estudios biológicos es asumir que, más allá de analizar la forma de los seres vivos y de sus mecanismos actualmente conocidos, es fundamental incluir la observación de su dinámica para comprender cómo la vida se presenta hoy, es decir, los organismos tienen **historias**. Así, lo que observamos en un organismo es el resultado de un proceso de cambios a lo largo del tiempo. La existencia misma de un organismo solamente tiene sentido si la entendemos como una fase de la vida de la especie. El plural, **historias**, me parece conveniente para resaltar que hay al menos dos caminos a seguir en las interpretaciones del significado de las temporalidades. De un lado, existen **historias filogenéticas** que nos invitan a pensar en el cómo y en el cuándo surgieron las especies, bien como imaginar las posibilidades de sus futuros. Por ejemplo, en la pregunta "¿cómo y cuándo surgió la preferencia por la diurnidad de la actividad en algunas especies de mamíferos, hasta aquel momento, predominantemente nocturnos?". La diurnidad se constituyó como contraste con la nocturnidad dominante entre los mamíferos y acabó ampliando las opciones de adaptación al ambiente, vivido ahora bajo iluminación solar. Desde una perspectiva más restringida, es razonable suponer la presencia de las **historias ontogenéticas,** como el escenario en el que los individuos acaban creando sus propias temporalidades, como es el caso de las preferencias matutino-vespertinas de los humanos, conocidas como "cronotipos". Esas preferencias son fácilmente observables en nuestros entornos y, por supuesto, contribuyen a la diversidad de las conductas humanas. Cabe aquí una reflexión sobre cómo esa diversidad viene siendo tratada en la literatura científica del campo da Cronobiología –en la inmensa mayoría de los artículos, hay una propuesta de asociación de las preferencias vespertinas con diversas patologías, principalmente, de la privación de sueño y de sus efectos negativos sobre el humor, memoria y aprendizaje–. No se trata aquí de ignorar esos efectos, pero sí de intentar comprender el fenómeno de modo más amplio. Por ejemplo, poetas que trabajan en la madrugada, ¿serían considerados como enfermos? ¿Anormales? Adolescentes

que pasan la noche frente a las pantallas no nacieron así, sino que han ido construyendo sus nichos de actividad nocturna. La suposición que sostiene esa visión es la existencia de una supuesta normalidad confundida con valores medios. Me parece que una contribución importante se sitúa en el ámbito de las implicaciones del entendimiento y aceptación de dichas dinámicas —la vida **está** así y no **es** así—, justamente en función de esas dinámicas. Parte de las resistencias a aceptar esas dinámicas puede atribuirse a las influencias de las ideas creacionistas. En la mentalidad creacionista, los seres vivos fueran creados por alguna divinidad y funcionan de manera invariable. En este caso, se trata de una ocultación de los procesos evolutivos. En una publicación reciente, Kevin Birth (2017), nos invita a reflexionar sobre esa ocultación de las temporalidades, demostrando como eso conduce a interpretaciones erróneas.

En mi lectura del libro Elementos de ritmanálisis de Lefebvre, esa dinámica es parte de la esencia de la vida. Él nos provoca proponiendo que aún la materia inanimada presenta ciclos (o ritmos), pues una piedra de hoy, fue distinta desde sus orígenes en el planeta (y porque no, del universo). Lo que diferenciaría un organismo de una piedra estaría en la diferencia temporal: hay ciclos más largos en la piedra y más cortos en los organismos. En el caso de la vida en la Tierra, las oscilaciones del planeta serían un escenario temporal que acabó confiriendo significado adaptativo a los ritmos biológicos.

Una de las consecuencias más enriquecedoras de incorporar ritmos o ciclos, es la comprensión de la posibilidad de cambios, presente en las oscilaciones de los organismos —es justamente en los altos y bajos de una función, que reside la posibilidad de cambio de dicha función—. Un ejemplo de lo que puede ayudar a comprender los fenómenos en los organismos, suele ser verificado en lo que sabemos sobre la actividad eléctrica de las neuronas. Neuronas oscilan continuamente, y eso ocurre a través de cambios en la distribución de cargas eléctricas de esas células, conocidas como potenciales de reposo y de acción. En el potencial de reposo, el interior de las neuronas es más negativo; en el potencial de acción, las cargas se invierten rápidamente retornando al estado de reposo. Eso sucede con una determinada frecuencia. Así, esa frecuencia acaba expresándose en la reiteración de impulsos que las neuronas transmiten a otras neuronas y así por delante. Esas frecuencias representan un código para las otras neuronas, provocando aumento o disminución en las frecuencias de esas neuronas. Resumiendo, la funcionalidad del sistema nervioso tal como es entendida hoy, reside justamente en los padrones temporales detectables en

ese sistema. Dicha identificación puede ocurrir a partir de registros de campos eléctricos de áreas de la superficie del cerebro, como es el caso del electroencefalograma, pero también es observada cuando se registran oscilaciones en neuronas individuales. Esas informaciones pueden ser encontradas en libros disponibles hoy sobre el sistema nervioso, como en Lent (2005).

Para una comprensión más profunda sobre los fenómenos eléctricos en el sistema nervioso, especialmente en el rol de las oscilaciones en los comportamientos, sugiero la lectura de una obra del fisiólogo ruso Piotr Anokhin (1974), donde el autor busca un entendimiento de la dinámica de las oscilaciones en la génesis del condicionamiento reflejo y su rol en la adaptación de los seres vivos a un ambiente oscilante.

Aquí me parece importante enfatizar la confrontación de las ideas presentes en el abordaje ritmanalítica-lefebvriana, con los principios del creacionismo, donde suele ser difícil aceptar, tanto los cambios en los organismos, como la diversidad presente en ellos. Entiendo que, además de las características de nuestros ancestros, heredamos también la capacidad de modificarlas. Así surgieron especies diurnas y nocturnas, por ejemplo, pese a que casi todas dependan directa o indirectamente de la presencia del ciclo claro/oscuro del ambiente. Nosotros humanos, junto a otros mamíferos, hoy nacemos diurnos, más adaptados para actuar en un ambiente iluminado (la relevancia de la visión para nuestra especia evidencia eso), pero también inventamos y desarrollamos la iluminación nocturna, y así moldamos nuestras preferencias, que se expresan en la diversidad entre personas matutinas y vespertinas. Es más, esa diversidad requiere atención, pues quizás sea un ejemplo de la falta de sentido en la búsqueda de una supuesta "normalidad". La búsqueda por normalidades concebidas a partir de valores medios de las poblaciones, lleva a ocultar las diversidades, sino todos los brasileños tendríamos una altura de 1,70m. Interactuamos con innumerables ciclos ambientales y hoy identificamos relaciones temporales entre esos ciclos, con los ritmos que expresamos en nuestros cuerpos y actividades. Los ritmos del cuerpo más estudiados son los circadianos (del latín *circa*e *diem*), cuyos períodos oscilan a cada 24 horas y que tienden a coincidir con el ciclo del día y de la noche. Ritmos más rápidos, como el de los latidos cardíacos, son denominados ultradianos y los más lentos son llamados infradianos, que ocurren en las variaciones estacionales, bien evidentes en aves y otros mamíferos y como ocurre en el ciclo menstrual femenino. Lo que medimos como ritmos de los cuerpos, no puede ser consi-

derado como el resultado de efecto pasivo de la acción de los ciclos ambientales sobre los cuerpos, pero sí, como oscilaciones que resultan siempre por nuestras interacciones con el ambiente. Sabemos hoy, al menos en el caso de los ritmos circadianos, que los fenómenos capaces de ajustar nuestros ritmos, dependen todos de interacciones de los organismos con los ciclos ambientales, en el caso de los humanos, los ciclos de actividad/reposo, claro/oscuro, alimentación/ayuno e interacción/aislamiento social. Dicha capacidad de ajuste invita a una lectura dinámica de sus expresiones. Una gran contribución es la de Robert Levine (1977), cuando describe su experiencia al dar clases en la Universidad Federal Fluminense, donde los estudiantes mostraban temporalidades inéditas para él —jamás llegaban a tiempo a clase, pero se quedaban mucho después del final de la lección, debatiendo animadamente lo que había ofrecido por el profesor—. Ese manejo del tiempo sorprendió a Levine por el contraste con lo que consideraba conducta "normal" de estudiantes. En ese contexto queda evidente la contribución fundamental de Henri Lefebvre, que abre espacio para concepciones interdisciplinares de los fenómenos observados en los cuerpos. En ese caso de los horarios de los estudiantes observado por Levine, se resaltan las diferencias entre culturas. Una implicación sociológica presente en la obra de Lefebvre: los ritmos en las interacciones entre organismos revelan relaciones de poder. Eso puede ser medido, leído e interpretado en distintas dimensiones. En los humanos, por ejemplo, desde nuestras relaciones temporales en la vida doméstica, hasta la vida laboral, pasando por los ambientes de la escuela, del taller y de la oficina. En todas esas situaciones hay juegos de poder presentes, algunos bien evidentes, otros ocultos por una supuesta normalidad (Birth, 2017). La supuesta normalidad muchas veces no pasa de afirmación de poder. Sobre eses juegos de poder tan presentes en el cotidiano humano, soy llevado a pensar sobre sobre mis relaciones con estudiantes —qué juegos ocurrían en mis clases y cómo yo y los alumnos administrábamos eses juegos—. En ese campo de la pedagogía, uno de los capítulos más provocativos del libro Elementos de Ritmanálise es el cuarto, "Adiestramiento", en el cual el autor argumenta que el proceso de aprendizaje está siempre acompañado de dos posibilidades: la sumisión o la rebeldía. Así, entre sumisiones y rebeldías vamos construyendo nuestras temporalidades individuales (y, por qué no, colectivas).

Concluyo invitando al lector a sumergirse en el universo temporalizado sugerido por Henri Lefebvre.

Referencias bibliográficas

ANOKHIN, Piotr. *Biological roots of the conditioned reflex and its role in adaptive behavior*. Oxford: Pergamon Press, 1974.

BIRTH, Kevin. *Time blind*: problems in perceiving other temporalities. New York: PalgraveMacMillan, 2017.

LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

LENT, Robert. *Cem bilhões de neurônios*. São Paulo: Atheneu, 2005.

LEVINE, Robert. *Geography of time*. New York: Basic Books, 1977.

MENNA-BARRETO, Luiz e MARQUES, Nelson (orgs.). *Cronobiologia*: princípios e aplicações. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CAPÍTULO II: CINE Y TEMPORALIDAD (TIEMPO EN EL CINE O TIEMPO DEL CINE): UNA PERSPECTIVA LEFEBVRIANA

Nelson Marques

Este texto es un ensayo. Nuestro objeto de estudio es el tiempo cinematográfico. Como espectadores de una película, nos damos cuenta de que el tiempo pasa mientras vemos la obra. Como cinéfilos, nos damos cuenta de que distintos cineastas trabajan de distintas maneras para hacernos percibir el tiempo. A veces es alargado, a veces parece corto, a veces parece inalterado. La historia del cine nos muestra que el modelo clásico del lenguaje narrativo, establecido por David W. Griffith[8], predominó a lo largo de la evolución de la producción cinematográfica.

Se trataba de un cine con una estructura narrativa lineal y naturalista que respetaba la imagen captada por la cámara, expresándose incluso, en diferentes posibilidades de lenguaje. Los hermanos Lumière[9], por ejemplo, produjeron películas con estructuras narrativas simples, casi siempre en películas muy cortas. Por otro lado, Georges Méliès[10] transforma sus películas en experiencias de lenguaje, utilizando efectos de imagen con la sustitución

8 Griffith realizó alrededor de 400 cortometrajes entre 1908 y 1913 y 32 largometrajes entre 1914 y 1931, de los cuales, los más conocidos son El nacimiento de una nación (1914-1915) e Intolerancia (1915-1916). De los largometrajes, los más conocidos son: El nacimiento de una nación [THE BIRTH OF A NATION. Dirección: D. W. Griffith. Producción: David W. Griffith Corp. Estados Unidos: EpochProducing Corporation, 1915. Película (190 min), blanco y negro, muda] e Intolerancia [INTOLERANCE. Dirección: D. W. Griffith. Producción: WarkProducing Corporation. Estados Unidos, 1916. Película (197 min), blanco y negro, muda].

9 Los hermanos Lumière, Louis y Auguste, inventores del cinematógrafo Lumière (sistema de proyección de películas), en 1895, son los responsables de la primera proyección de cine público en diciembre de 1895, en París, y de realizar las primeras películas de actualidad en la historia del cine, entre ellas La llegada del tren a la estación de la *Ciotat [L'ARRIVÉE D'UN TRAIN EN GARE DE LA CIOTAT*. Dirección: Auguste Lumière; Louis Lumière. Francia, 1895. Película (cortometraje), blanco y negro, muda].

10 Mèliés fue el hombre que unió el circo, el teatro y el cine. Su objetivo era crear una ilusión cercana a la idea de la magia, tanto que se le considera un precursor del uso de las posibilidades escénicas en el cine. Su película más conocida es Un viaje a la Luna (*Le voyage dans la lune*), de 1902, una película coloreada a mano, ¡fotograma a fotograma! [LE VOYAGE DANS LA LUNE. Dirección: Georges Méliès. Francia, 1902. Película (cortometraje), color, muda].

de objetos, mediante interrupciones de la cámara o con sobreimpresión realizada con la propia cámara, los llamados trucos de imagen. Con ello, Méliès consiguió incluso hacer un viaje a la Luna (1902), construyendo escenas, de tal manera, de darnos la sensación de multicapas y profundidad de campo en un mismo plano, el corte resaltando la continuidad temporal y el mantenimiento del mismo espacio.

El tiempo cinematográfico es complejo, pero, en definitiva, existen tres líneas temporales en el cine: el tiempo de la acción propiamente dicha, el tiempo experimentado por el espectador en su relación con la película y el tiempo físico de la proyección (este último, por lo general, se confunde con el tiempo del espectador en la platea, pues depende de la ilusión de continuidad que determina la proyección). Discutir la cuestión del concepto de tiempo en el arte cinematográfico es una tarea difícil. Esto se debe a que la cuestión temporal, junto con la cuestión espacial, es una de las características determinantes de las películas.

Si pensamos en la acción propiamente dicha, nos deparamos con la capacidad del lenguaje cinematográfico de representar indirectamente el tiempo "real", ya que el cine trabaja sobre imágenes pasadas que son actualizadas a través del material fílmico —la película nos presenta en el momento presente (en relación al espectador) imágenes creadas en un pasado, remoto o cercano, pero siempre pasado—. Tenemos así una yuxtaposición, posible desde el punto de vista de la temporalidad fílmica: el presente que conserva el pasado dentro de sí y que, en cierto modo, nos remite a un futuro. Las diferencias temporales que puedan existir, quedarán enmascaradas por la continuidad temporal resultante de lo que podemos llamar un montaje invisible, situado en el paso de fotograma a fotograma[11] y, a veces, de plano a plano[12], principalmente en aquellos en los que las paradas de cámara realizadas para operar sustituciones,

11 Un fotograma *(frame),* es cada una de las imágenes impresas químicamente en la película cinematográfica. Fotografiados por una cámara a una velocidad constante (estandarizada a 24 cuadros por segundo, desde 1929) y luego proyectados al mismo ritmo, en registro y sobre una pantalla, los fotogramas producen la ilusión de movimiento en el espectador. Esto se debe a la incapacidad del cerebro humano para procesar por separado las imágenes que se forman en la retina y se transmiten por el nervio óptico, cuando se perciben secuencialmente por encima de una determinada velocidad. Esta persistencia de la visión hace que nuestra percepción mezcle imágenes continuamente, dando la sensación de movimiento natural.

12 Un plano es una sección de película filmada ininterrumpidamente o que parece haber sido filmada sin interrupción. Se trata, por lo tanto, de un conjunto ordenado de fotogramas o imágenes fijas, limitado espacialmente por un marco —espacio, que puede ser fijo o móvil— y temporalmente, por una duración.

nos dan esa ilusión de continuidad temporal. Por otra parte, el proceso de formación de la imagen en el cine se produce a partir de la condensación, que surge entre la representación de una figura y su significado temporal, resultado de un proceso de montaje que determinará el significado. Así, los elementos dejan de existir de forma aislada y comienzan a tener una representación particular en la temática general. Esta yuxtaposición hace que todo el conjunto sea perceptible. Este todo será la imagen en la que el autor vivirá la temática que será recibida por la sensibilidad e inteligencia del espectador.

Distintos autores trabajarán con diferentes enfoques y tiempos para transmitir estas cuestiones. Sergei Eisenstein[13], uno de los directores más importantes de la historia del cine, sistematiza una teoría con el objetivo de demostrar que el montaje se impone como principio del lenguaje cinematográfico. Es el principio que rige la construcción de una película.

Orson Welles, en la década de 1940[14] y las películas del neorrealismo italiano, en la posguerra, alteran la tradición narrativa en favor de un camino que va del naturalismo al realismo. Por otra parte, François Truffaut[15], como

---

13 Eisenstein, como teórico del cine, propuso que la imagen se basa en una estructura dialéctica. Para llegar a la exigencia de una imagen, sólo existe una ley verdadera, a saber: la parte penetra la conciencia y la sensibilidad a través del todo, y el todo a través de la imagen. Entre sus películas destaca *El acorazado Potemkin*, de 1925 [BRONENOSETS POTYOMKIN. Dirección: Sergei M. Eisenstein. Producción: Goskino. Unión Soviética 1925. Película (75 min), blanco y negro, muda] y su famosa escena de la escalera. De sus escritos se destacan *La forma del cine* (EISENSTEIN, Sergei. *A forma do filme:* ensaios sobre teoria cinematográfica. Traducción de José Carlos Avellar. Rio de Janeiro: Zahar, 2002) y *El sentido del cine* (EISENSTEIN, Sergei. *O sentido do filme*. Traducción de José Carlos Avellar. Rio de Janeiro: Zahar, 2002). En otras palabras, el cine se basa en el montaje, que surge como una necesidad ideológica. De esta manera, ese cine basado en la acción simple da paso a un cine de ideas.

14 Welles, con C*iudadano Kane* [CITIZEN KANE. Dirección: Orson Welles. Producción: RKO Radio Pictures. Estados Unidos, 1941. Película (119 min), blanco y negro, sonora], mezcla estilos, desde el periodismo hasta el expresionismo y la fragmentación de espacios y tiempos. Hay bloques narrativos y secuencias independientes. Hay un tiempo interior de acción y el desarrollo de diferentes acciones en el mismo plano, una narrativa en espiral que se cierra en círculo, en oposición a la linealidad teleológica de causa y efecto.

15 Truffaut tiene una serie de textos que fueron recogidos por Anne Gillain en el libro El cine según François *Truffaut* [TRUFFAUT, François; GILLAIN, Anne (org.). *O cinema segundo François Truffaut*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990] y *Las películas de mi vida* [TRUFFAUT, François. *Os filmes da minha vida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989]. Entre sus películas se destacan Los 400 golpes [LES 400 COUPS. Dirección: François Truffaut. Producción: Les Films du Carrosse. Francia, 1959. Película (99 min), blanco y negro, sonora]; Uma mujer para dos [ULES ET JIM. Dirección: François Truffaut. Producción: Les Films du Carrosse; Sédif. Francia, 1962. (105 min), blanco y negro, sonora]; Fahrenheit 451 [FAHRENHEIT 451. Dirección: François Truffaut. Producción: Anglo Enterprises. Reino Unido, 1966 (112 min), color, sonora]; Besos robados [BAISERS VOLÉS.

representante de la *nouvelle vague*, combina su pasión por el cine, su posición de crítico de cine y cineclubista, con propuestas técnicas de manipulación explícita del tiempo y del espacio. En su película *Le Peau Douce*[16] (La piel suave, 1964), que es una película psicológica sobre el adulterio, este momento es manipulado y ejemplificado por una sola escena. Se puede dramatizar una escena a través de la dilatación del tiempo, a través de la insistencia. En ella hay una escena de ascenso que se desarrolla entre los dos personajes de la película, Jean Desaly y Françoise Dorléac. Ellos se miran mientras el ascensor sube al octavo piso. En la vida real, el viaje en ascensor dura quince segundos. Sin embargo, al estar filmada en veinticinco planos, la escena dura cinco veces más, es decir, setenta y cinco segundos. Los dos llegan al octavo piso, Françoise Dorléac sale del ascensor y nos quedamos con Jean Desaily, que presiona el botón hacia abajo. Esta vez, el mismo viaje dura sólo quince segundos, ya que está filmado en un solo plano, por lo que esa es su duración real. Las emociones que surgen de una simple manipulación como ésta, al mostrar que podemos jugar con el tiempo y ganar mucho en emociones, justifica el acto de dilatar y contraer el tiempo. El realismo en el cine es exactamente eso. En la vida hay momentos en que las cosas se expanden, en que se experimenta un sentimiento de expansión, por ejemplo, cuando una persona se enamora. Si filmamos las acciones en su duración en tiempo real, no tienen ningún interés cinematográfico. Desde el momento en que utilizamos fragmentos de imágenes y fragmentamos el espacio, las nociones de tiempo y espacio también deben transformarse.

Es Jean-Luc Godard[17] quien nos trae otro concepto importante en la cinematografía. Plantea la noción de "montaje-collage", en el que el elemento manifiesto no será más que un fragmento. Este collage discontinuo manipulará el referente de tal manera de mostrarlo como una trampa. De esta forma, une dos partes discontinuas de una acción continua sin cambiar la posición de la cámara. Es en este juego temporal establecido en el espacio de la película,

---

Dirección: François Truffaut. Producción: Les Films du Carrosse; Les Artistes Associés. Francia, 1968 (90 min), color, sonora]; La noche americana [LA NUIT AMÉRICAINE. Dirección: François Truffaut. Producción: Les Films du Carrosse. Francia, 1973. Película (115 min), color, sonora].

16 LA PEAU DOUCE [La piel suave]. Dirección: François Truffaut. Producción: Les Films du Carrosse; Société Nouvelle de Cinématographie (SNC). Francia, 1964. Película (118 min), blanco y negro, sonora.

17 Jean-Luc Godard, introductor del concepto de montaje-collage. Se puede apreciar especialmente en su película Made in U.S.A [Dirección: Jean-Luc Godard. Producción: Anouchka Films. Francia, 1966. Película (85 min), color, sonora].

a través del montaje, donde encontramos el eje central de la discusión sobre el tiempo **en el** cine. Y es también en este juego temporal que el espectador debe seguir, de tal manera, que su tiempo como sujeto receptor se sitúe en paralelo al tiempo **de la** película para que, de esta manera, pueda proyectarse e incluso interactuar con el tiempo cinematográfico[18].

Cuando hablamos de "tiempo real", surgen preguntas interesantes al pensarlo en el cine[19] como técnica cinematográfica. Esta técnica es antigua, incluso antes de que se considerara el cine, ya que es parte de la estructura del drama griego clásico. Si el director tiene el deseo de conmover al público o transmitir conceptos abstractos como el amor, el tiempo real es el mejor método en el que el público puede comprender el concepto de estas ideas[20].

Con la aparición de nuevas tecnologías, se amplían los recursos para practicar y desarrollar nuevas formas de realismo, o "realidades". El tiempo cinematográfico rompe definitivamente sus vínculos con la noción de continuidad temporal. Peter Greenway es uno de los directores que ha buscado establecer el desarrollo del tiempo narrativo en simultaneidad. Cada realidad

---

18 El tiempo cinematográfico se refiere a la forma en que se representa y manipula el tiempo en la narrativa, incluyendo la duración de la película, el ritmo de la historia y las técnicas utilizadas para manipular la percepción del tiempo del espectador. Esto implica la duración de la película (corto, medio o largometraje), el ritmo de la narrativa (rápido, lento, etc.) y el uso de técnicas, como los flashbacks y los flashforwards, para alterar el orden cronológico de la historia.

19 El tiempo real se define como el método de narración en el que los eventos cinematográficos suceden simultáneamente con la experiencia de los espectadores. El guion en tiempo real se da cuando el tiempo diegético es exactamente equivalente a "nuestro tiempo", es decir, no hay elipses/cortes en el tiempo, cada minuto de acción corresponde a un minuto exacto de la vida real. Es una técnica difícil de ejecutar y, a menudo, nos encontramos con "simulaciones" en tiempo real en lugar de aquellas realmente realizadas en tiempo real. Para ello se utilizan trucos más o menos ingeniosos. Varios ejemplos de verdad o simulación fueron presentados en el ensayo: MARQUES, Nelson. Filmes em tempo real: verdade ou simulação? Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte/ Cineclube de Natal, 2020. Disponível em:http://accirn.weebly.com/arquivo/filmes-em-tempo-real-verdade-ou-simulacao. Acesso em: 6 ago. 2025).

20 Marques 2020, op. cit., comenta el tiempo real y selecciona buenas indicaciones de películas que emplean esta técnica. Podemos destacar algunos títulos: *HIGH NOON* [A la hora señalada]. Dirección: Fred Zinnemann. Producción: Stanley Kramer Productions. Estados Unidos, 1952. Película (85 min, blanco y negro, sonora); ROPE [La soga]. Dirección: Alfred Hitchcock. Producción: Transatlantic Pictures; Warner Bros. Estados Unidos, 1948. Película (80 min, color, sonora); DOG DAY AFTERNOON [Tarde de perros]. Dirección: Sidney Lumet. Producción: Warner Bros. Estados Unidos, 1975. Película (125 min, color, sonora); NICK OF TIME [A la hora señalada]. Dirección: John Badham. Producción: Paramount Pictures. Estados Unidos, 1995. Película (90 min, color, sonora); TIMECODE [Código de tiempo]. Dirección: Mike Figgis. Producción: ScreenGems. Estados Unidos, 2000. Película (97 min, color, sonora); RUSSIAN ARK [El arca rusa]. Dirección: Aleksandr Sokurov. Producción: Hermitage Bridge Studio; The State Hermitage Museum. Rusia, 2002. Película (99 min, color, sonora, plano secuencia).

a mostrar está compuesta por múltiples capas previas y, al mismo tiempo, de aquí y ahora. En un mismo momento, se ven superpuestos planos generales y detalles de una misma escena, ventanas que se abren para comentar la escena o introducir otra[21].

Si para lograr la idea del tiempo real el cine necesariamente tiene que articular imágenes y sonidos, a través de una estructura de montaje, donde el concepto de continuidad narrativa debe estar siempre presente en el momento del corte, el vídeo es capaz de trabajar sobre acciones simultáneamente, sin tener que recurrir al corte mismo. También podemos decir que está surgiendo otro tipo de realismo, la imagen captada por una cámara no es más que materia prima, para su posterior manipulación a través de técnicas digitales.

El tiempo cinematográfico no respeta un tiempo fenomenológico. Se construye independientemente de los hechos dados, para que pueda presentarse mejor en la pantalla del cine y tenga un mejor efecto en el espectador que intuye el tiempo. Según Jacques Aumont, el cine es, ante todo, mecánicamente o, mejor dicho, "maquinalmente", un instrumento de producción del tiempo. Tiene sus propios procedimientos temporales, distintos de los procedimientos habituales[22]. Aumont hizo este comentario sobre la teoría del cineasta Jean Epstein, quien, en la década de 1940, comenzó a dirigir su atención a las cuestiones temporales del cine[23]. Una fotografía puede permanecer en la pantalla más tiempo del que tardaría la narración en explicarla o llegar a ella. Y una fotografía no respeta la temporalidad con que ocurren los fenómenos, congela el tiempo y hace eterno un momento.

Pero no es sólo a través de la manipulación de una imagen que se puede construir el tiempo en el cine. Andrei Tarkovsky, cineasta soviético, criticó el cine de Eisenstein por su temporalidad, que no guardaba ninguna semejanza con la realidad. Las escenas adquirieron un peso incómodo en el deseo del cineasta de mostrar más de lo que se podía mostrar, simplemente siguiendo

---

21 Greenaway en *Próspero's Book* (1991) [PROSPERO'S BOOKS. Dirección: Peter Greenaway. Producción: British Screen Productions; Channel Four Films. Reino Unido, 1991(95 min) color, sonido], adaptación de *La tempestad* de William Shakespeare, utiliza las nuevas técnicas de manera sofisticada y rompe definitivamente con el cine conservador, utilizando algo de la televisión, algo del cine y algo de la pintura. La multiplicidad de pantallas, recurso ahora posible gracias al uso de las nuevas tecnologías, muestra con toda su fuerza dramática el delirio imaginativo de Próspero —un juego temporal entre pasado, presente y futuro—.

22 AUMONT, Jacques. Las teorías de los cineastas. Campinas: Papirus, 2008.; AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. Diccionario teórico y crítico de cine. Campinas: Papirus, 2003.

23 EPSTEIN, Jean. El cine del diablo [Le cinémadudiable]. París: Jacques Melot, 1947.

el tiempo dado por un reloj[24]. Esta crítica de Tarkovski puede aplicarse al montaje cinematográfico, pero no ve los beneficios de crear tiempo para una película, algo que va un poco más allá de "esculpir" el tiempo. Para Tarkovski el factor principal de la imagen es su ritmo. No un ritmo creado a través del montaje —siguiendo una determinada secuencia de planos que, a su vez, da un determinado significado al material filmado y crea un efecto intelectualmente artificial en el público, al cargar las imágenes de significado— sino más bien, el ritmo presente en el propio encuadre, en el plano. El cine es una máquina de crear tiempo y no se limita a reproducir el tiempo de los fenómenos, pues éstos se presentan según la temporalidad creada por el director, para que puedan adaptarse al discurso fílmico en construcción. Cada película tiene un discurso y toda película tiene un tiempo en su base, que, a su vez, varía de película a película, así como de cineasta a cineasta.

24 TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 1998. Lamentablemente, la traducción del libro al español falla en su esencia. El título en inglés es *Sculpting in time*. El libro trata sobre el arte y el cine en general, y sobre sus propias películas en particular. Se publicó originalmente en 1985 en alemán *(Die versiegelt Zeit*), poco antes de la muerte del autor, y en 1987 en inglés, manteniendo la idea original de Tarkovski, «esculpiendo en el tiempo». Entre sus películas destacan: ANDREI RUBLEV. Dirección: Andrei Tarkovski. Producción: Mosfilm. Unión Soviética, 1966. Película (205 min, blanco y negro, sonora); SOLARIS. Dirección: Andrei Tarkovski. Producción: Mosfilm. Unión Soviética, 1972. Película (167 min, color, sonora); STALKER. Dirección: Andrei Tarkovski. Producción: Mosfilm. Unión Soviética, 1979. Película (163 min, color, sonora); OFRECCIA [El sacrificio]. Dirección: Andrei Tarkovski. Producción: SvenskaFilminstitutet. Suecia, 1986. Película (143 min, color, sonora).

CAPÍTULO III: RITMOANÁLISIS Y LA CRÍTICA DE LA ACELERACIÓN: PENSAR LOS RITMOS CON LA EDUCACIÓN AMBIENTAL

Raizza da Costa Lopes
Samuel Lopes Pinheiro

> ¿Y si, en lugar de ilusionarnos soñando con una armonía reencontrada con la naturaleza, investigáramos los ritmos de la vida para tratarlos y reforzarlos a través de sus propios ritmos y pulsaciones? ¿Y si el ritmo fuera fundamental en la manera de organizar y animar la vida colectiva e individual? ¿Y si la intensidad de una vida común o de las relaciones interindividuales pasara por un ajuste rítmico[...]? (Revol, 2021, p.37).

Este capítulo presenta reflexiones iniciales sobre la relación entre el estudio de los ritmos, la aceleración tecnológica y la Educación Ambiental (EA), elaboradas por investigadores que recientemente han comenzado sus estudios sobre la obra de Henri Lefebvre. Las discusiones aquí propuestas, parten de una etapa preliminar de madurez teórica y deben comprenderse en ese contexto, como un primer esfuerzo de aproximación crítica a las contribuciones lefebvrianas, para la comprensión de los ritmos contemporáneos y sus implicaciones socioambientales. Más que respuestas, buscamos plantear cuestiones que puedan estimular futuras investigaciones sobre los impactos de la aceleración tecnológica y la automatización de lo vivido, la naturaleza y la producción del espacio.

1. De los ritmos al ritmoanálisis: recorridos iniciales

Cuando investigamos el concepto de ritmo, podemos remontarnos en el tiempo y encontrarlo presente en varias sociedades antiguas. Notamos que este concepto ya era estudiado entre los griegos y que, incluso, tenía su propio término —*rhutmus*–. Los modos griegos, las canciones y las escalas musicales estaban acompañados por el estudio del ritmo. Y parece que el *rhutmus* estaba asociado a un ritmo peculiar del individuo.

> Entre los griegos, al menos desde Platón, el ritmo se concebía tradicionalmente como uno de los elementos fundamentales de la poesía, la danza y la música. Era, como dice Platón en *Las Leyes*, "el orden del movimiento" de las palabras, los cuerpos o las notas. A partir del siglo III a.C., el término también pasó a designar, entre los médicos griegos de Alejandría, la pulsación de las arterias y del corazón, o más precisamente, la relación aritmética entre la duración de la diástole y la sístole. Por primera vez, el concepto se trasladó de las teorías de la cultura a las teorías de la naturaleza viva. Luego, a finales de la Antigüedad, con autores como Agustín y Boecio, se produjo una nueva ampliación del significado. El ritmo pasó a utilizarse para designar el circuito perfecto de las estrellas y el funcionamiento circular del cosmos (Michon, 2020. Traducción propia).

Entre los indios, podemos encontrar una visión que va más allá de una percepción cuadrada del ritmo, comúnmente asociada a una forma occidental de entenderlo. Esto se debe a que muchas de sus danzas y canciones tradicionales presentan un estudio complejo de ritmos. Matemáticamente, estos ritmos resultan fragmentados para los oídos de un occidental contemporáneo, ya que pueden presentar razones y conteos de números enteros y fracciones. Más tarde, entre músicos y matemáticos europeos de los siglos XVII y XVIII, también notamos una preocupación por el ritmo. Sin embargo, será a partir del siglo XX, que la noción de ritmo entrará en las intrincadas redes de los estudios sociológicos, lingüísticos, de información y de otros campos del conocimiento vinculados a las humanidades.

No obstante, cabe mencionar que existen innumerables posibilidades para el estudio de los ritmos y, en este análisis, dirigimos nuestra atención al *ritmanálisis*, atribuido al profesor y filósofo Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (nacido en Braga, Portugal, en 1889 y fallecido en Río de Janeiro, en 1950) como precursor de la idea. El análisis de los ritmos en las complejas intersecciones entre sociedad y naturaleza, fue un tema central en los estudios y reflexiones de Pinheiro dos Santos, quien introdujo el concepto de *ritmanálisis* como una posibilidad para comprender cómo los ritmos naturales y sociales se influyen e interactúan mutuamente.

Tal perspectiva permitiría que el estudio de los ritmos pudiera revelar la estructura y la dinámica de la sociedad, ofreciendo una posibilidad analítica sobre las interacciones entre los procesos naturales y sociales. A pesar de la relevancia y el carácter pionero de la propuesta del filósofo luso-brasileño, poco se sabe sobre el contenido de sus reflexiones, pues han quedado escasos registros de sus contribuciones.

Dias (2018) afirma que, "en Brasil, a finales de la década de 1990, motivado por los incidentes biográficos y editoriales ocurridos con Lúcio Pinheiro, Jorge Jaime le atribuyó el epíteto de filósofo 'brasileño' fantasma (Dias, 2018, p. 42)"; sin embargo, podemos encontrar rastros de la teoría de Pinheiro dos Santos en la obra *La dialectique de la Durée* (1936) de Gaston Bachelard, en la que el filósofo francés explicita parte de las correspondencias, reflexiones y producciones realizadas por el portugués.

Igual de importantes para el reconocimiento de este pensador, son las contribuciones de Pedro Baptista a través de *O filósofo fantasma* (2010) y de Rodrigo Sobral Cunha, con el libro *O essencial sobre ritmanálise* (2010). Estos dos últimos, portugueses, buscan desentrañar la historia y la producción de su compatriota, quien habría llegado a Brasil a finales de la década de 1920, huyendo de la dictadura que se instauró en Portugal y que persistió hasta 1974.

Además de estos pensadores, se destaca también la importancia del filósofo y sociólogo francés Henri Lefebvre, quien fue decisivo para que los estudios sobre *ritmanálisis* siguieran resonando en la actualidad. El tema de los ritmos, según Claire Revol (2019; 2021) en su libro *Rytmanalyse de Lefebvre*, es parte de un "proyecto lefebvriano a más largo plazo" (Revol, 2021. p. 27) sobre lo cotidiano y, por lo tanto, constituiría el cuarto volumen de los tres tomos anteriores de la obra Crítica de la vida cotidiana (1947; 1961; 1981).

Tanto Lefebvre como Bachelard reconocen a Lúcio Pinheiro dos Santos como el creador de los estudios sobre ritmos. Sin embargo, a partir de Lefebvre, es posible afirmar que "la intervención sobre la trama rítmica puede respaldar los esfuerzos de apropiación de los espacios sociales y de los tiempos sociales" (Revol, 2021, p.34). Es decir, el *ritmanálisis* nos permitiría no solo pensar e identificar los ritmos, sino también intervenir —como seres su vivido— en la trama rítmica como parte de la apropiación de las relaciones sociales y de la producción de nuestra obra (individual y colectiva).

2. El ritmoanálisis y los fundamentos de la educación ambiental

Al reconocer que tanto la naturaleza humana como la naturaleza no humana operan con ritmos y temporalidades propias y diversas, entendemos que la imposición del ritmo acelerado del sistema capitalista ha generado una serie de consecuencias adversas. Estos ritmos naturales, que sustentan la salud y el equilibrio tanto de los seres humanos como del medio ambiente, han sido sistemáticamente subordinados a la lógica de la eficiencia y la producción incesante. En este sentido, consideramos relevante la incorporación del *ritmoanálisis* como un elemento clave para reflexionar sobre la relación entre sociedad y naturaleza.

> El ritmoanálisis nos proporcionaría caminos, tal vez incompletos, pero ciertamente abiertos, para transfigurar el presente en presencias complejas y coexistentes. A través de la aprehensión de lo sensible, nos permitiría elaborar la crítica de la cosificación, "deshaciendo la materialidad en sí misma, como cosa, como producto, dirigida por la mercancía como abstracción concreta, profundizando la comprensión de la complejidad del espacio-tiempo, que incluye la energía, tejida por ritmos, polirritmos y arritmias" (Martins y Moreaux, 2021, pp. 9-10).

Según Lefebvre (2021), la coexistencia de ritmos diversos compone lo que él llama polirritmia. De este modo, los cuerpos vivos presentan múltiples ritmos asociados que, cuando están saludables, configuran lo que el autor denomina eurritmia. Desde esta perspectiva, las enfermedades estarían acompañadas de un trastorno en los ritmos, es decir, una arritmia. Estos procesos de salud y enfermedad pueden observarse tanto en el individuo como en la sociedad, como ejemplifican Martins y Moreaux (2021), cuando dicen que "la polirritmia que existe en nuestras ciudades es frecuentemente transformada en arritmia a partir de diversos controles y de la militarización de los espacios urbanos" (Martins y Moreaux, 2021, p.11).

Esta disonancia entre los ritmos naturales y el ritmo neoliberal genera diversas formas de enfermedad, pues, como argumentan Safatle, Da Silva Junior y Dunker (2021)) en el libro *Neoliberalismo como gestión del sufrimiento psíquico*, vivimos en una sociedad que sobrevalora el mérito, con el fin de extraer

más productividad de las personas. Los autores afirman que el neoliberalismo crea nuevas formas de sufrimiento asociadas a los mecanismos de control y poder presentes en la actualidad. El sufrimiento y una serie de trastornos como la depresión y la ansiedad, son tratados por los autores como una necesidad constante de adaptación y rendimiento dentro de un ritmo que, a menudo, ignora las necesidades emocionales y físicas. Estos trastornos no son meros subproductos del trabajo, sino síntomas de una desconexión más profunda entre el ritmo natural de los individuos y las exigencias del capitalismo (Safatle, Da Silva Junior y Dunker, 2021).

Simultáneamente, la naturaleza física enfrenta sus propias formas de enfermedad. Las catástrofes ambientales —como el calentamiento global, las inundaciones, la contaminación y la degradación de los ecosistemas— son manifestaciones de la sobrecarga que el ritmo acelerado de la producción y el consumo impone sobre el planeta. Estos eventos no son meros accidentes aislados, sino síntomas de una crisis sistémica que desregula los ciclos naturales y compromete la dimensión socioambiental del planeta (Carvalho y Ortega, 2024; Acselrad, 2021).

Hartmut Rosa (2022), en *Alienación y Aceleración: por una teoría crítica de la temporalidad tardomoderna*, describe la "compresión del tiempo" y la "expansión de la técnica", como características centrales de un mundo que vive bajo el imperativo del crecimiento y la rapidez. La aceleración transforma las dinámicas de producción, pero también redefine las relaciones sociales y la experiencia del tiempo y del espacio, lo que permite afirmar que estamos viviendo en una "modernidad tardía", marcada por un proceso de aceleración social (Rosa, 2022). De este modo, entendemos que, tanto el deterioro humano como el ambiental, están interconectados, siendo ambos resultado de la aceleración y la explotación desenfrenada promovidas por el modelo neoliberal, debido a los desencuentros de ritmos sociales e individuales, expresados en arritmias. En este sentido, es necesario un movimiento hacia la valoración y el respeto de las temporalidades naturales en todos los aspectos de la vida en la Tierra.

Este escenario de aceleración y deterioro humano y planetario se intensificó con la pandemia de COVID-19, que, aunque inicialmente fue vista como una crisis sanitaria, rápidamente se transformó en una crisis global, revelando la interdependencia de cuestiones vitales como la salud, la educación, el trabajo y el medio ambiente. Informes de la Comisión Económica para

América Latina y el Caribe (CEPAL, 2021)[25] destacan este impacto profundo, mientras que Acselrad (2021) señala que la crisis sanitaria surgió en un contexto ya marcado por la inminencia de una crisis financiera, precipitando el colapso de diversas actividades económicas. Para el autor, es esencial analizar las nociones de crisis ambiental y desastre, dentro de los procesos de reproducción y crisis del capitalismo.

Ante este contexto de catástrofe, sentimos la necesidad de revisar la trayectoria de la Educación Ambiental, reflexionando sobre los puntos de partida de nuestros análisis e investigaciones. Desde su surgimiento, la Educación Ambiental ha experimentado diversos cambios en la forma de entender la relación entre el ambiente y la sociedad, evolucionando en respuesta a las demandas y desafíos de cada época. Estas transformaciones hacen aún más esencial que retomemos periódicamente a los marcos de referencia que fundamentan este campo, cuestionando si todavía ofrecen las herramientas adecuadas para interpretar y transformar la realidad actual.

Según Reigota (2004), la Educación Ambiental surgió como una respuesta a los problemas ambientales provocados por un modelo económico capitalista depredador e insostenible. El punto de partida para esta discusión tuvo lugar en la Primera Conferencia Mundial sobre el Medio Ambiente Humano, en Estocolmo, en 1972, evento que resultó en acuerdos internacionales que enfatizaban la importancia de educar a la población para enfrentar los desafíos ambientales. A partir de entonces, la cuestión ambiental adquirió relevancia global, con eventos posteriores como las conferencias de Belgrado (1975), Tbilisi (1977), Moscú (1987), Río (1992) y Río+10 (2002) en Johannesburgo, promoviendo políticas públicas de Educación Ambiental a nivel internacional.

Si bien la Educación Ambiental surgió como una agenda de los movimientos ecológicos (Carvalho, 2001), en algunos casos, las preocupaciones que impulsaron la EA tenían un carácter conservacionista, funcionando muchas veces como un "manual de etiquetas" (Leite Lopes, 2004), con propuestas más orientadas al comportamiento individual que a una crítica del sistema capitalista. El debate sobre la Educación Ambiental se ha profundizado a lo largo de los años, y los trabajos de autores como Layrargues (2012) y Carvalho (2014) han sido fundamentales para expandir las discusiones en este cam-

25 Disponible en: Tecnologías digitales para un nuevo futuro | Comisión Económica para América Latina y el Caribe Acceso en: 12/07/2025.

po, lo que evidencia la EA como un campo que está siendo constantemente fundado y refundado por las cuestiones socioambientales.

> Refundar los fundamentos históricos, antropológicos, filosóficos, sociológicos, éticos y epistemológicos de la Educación Ambiental significa dotar de nuevas representaciones a los signos que estas ciencias pasan a representar en el horizonte de una pluralidad de saberes dentro de una unidad de sentidos y significados (Machado, Calloni y Adomilli, 2016, p. 11).

En este sentido, nos proponemos contribuir a la refundación de los fundamentos de la Educación Ambiental con los aportes de la teoría de los ritmos y el *ritmoanálisis* (Lefebvre, 2021), en el tiempo de las catástrofes (Stengers, 2015) socioambientales, relacionadas a la aceleración y alienación que caracterizan nuestra época (Rosa, 2022).

3. Aceleración tecnológica y las rupturas rítmicas

La aceleración se convierte en un problema cuando hay alienación, cuando ya no podemos resonar con el mundo (Rosa, 2023). Una determinada perspectiva del progreso se ha asociado comúnmente con la idea de que es necesario acelerar para crecer, como en la concepción de acelerar la explotación de la naturaleza para el desarrollo tecnológico y, en consecuencia, mejorar la calidad de vida. En este sentido, Rosa (2023) recuerda que el movimiento aceleracionista es profundamente prometeico. Sin embargo, aceleramos por acelerar, como en una búsqueda desenfrenada de eficacia y crecimiento exponencial, sin reflexionar conjuntamente hacia dónde nos lleva este proceso ni tomar conciencia de sus consecuencias desastrosas hasta ahora.

Basándonos en la observación de Michel Random (2000) —de que, pese a los avances tecnológicos, la sociedad sigue enfrentando desafíos significativos, pues las tecnologías y sus novedosas herramientas de información y comunicación, aunque útiles, también pueden convertirse en una forma de escapismo, alejando a las personas del mundo real para sumergirlas en un mundo virtual— surgen una serie de cuestiones en torno a esa relación ser humano y tecnología, como el concepto de naturaleza y el modo en que estos significados operan en una virtualidad, ahora más acelerada que nunca por

los ritmos de las inteligencias artificiales. Estas aceleraciones, aunque recientes en su uso masivo, ya nos convocan a un nuevo tipo de velocidad, caracterizada por alienación y lo que podríamos llamar rupturas rítmicas, entre los ritmos de la naturaleza, la sociedad y el individuo.

Para intentar responder a esta cuestión, recurrimos al ritmoanálisis de Henri Lefebvre (2021), que señala que los productores de bienes informacionales saben cómo utilizar el ritmo de manera empírica. Cuando el autor escribió sus ensayos entre las décadas de 1980 y 1990, aún no había experimentado la llamada *smartificación* del mundo, de la economía y de las relaciones interpersonales. Hoy, los algoritmos hacen legibles deseos que escapan incluso de nuestra propia conciencia. Sin embargo, el autor ya estaba profundamente preocupado por la naturaleza manipuladora de esa información y el ritmo impuesto a las sociedades.

Como resultado, el tiempo de conexión entre los aspectos conscientes e inconscientes del sujeto está siendo alterado por la lógica del ritmo de las inteligencias artificiales. Byung-Chul Han (2020) habla de un inconsciente digital, revelado por el *big data* y que es cuantificado y mapeado para la monetización de los individuos en las relaciones virtuales. Para el autor, esto es un ejemplo de cómo el neoliberalismo explora nuevas técnicas de poder.

El neoliberalismo explota una pseudolibertad de las emociones del sujeto, que se auto explota en redes virtuales y ahora aún más, con la aceleración de las inteligencias artificiales. El filósofo Han (2020) incluso utiliza la expresión "el yo cuantificado" para describir el lema de que, lo que está ocurriendo ahora, es un autoconocimiento basado en números de datos. Sin embargo, estos números no generan realmente autoconocimiento, sino que producen mercancías para el autocontrol, el intercambio, la venta, los intereses y la competencia.

Para complementar nuestro argumento sobre la dominación del ritmo en la construcción de estas técnicas de poder en la sociedad contemporánea, encontramos reflexiones sobre el ritmo en Roland Barthes (2002). En su libro *Comment Vivre Ensemble* (Como vivir juntos), el autor recupera el concepto de ritmo propuesto por los antiguos griegos para abordar los ritmos internos del sujeto. Barthes señala que el poder se establece en la ruptura de estos ritmos internos, o en lo que él denomina, disritmia. Por encima de todo, el poder impone un determinado ritmo, un ritmo de vida, y precisamente "la sutileza del poder reside en la disritmia, en la heterorritmia" (Barthes, 2002).

A partir de estas reflexiones presentadas, se hace evidente que la aceleración tecnológica no solo altera los ritmos sociales, sino que también reconfigura nuestra relación con el mundo y con nosotros mismos. A través del ritmoanálisis de Lefebvre (2021), las discusiones sobre el inconsciente digital en Han (2020) y las concepciones de Barthes sobre la disritmia impuesta por el poder, podemos comprender cómo la aceleración tecnológica contemporánea exacerba los procesos de alienación y autocomercialización de los sujetos.

La imposición de ritmos artificiales y la fragmentación de los ritmos internos contribuyen a un modelo de existencia marcado por la constante aceleración y la precarización de las experiencias temporales. Así, la cuestión fundamental no es solo comprender los impactos de este fenómeno, sino, sobre todo, buscar formas de resistencia y reapropiación del tiempo, promoviendo nuevas posibilidades de resonancia entre los ritmos individuales, sociales y naturales.

4. ¿Cuál es el lugar de la Educación Ambiental en la trama rítmica de la vida?

Al expandir sus fronteras, más allá de la preservación ambiental, la Educación Ambiental se configura como un campo de estudios que busca promover proyectos de sociedad, en los que los sujetos estén comprometidos con la lucha por la vida en su plenitud. En el artículo "Una Resonancia del Tiempo: Los Desafíos Contemporáneos de la Educación Ambiental", Amorim, Pinheiro y Calloni (2019) señalan que el tiempo contemporáneo está marcado por una aceleración impuesta por las dinámicas neoliberales, lo que genera desafíos para la formación humana en su plenitud.

Según esos autores, la EA debe involucrarse en una resonancia del tiempo, rescatando la importancia de prácticas educativas que consideren los tiempos múltiples y complejos de la existencia humana y de la vida en el planeta, cuestionando la visión utilitarista del tiempo promovida por la sociedad de consumo y productividad. Esta dimensión parece sumarse a la visión de Hartmut Rosa (2022), quien en "Alienación y Aceleración: por una teoría crítica de la temporalidad tardomoderna", describe la "compresión del tiempo" y la "expansión de la técnica" como características centrales de un mundo que vive bajo el imperativo del crecimiento y la rapidez. Al acelerar la economía, la tecnología no solo transforma las dinámicas de producción,

sino que también redefine las relaciones sociales y la experiencia del tiempo y del espacio.

La comprensión de los ritmos interconectados entre el individuo, la sociedad y la naturaleza se vuelve fundamental para desarrollar una pedagogía que valore la apropiación de sí mismo y del ambiente. Este enfoque, basado en una educación rítmica, propone una respuesta directa a la sociedad de la aceleración (Harvey, 1991; Rosa, 2019), que ha intensificado los procesos de degradación tanto humanos como ambientales. La investigación de los movimientos rítmicos y sus contradicciones, surge como una propuesta que revela las tensiones entre el ritmo natural de la vida y el ritmo impuesto por el capitalismo. Buscamos aplicar estos conceptos en diálogo con las reflexiones más recientes de Isabel Carvalho (2020) en el campo de la EA.

En "La investigación en educación ambiental: perspectivas y desafíos", Carvalho (2020) realiza un balance sobre las producciones en Educación Ambiental y, entre sus consideraciones, destaca la posibilidad de "desacomodar la crítica" (p.47). Apoyándonos en la autora, consideramos que tal vez sea necesario aportar otros predicados a la EA más allá de la crítica.

> En cuanto al campo específico de la EA, sería interesante profundizar el cuestionamiento de algunos temas históricos que, en la actualidad, tienden a volverse cada vez más extemporáneos. Uno de ellos es la oposición que históricamente hemos construido para distinguir una educación ambiental orientada al cambio social en contraposición a otra, supuestamente enfocada únicamente en la preservación de la naturaleza. Aunque esta dicotomía pudo haber tenido sentido en la década de 1970, para afirmar una EA crítica, considero que hace tiempo esa oposición dejó de aportar productividad a la EA (Carvalho, 2020, p.47).

En el artículo "Aprendizajes en tiempos del fin de un mundo y de la apertura de múltiples mundos: Reflexiones desde la educación ambiental", Isabel Carvalho y Ortega (2024) analizan la percepción de la crisis social y ambiental, incorporando la dimensión de las catástrofes de Stengers (2015) y abriendo espacio para nuevas formas de pensar la trama viva de este mundo. Esto incluye nuevos modos de hacer ciencia, a través de comprensiones renovadas de las relaciones entre los seres humanos y el mundo.

Aceptamos esta invitación y desafío, evaluando que el ritmoanálisis puede emerger como una posibilidad de comprensión y transformación de la realidad, tal como se presenta. Incorporar el ritmo en el campo de la Educación Ambiental puede crear espacios para entender que el ser, la sociedad y la naturaleza no son opuestos, antagónicos o separados, sino que están entrelazados. Este trío (el ser, la sociedad y la naturaleza), en sus ritmos articulados y conflictivos, debe ser considerada en una tríada dialéctica, como señala Lefebvre.

De esta manera, podremos superar la comprensión del pensamiento —y del conocimiento que de él emerge— como una abstracción sintetizada en fórmulas, conceptos y proposiciones. Desde la ascensión del sistema capitalista, esta visión ha sido impuesta sobre lo real y lo vivido relacionalmente por los seres humanos, afectando sus relaciones en sociedad, su interacción con la naturaleza y su propia comprensión de la naturaleza en su proceso conflictivo, marcado por desigualdades, injusticias y la explotación de los seres vivos y los recursos naturales.

5. Consideraciones finales

La reflexión sobre los ritmos, la aceleración y la Educación Ambiental evidencia la urgencia de reconsiderar la relación entre los ritmos naturales, sociales y tecnológicos. El ritmoanálisis revela cómo la aceleración neoliberal compromete los procesos productivos, las relaciones humanas y la salud del planeta, generando arritmias que se manifiestan en crisis ecológicas y enfermedades individuales.

Argumentamos que la Educación Ambiental puede desempeñar un papel clave en la reapropiación de los ritmos y en la construcción de alternativas a la lógica de la aceleración. Inspirados en Lefebvre, Rosa, Han y Barthes, proponemos que la Educación Ambiental incorpore el ritmoanálisis para reconocer la complejidad de las temporalidades y promover el equilibrio entre los ritmos de la naturaleza, la sociedad y los individuos. Más que una aproximación fragmentada de la degradación ambiental, la EA debe fomentar la resonancia entre los ritmos de la vida, respetando los tiempos propios de aprendizaje y reflexión. De esta manera, se convierte en un espacio de experimentación de nuevos modos de habitar el tiempo, promoviendo justicia socioambiental y una coexistencia sostenible entre humanos y no humanos.

Por último, es importante destacar que esta reflexión surge de los proyectos de doctorado y posdoctorado de los autores, cuyas investigaciones han sido recientemente aprobadas. Este contexto refuerza el carácter inicial y aún en desarrollo, de los conceptos aquí discutidos. Reconocemos que, a lo largo de nuestras investigaciones, será necesario un mayor profundización teórica que permita madurar, revisar o incluso refutar algunas de las ideas presentadas, contribuyendo a un debate más sólido y fundamentado sobre la relación entre ritmos, ritmoanálisis, aceleración y Educación Ambiental.

Referencias bibliográficas

ACSELRAD, Henri. *Os desastres e a ambientalidade crítica do capitalismo.Ciência & Trópico*, v. 45, n. 2, 2021.DOI: 10.33148/cetropicov45n2(2021)art6. Disponível em: https://doi.org/10.33148/cetropicov45n2(2021)art6. Acesso em: 30 jun. 2025.

AMORIM, Filipi. V.; PINHEIRO, Samuel. L.; CALLONI, Humberto. Uma ressonância do tempo: os desafios contemporâneos da educação ambiental.*Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 14, n. 1, p. 48-57, 2019. DOI: 10.18675/2177-580X.vol14.n1.p48-57. Disponível em: http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol14.n1.p48-57. Acesso em: 30 jun. 2025.

BACHELARD, Gaston. *La dialectique de la durée*. Paris: Boivin, 1936.

BAPTISTA, Pedro**.** *O filósofo fantasma*: Lúcio Pinheiro dos Santos**.** Sintra: Zéfiro, 2010.

BARTHES, Roland. *Comment vivre ensemble*: cours et séminaires au Collège de France (1976 -1977). Éditionsdu Seuil, 2002.

CARVALHO, Isabel C. M. Educação ambiental e movimentos sociais: elementos para uma história política do campo ambiental. *Educação: Teoria e prática*, p. 46-46, 2001. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1597. Acesso em: 11 jul. 2025.

CARVALHO, Isabel. C. M. A perspectiva das pedras: considerações sobre os novos materialismos e as epistemologias ecológicas**.** *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 9, n. 1, p. 69-79, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.18675/2177-580X.vol9.n1.p69-79. Acesso em: 30 jun. 2025.

CARVALHO, Isabel C. M. A pesquisa em educação ambiental: perspectivas e enfrentamentos**.** *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 15, n. 1, p. 39-50, 2020. DOI: 10.18675/2177-580X.2020-15126. Disponível em: https://doi.org/10.18675/2177-580X.2020-15126. Acesso em: 30 jun. 2025.

CARVALHO, Isabel. C. M; ORTEGA, Miguel A. Aprendizagens em tempos de fim de um mundo e de abertura de múltiplos mundos. *Revista Cocar*, n. 23, 2024. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7933. Acesso em: 30 jun. 2025.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). Tecnologías digitales para un nuevo futuro (LC/TS.2021/43), Santiago, 2021. repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/879779be-c0a0-4e11-8e08-cf80b41a4fd9/content

CUNHA, Rodrigo Sobral**.** *O essencial sobre ritmanálise.* Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010.

DIAS, Geraldo**.** Nietzsche, precursor da ritmanálise? A recepção luso-brasileira do pensamento nietzschiano pelo filósofo fantasma Lúcio Pinheiro dos Santos**.** *Trágica*: Estudos de Filosofia da Imanência**,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, nov. 2018. Disponível em: https://doi.org/10.59488/tragica.v11i3.27360. Acesso em: 30 jun. 2025.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna.* Edições Loyola, 1992.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica*– o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

LAYRARGUES, Philippe P. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 388–411, ago.–dez. 2012. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1677. Acesso em: 5 ago. 2025.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne:* Introduction. Paris: L'Arche 1958 [1947].

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne:* Fondements d'une sociologie de la quotidienneté. Paris : L'Arche, 1961.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne:* de la modernité au modernisme. Pour une métaphilosophie du quotidien. Paris : L'Arche, 1981.

LEFEBVRE, Henri**.** *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades.Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

LEITE LOPES, José. S. *A ambientalização dos conflitos sociais*: participação e controle público da poluição industrial. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

MACHADO, Carlos. R. S.; CALLONI, Humberto. ADOMILLI, Gianpaolo. K. Olhares, pensares e fazeres sobre e na educação ambiental: reflexões sobre/desde os fundamentos ao campo atual brasileiro**.** *Ambiente e Educação*. p. 3-25, nov. 2016. Disponível em: https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/6252. Acesso em: 30 jun. 2025.

MARTINS, Flávia; MOREAUX, Michel. Prefácio à edição brasielira. In: LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p.7-24.

MICHON, Pascal. Pourquoi la rythmologie?.In: *Rhuthmos*, 19 set. 2020. Disponível em: https://www.rhuthmos.eu/spip.php?article2575. Acesso em: 30 jun. 2025.RANDOM, Michel. *O pensamento transdisciplinar e o real*. São Paulo: Triom, 2000.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

REVOL, Claire. Prefácio à edição francesa. In: LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 25-46.

REVOL, Claire. Préface. In: LEFEBVRE, H**.** *Éléments de rythmanalyse et autres essais sur les temporalités*. Paris: Eterotopie, 2019.

ROSA, Hartmut. *Aceleração*: a transformação das estruturas temporais na modernidade. Trad. Rafael h. Silveira. São Paulo: ed. UNESP, 2019.

ROSA, Hartmut. *Alienação e aceleração*: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Petrópolis: Vozes, 2022.

ROSA, Hartmut. *Aceleremos la resonancia!* Entrevista con NathanaelWallenhorst. NED EDICIONES, 2023.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*: resistir à barbárie que se aproxima.São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Porto Alegre: Autêntica, 2021.

CAPÍTULO IV: EN EL TIEMPO Y EL ESPACIO DE LAS CATÁSTROFES: REFLEXIÓN SOBRE LOS FUNDAMENTOS DE LA EDUCACIÓN AMBIENTAL Y LOS RITMOS[26]

Carlos RS Machado

En estos primeros 25 años del siglo XXI, estamos viviendo impactos e injusticias resultantes de problemas sociales (como guerras, crecimiento del fascismo y aumento de la intolerancia religiosa y política), ambientales y climáticos, caracterizados en una época de catástrofes, de crisis y/o eventos climáticos (Lefebvre, 2009 [1978], Stengers, 2015, Camargo, 2018, Machado *et al.*, 2020, Shirts, 2022, Pereira e Fraga, 2018, Schmidt, 2018) que no son naturales. Pero los impactos de tales catástrofes no recaen sobre todas y todos por igual y menos aún, se apropian y distribuyen por igual los beneficios derivados del proceso de transformación de la naturaleza mediante el trabajo humano (agricultura, industria, servicios).

Las riquezas, las tierras y los espacios de poder se han apropiado de forma desigual en el pasado en nuestras ciudades, Estados y país, generando desigualdades estructurales que se reflejan en el presente. En este, se utilizan diversos recursos y medios para perpetuar situaciones de injusticia y desigualdades por parte de quienes se benefician de este sistema. Esto ocurre a través de la dominación práctica e ideológica, a través de sofisticados medios de producir y re-producir relaciones sociales (Lefebvre, 1973) de acuerdo con valores, actitudes, competencias y concepciones de los grupos dominantes.

Cuando menciono el proceso de producción y re-producción, enfatizo que no es sólo a través de la justificación y explicaciones de ideólogos y funcionarios del sistema vigente, es decir, no se trata de un proceso de dominación de arriba hacia abajo, a través del aparato ideológico del Estado capitalista, para convencer a las personas de que su condición de dominadas, explotadas o discriminadas, es normal —y a partir de eso establecer el mantenimiento sostenible del sistema, justificándolo —. En otras palabras, con base en Lefebvre, entiendo que se trata de procesos más complejos y sofisticados de producción del ser humano (el individuo), en el actuar como "empresario de

26 Este ensayo fue producido como parte del proyecto de investigación del autor, titulado "El cotidiano en la obra de Henri Lefebvre: contribuciones a la educación para la justicia socioambiental en tiempos de catásfrofes", presentado en la Convocatoria de la Llamada CNPq No. 18/2024; y enviado al PPGEA/FURG, vinculado al respectivo programa de postgrado, en 2025.

sí" (Dardot y Laval, 2016), obligado a pensar como ellos (los dominadores, los explotadores y discriminadores) y en soñar en vivir como ellos[27]. Y, hoy en día, actuar, pensar y vivir a un ritmo acelerado, es la ideología dominante.

> Las ideologías corresponden a las condiciones momentáneas de la *comunicación* entre los grupos y clases, y, principalmente, de la comunicación efectiva; es decir, apuntando y alcanzando tal objetivo, según los intereses de los grupos considerados y sus relaciones de fuerza (Lefebvre, 2005 [1968[28]], p. 25).

Sin embargo, cuando se produce un conflicto, la "superestructura" se derrumba. La falsa armonía, el pensamiento único, lo absoluto, la verdad, el orden sostenible, se resquebraja. Esto se debe a que los conflictos sociales, ambientales, políticos, entre otros, indican la existencia de problemas en la sociedad, y a que, determinados grupos y colectivos, están sufriendo y viviendo las consecuencias de estas catástrofes, injusticias y desigualdades existentes.

Desde el punto de vista educativo, el conflicto crea una ruptura momentánea en el ámbito ideológico que se produce como consenso, que se re-produce en cada ciudad, barrio, entre las personas, y entre estas y la naturaleza. Al tomar las calles, las carreteras, ocupar casas, edificios, tierras, medios de producción de condiciones de vida, al tomar las armas para superar o resolver las causas de injusticias y desigualdades; grupos sociales, colectivos, partidos, movimientos, etc., rompen —momentáneamente— el totalitarismo de la narrativa hegemónica de los capitalistas y sus empleados. En esos momentos, se abre una brecha, una ruptura en los cimientos del sistema.

La perspectiva arriba esbozada, viene animando el trabajo de investigación, las orientaciones de Trabajos de Conclusión de Curso (TCCs), tesis de maestría y doctorado y supervisiones posdoctorales, así como los debates en (y a partir de) el Observatorio de Conflictos en el Extremo Sur de Brasil, bajo mi

---

27 Recordé una película que presenté varias veces en mis clases de Historia, en la escuela primaria, para discutir capitalismo: CARPENTER, John (Dirección). *They live [*Ellos viven*]*. Estados Unidos: Alive Films/Universal Pictures, 1988. Película (94 min). Se trata de ciencia ficción y sátira social. Un obrero desempleado encuentra unas gafas que le permiten ver la intención que hay detrás las cosas y descubrir estructuras sociales dominantes. Así descubre que las personas importantes de la vida política y social, son en realidad extraterrestres. Durante su jornada, el protagonista comprende que los alienígenas siembran en el mundo mensajes subliminales que pretenden esclavizar a la humanidad. Los mensajes son: compre, consuma, no cuestione, obedezca, etc.

28 Los corchetes [...] indican la fecha de la primera edición.

coordinación y la de otros colegas. La concepción de una acción pedagógica de los conflictos nos impulsa a actuar en la producción de una educación para la justicia ambiental (Acselrad, Mello y Bezerra, 2009; Santos y Machado, 2021[29]) con el objetivo de materializar la utopía de la justicia en la educación ambiental[30].

En los últimos tiempos, con el aumento de las catástrofes, también hemos empezado a identificar una aceleración de los ritmos y, por lo tanto, de arritmias, en los tres elementos antes mencionados (en los ritmos de la sociedad; ritmos de la sociedad sobre los seres vivos; ritmos de los seres sobre la naturaleza/medio ambiente). Ante estos hechos, ya sean conflictos o catástrofes, es urgente incluir al individuo (su vivido y su presente) y sus ritmos, en la reflexión crítica sobre los fundamentos de la educación ambiental, frente a los que la sociedad capitalista impone sobre nosotros y sobre los ritmos de la naturaleza/medio ambiente. Pero, además de reflexionar, es necesario incluirse en la acción cotidiana subversiva de producir educación para la justicia ambiental. Y, desde una educación ambiental que nos posibilite aprender a aprehender; de una pedagogía de la apropiación y autogestión de nuestros propios ritmos; de la gestión solidaria y regenerativa con la naturaleza física y los demás seres vivos; y produzcamos así, colectivamente, la superación de las dominaciones, explotaciones y discriminaciones que la aceleración de los ritmos solo aumenta.

1. Capitalismo, catástrofes y aceleración de los ritmos

Algunos autores sostienen que vivimos tiempos de catástrofes (Lefebvre, 2009 [1978], Stengers, 2015, Camargo, 2018, Machado, *et al.*, 2020); otros se apoyan en la idea de una nueva era llamada Antropoceno (Latour, 2020) para caracterizarlas; también hay quienes indican que se está produciendo una aceleración de la vida, de la sociedad, de la explotación y destrucción de la naturaleza física (Rosa, 2019 [2005], Pinheiro, 2024, Lopes, 2024, Serafim,

29 Se trata del libro cuatro del Observatorio de Conflictos Urbanos y Socioambientales del Extremo Sur de Brasil – Este de Uruguay (Santos y Machado, 2021). Esa obra, así como las demás, con reflexiones del grupo de investigación, está disponible en: https://observatorioconflitosextremosul.furg.br/videos/palestras-e-transmissoes-ao-vivo/65-livro-do-observatorio-conflitos-ambientais-e-urbanos-por-uma-educacao-para-a-justica-ambiental-2021. Acceso en: 14 de julio de 2024.

30 Esta reflexión comenzó en 2015, con el artículo Educación para la Justicia Ambiental: primeros pasos, publicado en la revista *Ambiente e Educação*.

2024). La alteración del clima que ha provocado eventos climáticos extremos —que vemos casi, si no todos los días, en los medios de comunicación y en las redes sociales— representa el efecto más inmediato de la alteración del clima en nuestras vidas, generado por las catástrofes resultantes del sistema-mundo (Wallerstein, 1995; Wallerstein, 2007; Pennaforte, 2011; Fiori, 2018; Bandeira, 2016).

Sin embargo, fue a partir de los últimos cuarenta o cincuenta años que tales procesos catastróficos están saliendo de control — hecho identificado por quienes siguen el aumento de las temperaturas del planeta (IPPC, *The International Plant Protection Convention)*[31]. Científicos e investigadores vinculados a la educación ambiental o al ecosocialismo, afirman que fue a finales de los años 50 o en la década de 1960 que surgieron los primeros indicios de que, la explotación, destrucción y contaminación de la naturaleza por parte del ser humano, conduciría en el futuro a catástrofes como las actuales.

En las últimas décadas, los Objetivos del Milenio de la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura, UNESCO, han tratado de concienciar a poblaciones, y, también, a comunidades, gobiernos, empresas, etc., para adquirir prácticas sustentables y de cuidado del planeta. En otras palabras, se puede deducir que, para este tipo de organizaciones, los problemas y catástrofes ambientales afectan a todas y todos por igual y las soluciones deben venir de todas las personas, ya que todos somos responsables de lo que ocurre en el planeta.

Sin embargo, el origen de la ruptura socio-metabólica[32] del equilibrio rítmico entre sociedad y naturaleza, es la civilización capitalista. Su origen está relacionado a las invasiones europeas a África, América y Asia (después de 1472), por medio del saqueo de las riquezas minerales y forestales, junto con la explotación de seres humanos (pueblos originarios). Esos saqueos, robos y muertes, financiaron la "ilustración", el "renacimiento" y la "modernidad" (1700-1800) al mismo tiempo que promovían la superación del oscurantismo feudal del catolicismo, que había existido durante más de mil

31 https://www.ippc.int/en/. Acceso en 6 julio de 2025.

32 El debate sobre la ruptura socio-metabólica provocada por el modo de producción capitalista es parte del debate a ser rescatado y discutido en futuras reflexiones. Este tema viene siendo discutido desde hace algunas décadas en el campo del marxismo ecosocialista, debido a la inclusión de la naturaleza como tercero en la relación capital-trabajo (ver Fórmula Trinitaria de Marx) y por la ecología política. Véase la *Revista Margem Esquerda*, n. 42, primer semestre de 2024, entrevista a John Bellamy Foster (Foster, 2024), y artículos de Michael Lowy y otros sobre el tema (Lowy, 2005, Quijano, 2011).

años en ese continente. Este proceso fue denominado acumulación primitiva, por Karl Marx y está en el origen de la sociedad capitalista.

Con las revoluciones burguesas (1640, Inglaterra; 1773, en la colonia inglesa hoy llamada Estados Unidos de América; y la revolución francesa de 1789), tal sistema se consolidó como régimen dominante a partir del siglo XIX[33]. Y, a pesar de haber generado dos guerras mundiales en el siglo XX, de haberse militarizado y convertido en totalitario con el fascismo y el nazismo, a pesar de estar creando pandemias, catástrofes climáticas, desigualdades e injusticias, sigue siendo dominante. Pese a alternativas como la revolución rusa (1917), las revueltas, huelgas y levantamientos populares y socialistas (años 30) de la revolución china (1949), de la revolución cubana (1959), entre otras ocurridas en los años 60 y 70, y más allá de Mayo de 1968, de las revueltas estudiantiles y obreras.

Diría que, en los años 70, en contraposición a tales impugnaciones, los capitalistas retomaron la iniciativa con su ofensiva contra el Estado de bienestar creado luego después de la Segunda Guerra mundial, en contención al socialismo que crecía. A principios de la década siguiente, en Brasil, tras 24 años de dictadura militar capitalista, se centran en la apropiación de las empresas estatales creadas con recursos públicos. En el mundo, comienza a desarrollarse un nuevo modo de acumulación que David Harvey (1992) denominó "flexible". Este proceso fue posible y potenciado por la creación de organizaciones internacionales que pasaron a administrar —y aún administran— el "bienestar del sistema mundial" financiarizado, que surgió en la década de los 70, se expandió en la década de 1980 y domina todo y a todos (seres, naturaleza, pensamientos).

Predomina aún, como centro del dominio global, la hegemonía estadounidense e aliados capitalistas, debido a su historia previa, en la construcción de los medios y condiciones para ejercerla, ya sea por los propios Estados

33 Los campesinos, los obreros, los pobres, los desheredados que sirvieron de fuerza y apoyo a las revoluciones contra los reyes y la Iglesia católica, quedaron fuera de la "utopía" que se hizo realidad a través del sistema surgido en el siglo XIX: el capitalismo. Pero pronto se levantaron, como, por ejemplo, los que, poco después del manifiesto comunista de 1848, crearon la comuna en 1871, revoluciones, levantamientos populares de los autogestionarios, etc. En cada país, región y ciudad se pueden encontrar ejemplos de rebelión, de conflictos contra las injusticias y las desigualdades, y todos estos acontecimientos han creado rupturas, brechas, suspensión momentánea de la dominación y signos de libertad y emancipación. Algunos fueron victoriosos, otros parciales, pero sus efectos nunca han desaparecido ni desaparecerán.

Unidos de América o por el G7[34], compuesto por países satélites, dependientes y serviles a los EE.UU; pero también, debido al mantenimiento de bases militares (Chalmers, 2007)[35] y servicios de dominación cibernética, vía *big tech*[36] (Ramonet, 2015, Snowden, 2019), por Organizaciones Internacionales[37], por los medios de comunicación tradicionales, que mantienen la paz y la armonía para/con los dominados y explotados.

Hoy en día, el sistema capitalista sigue dominando el mundo y el espacio global, no sin contradicciones y conflictos, ya que el ascenso de China y los BRICS[38] amplía el cuestionamiento del orden dominante, bajo la hegemonía del dólar y los EE.UU. Se trata de un terreno fértil para que surja una nueva contradicción en el sistema geopolítico mundial: el mantenimiento del actual orden socioeconómico y político, o el fin de la vida en la tierra; o, por el contrario, la creación de un nuevo orden mundial multipolar con nuevos organismos internacionales para poner fin a la dominación, la explotación y la discriminación de todo y de todos y todas.

Sin embargo, al igual que los conflictos provocan una ruptura en la dominación ideológica y práctica, las catástrofes actuales están anunciando una ruptura en las explicaciones de que, tales eventos extremos, son naturales. Por ejemplo, los impactos de la catástrofe climática ocurrida en Rio Grande do Sul, en Porto Alegre, la capital, y en la región del extremo sur, en la ciudad de Rio Grande (donde habito y vivo, estudio, trabajo y lucho) han mostrado esta ruptura momentánea y lo poco preparados que están el gobierno y otros organismos municipales para mitigar, preparar y adaptar la ciudad y

34 El G7, o Grupo de los Siete, es un foro político y económico que reúne a los líderes de siete de las mayores economías del mundo: Canadá, Francia, Alemania, Italia, Japón, Reino Unido y Estados Unidos.

35 "Medio millón de soldados, espías, técnicos, instructores, dependientes y constructores civiles, así como decenas de grupos de combate de portaaviones, surcando mares y océanos remotos" (Chalmers, 2007, p.7). En septiembre de 2001, el "departamento de defensa admitió la existencia de 725 bases militares estadounidenses fuera del país" (Chalmers, 2007, p.11).

36 Grandes empresas que dominan el mercado de la tecnología y la innovación, impactando significativamente la economía y la vida de las personas en todo el planeta.

37 Según Kristalina Georgieva «el plan de Javier Milei es positivo para abordar "todos los frentes" de los problemas enfrentados por Argentina, pero dijo que el país necesita proteger a la población más pobre», Jornal Valor - São Paulo, 16/01/2024. https://valor.globo.com/mundo/noticia/2024/01/16/diretora-do-fmi-elogia-programa-de-milei-mas-pede-foco-nos-mais-vulnerveis.ghtml. Acceso en 14 de abril, 2024.

38 Sobre el BRICS, ver la historia, los países miembros y sus objetivos, etc. en: https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/cupulas-do-brics/reuniao-do-brics-2023/historia-do-brics, consultado el 08/03/2024.

la población a tales fenómenos climáticos extremos (Gautério, Machado y Rodrigues, 2024).

Esta interpretación —de una orden distante, como diría Henri Lefebvre— impacta, domina y se impone como realidad concebida en lo cotidiano, en las personas, en lo que piensan y cómo actúan en sus vidas. Y, es en esta cotidianidad, en lo vivido, y desde los problemas y conflictos, que busco reflexionar sobre los ritmos.

2. De los ritmos de las catástrofes a los ritmos de lo cotidiano

Parto de este punto de vista, de un lugar, una ciudad (lugar de trabajo, de lucha), es decir, desde mi vivido y de cómo concibo las cosas, las relaciones entre y con los demás y el entorno natural y otros seres vivos, para crear el contenido de las reflexiones que aquí se presentan. Este ejercicio es un intento de apropiación del ritmanálisis, al mismo tiempo que analizo la realidad social y natural, desde la teoría de los ritmos, de Henri Lefebvre.

Recientemente, el ritmanálisis ha sido divulgado en Portugal por Rodrigo Sobral Cunha (2010), en una reflexión desde una perspectiva creacionista y una traducción de partes del capítulo del libro de Bachelard (dialéctica del tiempo/duración, 1994); y por Pedro Baptista (2010), que ha detallado las andanzas de su creador —Lucio Pinheiro dos Santos— y su producción en artículos, cartas, documentos, además de la traducción íntegra del texto de Bachelard (1994), que reseña el libro de Pinheiro dos Santos. En Francia, además de Claire Revol (2019, 2021); Remi Hess (2000, 2007) y Pascal Michon[39], vienen estudiando los ritmos [40]. En Brasil, Flávia Martins y Michael Moreaux, tradujeron el libro Elementos de ritmanálisis (Lefebvre, 2021), que ya venía siendo leído y discutido por algunos grupos de estudios e investigación.

La perspectiva que nos guía es la de Henri Lefebvre en su libro sobre ritmoanálisis, publicado en 1992 por Catherine Regulier. En este libro, rescata las contribuciones de Pinheiro dos Santos y Bachelard y va más allá. En mi opinión, Lefebvre buscó incorporar en las reflexiones sobre los ritmos del/

39 Pascal Michon realizó en 2019 una descripción detallada e importante que retomaré en las reflexiones de mi investigación. Más información en: https://www.rhuthmos.eu/spip.php?auteur2, consultado el 5 de julio de 2025.

40 Clare Revol elaboró una tesis y reflexiones sobre los ritmos, a partir de Lefebvre. Remi Hess, ha estado traduciendo y reflexionando sobre la producción de Lefebvre en el prefacio y presentaciones de libros del autor.

en lo vivido, la concepción que había ido produciendo a lo largo de sus obras, tratando de interconectar el ser/cuerpo/subjetividad con y en la sociedad y de estos dos, con la naturaleza/cosmos. Pero no es sólo una reflexión, una teoría, una concepción, sino que incluye al ser en sus ritmos, en el actuar de la trialéctica relacional conflictiva (entre ser/sociedad/naturaleza)[41] en sus conflictos y contradicciones del/en el capitalismo.

El tema de los ritmos, según Claire Revol (2019, 2021), forma parte de un "proyecto lefebvriano más a largo plazo" sobre lo cotidiano, y sería, por lo tanto, el cuarto volumen de las tres obras anteriores de Henri Lefebvre (1947 [1958]; 1961; 1981). Tanto Lefebvre como Bachelard reconocen a Lúcio Pinheiro dos Santos como el creador de la teoría de los ritmos. A pesar de ello, Lefebvre difiere de Bachelard al considerar la "agencia de la trama rítmica que separa y relaciona a los individuos en los tiempos y espacios sociales [...] [e que] la intervención en esta trama rítmica, puede apoyar los esfuerzos de apropiación de los espacios y tiempos sociales" (Revol, 2021, 34). En otras palabras, no se trata sólo de pensar e identificar los ritmos, sino de intervenir —en cuanto ser en su vivido— en la trama rítmica como parte de la apropiación de las relaciones sociales y en la producción de la obra —de nuestra obra, individual como colectiva— (Lefebvre, 1983 [1980]).

En el capítulo uno del libro Elementos de ritmanálisis, titulado "La crítica de la cosa", el autor dice que el estudio de los ritmos puede llevarse a cabo de dos maneras: 1) pueden ser estudiados y comparados los ritmos de los cuerpos, vivos o no, en este caso cercano a la práctica —yo diría desde lo vivido, desde lo cotidiano, desde los ritmos del cuerpo de quien lo analiza, de quien lo estudia, en este caso, del/ de la ritmanalista—; 2) consiste en partir de los conceptos. En la primera aproximación se parte de lo concreto y en la segunda, de lo abstracto. Sin embargo, no se excluyen, sino se complementan, afirma Henri Lefebvre, añadiendo que "aquí seguiremos el segundo enfoque, más filosófico, con sus riesgos: especulación en lugar de análisis, arbitrariedad *subjetiva* en lugar de hechos. Con mucha atención y precauciones, avanzamos clarificando el camino" (Lefebvre, 2021, p. 55).

41 Los estudiosos del tema de los ritmos en Lefebvre afirman que, desde la década de 1960, hay indicios en sus obras sobre el tema de los ritmos, con mayor concentración en la década de 1970. En la traducción brasileña de 2021, esto se puede evidenciar en los artículos incluidos: El proyecto ritmanalítico, de 1988; La reflexión sobre las ciudades mediterráneas, de 1986. Vale la pena pensar que un hombre de 86/88 años, por lo tanto, un anciano, que luchaba teórica y reflexivamente en su vivido contra el capitalismo y buscaba superarlo.

Pero, ¿qué sería el ritmo? El ritmo que se trata aquí no es lo mismo que el movimiento, la velocidad, el encadenamiento de gestos u objetos (máquinas, por ejemplo); no es un ritmo "mecánico" —" Hay una tendencia a atribuir a los ritmos un carácter *mecánico*, dejando de lado el aspecto *orgánico* de los movimientos rítmicos. (Lefebvre, 2021, p. 56. Cursiva en el original). Él cita como ejemplos de ritmo "mecánico" la secuencia de compases (músicos), historiadores y economistas, con períodos, etapas, ciclos, épocas; o los ritmos de la gimnasia, como sucesión de gestos. Perspectivas que "[...] tienden a ver en ellos sólo los efectos de leyes impersonales, sin relaciones coherentes[42] con *actores*, ideas y realidades" (Lefebvre, 2021, p. 56. Cursiva em el original).

> [...] No hay ritmo sin repetición en el tiempo y en el espacio, sin reprises, sin retornos, es decir, sin medida[43]. Pero no hay repetición idéntica absoluta, indefinida. De ello se desprende la relación entre repetición y diferencia. Ya se trate de lo cotidiano, de ritos, ceremonias y fiestas, de reglas y leyes, siempre hay algo inesperado, algo nuevo que se introduce en lo repetitivo: una diferencia (Lefebvre, 2021, p. 56).

En este punto, recuerdo la teoría de los residuos, en una reflexión que hice sobre el tema con Bruno Morais[44], pero también, otra realizada por William Soto (2016; 2021). En ellas, los residuos y las diferencias[45] juegan un papel importante frente al dominio de lo único y lo absoluto. Los residuos que florecen en lo vivido, en la práctica, en los cotidianos de los procesos de trabajo y en los espacios de la sociedad en general, provienen de las contradicciones y conflictos de las relaciones entre los seres humanos y la naturaleza, de aquello que llamamos "materialidad relacional conflictiva". Si los conflictos y las catástrofes son los momentos de ruptura, los residuos y las diferencias abrirían "otra brecha" que podría utilizarse subversivamente.

42 Pregunta: ¿de qué tipo de coherencia habla Lefebvre?

43 Nota de los traductores del texto citado "*Mesure*, en francés, significa a la vez tiempo, medida y compás. A veces optamos por la medida, otras veces por el compás, dependiendo del contexto" (Lefebvre, 2021, p. 56, nota de rodapé 1).

44 Artículo de los autores: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/9246, acceso 5 jul. 2025.

45 Lefebvre escribió a principios de los años setenta, un folleto titulado Manifiesto diferencialista. Está disponible en: https://blogdaconsequencia.wordpress.com/2018/11/30/por-que-este-manifesto-diferencialista-1970. Acceso en: 5 ago. 2025.

Aquí involucraría más concretamente el papel y la acción del ser, en sus acciones y decisiones sobre de qué lado estará, en qué lugar de la lucha se posicionarán. Esto porque el sistema capitalista se impone a través de la producción y re-producción de las relaciones sociales y de lo concebido sobre lo vivido, pero esta imposición no es absoluta. En el momento en que esto ocurre como *presencia* —en el momento del conflicto, en el momento de la catástrofe—, cada individuo se ve obligado a posicionarse en uno de los bandos del conflicto (el de los injusticiados o el de los causantes), al igual que los orígenes y los impactos de las catástrofes. Al asumir uno de los bandos, al estar entre los injusticiados, los dominados y los discriminados, podemos como sujeto en conexión con otros individuos, ampliar la lucha contra los ritmos impuestos por el capitalismo. Al mismo tiempo, al apropiarnos de nuestro ritmo individual, podemos potencializar nuestra defensa de la naturaleza física, de su protección y cuidados de ella y de los demás seres vivos de este planeta.

3. Consideraciones finales

Las catástrofes han ocupado todos los espacios (del mundo, de las ciudades y de las relaciones entre las personas), y en la actualidad, se están generando de forma abrumadora e impactando de forma diferente en las poblaciones. Las catástrofes son arritmias del sistema capitalista y se manifiestan como eventos extremos, alteraciones del clima, vía injusticias, las enfermedades y pandemias (como el COVID-19, el Ébola, el virus Zika), pero también, como la precariedad generalizada de las y los trabajadores (Machado, 2022), la absurda desigualdad en la apropiación de la riqueza mundial, causando hambre y miseria (Farina y Machado, 2024), el aumento del racismo (Silva, 2024), las enfermedades (Furlong, 2024), pero también, las guerras híbridas (Korybko, 2018; Freitas, 2019; Leirner, 2020), etc. Todos estos eventos se derivan de la aceleración capitalista a partir de los años 70 con la financiarización. Desde el punto de vista ambiental, tras el uso de la energía nuclear a partir de la Segunda Guerra Mundial, por parte de Estados Unidos, como momentos de ruptura rítmica y destructiva (Foster, 2024).

El Antropoceno es el resultado de la imposición del ritmo capitalista sobre la sociedad, sobre el ritmo de la naturaleza y sobre los ritmos humanos (mentales y corporales), que comenzó después de las "revoluciones burguesas", en el siglo XVIII y se intensificó en los siglos XIX y XX. Las catástrofes

sociales, ambientales y climáticas que estamos viviendo son el resultado de este proceso, que comenzó hace 250 años. Sin embargo, los impactos y consecuencias de estas catástrofes no afectan a todas las personas de la misma manera, existen aquellos que se benefician de ellas o que ganan dinero con la desgracia ajena. Es la forma de producir, explotar y destruir la naturaleza y a las y los trabajadores que están generando las catástrofes.

Por último, para conectar la idea de los ritmos con los tres elementos mencionados, es decir, el *ser, la naturaleza y la sociedad*, diría que: **el ser humano** es impactado por la aceleración de los ritmos, ya sea a través de procesos de producción flexibles o de la destrucción ambiental y de catástrofes climáticas, etc. Estos procesos han materializado, teóricamente, lo que Henri Lefebvre identificó en los años 60 y principios de los 70: que el capitalismo se centraría en la "producción y re-producción" de las relaciones sociales de producción en todos los ámbitos de la sociedad. Y, diría yo, impidiendo que la gente se levante en masa ante la desgracia generalizada para cambiar esas situaciones, esos contextos y ese sistema. El punto a destacar es que la inducción generada en este proceso de producción y re-producción del sistema cultural de los capitalistas y sus empleados desde los años 1960/1970, estaría predominando en el ámbito individual.

Como resultado, el ritmo de la **sociedad** se ha acelerado por la inducción del sistema vigente en la producción de mercancías. La mercancía y el valor de cambio han ocupado todos los espacios en las relaciones entre las personas, con la naturaleza y en las formas de pensar y vivir, pero, sobre todo, ha subordinado las sociedades y la vida cotidiana a los procesos financieros, además de crear una desconexión entre la riqueza material creada (concreta, existente) y la riqueza ficticia de los "papeles". Las ciudades (Acselrad, 2009; Carlos, Volochko y Alvarez, 2015; Arantes, Vainer y Maricato, 2009) han visto acelerados sus ritmos por el dominio abusivo de medios de transporte altamente contaminantes, por acontecimientos financieros y especulativos (Summits[46], turismo depredador[47], etc.), por guerras (Afganistán, Irak, Libia, Siria, Ucrania, Palestina, etc.) y guerrillas urbanas de milicias y traficantes (África, Sudamérica, Ecuador, EE.UU., etc.) en disputa por riquezas, territorios, etc.

46 Ver: https://portuguese.stackexchange.com/questions/9718/por-que-motivo-se-passou-a-usar-muito-a-palavra-summit-em-portugu%C3%AAs, acceso 14/06/2024.

47 Ver: https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/entenda-diferenca-entre-turismo-predatorio-e-ecoturismo/, acceso 14/06/2024.

Y la **naturaleza**, presentada aquí como ambiente físico, natural (bosques, mares, tierra, etc.) está siendo explotada, destruida y contaminada de forma abrumadora para producir mercancías. Se están alterando las estaciones, las mareas, los glaciares, los bosques, etc., y los ecosistemas, poniendo en peligro la sostenibilidad de la vida y su regeneración.

En definitiva, el ritmo que viven los individuos está influenciado por el ritmo de la sociedad realmente existente —el capitalismo— y por la naturaleza externa (física o natural). Pensar rítmicamente, o ritmanalizar, significa, entonces, invertir el proceso y partir de lo vivido, de lo cotidiano, "desde la materialidad real y conflictiva" en el pensamiento y en la acción, incluyéndose en el proceso y en el contenido de esos ritmos dialécticamente interconectados en conflictos permanentes y contradicciones.

Espero que estos temas —lo individual, lo cotidiano y los ritmos— se incluyan en las reflexiones sobre y para una educación para la justicia ambiental. Por mi parte, al tratar de vivir teniendo en cuenta los ritmos, o más directamente, al producirme como ritmanalista de mi propio ritmo, autogestionado en conflicto con el impuesto por el capitalismo y la naturaleza, viviré en cada momento desde el año 2025. La investigación del proyecto mencionado al principio se centrará en determinados momentos, en determinadas ciudades, en sus estudios empíricos. En esos momentos, quien escribe este ensayo se incluirá en el contenido de las reflexiones, percibidas en el proceso de producción reflexiva de y en la investigación, interconectado tanto con la sociedad como con la naturaleza en los momentos de su realización.

Referencias bibliográficas

ACSELRAD, Henri (org.). *A duração das cidades*: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. *O que é justiça ambiental*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. 5ª ed. (1. ed. 2000). Petrópolis: Vozes, 2009.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. Tradução de Marcelo Coelho. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 135 p. [Traduzido de: *La dialectique de ladurée*, 1936].

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A desordem mundial*: o espectro da total dominação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BAPTISTA, Pedro. *O filósofo fantasma*: Lúcio Pinheiro dos Santos. Sintra: Zéfiro, 2010.

CAMARGO, João. *Manual de combate às alterações climáticas*. Lisboa: Parsifal, 2018.

CARLOS, Ana Fani; VOLOCHKO, Danilo e ALVAREZ, Isabel Pinto (org.). *A cidade como negócio*. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Rodrigo Sobral. *O essencial sobre ritmanálise*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2010.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FARINA, Sinval; Machado, Carlos R. S, Fome, distribuição de alimentos e educação: contribuição ao processo educativo na superação da injustiça alimentar no Brasil. *Revista NORUS* (UFPel), v. 12, n. 22, p. 153-178, ago.-dez. 2024. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/28606. Acesso em: 1 jul. 2025.

FIORI, José Luis (org.). *Sobre a guerra*. Petrópolis: Vozes, 2018.

FOSTER, John Bellamy. Entrevista concedida a Michael Löwy, Maria Orlanda Pinassi e Fabio Mascaro Querido. *Revista Margem Esquerda*, n. 42, p. 5–15, jan./jun. 2024. São Paulo: Boitempo, 2024.

FREITAS, Ilton. *Guerra híbrida contra o Brazil*. Porto Alegre: Liquidbook, 2019.

FURLONG, Ana. *Aportes da psicologia na educação para a justiça ambiental frente à crise climática*: a enchente de 2024 no RS e o caso de Rio Grande. [Projeto de tese]. Rio Grande: PPGEA/FURG, 2024.

GAUTÉRIO, Daiane Teixeira; MACHADO, Carlos Roberto da Silva; RODRIGUES, Jean Carlos Souza. La Relación Educativa/Ambiental y de Desarrollo Presente en las Campañas Municipales de Río Grande: Reflexiones Críticas 2020–2024. Trabalhoapresentado como resumo expandido no II Seminário Brasil/FURG e Cuba/Universidad Marta Abreu de Las Villas e completo no evento realizado no IV Taller.

LEIRNER, Piero C. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida*: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Alameda, 2020.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. (Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves) São Paulo: Loyola, 1992.

HESS, Rémi. Henri Lefebvre et la pensée de le l'espace. In. LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974].

JOHNSON, Chalmers. *As aflições do império*: *militarismo, operações secretas e o fim da república*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KORYBKO, Andrew. *Guerras híbridas*: *das revoluções coloridas aos golpes*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia*: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. (Tradução de Maryalua Meyer; revisão técnica de André Magnelli) São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu editora/Ateliê de Humanidades, 2020.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la viequotidienne*: fondementsd'unesociologie de la quotidienneté. Vol. II. Paris: L'ArcheÉditeur, 1961.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la viequotidienne*: de la modernitéaumodernisme (pour une métaphilosophie du quotidien). Vol. III. Paris: L'ArcheÉditeur, 1981.

LEFEBVRE, Henri. Da teoria das crises à teoria das catástrofes. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 13, n. 1, p.138-152, 2009. (Tradução de Anselmo Alfredo, Carolina Massuia de Paula e Thomas Ficarelli de excerto da obra: LEFEBVRE, Henri. *De l'État: Lescontradictions de l'Étatmoderne* (tomo IV de Del'État). Paris: Union générale d'éditions, 1978.) Disponível em: https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74117. Acesso em: 1 jul. 2025.

LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse et autresessaissurlestemporalités*. Paris: Eterotopia/ Rhizome, 2019. (Comprende textos originalmente publicados em 1992, incluindo "Introduction à laconnaissancedesrythmes" e ensaios adicionais.)

LEFEBVRE, Henri**.** *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Tradução de Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

LEFEBVRE, Henri. Introducción a la crítica cotidiana. In: LEFEBVRE, Henri. *El marxismo sin mitos*. Vol. I. Buenos Aires: Editorial A Pena LILLO, 1967 (1. ed. 1947; reed. 1958).

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia* – contribución a la teoría de las representaciones. México: Fundo de Cultura Económica, 1983.

LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing, 2013 [1974].

LEFEBVRE, Henri. Psicologia das classes sociais. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 37, p. 21-41, 2005. (Tradução de Ana Cristina Nasser da obra:LEFEBVRE, Henri. *Traité de sociologie II*, sob direção de Georges Gurvitch, PUF, Paris, 1968).

LEFEBVRE, Henri. A re-produção das relações sociais. Porto: Scorpião, 1973. (tradução de capítulo da obra: LEFEBVRE, Henri.*La survieducapitalisme: lareproductiondesrapports de production*. 3. éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 1973.).

LOPES, Raizza. *Os ritmos e a ritmanálise no tempo das catástrofes e da aceleração da vida*: contribuições aos fundamentos da educação ambiental para a justiça socioambiental. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, 2024. Projeto de tese de doutorado em andamento.

LÖWY, Michael. *O que é o ecossocialismo?*. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, Tainara Fernandes. A precariedade e a classe trabalhadora: retratos sociológicos de jovens adultos com percursos precarizados no Brasil e em Portugal. Porto: FLUP/Porto, Departamento de sociologia, 2022.Tese (Doutorado em Sociologia) Disponível em: https://hdl.handle.net/10216/148419. Acesso em: 9 mar. 2025.

MACHADO, Carlos R. S.; MACHADO, Tainara F.; TORTELLI, Guilherme; CAMARGO, João. *Ação dos oprimidos contra o vírus capitalista*: reflexões desde o vivido. São Paulo: Lutas Anticapital, 2020.

MARX, Karl. *O capital*: crítica da economia política. Livro I: *O Processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

PENNAFORTE, Charles. *Análise dos sistemas-mundo*: uma pequena introdução ao pensamento de Immanuel Wallerstein. Rio de Janeiro: Cenegri, 2011.

PEREIRA, Cristovão; FRAGA, Maria da Glória. *(In) justiça global. Lisboa*: o imperativo da mudança para um mundo melhor. Lisboa: Colibri, 2018.

PINHEIRO, Samuel Lopes. *Ritmos do Antropoceno e mudanças paradigmáticas em Educação Ambiental no Brasil e na França*. FURG/PPGEA (Brasil) e UniversitéCatholique de l'Ouest – UCO (França), 2024. Projeto de pesquisa de pós-doutorado em andamento, com financiamento MCTI/CNPq (chamada 16/2024, vigência 2025-2026).

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina, In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber*: eurocentrismo y ciencias sociales – perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Ciccus/Clacso, 2011.

RAMONET, Ignácio. *El Imperio de la vigilancia: nadie está a salvo de la red global de espionaje*. Madrid: Clave Intelectual, 2016.

REVOL, Claire. Prefácio à edição francesa. In: LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 25-46.

REVOL, Claire. Préface. In: LEFEBVRE, H. *Éléments de rythmanalyse et autresessaissurlestemporalités*. Paris: Eterotopie, 2019.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. Tradução de Rafael H. Silveira; revisão técnica de João Lucas Tziminadis. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

SANTOS, Caio Floriano dos; MACHADO, Carlos R. S. (orgs). Conflitos ambientais e urbanos: por uma educação para a justiça ambiental. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2021. Disponível em: https://observatorioconflitosextremosul.furg.br/images/Miolo_Conflitos-Ambientais-e-Urbanos-Final.pdf. Acesso em: 2 jul. 2025.

SCHMIDT, Luísa *et al*. *Sustentabilidade*: primeiro grande inquérito em Portugal. Lisboa: UNIV Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (coleção Observatórios ICS, n. 6), maio 2018. 1 Disponível em: http://hdl.handle.net/10451/35134. Acesso em: 1 jul. 2025.

SERAFIM, Guilherme dos Santos. *As enchentes de maio de 2024 e 1941 na cidade do Rio Grande*: um olhar histórico do presente para o passado através de uma educação para a justiça ambiental. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, 2024. Projeto de tese de doutorado em andamento.

SHIRTS, Matthew; GREENPEACE BRASIL. *Emergência climática*: o aquecimento global, o ativismo jovem e a luta por um mundo melhor. São Paulo: Claro Enigma, 2022.

SILVA, Alexandre Silva da. RACISMO ESTRUTURAL E AMBIENTAL NA CIDADE DE RIO GRANDE-RS: AS RAÍZES E FUNDAMENTOS DA INJUSTIÇA AMBIENTAL. Rio Grande: PPGEA/FURG, 2023. Projeto de tese em desenvolvimento.

SNOWDEN, Edward. *Eterna vigilância*: como montei e desvendei o maior sistema de espionagem do mundo. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

SOTO, William H. G.*Una sociología de los resíduos*: um análisis de la perspectiva teórica y metodológica de José de Souza Martins. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, Supl. espec., p. 1051–1070, 2016. Disponível em: https://www.periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6230. Acesso em: 2 jul. 2025. (III Congreso Uruguayo de Sociología "Nuevos escenarios sociales: desafíos para la sociología", Montevideu/Uruguay.2015.)

SOTO, William H. G.. La teoria de los resíduos de Henri Lefebvre. Texto apresentado no evento *Henri Lefebvre y la produción del espacio*: entramados de resistencia al capitalismo, Montevidéu, Uruguai, maio 2021.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*: resistir à barbárie que se aproxima. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu*: a retórica do poder. (Tradução de Maria Beatriz de Medina) São Paulo: Boitempo, 2007.

CAPÍTULO V: EL RITMOANÁLISIS DE LEFEBVRE Y LA NOCIÓN DE AFECTO: CAMINOS DE APROPIACIÓN DESDE LA GEOGRAFÍA ANGLOSAJONA

Michel Moreaux

El propósito de esta contribución es relacionar el ritmanálisis de Lefebvre (1992, 2021) con la noción de afecto, que ha sido muy destacada por los geógrafos anglosajones de las llamadas teorías no-representacionales, tan bien presentadas por Paiva (2017). Revol (2012, 2015) detalla el éxito que el pensamiento de Lefebvre tuvo en los estudios urbanos anglosajones, a partir de los años 70.

En un primer momento, este artículo plantea algunos caminos de apropiación del ritmanálisis de Lefebvre, que fueron recorridos en la geografía anglosajona. A continuación, se exponen algunos temas que el ritmanálisis permitió retrabajar desde el enfoque de las teorías no-representacionales, a través de autores que leyeron la obra de Lefebvre con atención, pero propusieron nuevos caminos de investigación y el uso de nuevos conceptos, como la noción de afecto.

1. Caminos de apropiación del ritmanálisis de Lefebvre en la geografía anglosajona

Revol (2012) detalla el éxito que el pensamiento de Lefebvre tuvo en los *estudios urbanos* anglosajones, a partir de los años 1970 y, especialmente, con las geografías posmodernas y el *spatial turn* que estas celebraron a finales de los 80 —lo que explica el éxito de la traducción del libro "La producción del espacio", publicado en 1991—. En esta perspectiva, David Harvey fue uno de los pensadores marxistas que dialogó en varias ocasiones con el pensamiento de Lefebvre, desde *Social justice and the city* (Harvey, 1973) hasta *Rebel cities* (Harvey, 2012). Por su parte, Edward Soja (1989) fue un autor que popularizó mucho ciertos escritos de Lefebvre sobre lo urbano durante los años 80, aunque muchos coinciden, como Schmid (2008), en que él interpretó de manera muy singular el sentido de la dialéctica de Lefebvre y se apropió de

manera única, de su tríada percibido-concebido-vivido. Más recientemente, varios libros y compilaciones han sido publicados, presentando los aportes del pensamiento de Lefebvre a cuestiones que abordan el espacio y lo cotidiano Goonewardena *et al.*, 2008; Shields, 1999; Merrifield, 2006). Revol (2012, p.110) cita el libro *Writing on citie*s (Kofman y Lebas, 1996), que, además de ofrecer la traducción del libro "El derecho a la ciudad", que presenta, entre otras cosas, el capítulo "Visto desde la ventana", de *Éléments de rythmanalyse*, y el "Ensayo de ritmanálisis de las ciudades mediterráneas" (Lefebvre y Regulier, 1986). Revol (2012) explica que este recorte de la obra de Lefebvre permitió enfatizar aspectos temporales de su pensamiento, que habían sido poco destacados por la lectura posmoderna:

El ritmanálisis resalta dimensiones que no fueron muy abordadas, en particular, la influencia de Nietzsche sobre el pensamiento de Lefebvre, bien como su reflexión sobre el cuerpo y la experiencia vivida de la ciudad. Las editoras del libro, Eleonore Kofman y Elizabeth Lebas, explican en la introducción, estas elecciones que guiaron la transposición de la obra. El ritmanálisis, por tanto, se destaca en el conjunto de los escritos de Lefebvre sobre la ciudad, en un lugar que no habría sido ocupado si los textos hubieran sido seleccionados en otro contexto, por ejemplo, en el ámbito de la geografía radical. Ciertamente, esto también resulta de una tradición humanista en los estudios urbanos, heredada de los pensadores de los años 1960, en Estados Unidos, como Jane Jacobs, que sigue siendo muy influyente: los lectores anglosajones son sensibles al proyecto ritmanalítico, que permite experimentar el dinamismo de la calle. Esto abre campos de investigación interesantes, que están en desfase con una lectura más tradicional de los aportes del pensamiento de Henri Lefebvre, dentro de los estudios urbanos (Revol, 2012, p.111).

El libro *Éléments de rythmanalyse* fue finalmente traducido íntegramente en 2004, por Stuart Elden y Gerald Moore. La introducción escrita por Elden, resalta para el lector anglosajón el interés subyacente en este libro:

> Es un trabajo que muestra por qué Lefebvre fue uno de los pensadores marxistas más importantes del siglo XX, pero, al mismo tiempo, ilustra cómo su trabajo criticó y fue más allá de este paradigma, incorporando intuiciones de otros tipos en una mezcla embriagadora de ideas, ilustraciones y análisis. En el análisis de los ritmos biológicos, psicológicos y sociales, Lefebvre

> muestra la interrelación en la comprensión del espacio y el tiempo para entender la vida cotidiana. Este tema del espacio y el tiempo es importante porque, quizás, antes que nada, Lefebvre muestra cuánto estos temas necesitan ser pensados juntos, en lugar de separados. Para la audiencia de habla inglesa interesada en su trabajo, presenta cuánto una concepción no lineal del tiempo y de la historia, equilibra su famoso pensamiento innovador relativo a la cuestión del espacio (Elden, 2004, p.VII. Traducción propia).

Por lo tanto, Elden resalta este reequilibrio necesario en relación con las lecturas que se hicieron sobre "La producción del espacio". Destaca cuánto este libro puede contribuir a los estudios culturales y cómo fue la oportunidad, para Lefebvre, de retrabajar temas que estaban presentes en libros anteriores, permitiéndole tratar de manera privilegiada la cuestión de lo cotidiano.

El libro *Geography of rhythms: nature, place, mobilities and bodies,* organizado por el geógrafo Tim Edensor (2010), fue el primero que identifiqué con un enfoque exclusivo en una "geografía de los ritmos". Aunque el autor declara en la introducción que el libro *Rhythmanalysis* de Lefebvre, publicado en 2004 en inglés, fue el punto de partida de las múltiples contribuciones que componen esta compilación, Edensor anuncia que se trata, de manera más amplia, de una reflexión sobre "cómo los ritmos moldean la experiencia humana en el espacio-tiempo y permean la vida cotidiana y los lugares" (2010, p.1). De hecho, a pesar de que todos los autores citan a Henri Lefebvre, cada uno presenta una investigación que se apropia del concepto de ritmo en relación con su campo empírico, llevándolos a formular o profundizar otros conceptos. Así, estos diferentes autores abordan la improvisación, el síncope, la dialéctica entre repetición y diferencia, la temporalidad del lugar, la arritmia, la polirritmia, entre otros conceptos.

El libro *Geography of rythms: nature, place, mobilities and bodies,* se divide en cinco partes "temáticas", tituladas respectivamente: Parte 1: "Poder y ritmos del lugar"; Parte 2: "Ritmos de resistencia"; Parte 3: "Ritmos de la movilidad"; Parte 4: "Adiestramiento y cuerpos"; Parte 5: "Ritmos y socio-naturalezas".

La introducción escrita por Edensor sintetiza todas estas aproximaciones, rindiendo homenaje al libro de Lefebvre, pero construyendo una propuesta diferenciada de geografía de los ritmos, que une las contribuciones de otros autores, apoyándose en estudios de campo. El autor construye un

razonamiento que muestra las múltiples facetas y posibilidades de aplicación del estudio de los ritmos a diversas problemáticas, con el objetivo de abordar los cambios urbanos contemporáneos. En este ámbito, aborda la dialéctica que marca lo cotidiano, ya que existen innumerables posibilidades de control, a través de ciertas tecnologías y del "adiestramiento" de los cuerpos, pero los autores también resaltan las posibilidades de existencia/permanencia de ciertas prácticas, que desafían o resisten ciertas lógicas dominantes o impuestas a los cuerpos —o de resistencia a ellas—.

Fue importante, al sintetizar esta presentación del ritmanálisis en Brasil, delinear cómo esta traducción al inglés hizo eco aún más este libro de Lefebvre en las ciencias sociales, lo que me llevó a estudiarla de manera más profunda, con un enfoque en los ritmos, las temporalidades urbanas y la producción del tiempo social. Con el objetivo de justificar cómo ciertas reflexiones planteadas por Lefebvre resonaron en la geografía, me centraré en la apropiación de las discusiones sobre los ritmos urbanos por una constelación de autores ingleses pertenecientes a las llamadas teorías no-representacionales. Además de destacar esta fuerte referencia a la obra de Lefebvre, estos autores realizaron críticas e involucraron a otros autores en la discusión sobre los ritmos, explorando las posibilidades teóricas y metodológicas vinculadas al ritmanálisis.

2. Temas que el ritmanálisis permitió retrabajar en la geografía, desde el enfoque de las teorías no-representacionales

Es pertinente relacionar ciertas apropiaciones del ritmo en la geografía inglesa con las teorías no-representacionales. Como ejemplo, el portugués Daniel Paiva (2017, p.165), al sintetizar para una audiencia lusófona los aportes de las teorías no-representacionales a la geografía contemporánea, destaca cómo ciertos autores que pertenecen a esta vertiente de la geografía inglesa, exploraron y desarrollaron el concepto de ritmo, tomando como punto de partida el estudio de la espacialidad desde los ritmos, fundado por Lefebvre. El autor contextualiza la atención dada a este concepto situando el propósito de estas teorías "de percibir los aspectos procesuales de los fenómenos, de describir y explicar lo que sucede" (Paiva, 2017, p.164). Esto también pasa por la atención dada al concepto de evento, a los movimientos (de los más veloces a los más ínfimos, de los visibles a los imperceptibles, como aquellos relacio-

nados con la información y las bases de datos). Según Paiva (2017), esto llevó a los geógrafos ingleses a reconsiderar la variable tiempo en varios conceptos fundamentales de la disciplina, como espacio, lugar, territorio y región.

2.1 Tiempo, espacio y movimiento

El libro *Timespace: geographies of temporalities*, organizado por John May y Nigel Thrift[48] (2001), presenta una densa reflexión sobre el proceso híbrido que moviliza el tiempo y el espacio en conjunto, abogando por la necesidad de prestar atención a este proceso al tratar la existencia cotidiana y temas ambientales, de género, de etnicidad, etc. De cierta manera, hace eco a lo que acaba de mencionarse con respecto al giro espacial (*spatial turn)* celebrado en las ciencias sociales en los años 80 y 90. Según May y Thrift (2001), el *spatial turn* no habría ido más allá del nivel de la metáfora, habiendo reforzado un dualismo entre tiempo y espacio. Los autores rechazan esta distinción y abogan un sentido de superación de la dicotomía entre tiempo y espacio, construyendo la propuesta y el neologismo *timespace* ("tiempo-espacio").

Parten de la premisa de que "la naturaleza y la experiencia del tiempo social son múltiples y heterogéneas, de ahí se deriva que el modo de su construcción —los medios por los cuales una percepción particular del tiempo surge y tiende a moldear nuestros entendimientos y acciones— es igualmente múltiple y dinámico" (May y Thrift, 2001, p.3). Los autores, a partir de esto, detallan cómo esta percepción del tiempo puede formarse: a través de los ritmos naturales, de la disciplina social, de nuestra relación con instrumentos y aparatos, y también por su conceptualización. Tienden a demostrar que no se trata de un tiempo social uniforme que se extendería sobre un espacio uniforme, sino de "varias (y desiguales) redes de tiempo, extendiéndose en direcciones diferentes y divergentes a través de un campo social desigual" (May y Thrift, 2001, p.5).

A continuación, los autores May y Thrift delinean una perspectiva histórica sobre cómo se ha conceptualizado la relación entre espacio y tiempo en el pensamiento de matriz occidental. Relativizan, por ejemplo, la noción de "compresión del tiempo-espacio", desarrollada por Harvey (1989), apoyán-

48 El libro se sitúa plenamente en la perspectiva de las teorías no-representacionales, aunque uno de sus mayores exponentes, Nigel Thrift, aún no había escrito ciertos artículos y libros (Thrift, 2004, 2007), que constituyeron un hito en la formulación de esta vertiente de la geografía inglesa, reflejándose también como un polo orientador de una agenda de investigaciones (Simpson, 2017).

dose en los cambios que ocurrieron a finales del siglo XIX en Inglaterra. Argumentan que la realidad de los cambios fue diferente, más compleja, que la conceptualizada por Harvey. Si los pensadores posmodernos se apoyaron en ciertas fuentes de carácter más literario, May y Thrift citan otras fuentes, que muestran que no fue exactamente un cambio tan abrupto, dependiendo del lugar donde uno se situaba en el espacio y en la escala social, ya que ciertos cambios vinieron acompañados de otras formas de controlar y determinar el tiempo social —como la institución religiosa—. Sobre todo, los autores intentan superar esta discusión sobre la "compresión del tiempo-espacio" porque consideran que esta tesis predominante resultó en la desconsideración de otras temporalidades urbanas. Buscan, por tanto, abrir nuevos caminos teóricos que puedan responder a desafíos contemporáneos, tanto teóricos como prácticos. A continuación, abordan la contribución de la filosofía de Henri Bergson, en la conceptualización de la relación entre tiempo y espacio, que fue muy influyente en la primera mitad del siglo XX, donde desarrolló su visión de la duración captada por la "intuición", un tiempo continuo que se opone al tiempo discontinuo del instante de la ciencia (May y Thrift, 2001, p.22)[49]. En este sentido, valorando más la discontinuidad del tiempo, notablemente la discontinuidad en la vida psíquica, Bachelard, Heidegger y Merleau-Ponty, aunque construyendo fenomenologías bastante distintas, forman un conjunto al valorar una percepción de interacción más "sensorial" con el mundo —percepción que denota una atención renovada al espacio y un mayor protagonismo conferido al cuerpo físico, como lugar sensible y expresivo—. En este resumen de reflexiones de estos filósofos, los autores discuten, en realidad, la relación que establecen entre espacio y tiempo. Llegan a presentar la filosofía de Deleuze, que significa una reformulación de las reflexiones de Bergson, y que tiene similitudes con la teoría del actor-red, promovida por Latour (2005), en las que ambos refutan la separación entre lo orgánico y lo inorgánico, y enfatizan las interrelaciones, con un interés especial en elementos de conexión en el campo social, que raramente fueron destacados, este "*in-between*" entre las redes, considerado por Latour como tierra incógnita (May y Thrift, 2001, p.28).

La breve presentación del progreso de este razonamiento busca resaltar cómo este cuestionamiento, sobre el *timespace,* confirió un protagonismo a

49 Una referencia importante, que concierne más directamente a los geógrafos, son las consideraciones de Doreen Massey (2004, 2008) sobre la fuerte influencia del pensamiento de Bergson en relación con el tiempo y el espacio, que, según ella, necesita ser superado.

autores que pensaron sobre los ritmos. En este caso, May y Thrift destacan, en particular, a Lefebvre y Deleuze. Sobre el ritmanálisis de Lefebvre, los autores escriben:

> Lefebvre quiere pensar el tiempo-espacio de nuevas maneras, que proporcionarán un tipo de psicoanálisis del intrincado espacio-tiempo de lo cotidiano, vivido al dejar los "oídos abiertos" al ritmo y la textura, que son los modos de existencia que los sistemas o redes "adoptan en estos tiempos, cuando no están siendo actualizados a través de la práctica, cuando entran en los espacios representativos" (Lefebvre, 1991, p. 118 apud May y Thrift, 2001, p.31). Relaciones no actualizadas que esperan su momento. Una niebla espectral de lo no hecho y, sin embargo, de lo que puede ser hecho (May y Thrift, 2001, p.31).

En esta cita, se percibe cuánto los autores elaboran su conceptualización del *timespace* para dejar abiertas las posibilidades presentes en lo real, que pueden ser actualizadas por la práctica. A continuación, los autores destacan la lectura del ritmo realizada por Deleuze y Guattari (1980), al hablar del estribillo, refiriéndose a la introducción del plató sobre "ritornelo", cuando evocan el canto de un niño aterrorizado en la oscuridad, que se apoya en su canto para superar su miedo:

> Aquí el estribillo es una serie rítmica —la canción del niño— que crea, por su repetición, un sentido de lo familiar, un sentido del lugar. Los estribillos circulan alrededor de este "centro incierto y frágil", creando un cerco limitado de organización (May y Thrift, 2001, p.32).

Lo que interesa aquí es la evocación de la creación de un ritmo (a través del estribillo) para apropiarse de un "territorio" y dar un sentido al lugar. Los ritmos se constituyen a través de un entramado de elementos, que pueden aflorar en la experiencia sensible del *timespace*, pero cuya actualización no está dada a *priori*.

El hecho de que tanto Lefebvre como Deleuze sean citados al evocar el ritmo es de suma importancia, ya que confirma cómo los autores de las teo-

rías no-representacionales, al profundizar en el ritmo, realizan lecturas que se inspiran en ambos pensadores. Esto puede influir en la adopción de ciertas palabras (como la noción de afecto, muy presente en Deleuze, pero que no aparece en las consideraciones de Lefebvre), que permiten abordar los ritmos de manera más amplia, como ocurrió en el caso de mi campo de investigación sobre los artistas y colectivos callejeros en Río de Janeiro.

La noción de ritmo vuelve a ser evocada en detalle en un artículo muy sugerente titulado *Rhythms of the city: temporalised space and motion*, del geógrafo Mike Crang (2001, p. 187-207). En efecto, este texto de carácter ensayístico presenta una rica reflexión sobre los ritmos. Basado en una amplia e inspiradora bibliografía, el texto debate esta articulación entre tiempo y espacio en el contexto de la ciudad. Me pareció esclarecedor en relación con algunas intuiciones compartidas con otros autores de las teorías no-representacionales, de las cuales él forma parte. Desde el inicio, el autor sitúa la perspectiva en la que se inscribe este ensayo:

> Este ensayo se preocupa por la intersección entre el tiempo vivido, el tiempo representado y el espacio urbano —en particular, las prácticas cotidianas—. Como tal, se encuadra en un largo conjunto de trabajos que tratan sobre el tiempo y el espacio en la ciudad. Sin embargo, lo que quiero es intentar repensar ciertos enfoques, con el objetivo de ofrecer una versión menos estable de lo cotidiano y, a través de ello, una percepción de la práctica como actividad que crea tiempo-espacio, y no el tiempo-espacio como una matriz en la que las actividades ocurren (Crang, 2001, p. 187. Traducción propia).

Más adelante, evoca "los múltiples ritmos y temporalidades de la vida urbana que constituyen la trama de este ensayo, que Lefebvre evocó, pero solo explicó como ritmanálisis" (Crang, 2001, p. 187). Esto explica la manera en que integra la contribución de varios autores para ofrecer "el sentido del espacio-tiempo como porvenir, el sentido de la temporalidad como acción, performance y práctica, tanto la diferencia como la repetición" (Crang, 2001, p. 187). Como referencia guía de su trabajo, menciona la película "Berlín: sinfonía de una ciudad", realizada en 1927 por el cineasta Rutman[50], ya que

50 BERLÍN: sinfonía de una gran ciudad. [Película]. Dirección: Walter Ruttmann. Alemania: Deutsche Fox, 1927. 65 min. Película muda, en blanco y negro. Esta referencia también es evocada por el pensador griego Stavrides. Menciono otra película contemporánea, "El hombre de la cámara,

ofrece una visión seductora en la que el campo urbano se convierte en un objeto en movimiento, o mejor, en un objeto con tiempo, siguiendo la perspectiva de Lefebvre al configurar la ciudad "como despliegue del tiempo" (Kofman y Lebas apud Crang, 2001 p. 190). Para profundizar en el tiempo experiencial, Crang (2001, p. 196-200) recurre a autores de la fenomenología del tiempo, desde San Agustín hasta Heidegger, Merleau-Ponty y Husserl, lo que lo llevó a profundizar en reflexiones sobre "la percepción del individuo como movimiento y flujo —no en el tiempo, sino como flujo que constituye el tiempo"— (Crang, 2001, p. 196). Luego, cita a Lefebvre, Bergson y Deleuze, para desarrollar su visión del movimiento. Su objetivo es, en resumen, contemplar prácticas que puedan protagonizar una apropiación del espacio, pero que, dependiendo del enfoque teórico, pasarían desapercibidas o insignificantes con otra conceptualización del espacio y del tiempo reunidos en la noción de *timespace*.

En esta reflexión sobre las temporalidades urbanas, consideradas múltiples y heterogéneas, así como en las entre líneas de esta búsqueda por captar el tiempo experiencial y valorizar los flujos y el movimiento, hay un diálogo establecido por Crang con la *time-geography*, citada numerosas veces en el artículo. Crang (2001, p. 192) señala que la *time-geography*, inaugurada por Hägerstrand, fue una contribución valiosa para abordar la dimensión temporal y los movimientos en el espacio, aunque a menudo se limitó a lo más evidente y susceptible de medición, dejando de lado otros aspectos, tocando lo más sensible. Edensor (2010, p. 1) también contextualiza la apropiación del ritmanálisis en la línea de la *time-geography*, aunque rápidamente señala sus límites al declarar que "el ritmanálisis puede desarrollar un análisis más completo y rico de estas prácticas sincrónicas en el espacio, dando cuenta de las cualidades espaciales, las sensaciones y los hábitos intersubjetivos" (Edensor, 2010, p. 2).

En el libro-colectánea dirigido por May y Thrift (2001), dos artículos evocan más detalles sobre los aportes y límites de la *time-geography,* en la

---

del ruso Dziga Vertov (Dirección: Dziga Vertov. Unión Soviética: VUFKU / Estudio Dovzhenko, 1929. 68 min. Película muda, en blanco y negro). La obra es cautivadora por el ritmo del montaje y la precisión técnica. Ambas películas son consagradas y ofrecen una representación singular de la ciudad, que puede inspirar estudios contemporáneos sobre los ritmos de la ciudad. Aprovecho para mencionar el documental In situ, de Antoine Viviani (IN SITU. [Documental]. Dirección: Antoine Viviani. Francia: Providences / ARTE France, 2011/2012. 85 min. Película interactiva/ experimental. Disponible en: http://insitu.arte.tv*. Consultado el 29 de julio de 2025), que trata sobre las intervenciones artísticas en el espacio público y que también contribuyó a mi reflexión sobre los ritmos.

perspectiva delineada. En el artículo *Responsibility and daily life: Reflections over timespace,* la geógrafa Karen Davis (2001, p. 134) adopta un enfoque feminista que cuestiona una concepción muy lineal y cuantitativa del tiempo en la *time-geography*, que no alcanza a captar la experiencia del tiempo de las mujeres —que tiene características mucho más relacionales, las cuales fundamenta sobre una "racionalidad" o "ética del cuidado" *(ethics of care*)—. En específico, muestra que el tiempo de las mujeres puede estar compuesto por actividades simultáneas y la superposición de temporalidades (Davis, 2001, p. 137). Además, argumenta que este enfoque no toma suficientemente en cuenta los procesos sociales y presenta una visión poco desarrollada de las contradicciones y del poder. En el artículo *Time-geography matters,* Martin Gren (2001) replantea en perspectiva, el lugar del observador en la *time-geography*, junto con reflexiones epistemológicas más recientes en la geografía. En efecto, el método desarrollado por el sueco Hägerstrand se dio a conocer a través de sus diagramas, que permiten representar el cuerpo humano en el espacio, a través del tiempo, utilizando el tiempo y el espacio como coordenadas e induciendo traslados y lugares de permanencia, mediante diagonales o líneas rectas que representan el movimiento. Gren (2001, p. 211) afirma que el diagrama, aunque pretenda describir posiciones corporales específicas en el *timespace*, no presenta más que una abstracción desmaterializada de lo que aparece, porque el observador está situado, configurando "un tiempo-espacio representacional de un observador externo, fuera de la trayectoria". Consiste en una gran reducción de la corporeidad de las personas, cuyas trayectorias están siendo modelizadas, pasando de la noción de multiverso a la de un único universo situado del observador, y esto no está siendo problematizado por los exponentes de la *time-geography*. En este sentido, Gren afirma:

> No solo los seres humanos viven en diferentes tiempo-espacios y, en consecuencia, experimentan sus mundos desde su *topos* propio e individual, sino que también se puede cuestionar los denominadores comunes del tiempo y del espacio en los diagramas, en relación con la variedad de temporalidades espaciales que diferentes objetos materiales pueden tener […] Una conclusión es que la concepción del espacio y del tiempo, utilizada en los diagramas de espacio-tiempo, no representa adecuadamente la variedad de las diferentes ontologías físicas que existen en el mundo corporal (Gren, 2001, p. 214).

La razón de exponer estos detalles sobre la representación, es demostrar cuán intrincado es representar ciertas trayectorias de cuerpos distintos (seres humanos diferentes, no humanos, etc.). Los autores no denuncian exactamente los trabajos de la *time-geography* —que, de cierta manera, han demostrado su valía y están en uso en los trabajos de geógrafos y otros científicos sociales en todo el mundo—. Advierten sobre las fallas que este método tiende (inevitablemente) a presentar y, en todos los casos, formulan sugerencias para mejorar el enfoque inaugurado por Hägerstrand. Nuevamente, surge la problemática de la medición.

Grégoire Chamayou (2015), al retratar una breve historia de los "cuerpos estandarizados", muestra cómo las investigaciones de la *time-geography* fueron adoptadas, por ejemplo, por servicios de inteligencia, en los servicios de poderes policiales, militares o económicos. Al disponer, en la actualidad, de capacidades crecientes para articular una diversidad de datos, los métodos sobre los patrones de actividad son muy valorados para, entre otras aplicaciones, prevenir amenazas terroristas e insurreccionales. Para evocar los desarrollos de la time-geography en la contemporaneidad, Chamayou remite al geógrafo Derek Gregory, quien, a su vez, evoca el ritmanálisis:

> Como lo resume el geógrafo Derek Gregory, se trata de «seguir a numerosos individuos a través de redes sociales, con el objetivo de establecer una forma o un "patrón de vida", conforme al paradigma de la 'Inteligencia basada en la actividad", que forma hoy la esencia de la doctrina contra insurreccional». Gregory lo describe, de manera muy evocadora, como "un tipo de ritmanálisis militarizado, e incluso como una geografía del tiempo, armada hasta los dientes", basada en el uso de programas que "fusionan y visualizan datos geoespaciales y temporales, que la inteligencia recopila de múltiples fuentes (combinando el dónde, el cuándo y el quién)", disponiéndolos en un cuadro tridimensional que retoma los diagramas estándar de la cronogeografía, desarrollada por el geógrafo sueco Torsten Hägerstrand, en los años 1960 y 1970 (Chamayou, 2015, p. 6).

Ciertas consideraciones demuestran que, aunque las reflexiones planteadas sobre el tiempo, el espacio y el movimiento, puedan parecer abstractas,

en realidad son bastante actuales y concretas. Estimulan decididamente a los pensadores de las ciencias sociales a elegir su enfoque, su abordaje, bajo la influencia de este tipo de consideraciones. No hay por qué ni cómo competir con ciertos objetivos y procedimientos de carácter cuantitativo. Hay que apostar decididamente por otros desafíos teóricos y prácticos, pero sin perder de vista lo que está en juego al abordar estas dimensiones intrincadas de lo cotidiano, observadas a través de la lente del ritmanálisis.

Siguiendo este mismo razonamiento, la próxima sección pretende explorar cómo y por qué estos autores de las teorías no-representacionales, enfatizan la dimensión de los afectos, con el objetivo de presentar cómo estas teorías encajan muy bien con las reflexiones sobre aquello que el cuerpo puede, lo que lleva a enfatizar su dimensión performática y rítmica.

2.3 Cuerpos, afectos y poder

Al plantear las múltiples críticas que recibieron las teorías no-representacionales a medida que ganaban espacio en la geografía contemporánea, Simpson (2017, p. 3) responde, en particular, a aquellas que denuncian que los trabajos de carácter no-representacional, terminan negando a los sujetos emocionales en los espacios sociales, enfocándose demasiado en la noción de afecto, definida como precognitiva. Simpson responde que las teorías no representacionales destacan solo "la emergencia de una gama de nuevas técnicas políticas y tecnologías que actúan en registros preindividuales del pensamiento y la acción" (Simpson, 2017, p. 4). El propio Thrift (2004) insistió en esto, cuando destacó, en su artículo *Intensities of feeling: toward a spatial politics of affect,* las nuevas políticas del afecto, implementadas por tecnologías efectivas y a lo largo de las evoluciones técnicas en curso. Este artículo denso llamó mucho mi atención por abordar, en 2004, la temática de la "ciudad inteligente" y las nuevas estrategias de control implementadas en el rastro de las evoluciones tecnológicas de la sociedad contemporánea. De cierta manera, denuncia una negligencia en la historia de las ciencias sociales en relación con esta dimensión del afecto, que tiene explicación en la historia del pensamiento occidental, en particular el cartesianismo, pero no solo, también por razones ideológicas o incluso, por la simple dificultad de abordar esta dimensión. Simpson (2017) prosigue su razonamiento señalando las principales razones por las cuales debería prestarse atención a esta dimensión:

> Quiero señalar tres razones por las cuales descuidar el afecto es, aún más que en el pasado, una negligencia criminal. Primero, los conocimientos sistemáticos de creación y movilización del afecto se han convertido en parte integral del paisaje urbano en lo cotidiano: el afecto ha entrado en un ciclo reflexivo que permite intervenciones cada vez más sofisticadas en varios registros de la vida urbana. Segundo, estos conocimientos no solo se implementan conscientemente, sino también políticamente (principalmente, aunque no exclusivamente, por los ricos y poderosos) con fines políticos: lo que podía describirse como estético, es cada vez más instrumental. Tercero, el afecto se ha convertido en parte de la manera en que las ciudades son comprendidas. En la medida en que las ciudades están siendo presionadas para generar "buzz", ser "creativas" y, en general, impulsar las potencias de invención e intuición, cosas que pueden forjarse como armas económicas, entonces la ingeniería activa del registro afectivo de las ciudades ha sido destacada como palanca de transformación. Las ciudades deben exhibir una expresividad intensa. Cada una de estas tres razones muestra que el afecto, aunque siempre ha sido una constante de la experiencia urbana, está cada vez más siendo proyectado (*engineered)*, lo que resulta en que se convierte en algo similar a la red de tubos y cables que son tan importantes para proveer el mecanismo básico y las texturas principales de la vida urbana (Armstrong, 1999), un conjunto que produce sin cesar relevos *(relays*) y uniones que establecen de todas las maneras las nuevas historias y geografías emocionales" (Thrift, 2004, p. 58).

El final de este trecho argumentativo deja explícita la interlocución de la reflexión de Thrift con la de los teóricos de la teoría del actor-red, en particular Latour e Hermant (1999), cuando el afecto se vuelve similar a la red de tubos y cables que sostienen y aseguran la experiencia urbana contemporánea. Queda claro que esta visión del afecto cuestiona la noción de sujeto, que se vuelve más porosa en relación con el exterior. Un punto de entrada que permite ver cómo estos autores se complementan, se encontraría quizás en las reflexiones que esbozan sobre las modificaciones de la experiencia cognitiva a través del aparato tecnológico. En el artículo "Cognición y visua-

lización", Latour (2015) explica, en una perspectiva histórica, el tratamiento de diversas formas de información a través de inscripciones, definidas como móviles inmutables, que se perfeccionan, teniendo la capacidad de sintetizar y combinar información e inscripciones de diversas fuentes, en un soporte reproducible y fácilmente legible. Estos desarrollos sobre los móviles inmutables y la perpetua recombinación de las formas de agregar datos, dialogan con las consideraciones de Thrift (2007, p. 89-106), cuando evoca las nuevas aprehensiones del espacio y del tiempo que emergen a través del advenimiento de lo que él llama *qualculation*. Es decir, el autor intenta aprehender los cambios cognitivos inducidos por el crecimiento exponencial de las nuevas tecnologías de la información —lo que remitiría, por ejemplo, al Big Data, y cómo esto lleva progresivamente a remodelar la experiencia y crear un nuevo *sensorium*–.

En el artículo *Space: The fundamental stuff of Human Geography*, Thrift (2003) expone sintéticamente una visión relacional del espacio. Me gustaría destacar aquí la cuarta dimensión que subraya, al fundamentar la noción de espacio: la dimensión del espacio-lugar (*Place space*), ya que cita ampliamente la noción de ritmo. Menciona que numerosos geógrafos contemporáneos ven el lugar como compuesto por ritmos de existencia particulares (*rhythms of 'being),* que terminan formando lo cotidiano del lugar, como si fuera relativamente estable, mientras que él mismo lo ve de otra manera:

> El problema es que los ritmos de existencia pueden variar tanto que este tipo de frases a menudo proporcionan solo la más tenue aprehensión de lo que sucede. Este problema de variación no existe solo porque hay tantos ritmos de existencia diferentes, sino también porque, cuando se observan de cerca las minucias (*minutiae*) de la interacción cotidiana, lo que vemos no son solo rutinas, sino también todo tipo de improvisaciones creativas que no son rutinas en absoluto (aunque tengan el efecto de permitir que la rutina continúe). Así, en lo cotidiano, lo que llama la atención es cómo las personas son capaces de usar eventos, sobre los cuales a menudo tienen poco control, para abrir pequeños espacios en los que logran afirmarse, aunque sea vagamente. Usando el habla, el gesto y, en general, el movimiento corporal, pueden abrir bolsillos de interacción, sobre los cuales pueden tener control. Claramente, una parte importante de este proceso es esta conciencia espacial

> que llamamos lugar. Pues los lugares no solo ofrecen recursos de diversos tipos (por ejemplo, configuraciones espaciales que pueden permitir ciertos tipos de interacción, en detrimento de otros), sino que también proporcionan pistas para la memoria y los actos. En un sentido muy real, los lugares son parte de la interacción (Thrift, 2003, p. 103).

Dentro de mi investigación empírica, estas consideraciones teóricas dialogaron directamente con observaciones sobre la apropiación del espacio en el cotidiano de la ciudad de Río de Janeiro, por todo tipo de personas. Por ejemplo, al tratar de los vendedores ambulantes que, a pesar de las repetidas prohibiciones que surgen periódicamente, continúan operando en los cuatro rincones de la ciudad, con modos de actuación muy diversos. Pero esta creación de "bolsillos de control" también se refería claramente a la actuación de los artistas callejeros en el cotidiano de la ciudad.

Nuevamente, en estas formulaciones sobre el espacio relacional, se observa la irrupción de consideraciones sobre los ritmos, en lo que respecta al potencial performático de los cuerpos. Thrift (2003, p. 104) destaca la necesidad que tienen los geógrafos de abordar mejor el potencial creativo de las prácticas performáticas en el espacio, con el objetivo de crear nuevos espacios. Reivindica, de hecho, la dimensión no individual, como fuerza impersonal de los afectos, que se distingue de meras consideraciones sobre las emociones, ya que incluye la posibilidad de incorporar el lugar en la composición de los encuentros generados por este tipo de prácticas.

3. Para no concluir

Este artículo buscó exponer algunas consideraciones teóricas de numerosos autores de la geografía anglosajona sobre los ritmos, el tiempo, el espacio y el afecto. El objetivo era, precisamente, divulgar las ideas y conceptos que ellos construyeron, siempre en diálogo con el ritmanálisis de Lefebvre. Me parece que estos escritos múltiples no han encontrado tanto eco aquí en Brasil, y eso parece tener el potencial de enriquecer ciertas apropiaciones del ritmanálisis, como la noción de afecto que se alinea con la tríada "espacio-tiempo-energía" que propone Lefebvre.

Bibliografía:

CHAMAYOU, Grégoire. Avant-propos sur les sociétés de ciblage: une brève histoire des corps schématiques. *Revue Jefklak*, [s.l.], set. 2015. Disponível em: <http://jefklak.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/09/Corps_schematiques.pdf>. Acessoem: 29 jul. 2025.

CRANG, Mike. Rhythms of the city: temporalised space and motion. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel(eds.). *Timespace*: geographies of temporality. London/New York: Routledge. 2001. p. 187-207.

DAVIS, Karen. Responsibility and daily life: reflections over timespace. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel(eds.). *Timespace*: geographies of temporality. London/New York: Routledge. 2001. p.133-148.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille plateau,* Paris: Editions de Minuit, 1980.

EDENSOR, Tim. *Geographies of rythm*: nature, place, mobilities and bodies. Farnham: Ashgate, 2010.

ELDEN, Stuart. Rythmanalysis: an introduction. In: LEFEBVRE, Henri. *Rythmanalysis*: space, time and everyday life**.** Tradução de Stuart Elden e Gerald Moore. London: Continuum, 2004. p. 1-10.

GOONEWARDENA, Kanishka; KIPFER, Stefan; MILGROM, Richard; SCHMID, Christian (editores). *Space, difference, everyday life*: reading Henri Lefebvre. London / New York: Routledge, 2008.

GREN, Martin. Time-Geography Matters. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel(eds.). *Timespace*: geographies of temporality. London/New York: Routledge. 2001. p. 187-207.

HARVEY, David. *The condition of postmodernity*: an enquiry into the origins of cultural change Cambridge, Oxford: Blackwell, 1989.

HARVEY, David. *Rebel cities*: from the right to the city to the urban revolution. London/New York: Verso, 2012.

HARVEY, David. *Social justice and the city*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.

KOFMAN, Eleonore; LEBAS, Elisabeth. *Writing on cities*: Henri Lefebvre, selected, translated and introduced. Oxford: Wiley-Blackwell, 1996.

LATOUR, Bruno ; HERMANT, Emilie. *Paris invisible*. Paris: Les empêcheurs de tourner en rond, 1999.

LATOUR, Bruno. Cognição e visualização. *Terra Brasilis (Nova Série)*, Niterói, n. 4, 2015. Disponível em: http://terrabrasilis.revues.org/1308. Acesso em: 29 jul. 2025

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social*: an introduction to actor-network-theory. New York:Oxford University Press, 2005.

LEFEBVRE, Henri**.** *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades.Tradução de Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

LEFEBVRE, Henry. *Éléments de rythmanalyse*: introduction à la connaissance des rythmes. Paris: Syllepse. 1992.

LEFEBVRE, Henry. *The production of space*. Oxford: Blackwell. 1991.

MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: Algumas considerações. *GEOgraphia*, v.6, n.12. 2004.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço – uma nova política de espacialidade*. São Paulo: Bertrand do Brasil. 2008.

MAY, Jon.; THRIFT, Nigel (eds.). *Timespace*: geographies of temporality. London/New York: Routledge. 2001.

MERRIFIELD, Andy. *Henri Lefebvre*: a critical introduction. New York: Routledge. 2006.

PAIVA**,** Daniel. Teorias não-representacionais na Geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, v. 52, n. 106, p. 159-168, dez. 2017. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/35764. Acesso em: 29 jul. 2025.

REVOL, Claire**.***La rythmanalyse chez Henri Lefebvre (19011991): contribution à une poétique urbaine*. Thèse de doctorat (Philosophie) — Université Jean Moulin Lyon 3, Lyon, 2015. Disponible en: https://facdephilo.univ-lyon3.fr/revol-claire-1. Acesso em: 29 jul. 2025.

REVOL, C. Le succès de Lefebvre dans les urbanstudies anglo-saxonnes et les conditions de saredécouverte en France. *Revue L'homme et la société*, Paris, L'Harmattan, v.3, n. 185-186, p.105-118, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.3917/lhs.185.0105. Disponível em: https://shs.cairn.info/revue-l-homme-et-la-societe-2012-3-page-105?lang=fr. Acesso em: 29 jul. 2025.

SCHMID, Christian. Henri Lefebvre's theory of the production of space: towards a three-dimensional dialectic. In: GOONEWARDENA, Kanishka; KIPFER, Stefan; MILGROM, Richard; SCHMID, Christian (editores). *Space, difference, everyday life*: reading Henri Lefebvre. London / New York: Routledge, 2008. p. 27-45.

SHIELDS, Rob. *Lefebvre, Love and Struggle*: spatial dialectics. London/New York: Routledge, 1999.

SIMPSON, Paul. Spacing the subject: thinking subjectivity after non-representational theory. *Geography Compass*, v.11, n.12. 2017.

SOJA, Edward W. *Postmodern geographies: the reassertion of space in critical social theory*. London / New York: Verso Press, 1989.

THRIFT, Nigel. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. *Geografiska Annaler.* Series B, Human Geography, v. 86, n.1, p.57-78, 2004.

THRIFT, Nigel. *Non-representational theory*: space, politics, affect. London: Routledge, 2007.

THRIFT, Nigel. Space: the fundamental stuff of geography. In: HOLLOWAY, Sarah L.; RICE, Stephen P.; VALENTINE, Gill; CLIFFORD, Nicholas J. (eds.). *Key concepts in geography*. London: SAGE, 2003.

CAPÍTULO VI:
BAJO EL SIGNO DEL RITMOANÁLISIS POR HENRI LEFEBVRE

Ana Fani Alessandri Carlos

La mención de la necesidad de un análisis del ritmo recorre la obra de Henri Lefebvre, formulada particularmente en los libros *La prodution de l'espace* (1974), *Une pensée devenue monde* (1980), *La vie quotidienne* (tomo 2, 1961), Le *manifeste différentialiste* (1970a). Al final del recorrido, sin embargo, el ritmo cobra protagonismo: *Élements de rytmanalyse* (Lefebvre,1992)[51].

La hipótesis desarrollada en este capítulo es que, en la obra *Élements de rytmanalyse,* Lefebvre revela una inversión del método en el análisis del ritmo en comparación con el llevado a cabo en las obras mencionadas (anteriormente). Ahora, el punto de partida de la comprensión de la realidad, para él, no es la praxis (la práctica social y lo concreto), sino lo vivido y lo abstracto. Esta inversión se acompaña del riesgo de la autonomización de lo práctico-sensible, de la abstracción —centrándose en lo vivido con el cuerpo como referencia— en lo concreto, donde se leen las contradicciones que surgen como barreras para la construcción de lo humano. Este hecho señala un cambio radical en la forma de pensar el futuro de la sociedad, ya que la utopía es un momento del acto de conocer. Centrándose en lo vivido, el proyecto utópico se empobrece.

Los argumentos para desarrollar esta hipótesis, formulados en este capítulo, comparan el conjunto de libros de Lefebvre, mencionado anteriormente, en un resumen rápido, con el libro *Élements de Rytmanalyse*, comenzando con una pregunta: ¿cómo (y dónde) se encuentra el debate sobre el ritmo en la obra[52] de Lefebvre?

Para situar el análisis del ritmo, es necesario recurrir al movimiento del pensamiento de Lefebvre sobre la construcción de la metafilosofía como momento necesario de la crítica de la filosofía. Es importante destacar que

51 *Éléments de rythmanalyse: introduction à laconnaissancedesrythmes* es una obra póstuma de Henri Lefebvre en la que se reúnen manuscritos inéditos del autor y dos apéndices escritos por Lefebvre y Catherine Régulier, su esposa y colaboradora: "Essai de rythmanalyse des villes méditerranéennes" (1986); "Le projet rythmanalytique" (1985).

52 Ciertamente, no pretendemos analizar la vasta obra del autor, sino solo señalar algunos momentos que nos ayudan a pensar el papel del ritmoanálisis en la compresión del mundo moderno —un desafío propuesto por el grupo "ritmoanálisis" de la Red Internacional de Estudios de la Producción del Espacio, Riepe.

su crítica acerca de la filosofía clásica ilustra la contradicción entre el mundo filosófico —concebido como un sistema de referencias, donde el sujeto y el objeto permanecen separados— y el extra-filosófico, como el arte y lo cotidiano, situados en el plano de la praxis. En este movimiento de crítica a la filosofía, Lefebvre construye una problemática basada en la unidad entre la razón filosófica y la realidad social, buscando la realización de la filosofía en la negación de la separación entre filosófico-no filosófico; teórico y práctico, buscando la transformación no solo al interior del Estado, como propone Hegel, sino en la vida política, la producción económica y, especialmente, en lo cotidiano (Lefebvre, 1991).

En esta construcción (metafilosófica), Lefebvre encuentra, en la obra de Marx, la necesidad de situar la comprensión del mundo en el plano de la praxis como un movimiento de inversión de la preocupación filosófica, que se cierra en el plano de la teoría. Significa que lo mental y lo social se reencuentran en la práctica: en el espacio concebido y vivido (Lefebvre, 2000, p. 26). En este sentido, estas relaciones se elevan al plano teórico desde lo vivido, iluminando un nuevo concepto: el de lo cotidiano. Así es como este mundo extra-filosófico gana sentido en lo cotidiano. De esta manera, el proyecto utópico (que aparece en el debate sobre el proyecto posible-imposible) que se ubicaría en la praxis social —siendo también el lugar de creación de conceptos—.

En su dialéctica, lo cotidiano como realidad y concepto, aparece como producción histórica constitutiva del capitalismo, determinando y orientando las relaciones sociales desde la lógica de la reproducción del capital. De este movimiento se despliega la contradicción entre valor de uso y valor de cambio impuesta por el desarrollo de la lógica capitalista, donde el intercambio se impone como una forma de realizar las relaciones sociales capitalistas sometidas al proceso de valorización, mientras que el uso se refiere a la esfera de la vida y su significado, ilustrando las relaciones socioespaciales-temporales. En este sentido, Lefebvre se centra en lo inmediato, a pesar de no permanecer en él.

Aquí la experiencia de lo concreto se vincula con lo espaciotemporal, el presente y la presencia (a través de la mediación del cuerpo). Un punto importante del análisis metafilosófico es acercar a la ciencia el movimiento del arte, que se esclarece a partir de la dialéctica entre la repetición del tiempo lineal y las rupturas impuestas por el tiempo cíclico. Al traducir la diferencia entre tiempo linear y tiempo cíclico, se inaugura el gesto poético como un momento creativo que contempla la propia creación del ser humano en su universalidad.

Por lo tanto, al desviarse de la filosofía y sus objetos tradicionales, Lefebvre encuentra el proyecto de cambiar la vida considerando los residuos como situación/momento —que cuestiona lo establecido y se impone como un movimiento contrahegemónico, en una "lucha de muerte"— (Lefebvre, 1970).

Esta forma de pensar encuentra en la vida cotidiana, una categoría privilegiada de análisis que trae, en su dialéctica, la idea de devenir que proviene de la apropiación que involucra el cuerpo y los sentidos del lugar (también social, así como del tiempo). Este hecho significa que la concepción vivida, la teoría y la praxis, la mediación y la inmediatez difieren sin disociarse nunca.

El autor advierte que "los conceptos que antes se ubicaban en espacios abstractos, aunque mentales, ahora se ubican en espacios sociales y en relación con estrategias que se despliegan y confrontan planetariamente. Por lo tanto, lo mental no puede separarse de lo social, siendo únicamente posible a través de las representaciones – ideología (Lefebvre, 2000:25). En este sentido, el ritmoanálisis, al restaurar el cuerpo y lo sensible -temas ignorados por la filosofía- encuentra a nivel de la práctica social (en su dialéctica con lo práctico-sensible), los contenidos del proyecto de lo posible-imposible. Estas ideas sintetizan el movimiento del ritmo en las obras anteriormente citadas de Lefebvre.

El uso del arte permite al autor pensar que la repetición de gestos cotidianos ligados al tiempo cuantitativo contemplaría la dialéctica entre lo lineal y lo cíclico, destacando el hecho de que la repetición, como fenómeno cuantitativo, traería en sí una cualidad – la diferencia. Este movimiento se aclara a través de la música donde la repetición de notas musicales compone una obra (de arte).

Sin embargo, en las páginas del libro Élements de Rytmanalyse, es posible encontrar una ruptura en la relación de este movimiento dialéctico, escribe el Autor, "la teoría de los ritmos se basa en la experiencia y el conocimiento del cuerpo" (Lefebvre, 1992: 91) Como consecuencia, los conceptos que antes surgían dentro de la praxis ahora derivan de lo práctico-sensible "lleno de sorpresas" según el Autor.

Así, la hipótesis de este capítulo apunta (una audacia) al hecho de que la importancia del ritmo, en la comprensión de la realidad, radica en el primer conjunto de obras mencionado anteriormente donde el análisis del ritmo actualiza el debate sobre el lugar del arte en la vida y su papel revolucionario en la medida en que tiene como objetivo central la apropiación del tiempo y

el espacio, en una conquista lenta y difícil a través de combates y luchas. Lo que significa que los dramas experimentados no se permiten ser reducidos y pasan a la ofensiva. Como el arte, estos se rebelan. (Lefebvre, 1970ª: cap.1.).

1. Sobre el libro Élements de Rytmanalyse, la centralidad del concepto de ritmo y la mediación del cuerpo y su crítica

En el libro Élements de Rytmanalyse, el movimiento del análisis va desde lo abstracto hacia lo concreto. **"**Lo sensible, acaso el escándalo de la filosofía, desde Platón, retoma su dignidad tanto en el pensamiento como en la práctica y el sentido común. Lo sensible no es ni lo aparente ni lo fenoménico, sino el presente" (…) apela a los sentidos, que, en el campo biológico, dilucida el cuerpo y sus ritmos en la "totalidad vivida" (Lefebvre, 1981:33)**.** En este sentido, la abstracción como punto de partida trata el ritmo en sí, como la referencia en sí misma desde la que se enfoca lo sensible teniendo como referencia al cuerpo. Como consecuencia, el análisis privilegia los sentidos, a través de la localización del cuerpo en la temporalidad de la experiencia vivida.

El cuerpo se traslada a los sentidos; la vista y el oído cobran importancia en una propuesta según la cual "lo sensible retoma su dignidad reconstituida en su riqueza" (Lefebvre, 1981:31). Atento a los sentidos, el ritmoanálisis hace del cuerpo ("como un paquete de ritmos") la referencia de análisis en una sensibilidad que remite al tiempo marcando la temporalidad vivida. Así, Lefebvre alude a lo que él llama el "gesto ritmo-analítico" responsable de encontrar lo sensible en su movimiento a través del cuerpo. Es así como el observador se para en la ventana y por ella, desciende, metafóricamente, por las calles de la ciudad escuchando los ruidos que provienen de los transeúntes -los habitantes como números entre los ciudadanos- en el ir y venir del día o en el silencio de la noche. El día y la noche indican el tiempo rítmico en donde lo cíclico se encuentra con lo lineal (tiempo de repetición). En la composición entre lo cíclico y lo lineal; lo repetitivo y lo diverso, el autor recupera lo sensible en lo vivido a través de la mediación del cuerpo a través de los hallazgos de los ritmos. El papel del pensamiento a través del ritmoanálisis en relación con la exploración de lo "práctico-sensible" tiene, de este modo, como referencia, a los ritmos y a través de ellos, integrando el interior y el exterior.

La inversión del análisis que reúne dialécticamente la práctica sensible/práctica social realizada en el libro Élements de Rytmanalyse empobrece,

desde nuestro punto de vista, la reflexión en comparación con las otras obras del Autor. Vinculado al campo de la experiencia, el contenido del capítulo **"Vu de la fenêtre"** (Lefebvre, 1981) es un buen ejemplo de lo que queremos demostrar. En él, el investigador es el observador -en la ventana- que está entre un adentro y un afuera. Mirando a través de esta, ve un paisaje, primero fijando su mirada y describiendo la calle para luego echar un vistazo al vecindario, delineando el paisaje de aquello que vislumbra desde la ventana. Describe lo que ve y lo que escucha. Corrobora el ir y venir en la calle, el fluir como un pasaje que identifica las escenas y gestos repetitivos y simultáneos en la calle y la permanencia de la entrevista paisajística, encontrando un ritmo en esta comparación. El observador revela, a través de los sentidos, lo visible (presente) y lo invisible (que puntualiza la presencia), pasivamente. Es el mundo de las formas. Aquí se revela lo práctico-sensible medido a través del cuerpo y sus sentidos, priorizando lo subjetivo y lo mental.

Por otro lado, el recurso de la memoria parece aproximarse a lo que se ve, superando el instante; sin embargo, la observación es insuficiente para abordar lo lineal y lo cíclico como categorías de tiempo, lo que nos permitiría abordar el tiempo histórico impreso en el paisaje. Esto se debe a que el cuerpo reúne las sensaciones descriptivas y la presencia esbozada. Se ubica en el campo de la experiencia, que definitivamente no es el de la práctica social que revela la producción social, en su universalidad. De esta manera, el uso y su significado en el horizonte de la producción social; el orden y la norma que guían la vida, determinando los pasos mediadores de las relaciones sociales y definiendo los términos que provocan el reencuentro-separación de los ciudadanos en los lugares de la ciudad, se encuentran sumergidos en ambigüedades. Asociado a relaciones sensibles, lo social parece disfrazado. Asimismo, solo se sugiere el hecho de que el presente esté compuesto por simulacros, sin desdoblarse en la comprensión de la producción de la ciudad y la vida a finales del siglo XX.

El libro se desarrolla en una ambigüedad constante, minimizando el tiempo como producto social, y atenuando el papel del espacio como constitutivo de la práctica social donde lo sensible gana primacía con el enfoque en la presencia del cuerpo y la naturaleza. "En lugar de ir de lo concreto a lo abstracto, comenzamos, con plena conciencia de lo abstracto a lo concreto"(1981:13).

En el libro La prodution de L´espace (1986), la observación del mundo "vista a través de la ventana", -esta situación también aparece aquí-, apunta a la centralidad del espacio para explicar su primacía (y centralidad) sobre el tiempo. A partir de esta observación, el Autor se pregunta: ¿quién produce el espacio social y cuál es el modo de existencia de las relaciones sociales?

La respuesta señala que las relaciones sociales, las abstracciones concretas, solo tienen existencia real en el espacio. Su soporte es espacial y su conocimiento, descriptivo, analítico y global, al tiempo que aclara que el conocimiento del espacio no se realiza a través del análisis de modelos, ni siquiera prototipos de espacios, sino a través de la producción del espacio, que pone en primer plano el uso del espacio con sus cualidades distintivas de un "mero soporte". Lo que significa, para el Autor, que el espacio es un producto social. De esta manera, la práctica social es espacial y el espacio es una producción social. Una relación espacio-tiempo en su inseparabilidad se desarrolla a lo largo del libro. Es así como el análisis del espacio contempla un ritmoanálisis impuesto por la relación entre el orden cercano y el lejano que tiene, en el cuerpo, una primera aproximación con el orden cercano.

> "En el cuerpo considerado, espacialmente, los diferentes niveles de los sentidos (desde el olfato hasta la mirada, considerados como campos diferenciales) prefiguran las capas del espacio social y sus conexiones. El cuerpo pasivo (los sentidos) y el cuerpo activo (el trabajo) se combinan en el espacio. El análisis de los ritmos debe servir a la necesaria e inevitable restitución del cuerpo total. De ahí la importancia del ritmoanálisis" (Lefebvre, 1986:465/466).

El significado del cuerpo en esta formulación, como movimiento de metafilosofía, se teje como un campo ignorado por la filosofía clásica, como una crítica del conocimiento que se eleva por encima de lo vivido, lo que no significa que pueda absolutizarse, volviéndose autónomo de la vida cotidiana en su complejidad constituida como producción (histórica) y como residuo (posibilidad).

También es imposible no comparar el análisis de la calle realizado en el capítulo "Visto desde la ventana" en el libro Élements de Rytmanalyse con el señalado en el libro La revolución urbana (Lefebvre, 1970:29). En este, el análisis da prioridad a la dialéctica dando contenido a las situaciones vividas. Así,

la calle aparece como un lugar de paso y circulación capaz de permitir que los ciudadanos se encuentren y se reúnan como uno de los elementos definitorios de la ciudad y de la vida en la ciudad. Aquí, el uso, en un espacio-tiempo apropiado, confronta los espacios producidos por el valor de cambio, productor de la ciudad segregada y fragmentada por la "funcionalización aberrante de la existencia" causada por la lógica de la urbanización capitalista que se impone a través de la planificación.

La calle - lugar desde el que se puede leer el significado de uso - concreta el mundo de la mercancía, se convierte en el espectáculo que organiza las relaciones sociales bajo el dominio del consumo, convirtiendo el espacio y el tiempo sociales en espacio-tiempo de la mercancía y en esta condición, abstractos. Así, entre represión y deseo, norma y apropiación, la calle adquiere un significado profundo en la comprensión del espacio producido por el capital. En su dialéctica, la calle cobra sentido como uso, iluminando momentos de apropiación que escapan a la lógica de la mercancía en la medida en que hay grietas en la homogeneidad impuesta por la lógica del capital. Este movimiento apunta a la posibilidad de construir un proyecto de transformación social ya que presupone la posesión colectiva del espacio por la intervención de grupos sociales (sujetos de la historia) superando las separaciones impuestas en la vida cotidiana donde tiene lugar la disociación entre producto y obra.

El capítulo "La musique et les rytmes" del libro Éléments de Rytmanalyse (Lefebvre, 1981) saca a la luz la importancia del análisis ya presentado por Lefebvre en otras obras, proponiendo la dialéctica de la obra y del producto. Esta relación es central en el debate sobre la diferencia como elemento propulsor del pensamiento que se dirige a encontrar lo que puede nacer de la pasividad impuesta a la sociedad por la lógica del capital. En este movimiento, una ley de la dialéctica gana centralidad; es el paso de lo cuantitativo a lo cualitativo a través de la repetición que anuncia, en su movimiento de realización, lo cualitativo que anuncia la diferencia. "El campo musical constituye un campo diferencial indisoluble de temporalidad y espacialidad" Lefebvre, 1970ª:81-84). Así, en el sentido de encontrar, en lo repetitivo, su otro, el movimiento diferencial, señala la posibilidad de la apropiación constitutiva de la producción de obras.

Aquí, también, la potencia de esta formulación se pierde en la medida en que está encerrada en lo sensible. Como acaba de ser señalado, la relación espacio-tiempo da paso a la relación ritmo-cuerpo y el registro cede a la necesidad

de "cambiar el mundo" desde la cotidianidad a través de la producción de un espacio y tiempo adecuados, ya que están ligados a su determinación sensorial.

El ensayo escrito por Lefebvre y Régulier, que aparece en este libro, parece no dejar dudas sobre la relación espacio-tiempo como constitutiva del ritmo, sin embargo, no escapa de las ambigüedades. Para el Autor, "los tiempos concretos tienen ritmos o más bien son ritmos – y todos los ritmos implican la relación de un tiempo con el espacio, un tiempo localizado o si queremos un lugar temporalizado. El ritmo siempre se encuentra relacionado con una determinada dirección, tiene una dirección, ya sea el corazón, el latido de los párpados, el movimiento de una calle o el tiempo de un vals. Lo que no impide que sea un tiempo, es decir, un aspecto del movimiento y de un devenir". (Lefebvre, 1981: 99). Sin embargo, en su despliegue, el cuerpo gana la dimensión del lugar contemplando la posibilidad de autonomización de lo vivido (donde el campo sensible encuentra su límite en la experiencia) en relación con lo concebido.

Por lo tanto, sin descuidar el campo sensible, es necesario pensar que puede abrirse a lo nuevo e imprevisto, dentro de lo mecánico, regulado y estandarizado, en el movimiento de la totalidad social. La consideración de este movimiento dialéctico puede elevar lo espontáneo a otro nivel, tanto teórico como práctico, destacando los contornos del concepto de vida cotidiana presentado por el Autor como producto (de la historia) y obra (como devenir poético).

Este proceso, que se mueve en la vida cotidiana, expone en su inseparabilidad la relación espacio-tiempo que atraviesa la vida como una relación de dominación-subversión a través de la mediación de la diferencia.

2. Partiendo de lo concreto, iluminando la dialéctica

De manera contraria a los contenidos del ritmoanálisis desarrollado en el libro Élements de Rytmanalyse, en los otros libros de Lefebvre, señalados al comienzo de este capítulo, el ritmo se define dentro de la teoría del tiempo, trayendo a la ciencia el ritmo descubierto en el proceso de repetición, impreso en el tiempo abstracto de trabajo que tiene, en la teoría del trabajo social de Marx, el punto de partida esclarecedor en la medida en que el ritmo encontrado en la repetición trae su negatividad: el otro del tiempo cuantitativo del proceso de trabajo que elabora productos y mercancías, también puede pro-

ducir obras. Esto se debe a que la teoría del trabajo social, desarrollada por Marx, está vinculada al concepto de producción. El significado del concepto trae una doble determinación: la producción contempla un sentido estricto -produce bienes y productos - y un sentido amplio - es productor de trabajo donde se sitúa la autoproducción del hombre (en el sentido hegeliano del término) lo que se abre al concepto de reproducción de las relaciones sociales que producen a los productos y al hombre, iluminando la transformación de la naturaleza en un producto social

> "La naturaleza produce al hombre a través del trabajo y la lucha. La producción tomada en su plenitud implica la creación y caracteriza al ser humano. Este ser produce y se produce a sí mismo. No solo hay producción de objetos, sino producción de espacio y tiempo, producción de relaciones, producción y reproducción del yo (conciencia) y del otro (el mundo). Así, el tiempo elaborado en la práctica y por el pensamiento filosófico no puede detenerse" (Lefebvre, 2001;49).

En la praxis producida en confrontación y unión con la naturaleza se ilumina el espacio que se revela como producto social inseparable del tiempo, que impone la práctica social al pensamiento, en la inseparabilidad entre lo lineal y lo cíclico cuya yuxtaposición y confrontación define ritmos, destacando lo que sucede en un tiempo y lugar, segmentando o continuando el tiempo histórico, inaugurando, en este movimiento, un cambio en el orden de las cosas.

Es necesario reconocer que

> "un espacio es la inscripción en el mundo de un tiempo. Los espacios son realizaciones, inclusiones en la simultaneidad del mundo exterior de una serie de tiempos, de los ritmos de la ciudad, de los ritmos de la población urbana …la ciudad es un uso del tiempo, esta vez es de los hombres, de los habitantes". Este tiempo debe organizarse de una "manera humana" (Lefebvre, 1973: 211).

Así, el espacio y el tiempo tienen como contenido de acción la realización de la actividad humana produciendo espacios y tiempos sociales. El tiem-

po, como es un proceso, es movimiento -flujo, velocidad- que no está separado del espacio. De este modo, el uso del espacio se llevaría a cabo en un tiempo determinado y el tiempo se llevaría a cabo en el uso del espacio, ambos teniendo lugar a nivel de la vida cotidiana establecida dentro de la sociedad urbana. Por lo tanto, el debate sobre el tiempo es también un debate sobre el espacio. En la práctica, las acciones son invadidas por la lógica abstracta que las define por la repetición-sucesión-duración ubicada en un espacio producido.

En su forma general, esta teoría apunta a la homogeneidad en el proceso de trabajo, cuantificando todas las actividades donde el sujeto está sometido a esta lógica. El trabajo de la actividad creativa se convierte en una medida abstracta del tiempo que también produce la fragmentación de los gestos involucrados en el trabajo. La abstracción invade la vida organizando actividades y definiendo relaciones sociales. El tiempo social se redefine por su subordinación al tiempo de trabajo, devaluándose en la medida en que está sujeto a la lógica de acumulación que reside en la extracción de plusvalía como producto directo de la explotación de la fuerza de trabajo en el proceso productivo, componiendo la jornada laboral. La actividad, hecha abstracta, está dominada por la cuantificación medida por el reloj que domina la relación entre el trabajador y el objeto a producir. Fragmentada, la actividad se enajena y se despliega en el plano de la vida cotidiana en sus restricciones imponiendo la fragmentación de la vida -en el tiempo-espacio de trabajo, tiempo-espacio de ocio- espacio de la vida privada. Así, el tiempo lineal y repetitivo, como cualidades del tiempo abstracto, define las relaciones sociales.

Este tiempo - fragmentado del trabajo abstracto - somete al tiempo cíclico, al mismo tiempo que es invadido y relativizado por este como tiempo cíclico organizado por el cosmos y por la naturaleza primaria. "Los momentos se clasifican según las demandas de la producción, los intereses en juego. El carácter aventurero y lúdico del devenir y lo vivido desaparece ante lo lineal compuesto de repeticiones y redundancias". (Lefebvre, 1980:168). La habitabilidad, por ejemplo, mantiene la dimensión del uso, involucra el cuerpo en el sentido de que el "usuario" tiene una presencia real y concreta. Pero el habitar en sí implica un lugar determinado en el espacio, por lo tanto, una ubicación y una distancia que se relaciona con otros lugares de la ciudad y que, por lo tanto, adquiere cualidades específicas. Estos, a su vez, constituyen el mundo de la percepción sensible, cargado de significados o representaciones afectivas, pero debido a que van más allá del instante, son capaces de

traducir significados profundos sobre la forma en que se han construido a lo largo del tiempo. Las acciones, en el plan vivido, se llevan a cabo en un espacio apropiado, utilizado para cada acción.

> "El cuerpo que se mueve a través de las piezas del apartamento y revela un interior (el espacio íntimo, privado, constructor de una historia individual) pero el sujeto de la historia se realiza en una construcción social colectiva que dialoga o relativiza al individuo. Este dentro y fuera confluyen en la construcción de la historia señalando la relación entre lo individual y lo colectivo; espacios y tiempos vividos, apropiados, metamorfoseados. Así es como el individuo y la sociedad, sin mezclarse, tienen una historia común" (Lefebvre, 2001:159).

La esencia humana reside en esta dialéctica en la que el individuo se realiza en sociedad. Esta sociedad es productora de productos y de obras. El trabajo está vinculado a una determinación no productiva (tanto de tiempo como de espacio), en confrontación con la lógica de la acumulación. Constituye la visión de que hay, en lo repetitivo, su otro, introduciendo la dialéctica producto-trabajo en la vida cotidiana. La posibilidad poética que surge dentro de lo repetitivo. Aquí se sitúa, en las obras de Lefebvre, la necesidad de un ritmoanálisis como momento particular a partir del cual se puede leer y verificar en la práctica social el movimiento que rompe el tiempo abstracto de la mercancía que impone la enajenación social. Es en el encuentro de lo repetitivo-lineal en su homogeneidad que se instala lo cíclico, constituyendo el ritmo como posibilidad creativa. "La repetición desaparece en la diferencia" Lefebvre 1970[a]. El espacio y el tiempo como destinos poéticos del ser humano se hacen a través de la mediación de la apropiación.

3. Sobre la vida cotidiana

Nuestra hipótesis aquí es que el ritmoanálisis renueva el concepto de arte ubicándolo en el propio movimiento de enajenación del hombre cuando el trabajo en su realidad banal, repetitiva y abstracta pierde sentido. Esta idea se deriva del hecho de que Lefebvre ubica el arte en la vida cotidiana, una posibilidad que involucra a toda la sociedad, y no fuera de ella.

> "El arte siempre ha implicado una tensión, un esfuerzo hacia la totalidad. En la música, un elemento parcial de la conciencia sensible (sonido) tiende a ser coextensivo con el contenido de la conciencia, el ritmo, el movimiento, la pasión, el erotismo o la espiritualidad. Lo mismo en la pintura como elemento visual (…). El esfuerzo hacia lo único casi siempre se manifiesta en la enajenación" (Lefebvre, 1971:162).

También podemos decir que este hallazgo incluye un análisis del ritmo asociado al tiempo de apropiación que surge de la dialéctica del tiempo bajo las determinaciones de lo lineal de lo cíclico. De un tiempo cuyo contenido es la apropiación, orientando el uso del espacio en la vida cotidiana.

> "Ahora bien, la apropiación misma implica en un tiempo y en tiempos, un ritmo y ritmos, en símbolos y una práctica. Cuanto más funcional se vuelve un espacio, más dominado está por agentes que lo manipulan, haciéndolo unifuncional, y menos se presta a la apropiación. ¿Por qué? Porque está fuera del tiempo vivido, el de los usuarios, un tiempo diverso y complejo. Sin embargo, ¿qué compra alguien en calidad de comprador de un espacio? Tiempo." (Lefebvre, 1986: 411).

También podemos considerar que, desde el punto de vista del análisis ritmo-analítico, el tiempo de la vida cotidiana se mide doblemente por la articulación/choque de ritmos: por un lado, el tiempo lineal, cuantificado del reloj, de las repeticiones monótonas; por otro, el cíclico (del cosmos, de la naturaleza) que se mantiene, a pesar de la lucha alrededor de tiempo, el uso del tiempo y la modificación de los ritmos de la naturaleza. En su determinación lineal-cuantitativa, proporciona la medida del trabajo: en este momento de la historia, el tiempo cotidiano se convierte en un tiempo homogéneo y desacralizado, subordinado a la organización del trabajo. Como resultado, el tiempo cuantitativo está sujeto a las leyes generales de la sociedad: fraccionario, jerárquico en medio de perturbaciones rítmicas. Así, la vida cotidiana se ve atravesada por tiempos cíclicos cósmicos y vitales, creando una unidad conflictiva con lo lineal que no se mide sólo por el cuerpo situado en el plano de lo vivido, sino que encuentra en lo vivido y en la práctica social espacial

su lugar de realización vinculando lo percibido al plano global de la sociedad urbana más allá del cuerpo y del lugar. - dejándolo en la práctica socioespacial. Califica la vida cotidiana urbana. En esta línea de razonamiento, en la confluencia/yuxtaposición del tiempo lineal y cíclico hay un tiempo apropiado. Esto se debe a que,

> "La vida cotidiana está doblemente determinada: como residuo y como producto. Como residuo es irreductible. La vida cotidiana, en términos sociológicos, no es solo supervivencia, también está lo biológico, lo psicológico, la necesidad y el deseo, el ser humano creado por el hombre todavía tiene ritmos vitales, necesidades que satisfacen y reaparecen, deseos que se cumplen o no, que terminan o se renuevan. Hay una lucha por apropiarse de la vida contra lo que desposee, lo que altera, degrada y mata. (Lefebvre, 1961:62).

La relación teoría-práctica encuentra lo cotidiano como realización de la historia, del desarrollo del capital -en sus contradicciones encuentra un residuo- que construye y se mueve contra la lógica que pretende dominar la vida. Este residuo cobra fuerza en la obra de Lefebvre como subversión al orden hegemónico, erigiéndose como un momento creativo, señalando la premisa de que la utopía es parte constitutiva del conocimiento. A través de sus residuos, la vida cotidiana es también el lugar donde se sitúa la superación de las enajenaciones que la rodean.

4. Si es posible concluir…

El ritmo ilumina el proceso de apropiación a través de la producción de la diferencia. Producto de la tensión entre cíclico -lineal; simultaneidad-encadenamiento; unidad-diversidad, el momento diferenciado entre lo repetitivo y lo diverso ilumina una praxis espaciotemporal que va más allá del cuerpo y del lugar (como un orden cerrado). Contempla la universalidad en la medida en que reúne, contradictoriamente, el producto y el trabajo como producción humana.

La contradicción trabajo-producto atraviesa el debate sobre la producción de lo urbano y su dimensión mundial como sociedad urbana, articulando todos los espacios en una única lógica: la de la reproducción de las relaciones sociales de producción.

El concepto de tiempo, desarrollado aquí, en referencia a la praxis, articula lo mental y lo social sin excluir el tiempo biológico, físico y cósmico, dado que es plural. El ritmo, como un momento en la teoría del tiempo, importa sobre la diferencia.

> "La teoría del tiempo se vuelve diferencial**,** como la del espacio y, como consecuencia del espacio-tiempo y/o el tiempo-espacio. No es solo que el tiempo y el espacio difieran pasivamente (para y delante del pensamiento). Se conciben y perciben como capacidades para diferir: tiempos y momentos diferenciados, contrastados y multitemáticos. El campo de la conciencia (reflexión-acción) se diversifica y se convierte efectivamente en un campo, una multiplicidad de caminos y sentidos". (Lefebvre, 2001: 164).

En esta dirección, Lefebvre supera los análisis que piensan que el tiempo únicamente está subordinado al ritmo del trabajo abstracto impuesto por el desarrollo de la industria. La relación del mismo con el otro, por lo tanto, con lo que rompe la linealidad absoluta impuesta por la abstracción del tiempo productivo, significa la producción de diferencia en la repetición. Por lo tanto, la consideración del ritmo desplaza y abarca la reproducción de las relaciones sociales, oponiéndose a la medida del tiempo abstracto de trabajo que se desarrolla para toda la sociedad, modulando la reproducción de las relaciones de producción dentro y fuera del proceso productivo (en la industria) que penetra en toda la sociedad.

La diferencia como categoría de análisis introduce un nuevo contenido a la comprensión del tiempo, solo entendido como tiempo productivo, dialectándolo. Así, el estudio del ritmo se abre al proyecto de lo posible-imposible porque ubica en la rutina diaria de repetición su negación a través de la producción de la diferencia dentro de lo repetitivo que constituye la sociedad "urbana-estatista-mercantil" que produce una vida cotidiana atascada en el tiempo homogéneo y cuantitativo creando demandas y configurando las relaciones sociales a partir del reloj – señalando la calidad productiva del tiempo lineal que se opone a lo cíclico del cosmos cuestionando la lógica de lo idéntico; así como el significado y contenido del reino de la mercancía moviendo y subyugando las relaciones sociales.

En resumen, podemos decir: a) La práctica social es espacial; b) el espacio-tiempo-diariamente señalaría la dirección de la construcción de un proyecto de cambio social apuntando en la dialéctica de lo posible-imposible; c) el reconocimiento de ritmos, por lo tanto, se abre al devenir. Esta es la importancia y el significado del ritmoanálisis.

En el horizonte, el proyecto de transformación social presupone la posesión colectiva del espacio por la intervención de grupos sociales, sujetos de historia, superando separaciones y disociaciones entre producto y trabajo.

Bibliografía

LEFEBVRE, Henri. Critique de la vie quotidienne, vol 2, L´Arche Editeur, Paris, 1961.

LEFEBVRE, Henri. La revoluction urbanine, Gallimard, Paris, 1970.

LEFEBVRE, Henri. Manifeste Différentialiste, Éditions Gallimard, Paris, 1970ª

LEFEBVRE, Henri. Le materialisme dialectique. PUF, Paris, 1971.

LEFEBVRE, Henri. La pensée marxiste et la ville , Casterman / Poche, Paris, 1972.

LEFEBVRE, Henri. La survie du capitalismo. Anthropos, Paris, 1973.

LEFEBVRE, Henri. De lo rural a lo urbano. Ediciones península, Barcelona, 1973

LEFEBVRE, Henri. Les temps de méprises. Paris, Stock, 1975.

LEFEBVRE, Henri. Une pensée devenue monde, Fayard, Paris, 1980.

LEFEBVRE, Henri. Éléments de Rythmanalyse, Édition Syllepse, Paris, 1981.

LEFEBVRE, Henri. La production de L´espace, Éditions Anthropos, Paris, 1986.

LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno, Editora Ática, São Paulo, 1991.

LEFEBVRE, Henri. Espace et politique, Ed Antropos, Paris, 2000

LEFEBVRE, Henri. La fin de l´histoire, Anthropos, Paris, 2001.

CAPÍTULO VII: EL ANÁLISIS DE LOS RITMOS EN LA VIDA COTIDIANA: UNA PERSPECTIVA LEFEBVRIANA

William Héctor Gómez Soto

En este capítulo, el autor reflexiona sobre las posibilidades de observar la ciudad y descifrar sus enigmas a partir de los ritmos de la vida cotidiana, desde la perspectiva teórica y metodológica del ritmanálisis lefebvriana. En consecuencia, se propone pensar la ciudad a través de los ritmos de las personas que ocupan, de diversas maneras y en diferentes ritmos, los espacios urbanos, como manifestaciones de las múltiples temporalidades que se entrelazan en la contemporaneidad de lo urbano.

La crítica de Lefebvre a la abstracción del tiempo y del espacio conduce a su propuesta de ritmanálisis, un enfoque que busca rescatar la complejidad y la materialidad de los ritmos sociales, integrándolos a las dinámicas cotidianas y a las contradicciones de la vida urbana. Él define el ritmo como la interacción entre tiempo y espacio en la experiencia vivida, considerando que la sociedad está atravesada por múltiples ritmos que coexisten, chocan y se superponen. El ritmanálisis busca, entonces, comprender cómo estos ritmos interactúan en los espacios urbanos y en las prácticas cotidianas. Para ello, Lefebvre propone una perspectiva en la que el investigador debe observar, escuchar y sentir los ritmos de la ciudad, identificando las tensiones entre ritmos dominantes y subordinados, entre tiempo vivido y tiempo impuesto.

La propuesta de Lefebvre tiene importantes implicaciones para los estudios urbanos contemporáneos. El ritmanálisis permite revelar dinámicas ocultas de la vida urbana, como los contrastes entre el ritmo acelerado del flujo de automóviles en las horas pico y la calma y desaceleración de los parques o grandes áreas verdes destinadas al ocio. Además, posibilita una comprensión más compleja de las transformaciones urbanas, considerando no solo los aspectos físicos del espacio, sino también las temporalidades que lo atraviesan.

En ciudades marcadas por la aceleración y la fragmentación del tiempo, como las metrópolis contemporáneas, el ritmanálisis puede ser una herramienta valiosa para identificar formas de resistencia y apropiación del espacio. Movimientos urbanos que reclaman el derecho al ocio, la resignificación de espacios públicos y la valorización de los ritmos naturales pueden ser

analizados desde esta perspectiva. Asimismo, el ritmanalisis permite captar las prácticas culturales alternativas que imprimen un nuevo ritmo como contrapunto al ritmo de la aceleración.

Lefebvre anuncia que el análisis de los ritmos constituye un nuevo dominio del saber con consecuencias prácticas (Lefebvre, 2021, p. 53). Él profundiza y desarrolla una preocupación por los ritmos y las temporalidades que ya estaban presentes no solo en su teoría del espacio social, sino también en su crítica de la vida cotidiana y en la teoría de los residuos, donde el tiempo es un elemento irreductible (Lefebvre, 1967). Aunque los ritmos han estado presentes en el mundo desde hace mucho tiempo, han pasado desapercibidos por los analistas. En palabras del autor: "...como en todo sector del conocimiento y de la acción, los gérmenes, las semillas, los elementos existen desde hace siglos" (Lefebvre, 2021, p. 53).

El ritmanálisis, según Lefebvre (2021), es un método para descifrar las interrelaciones entre lugar, tiempo y gasto de energía. Los ritmos no son simplemente fenómenos naturales o mecánicos, sino expresiones materiales y simbólicas de las contradicciones sociales. Por ello, para él, analizar los ritmos implica reafirmar la crítica a la alienación y la cosificación, pero incorporando dimensiones temporales y espaciales en una totalidad contradictoria. Los ritmos pueden analizarse mediante la observación inmediata del cuerpo, pero también a través de la mercantilización de los procesos sociales, donde el tiempo y el cálculo representan un momento decisivo de la vida moderna.

Lefebvre señala que los filósofos solo presintieron el ritmo, pero reconoce que el filósofo portugués Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, conocido como el "filósofo fantasma", fue el primero en referirse a el ritmanálisis. Posteriormente, el término fue mencionado por Bachelard (1994), otro filósofo que no llegó a profundizar en el tema. Lo importante, dice Lefebvre, es que poco a poco la propuesta de el ritmanálisis va saliendo de las sombras.

Desde la perspectiva de Lefebvre (2021, p. 55),

> "el estudio del ritmo (de los ritmos) puede comenzar de dos maneras... Los casos pueden ser estudiados y comparados: los ritmos de los cuerpos —vivos o no— (respiración, pulsos, circulación, asimilación —duraciones y fases de estas duraciones, etc.). En estos casos, se permanece cerca de la práctica... el salto de lo particular a lo general nunca ocurre sin el riesgo de errores, de ilusiones, en una palabra, de ideología".

Como se observa, Lefebvre destaca la complejidad del ritmanálisis como teoría general para analizar los ritmos, lo que implica desafíos metodológicos y epistemológicos, como el proceso de ir de lo particular a lo general y los riesgos ideológicos en el análisis de los ritmos. Para Lefebvre, el análisis de los ritmos puede partir de la observación de los ritmos del cuerpo humano (flujo del tráfico, sentido de desplazamiento de vehículos y personas, etc.). Sin embargo, la extrapolación hacia un carácter más general del análisis puede traer distorsiones y errores. Esto significa que la realidad es diversa, y el ritmo de la vida urbana en una metrópolis como São Paulo contrasta con el ritmo de la vida en una ciudad de la "periferia" del sur de Brasil, como Pelotas. Es decir, existen muchas diferencias culturales, sociales e históricas que deben tenerse en cuenta. De lo contrario, se puede caer en distorsiones ideológicas que ocultan, en lugar de revelar, las diversidades de lo real. Cuando, por ejemplo, el investigador se centra en el análisis de los ritmos de los mercados financieros y la producción industrial, sin considerar el tiempo de descanso, ocio y festividades, está reproduciendo criterios economicistas. Por eso, Lefebvre propone analizar los ritmos considerando las contradicciones, los conflictos y las relaciones de poder que los organizan, les dan sentido y los limitan.

Lefebvre (2021, p. 56) ofrece una distinción importante entre ritmo y movimiento, evitando confundirlos. "Se confunde fácilmente el ritmo con el movimiento, la velocidad, la secuencia de gestos o de objetos (máquinas, por ejemplo). Hay una tendencia a atribuir a los ritmos una apariencia mecánica, dejando de lado el aspecto orgánico de los movimientos ritmados". Además, continúa Lefebvre (2021, p. 56), "No existe ritmo sin repetición en el tiempo y en el espacio, sin repeticiones, sin retornos, es decir, sin medida. Pero no hay repetición absoluta, idéntica, indefinidamente". En esta dialéctica entre repetición y diferencia surge lo nuevo. La confusión entre ritmo y movimiento es resultado de una sociedad donde el tiempo es predominantemente considerado cuantificable. Es decir, para él, el ritmo no es sinónimo de repetición mecánica, como el tictac de un reloj o la cadencia de una máquina; el ritmo de la vida social tiene muchas variaciones e intensidades. Al distinguir el ritmo del movimiento mecánico e insistir en que existen muchas variaciones en la repetición, Lefebvre apunta hacia lo posible, es decir, que en los ritmos existe la posibilidad de resistencia y creación.

Henri Lefebvre propone el análisis de los ritmos como un nuevo dominio del saber, con profundas consecuencias prácticas. En su obra, refina y

desarrolla una preocupación por los ritmos y las temporalidades, temas que ya estaban presentes en su crítica de la vida cotidiana y en la producción del espacio. Lefebvre reconoce que, aunque los gérmenes y elementos de este análisis existen desde hace siglos, es necesario sistematizarlos y profundizarlos para comprender las dinámicas sociales contemporáneas. Afirma que, así como Marx tomó la mercancía como punto de partida para su crítica a la cosificación, es posible comenzar el análisis por el ritmo, un fenómeno aparentemente simple pero cargado de significados. En el análisis de los ritmos, Lefebvre actualiza la crítica de Marx a la cosificación. En el capitalismo, la mercancía es determinante y transforma el tiempo y el espacio en productos regulados por el ritmo de la acumulación. El trabajador, como cosa que produce cosas, está subordinado y dominado por una temporalidad lineal y repetitiva en función de la necesidad del ritmo acelerado del crecimiento económico y del aumento de la productividad.

Lefebvre nos muestra que existe una tensión permanente entre el tiempo lineal y el cíclico, que no es otra cosa que el conflicto entre la sociedad moderna basada en el crecimiento económico y la naturaleza. El tiempo acelerado de la producción domina el tiempo cíclico, lo que lleva a la actual crisis ambiental. También puede decirse que el tiempo lineal domina el cuerpo del trabajador, su naturaleza, pero, como dijo Lefebvre (1967), el cuerpo es un elemento irreductible. Así, esta contradicción de los tiempos se manifiesta en las tensiones entre la planificación urbana y la reinvención del tiempo por parte de las poblaciones periféricas en la celebración de fiestas comunitarias y ocupaciones.

La complejidad de los ritmos no puede ser capturada por interpretaciones dualistas, por lo que Lefebvre propone una perspectiva dialéctica triádica que incorpora la energía, además del tiempo y el espacio. Este enfoque permite comprender la diversidad de temporalidades que se combinan de manera desigual en el espacio social, como es propio de la sociedad brasileña, donde lo moderno y lo tradicional coexisten en conflicto permanente, dando un aspecto original al ritmo del proceso histórico de la sociedad brasileña: el tiempo y el ritmo de la gran industria moderna y el tiempo cíclico del campesino, de la tierra y de la naturaleza.

El cotidiano está lleno de ritmos diversos, y en él se encuentran y desencuentran el tiempo cíclico y el lineal. Es decir, el ritmo no es solo una sucesión de eventos repetidos, sino un fenómeno complejo donde la repetición se com-

bina con la variación y la diferencia. En la perspectiva de Lefebvre, a pesar de las tensiones, existe una unidad dialéctica entre espacio y tiempo. "El tiempo y el espacio, lo cíclico y lo lineal tienen esta acción recíproca; se miden uno al otro; cada uno se hace midiendo-medido; todo es repetición cíclica a través de las repeticiones lineares" (Lefebvre, 2021, p. 59).

El análisis de los ritmos implica un conjunto de categorías que se complementan y se oponen: repetición y diferencia; mecánico y orgánico; descubrimiento y creación; cíclico y lineal; continuo y discontinuo; cuantitativo y cualitativo. De estas categorías, quienes se disponen a abordar la cuestión del tiempo no las utilizan todas. Lefebvre sugiere que, a menudo, el analista del tiempo queda prisionero de las dualidades, pensando estas categorías en pares, lo que limita el análisis de la riqueza, las variedades, los desencuentros y las contradicciones de la diversidad de los tiempos. Para él, la dialéctica no es dialógica, sino triádica (tres términos), como lo demostró en otras obras, principalmente en *Metafilosofía*. "Se apostaba —dice Lefebvre (p. 63)— en la oposición burguesía-proletariado. A dos términos, omitiendo el tercero: el suelo, la propiedad y la producción agrícola, los campesinos, las colonias con predominancia agraria". El método dualista deriva, según él, de las oposiciones ideológicas y metafísicas (Dios y el diablo, el bien y el mal, etc.), y el análisis, por ello mismo, se vuelve unilateral. Con Hegel y Marx, Lefebvre afirma que el análisis que sigue el esquema hegeliano de tesis-antítesis-síntesis es triádico, al igual que la perspectiva de Marx de "económico-social-político" o incluso "tiempo-espacio-energía", y también "melodía-armonía-ritmo". El análisis dualista no logra llegar a una síntesis (Lefebvre, 2021, p. 64).

"Los tiempos sociales muestran posibilidades diversas y contradictorias: atrasos y avances, reapariciones (repeticiones) de un pasado rico (aparentemente) y revoluciones que introducen bruscamente un nuevo contenido y, a veces, modifican la forma de la sociedad" (Lefebvre, 2021, p. 67). Los tiempos históricos son a veces lentos o acelerados, lo que depende no solo de los poderes, sino también de la perspectiva del historiador o del analista. En sentido general, los cambios sociales en una sociedad determinada ocurren cuando, según Lefebvre, un grupo social imprime un ritmo al proceso histórico, es decir, cuando la clase se pone en movimiento, yendo más allá de la repetición, pero creando lo nuevo. El grupo social se vuelve innovador y productor de nuevos sentidos. Pero no es una innovación inmediata, sino un proceso (ritmo) lento hasta que se perciben las innovaciones.

Henri Lefebvre destaca que la mirada y el intelecto son capaces de aprehender aspectos significativos de la realidad, especialmente en lo que respecta al cotidiano y a los ritmos que lo componen. Para él, el ritmo es un fenómeno que surge de la interacción entre lugar, tiempo y gasto de energía. Esta interacción se manifiesta en tres dimensiones principales: la repetición de gestos, actos y situaciones; la interferencia entre procesos lineares y cíclicos; y el ciclo de nacimiento, crecimiento, apogeo, declive y fin. Estos elementos revelan la complejidad de los ritmos sociales, que no son meras repeticiones mecánicas, sino procesos dinámicos cargados de significados.

La noción de ritmo, según Lefebvre, exige la consideración de conceptos complementarios, como polirritmia, eurritmia y arritmia. La polirritmia se refiere a la coexistencia de múltiples ritmos, como los que ocurren en el cuerpo humano o en la vida cotidiana. Basta observar el propio cuerpo para percibir esta multiplicidad de ritmos que se entrelazan. La eurritmia describe la armonía entre estos ritmos, característica de un estado de salud o de una cotidianidad normatizada. Cuando esta armonía se deshace, surge la arritmia, asociada al sufrimiento y a estados patológicos. En este caso, la desarmonía de los ritmos es simultáneamente síntoma, efecto y causa de desequilibrios.

Lefebvre también enfatiza que el saber derivado de la experiencia vivida tiene el poder de transformar lo vivido, incluso de manera no consciente. Esta idea sugiere que la reflexión sobre los ritmos cotidianos no es solo un análisis teórico, sino una práctica que puede alterar la forma en que vivimos y percibimos el mundo. Al escuchar atentamente los ritmos del cuerpo y del entorno, es posible identificar tanto la armonía como las disonancias que caracterizan la vida social.

En este sentido, la observación crítica de la vida cotidiana y sus ritmos es un método de interpretación, comprensión y explicación de lo social. Lefebvre (2009) explica que el cotidiano es un hilo conductor para comprender la sociedad. El cotidiano se presenta, en principio, como banal y repetitivo, y ciertamente lo es si nos detenemos solo en lo aparente. De ahí la indiferencia de los científicos sociales, que prefieren análisis de largo alcance y el estudio de los grandes procesos históricos.

La calle es el lugar donde los transeúntes escriben, con sus ritmos, un texto urbano fragmentado y disperso, pero, como dice Certeau (1994), no pueden leerlo porque están inmersos en él. O, como dice Martins, el hombre común es un ser dividido, alienado, protagonista de la historia sin saberlo,

atrapado en las repeticiones del ir y venir. Es el hombre simple (Martins, 2010) y marginal (Fernandes, 2007). Es el ser que está en crisis, y esta crisis se expresa en la vida cotidiana, que es el espacio de la invisibilidad, de la repetición, porque las revoluciones, según los científicos sociales, están en la esfera del Estado y de la política, es decir, lejos de las pequeñeces y de la miseria existencial. Sin embargo, en el sentido lefebvriano, es en la repetición de la vida cotidiana donde reside lo posible, lo nuevo, las innovaciones sociales y la revolución social.

Descartando el trabajo, las técnicas, la cultura y la ética, ¿qué queda? pregunta Lefebvre (2009). Lo que queda es la materia humana, un residuo que es al mismo tiempo totalidad, es decir, sus ritmos y deseos, sus tiempos, conflictos y contradicciones, y también sus espacios. Pero, aun así, lo dicho no es suficiente para definir la vida cotidiana. Debemos buscar sus determinantes, y es eso lo que Lefebvre propone. Para ello, utiliza los conceptos de signos, señales y símbolos que invaden e interfieren en nuestro cotidiano. De los tres, los signos son los más simples, pero imponen un ritmo determinado: el semáforo en rojo que nos impide pasar, la línea continua o discontinua en las carreteras que ordena el tráfico de vehículos. Las señales guían nuestro comportamiento y son un poco más complejas. Un apretón de manos, una ventana abierta, una puerta cerrada, un sombrero, una corbata o un "buenos días" para alguien. Una puerta abierta puede significar, para algunos, que la entrada es gratuita; para otros, un misterio por revelar, o tal vez una trampa o un peligro. Es decir, los signos son ambiguos y abiertos, con significados variados. En las calles, el observador atento puede identificar estas señales, también podemos encontrarlas en las cosas de nuestras casas. Al mirar la ropa de una persona que camina por la calle, podemos deducir si va a trabajar o a pasear. Si no somos extranjeros, sabemos leer las señales que llenan las calles de la ciudad, aunque el hecho de ser extranjero, al llegar a una ciudad extraña, diferente de aquella en la que vivimos, puede llevarnos a comprender de manera diferente, y tal vez más rica, los significados de estos signos. Algunos autores han descrito a este observador como marginal, no en el sentido común del término, sino como un punto de vista teórico, formulado por Park (2000), Simmel (2005) y Florestan Fernandes (2007).

La observación de la vida cotidiana, con sus ritmos y tiempos desencontrados, exige no solo sensibilidad e imaginación sociológica, sino también un trabajo artesanal, cuidadoso y creativo. Es en el cotidiano, como destaca

Pais (2013), donde podemos desentrañar los significados y los conocimientos presentes en las interacciones sociales. El sociólogo, al dedicarse a descifrar los enigmas del día a día, debe estar atento a los detalles aparentemente insignificantes: los rumores, los apodos, las propagandas, las placas en los vehículos y tantos otros elementos que componen el tejido social. Esta atención a lo que está alrededor permite capturar fragmentos del cotidiano, registrando, observando, entrevistando y recolectando información, documentos, fotografías e imágenes. Es a partir de estos pequeños detalles, muchas veces ignorados, que el sociólogo puede revelar las contradicciones y producir conocimiento científico.

Para realizar esta tarea, es fundamental adoptar una postura de artesano, siguiendo la tradición inaugurada por Mills (2009), que combina el saber y el hacer de manera única. Este enfoque acerca al investigador al cotidiano, utilizando la experiencia vivida como objeto de interpretación sociológica. El sociólogo, al igual que el artesano, transforma observaciones en obras, recreando lo que ve y vive. Para ello, es necesario tener "hambre de calle", como sugiere Pais, es decir, una disposición para observar todo lo que sucede alrededor, con creatividad y sensibilidad.

1. Un ritmanalista en la ciudad de Pelotas

Al caminar por las calles de Pelotas, en el sur de Brasil, me convierto en un ritmanalista, un observador atento de los ritmos urbanos que se entrelazan en la arquitectura, en los flujos de peatones, en los encuentros y desencuentros cotidianos. Pelotas, con su pasado esclavista y su posición periférica en el capitalismo brasileño, ha sido objeto de estudio de renombrados sociólogos, como Fernando Henrique Cardoso, quien investigó la transición de la aristocracia esclavista a una clase moderna capaz de estructurar nuevas relaciones de trabajo. Pero hay otras formas de leer esta ciudad, otras maneras de descifrar sus enigmas. El ritmanalisis, como propone Henri Lefebvre, ofrece una mirada diferenciada para comprender los tiempos que se cruzan en el paisaje urbano y en las prácticas cotidianas.

El ritmo de la ciudad se expresa no solo en sus materialidades, sino también en los hábitos y encuentros que estructuran la vida social. En los cafés de la ciudad, especialmente en el icónico Café Aquários, los ritmos se interrumpen en conversaciones prolongadas. Allí, jubilados, intelectuales y figuras políticas comparten discusiones sobre fútbol, política y memorias de

la ciudad. Es un espacio donde el tiempo se desacelera, permitiendo que la oralidad y la tradición se perpetúen. Declarado patrimonio cultural e inmaterial en 2017, este café es un punto de convergencia donde el pasado y el presente dialogan, donde la ciudad se narra a sí misma en pequeñas dosis de café e historias.

La dialéctica de los ritmos urbanos se revela en los diferentes usos de la ciudad a lo largo de la semana. En los días laborables, Pelotas late en un compás acelerado: los trabajadores siguen trayectos repetitivos entre casa y trabajo, los vehículos dominan las calles y el tiempo se mide por el reloj, sometido a la lógica productivista. Sin embargo, los fines de semana y días festivos, el ritmo se transforma. El peatón que antes se movía apresurado ahora recorre la ciudad en un tiempo contemplativo. Las plazas se llenan de familias y parejas, los mercados callejeros se convierten en espacios de sociabilidad, y la Laguna de los Patos, con sus orillas tranquilas, invita al ocio. La ciudad se reinventa en el descanso, y los ritmos ordinarios se suspenden momentáneamente para dar lugar a un tiempo cualitativo, de experiencias sensoriales y afectivas.

Pero no todos siguen este ritmo oscilante entre producción y ocio. Pelotas, como cualquier ciudad contemporánea, alberga tiempos sociales divergentes que coexisten y chocan. En el centro histórico, entre los transeúntes apresurados, hay quienes permanecen al margen del flujo: mendigos que ocupan los mismos espacios día tras día, lustrabotas que intentan sobrevivir en una economía casi extinta, recolectores que silenciosamente atraviesan la ciudad recogiendo latas y otros materiales reciclables. Estos cuerpos marcan el ritmo de la ciudad de otra manera, operando en un tiempo invisibilizado por la lógica dominante, pero fundamental para el engranaje urbano. Mientras los automóviles imponen un ritmo moderno y veloz a la ciudad, estas presencias desafían esa cadencia, instaurando otros tiempos, más lentos, más inciertos.

Caminar, en este contexto, se revela como un acto de resistencia a la temporalidad impuesta por la modernidad. Lefebvre (2021) nos recuerda que "no existe ritmo sin repetición en el tiempo y en el espacio, sin repeticiones, sin retornos, es decir, sin medida. Pero no hay repetición absoluta, idéntica, indefinidamente". Caminar por Pelotas es experimentar esta dialéctica entre repetición y variación. El mismo trayecto nunca es idéntico: la luminosidad cambia, los sonidos se alteran, nuevos personajes ocupan las esquinas, y la propia ciudad se desplaza en su memoria y en sus transformaciones.

La ciudad es un palimpsesto rítmico, donde los tiempos se superponen, se confrontan y se reconfiguran. Y es en la escucha atenta de estos ritmos —en los ruidos de los mercados, en el silencio de las ruinas, en el flujo de las conversas y en el compás de los pasos— donde el ritmanalista descifra la ciudad. Pelotas, en su materialidad y en sus flujos, se revela como un espacio donde la historia y el presente coexisten en una coreografía compleja y dinámica, siempre en movimiento, siempre abierta a la interpretación.

Al caminar, el cuerpo se entrelaza con el espacio de la ciudad, y sus ritmos se confunden y mezclan. Es en el cuerpo donde los ritmos de la ciudad se expresan, pero, al diferenciarse de él, el espacio se convierte en un medio, un lugar de paso, un trayecto repetido diariamente entre el trabajo y el hogar. Sin embargo, este espacio se transforma en los días en que los ritmos cotidianos se interrumpen. Los fines de semana y días festivos, el peatón se desacelera, se detiene para observar el paisaje y percibe la ciudad de una manera distinta. En esos momentos, la ciudad se revela en su plenitud, invitando a la contemplación y al redescubrimiento. Como afirmó Lefebvre (2021), el cuerpo es un conjunto de ritmos distintos y afinados, produciendo una armonía de tiempos que no siempre se expresa de manera artística. Él refuerza que "nada es inmóvil", pues la ciudad late en sus propios ritmos, en el sonido del viento que recorre las calles, en la lluvia que golpea los techos y en el murmullo de las multitudes que transitan por las aceras.

El ritmanalista, como nos enseña Lefebvre (2021, p. 73), "escuchará el mundo y, sobre todo, lo que se llama despectivamente ruidos, dichos como sin significado, y los rumores, llenos de significado —finalmente, escuchará los silencios... Escucha —primero su cuerpo; en él aprende los ritmos para, luego, apreciar los ritmos externos". Caminar revela esta dialéctica entre los ritmos del espacio y los cuerpos, entre el flujo de las multitudes y los momentos de pausa y reflexión. Esta práctica cotidiana de interacción con el espacio urbano permite al observador percibir las transformaciones de la ciudad, captando las marcas del tiempo inscritas en sus calles, edificios y en la rutina de sus habitantes.

En Pelotas, ciudad de ritmos diversos, caminar conduce por capas históricas superpuestas. El pasado colonial y esclavista está impreso en las construcciones del centro histórico, en las casonas preservadas y en las ruinas de las antiguas charqueadas. El tiempo de la ciudad industrial resuena en las fábricas desactivadas, donde, otrora, los obreros desempeñaban funciones re-

petitivas al ritmo de las máquinas. El tiempo de la modernidad se manifiesta en las avenidas anchas, en los nuevos condominios cerrados y en los centros comerciales, donde el consumo dicta el compás de la vida contemporánea. La ciudad se transforma constantemente, pero los vestigios de los tiempos pasados aún susurran a través de sus escombros.

La observación de los ritmos urbanos también revela las desigualdades sociales. En el centro de la ciudad, se cruzan diferentes tiempos y experiencias: el andar acelerado de quienes tienen un destino seguro contrasta con el ritmo pausado de los ancianos que pasean sin prisa, de los vendedores ambulantes y de los trabajadores informales que sobreviven al margen de la economía formal. En el mismo escenario, los habitantes de la calle ocupan las aceras, los lustrabotas esperan clientes y los recolectores de material reciclable siguen sus recorridos silenciosos, recogiendo latas y cartones, en una actividad esencial pero invisibilizada que alimenta una especie de "economía subterránea y clandestina".

Caminar permite captar las experiencias de los habitantes, de quienes se apropian del espacio urbano tanto para el desplazamiento utilitario como para la fruición. Le Breton (2014) enfatiza que caminar no significa burlarse de la modernidad o alejarse de ella, sino una manera particular de situarse en la ciudad y comprender sus flujos. Caminar es una forma de habitar y reflexionar sobre el espacio urbano, revelando las tensiones entre tradición y modernidad, entre prisa y contemplación.

La ciudad se descubre a pie. Caminar, en sí mismo un modo particular de ritmo, es un acto de pertenencia, de enraizamiento en el espacio urbano. Es en las calles donde se forman los lazos sociales, donde se reactivan las memorias y donde se manifiesta la cultura urbana. La ciudad pertenece a quienes la recorren, pues el acto de caminar es también un acto de conocer, reconocer y, sobre todo, vivir la ciudad en sus múltiples ritmos.

2. A modo de conclusión

En este capítulo, mi intención ha sido llamar la atención sobre la vida cotidiana como un momento de reflexión sociológica de los ritmos de la vida social y las interacciones con el espacio urbano. La caminata, como método, y el extrañamiento causado por la mirada del extranjero, sirven como herramientas para percibir la diversidad de actores sociales que se cruzan en las

calles. Son figuras que, sin intención, confieren sentido al espacio urbano, creando un mosaico de ritmos y experiencias que se yuxtaponen.

A través de este enfoque, he buscado demostrar cómo los ritmos urbanos son múltiples y contradictorios, reflejando tanto las dinámicas del trabajo y el consumo como los momentos de pausa, contemplación y resistencia. Cada esquina, plaza o acera contiene historias entrelazadas, fragmentos de tiempos distintos que coexisten y se resignifican continuamente.

Caminar permite no solo observar la ciudad, sino comprenderla como un espacio de disputa y transformación. Al acompañar los flujos urbanos y percibir sus variaciones, el investigador se enfrenta a los conflictos entre modernidad y tradición, aceleración y lentitud, exclusión y pertenencia. El espacio urbano no es neutral, sino el resultado de las interacciones humanas, de las desigualdades sociales y de los diversos usos que se hacen de él.

Así, la caminata, expresión del ritmo del cuerpo, se configura como una forma de investigación sensible, una práctica que permite captar los ritmos de la ciudad y reflexionar sobre los modos de vida que en ella se desarrollan. La ciudad está hecha por quienes la habitan, y su ritmo es el resultado de las múltiples relaciones que en ella se establecen. Por lo tanto, entender los ritmos urbanos es comprender las dinámicas sociales que moldean el cotidiano y, posiblemente, vislumbrar caminos hacia la revolución social, como emergencia de lo nuevo y lo posible, como ruptura de la repetición.

Bibliografía

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994

FERNANDES, Florestan (2007). "Tiago Marques Aipobureu: um bororo marginal". Tempo Social 19 (2): 293-323. Disponible en <http://www. revistas.usp.br/ts/article/view/12557> [última consulta: 3 de enero de 2018].

BACHELARD, Gaston. Dialética da duração. São Paulo: Ática, 1994.

LE BRETON, David. Caminar: Elogio de los caminos y de la lentitud. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Waldhuter Editores. 2014.

LEFEBVRE, Henri. Metafilosofia prolegômenos. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1967.

LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 2009.

LEFEBVRE, Henri. Elementos de ritmanálise: e outros ensaios sobre temporalidades. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

MARTINS, José de Souza. Sociabilidade do homem simples Contexto, São Paulo, 2010

PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa. Revista brasileira de sociologia, vol. 01, janeiro/julho/ 2013. Acessado em abril de 2019. http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/24/7

Park, Robert. "Las migraciones humanas y el hombre marginal". Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Disponi¬ble en <http://www.ub.edu/geocrit/sn-75.htm#LAS MIGRACIONES HUMANAS Y EL HOMBRE>.2000

Simmel, Georg (2005). "O estrangeiro". rbse 4 (12): 265-271. Disponible en <http://paginas.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro. Trad.Koury.rbsedez05.pdf> [última consulta: 5 de enero de 2018].

MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

AUTORES

Ana Fani Alessandri Carlos

Es profesora titular del Programa de posgrado (maestría y doctorado) de la Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras, de la Universidad de São Paulo, Brasil. Su investigación se enfoca en la producción social del espacio como categoría central para comprender el mundo moderno, lo que sitúa su trabajo en la confluencia de varias disciplinas. Ganó varios premios, entre ellos: el "Jabuti", con el libro *Espacio-tiempo de la vida cotidiana de la metrópoli: la fragmentación de la vida cotidiana* (São Paulo: Editora Contexto, 2001); el premio Geocrítica, de la Universidad de Barcelona, el Premio Manuel Correia de Andrade, del Programa Brasileño de Postgrado en Geografía. Cátedra de investigación Élysée Reclus, México. Coordina dos grupos de investigación de Teoría Urbana Crítica, en el Instituto de Estudios Avanzados (IEA-USP) y Grupo de Estudios sobre São Paulo, GESP, en el Departamento de Geografía de la FFLCH-USP.

Carlos Roberto da Silva Machado

Profesor de la Universidad Federal de Rio Grande (FURG), en Políticas Públicas de la Educación y en el Programa de Posgrado en Educación Ambiental (PPGEA), donde fue coordinador de 2015 a 2017 y de abril a diciembre, de 2024. En los últimos 13 años, investiga conflictos ambientales y urbanos y mantiene relaciones e intercambios con investigadores portugueses, uruguayos, cubanos y brasileños. Coordina el Observatorio de Conflictos Urbanos y Ambientales, que los georreferencia en el extremo sur de Brasil y Uruguay. Temas de investigación: políticas educativas en la ciudad (disertación, 1999 y tesis, 2005), conflictos socioambientales, procesos de producción y re-producción social y ritmos, a partir de Henri Lefebvre, y de una educación ambiental para la justicia ambiental.

Luiz Menna-Barreto

Profesor titular jubilado, colaborador senior de la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades, de la Universidad de São Paulo (EACH-USP). Viene del área biológica, graduado en Ciencias Biológicas, Modalidad Médica, por la Facultad de Medicina de la USP, en Ribeirão Preto y tiene una maestría en Fisiología en la misma unidad. Se trasladó al campus Butantã de la USP, en São Paulo, para realizar el doctorado en Fisiología. Hasta esa etapa, su actuación se centró en experimentos con manipulación del sistema nervioso en modelos animales. En aquel entonces (décadas de 70-80), una

nueva área de la biología, la Cronobiología (estudio de los ritmos biológicos), captó su interés, y desde ese momento se ha dedicado a ella. Fue contratado como docente del Departamento de Fisiología, del Instituto de Ciencias Biomédicas de la USP y, buscando opciones para un posdoctorado donde pudiera estudiar cronobiología en humanos, descubrió el laboratorio de Hubert Montagner en la Facultad de Ciencias de Besançon, Francia, donde permaneció aproximadamente dos años. Al regresar a Brasil, organizó el Grupo Multidisciplinario de Desarrollo y Ritmos Biológicos (GM-DRB). Este grupo sigue activo, aunque desde 2004 está adscrito a la EACH (Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades de la USP).

Michel Moreaux

Es geógrafo, magíster en Geografía por la Pontificia Universidad Católica de Rio de Janeiro (PUC–Rio), en 2013 y doctor en Geografía por la Universidad Estatal de Río de Janeiro (UERJ), en 2020, con la tesis "Espacio y ritmo: estudio de las prácticas de los artistas callejeros como formas de apropiación del espacio público".

Nelson Marques

Graduado, licenciado y bachiller en Ciencias Biológicas por la Facultad de Filosofía, Ciencias y Letras, de la Universidad de São Paulo (FFCL/USP). Magíster y doctor en Bioquímica y Biología Molecular por el Instituto de Química de la USP (IQ/USP). Posee postdoctorado en Cronobiología por la Universidad de Minnesota, Estados Unidos. Tiene especialización en Difusión Científica y Cultural por la Pontificia Universidad Católica de Río Grande del Sur (PUC/RS) y por la Universidad Federal de Río Grande del Norte (UFRN). Fundador del Cineclube Natal (2005) y de la Asociación de Críticos de Cine, de Río Grande del Norte – ACCiRN (2017). Creador y organizador de los festivales de cine Goiamum Audiovisual, Natal, RN (2007) y del Festival Internacional de Cine de Baía Formosa (Finc), Baía Formosa, RN (2010). Editor, colaborador y organizador de libros sobre cine y otras áreas, desde 2008. Más recientes: *Biología bajo influencia: ensayos dialécticos sobre ecología, agricultura y salud* (traducción), São Paulo: Expressão Popular, 2022; *Historia de la Cronobiología en Brasil y América Latina*, São Paulo: Edusp, 2023*; Historiografía de los cines en Rio Grande do Norte*, Natal: Sebo Vermelho, 2024; *Edición facsímil del Boletín Cine-Club Tirol*, Natal, RN: Offset, Potiguariana, 2024; *Anchieta Fernandes, Efemérides cinematográficas* (MARQUES, N. y ORENY JÚNIOR, orgs.), Natal: Gajeiro Curió, 2024. Colaborador de libros y revistas sobre cine. Más reciente *Claquete Potiguar – Experiencias Audiovisuales en Rio Grande do Norte*, Natal: Máquina, 2016; *Dossier Una antroposociología de películas*

"no recomendadas" (Parte I y II), Cronos, Revista del Programa de Posgrado en Ciencias Sociales de la UFRN, Natal, RN, v. 19 n. 1 y 2, 2018 (publicado en 2019).

Raizza da Costa Lopes

Es doctoranda en Educación Ambiental por la Universidad Federal de Río Grande (FURG), donde también obtuvo el título de magíster, en la misma área. Posee dos grados en Ciencias Biológicas por la FURG —bachillerato (2010-2014) y licenciatura (2016-2019)— y concluyó, en 2025, su formación en Letras —portugués y francés—. Ha trabajado como investigadora en proyectos financiados por el Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación (MCTI) y el Ministerio de Integración y Desarrollo Regional (MIDR), con enfoque en el fortalecimiento de la agricultura familiar en el extremo sur de Brasil. Sus investigaciones se sitúan en la interfaz entre educación y medio ambiente, adoptando enfoques socioantropológicos, con especial atención al estudio de poblaciones costeras, en particular, pescadores artesanales y agricultores familiares. Su trabajo abarca categorías como conflictos socioambientales, territorio y desarrollo y, más recientemente, se ha dedicado a temas como los ritmos, lo cotidiano, la aceleración y las catástrofes, con el objetivo de ampliar el alcance de sus reflexiones sobre las relaciones entre sociedad y medio ambiente.

Samuel Lopes Pinheiro

Es investigador postdoctoral (2025-2026) del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq), en colaboración con el Programa de Posgrado en Educación Ambiental (PPGEA/FURG, Brasil) y la *Université Catholique de l'Ouest* (UCO, Angers, Francia). Doctor en Educación Ambiental por la Universidad Federal de Río Grande (FURG, 2022), con estancia de investigación en el Instituto Nacional Superior de Formación de Profesores y de Educación (INSPÉ), vinculado a la *Universidad Paris-Sorbonne,* a través del Programa de Doctorado Sandwich en el Exterior, promovido por la Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior (PDSE/CAPES) y en colaboración con el laboratorio COSTECH, de la *Université de Technologie de Compiègne* (UTC). Tiene una maestría en Educación Ambiental (FURG, 2017), una licenciatura en Letras portugués/inglés (2013) y un bachillerato en Administración, con énfasis en Comercio Exterior (2008). Se desempeñó como Profesor Sustituto en el Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) – campus Alegrete, entre 2023 y 2025, impartiendo asignaturas de Lengua Inglesa en la Enseñanza Media Técnica; Lectura y Producción Textual en licenciaturas y cursos tecnológicos; Inglés Instrumental en Análisis y Desarrollo de Sistemas; Filosofía de la Educación en Licencia-

turas y Metodología de la Investigación, en el posgrado en Enseñanza de Ciencias y Matemáticas. Ha publicado artículos en revistas científicas y libros en Brasil, Francia, Canadá, Rumania y Estados Unidos; además de participar en eventos científicos en diversos países. Desde 2019, es miembro del *Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires* (CIRET – Francia) y, desde 2023, forma parte del Núcleo Interdisciplinario de Educación Ambiental desde el Este, de la Universidad de la República (Uruguay). Sus intereses de investigación incluyen enfoques transdisciplinarios, temporalidades, antropoceno y diálogo de saberes. Actualmente, es coeditor de la *Enciclopedia del Antropoceno*, publicada por la editorial Springer. Ha trabajado en la enseñanza de la Lengua Portuguesa como lengua de acogida para inmigrantes senegaleses y haitianos, además de tener formación en yoga y filosofías orientales, lo que ha ampliado su perspectiva transcultural sobre las relaciones entre el ser humano y la naturaleza. También acompañó procesos de transición ecológica de pequeños agricultores en el *Sítio Talismã* (2009-2011), fortaleciendo su experiencia en agroecología.

William Héctor Gómez Soto

Concluyó la licenciatura en Economía por la Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua (UNAN) en 1986, donde también ejerció como investigador en el Centro de Investigaciones y Estudios de la Reforma Agraria (CIERA), dedicándose al estudio de la reforma agraria nicaragüense. En 1991, defendió su tesis de maestría en Extensión Rural, en la Universidad Federal de Santa María (UFSM), analizando los impactos de la reforma agraria en Nicaragua. Años más tarde, en 2002, completó su doctorado en Sociología en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS), con una tesis sobre la producción de conocimiento en el mundo rural, tomando como referencia las obras de José de Souza Martins y José Graziano da Silva. Esa investigación fue reconocida con el Premio a la Mejor Tesis Doctoral por la SOBER (Sociedad Brasileña de Economía Rural). Su carrera académica incluye los siguientes hitos: Profesor en la Universidad de Santa Cruz do Sul (UNISC) de 1992 a 2006, donde se dedicó a la docencia e investigación en desarrollo rural y problemáticas agrarias. Docente e investigador en la Universidad Federal de Pelotas (UFPel) desde 2006, desempeñándose en la carrera de Ciencias Sociales y en el Programa de Posgrado en Sociología. Además, forma parte de la Red Internacional de Estudios sobre la Producción del Espacio (Riepe), donde colabora con investigadores que estudian las transformaciones espaciales y sus implicaciones sociales.